

ERIN BOW

Kate Somente



ROCCOJINI.IT

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ERIN BOW

Kate Somente

Tradução
Waldéa Barcellos

ROCCO ITALIA

*À lembrança de minha irmã Wendy —
pintora, amiga e alma boa e feroz.*

sumário

UM: O *skara rok*

DOIS: O desconhecido

TRÊS: Os peixes, o machado e a troca

QUATRO: Os nômades

CINCO: A estrada e a chuva

SEIS: Segredos e rosas

SETE: Toila

OITO: O acampamento no pântano

NOVE: A jaula do urso

DEZ: A chalana, o remanso e a estrada deserta

ONZE: Um fantasma no rio

DOZE: O nevoeiro

TREZE: A sombra

QUATORZE: Sangue e perguntas

QUINZE: A terra abandonada

DEZESSEIS: A paz de Lov

DEZESSETE: A cidade de pedra

DEZOITO: Uma troca de dádivas

DEZENOVE: O nome dos mortos

Agradecimentos

Créditos

A Autora

O SKARA ROK

Muito tempo atrás, numa cidadezinha de feira à margem de um rio sinuoso, vivia uma órfã chamada Kate Samente.

Era assim chamada porque seu pai a apresentara ao novo açougueiro dizendo: “Esta é minha amada Katerina Svetlana, em homenagem à sua mãe, que morreu ao dar à luz, que sua alma descanse em paz, mas para mim ela é Kate, somente.” E o açougueiro, brandindo um cutelo, respondeu: “É, ela é mesmo Kate Samente. Lisa como uma tábua.” Homem que apreciava o humor, principalmente o seu próprio, o açougueiro repetiu isso para todo mundo. Daí em diante, ela passou a ser chamada de Kate Samente. Mas seu pai a chamava de Kate, Minha Estrela.

O pai de Kate Samente, Piotr, era entalhador. Ele deu a Kate um formão antes que a maioria das crianças recebesse uma colher. Antes de aprender a andar, ela já sabia desbastar madeira. Ainda criança, ela conseguia esculpir uma rosa que desconhecidos parariam para cheirar; uma libélula que trutas viriam à tona para apanhar.

Em Samilae, a cidadezinha de Kate, as pessoas achavam que havia magia numa lâmina. Uma pessoa que fosse hábil com uma lâmina, aos olhos delas, já estava a meio caminho para ser uma bruxa. Por isso, Kate Samente era muito pequena na primeira vez em que alguém cuspiu de desprezo e torceu os dedos para ela.

Seu pai fez com que se sentasse e falou com ela com enorme seriedade:

— Você não é uma bruxa, Katerina. Existe magia no mundo, e parte dela é salutar, e outra parte não é, mas é uma coisa que está no sangue, e não está no seu. Os tolos vão sempre tratá-la mal por achar que você não é bonita — disse ele, e ela soube que era verdade.

Kate Samente: ela era como uma tábua, magra como uma tábua e sem formas como uma tábua. Tinha um olho da cor da lama do rio e o outro, da cor do rio. Seu nariz era comprido demais, e suas sobrancelhas, volumosas demais. Seu pai deu-lhe dois beijos, um acima de cada sobrancelha.

— Não temos como mudar o que os tolos pensam. Mas saiba que é sua perícia com uma lâmina que provoca o falatório. Se quiser desistir de entalhar, você tem a minha bênção.

— Não vou desistir nunca — respondeu ela.

E ele riu e a chamou de sua Estrela Corajosa. E a ensinou a entalhar ainda melhor.

Eles viviam ocupados. Todos naquele país, por mais pobres que fossem, usavam um talismã chamado de *objarka*. Os que podiam, penduravam *objarka* maiores em cocheiras, umbrais de portas e acima do leito matrimonial. Não havia padieira sem entalhes naquele lugar; as paredes

exibiam santos em nichos, e as estradas eram demarcadas com pequenos santuários sobre mourões, que às vezes abrigavam santos e às vezes coisas mais antigas, mais estranhas. O pai de Kate Somente teve a honra de substituir o *weizi* de Samilae, a enorme coluna no centro da praça da feira que exibia os anjos e o brasão da cidade e que no alto servia de base para o telhado de madeira entalhada que abrigava os deuses entalhados em madeira. O novo *weizi* era um trabalho tão primoroso que os mestres da guilda mandaram um homem vir de Lov para vê-lo. O homem, na mesma hora, deu ao pai de Kate o grau de mestre pleno.

— Minha filha fez alguns dos anjos — disse ele ao homem, pegando Kate e a puxando para a frente.

O homem olhou para os rostos tão belos que pareciam tristes, as asas que aparentavam ser macias e fortes, como as asas de cisnes, que pudessem matar um homem com um golpe.

— Faça dela sua aprendiz — disse ele.

— Se ela quiser — respondeu Piotr. — E quando chegar à idade certa.

Quando o homem da guilda foi embora, Kate Somente repreendeu o pai:

— Você sabe que serei sua aprendiz!

— Você é a estrela do meu coração — respondeu ele. — Mas ainda faltam dois anos para você poder ser aprendiz. Muita coisa poderia acontecer.

Ela riu dele:

— O que vai acontecer é que eu serei mestre plena antes dos vinte anos.

Mas o que aconteceu foi que seu pai morreu.



Foi assim que aconteceu: a primavera transformou-se em verão, cheio de calor e moscas. Os trigais murcharam. As primeiras geadas chegaram e já encontraram escassez de alimentos. E então uma doença chamada febre de bruxa devastou a pequena cidade.

De início, Kate Somente e o pai estavam ocupados demais para se preocupar. As pessoas queriam *objarka* novos — algumas usavam tantos desses talismãs entalhados que eles faziam um delicado chocalhar quando elas se mexiam. Pai e filha entalhavam o dia inteiro e noite adentro, à luz fraca de lâmpadas de sebo. Eles entalhavam mais rápido do que conseguiam curar a madeira. E assim ficaram ainda mais ocupados, por causa das placas de identificação de sepulturas a fazer.

A febre de bruxa era feia de se ver. Os doentes debatiam-se na cama, se consumindo, soluçando sobre os demônios que estavam rasgando suas juntas. Eles deliravam acerca de horrores e apontavam para as sombras, aos gritos de “Bruxa, bruxa!”. E em seguida morriam. Eram poucos os que sobreviviam. Parecia a Kate Somente que mesmo aqueles que não estavam doentes tinham os olhos perdidos nas sombras. As grelhas na praça da feira — as fogueiras em ninhos de ferro em volta das quais as pessoas se reuniam para trocar notícias e assar peixe — tornaram-se um lugar de sussurros e silêncios. Mais dedos vinham na sua direção do que nunca.

Mas no final não foi para ela que a cidadezinha apontou. Um dia, quando Kate Semente e seu pai estavam na praça da feira vendendo novos *objarka* na sua banca, uma mulher veio arrastada, aos berros. Kate levantou os olhos do trabalho e viu de repente que havia lenha para uma fogueira empilhada em torno do *weizi*.

A mulher aos gritos chamava-se Vera, e Kate Semente a conhecia: uma carvoeira, uma pobre mulher sem família, com um ceceio por uma deformação no lábio. A multidão arrastou Vera para a pilha de lenha, e Piotr pegou Kate Semente no colo e a carregou dali, apesar de ela já estar grande demais para isso. Da oficina, eles ainda podiam ouvir os gritos. No dia seguinte, a praça estava em silêncio, com cinzas espalhadas por toda parte.

E mesmo assim a doença continuou a devastar os becos tortos e os arcos de madeira. Kate Semente e o pai pararam de vender na praça. Começaram a ficar sem dinheiro. A peste continuava a arder, e a cidadezinha fechou seus portões. As carroças pararam de trazer alimento do campo; as barças pararam de descer pelo Narwe sinuoso. Kate sentiu pela primeira vez o que era ter fome.

Mas aos poucos a geada úmida deu lugar a manhãs brilhantes, de céu azul implacável, e a febre, como é costume das febres, começou a se abrandar para o inverno. Kate Semente foi até a feira para ver que alimentos estavam à venda, e encontrou pequenos grupos de pessoas em torno de bancas lotadas com a última produção da colheita recente: alhos-porós graúdos com o inverno e repolhos esfarrapados pelo frio. Parecia que as lojas carrancudas que ficavam de frente para a praça suspiravam e relaxavam os ombros.

Kate Semente voltou para casa com a cesta cheia de maçãs e encontrou o pai jogado sobre a bancada. Ele tinha deixado o torno girando: um chiado longo, que ia sumindo no silêncio grumoso da oficina. Ela podia ouvir o tremor na sua respiração.

De algum modo, ela o levantou pelos ombros. Isso fez com que se sentisse pequena, menor do que se sentia havia anos. Ele era tão pesado que ela mal conseguia aguentá-lo. E o levou para a cama.

Nem todo mundo que pegava a febre de bruxa morria. Ela não parava de dizer isso para si mesma. Tentou lhe dar água. Tentou fazer com que ele comesse. Não sabia ao certo se deveria mantê-lo aquecido ou frio. Ajeitou o acolchoado vermelho sobre ele e pôs um pano gelado na sua testa. Como os outros, ele soluçava e via coisas. Ela falava com ele o tempo todo, até ficar tão rouca que sua boca tinha gosto de sangue:

— Você está aqui, está aqui. Eu estou com você. Continue aqui, onde é seu lugar. — Ela ficava acordada noite e dia, repetindo essas palavras.

Depois de dois dias e três noites, em algum momento na hora cinzenta antes do amanhecer, ela adormeceu. Acordou ainda sentada na cadeira junto da cama, com a testa pousada na mão do pai.

— Katerina — disse ele, com a voz rouca.

— Você está aqui — gaguejou ela, levantando a cabeça. — Eu estou aqui, pai, aqui mesmo.

— Não você — disse ele, partindo seu coração. — Sua mãe. — Havia um biombo com a forma de uma trepadeira de rosas entre o quarto deles e a parte da frente da oficina. A luz passava através dele, a longa luz amarela e oblíqua do amanhecer. Seu pai olhava fixamente para ela, com os olhos lacrimejantes, cegos. — Olhe!

Kate Somente virou-se por um instante para olhar e depois virou o rosto, com medo do que poderia ver caso se permitisse.

— Pai — disse ela. — Papai.

— Katerina — disse ele, novamente. — Ela está na luz. Ela está aqui. Katerina, você está aqui!

— Não vá embora — disse Kate Somente, e agarrou a mão dele junto do seu rosto. — Papai!

Ele olhou para ela.

— Katerina, Estrela do Meu Coração. — Ele inspirou. Exalou. E parou de respirar.

— Estou bem aqui — disse ela. — Papai, estou bem aqui. — Ela não parou de dizer isso por muito tempo.



O ano do verão quente, da doença e da fome veio a ser chamado de *skara rok*, o tempo ruim. Ele tinha esvaziado sua carteira. Kate Somente pegou o dinheiro que restava e pagou um enterro razoável para Piotr, o Entalhador. Depois ela voltou para a oficina e passou um mês entalhando uma placa para sua cova. Ela fazia uma e a jogava no fogo; fazia outra e ainda assim não encontrava a paz.

“As pessoas acham que somos bruxos porque nós lhes mostramos a verdade.” Ela podia ver o rosto do pai, sentir as mãos dele nas suas. Uma peça sendo entalhada acabava de se partir quando seu cinzel encontrou alguma falha oculta na madeira. “Você vai aprender a identificar onde os nós estão, e como os veios correm, mesmo bem fundo na madeira, onde ninguém consegue enxergar. Você vai mostrar às pessoas essa verdade: a verdade na madeira. Mas às vezes, na sua peça entalhada, as pessoas verão outra verdade. Uma verdade sobre você. Sobre elas mesmas.” Suas mãos estavam quentes sobre as dela, vigorosas como seu sorriso. “E isso é magia”, disse ele. “Você saberá reconhecer quando a sentir.”

Ela queria que a placa do túmulo mostrasse a verdade: que Piotr, o Entalhador, tinha sido um entalhador maravilhoso e que ela o amava. Mas a única coisa que a placa dizia era que seu pai estava morto.

Por fim, ela não pôde mais deixar a cova sem placa. Por isso, terminou-a e a pôs no lugar.

E quando isso estava pronto, ela não tinha mais nada a fazer. Ficou parada junto do torno como uma menina sob o efeito de um encantamento, com as mãos caídas, vazias, ao longo do corpo.

Depois a guilda dos artífices da madeira mandou outro entalhador assumir a loja.

Seu nome era Chuny, e como entalhador ele não chegava aos pés dela, mas tinha uma autorização oficial da guilda. Kate Somente não tinha para onde ir. Tinha nascido naquela oficina. Quando bebê, tinha visto a luz mudar através do biombo de rosas. Aprendendo a andar, com seus punhos gorduchos, tinha posto maravalhas no caldeirão de ensopado. Mas agora a autorização da guilda dava a Chuny o direito de se apropriar da oficina e de seus equipamentos, das ferramentas, até mesmo da madeira que Kate e seu pai tinham curado, mas ainda não estava entalhada.

Mestre Chuny ficou parado, assistindo enquanto ela juntava suas coisas. Era muito pouco o que lhe foi permitido levar. Algum alimento: maçãs, aveia e um jarro de azeite. Seus três vestidos. As calças e os camisões do pai. Seu avental de carpinteiro, de couro. Havia duas cumbucas com mingau seco como terra crestada no fundo da que tinha pertencido ao pai. Duas colheres. O acolchoado vermelho do casamento, da grande cama entalhada, que tinha o cheiro do seu pai e da doença. Suas próprias ferramentas pequenas de mão: formões, cinzéis, furadores e goivas.

— Tudo que for de entalhar fica com a oficina — disse Chuny, ainda vigiando.

Kate Somente estava enfiando as ferramentas nos bolsos do seu avental de couro.

— Foi ele quem me deu — sussurrou ela, sem olhar para cima. O cabelo em volta do rosto escondia do homem que a vigiava seus olhos estranhos e as lágrimas. Ela levantou a voz: — Elas são minhas. Foi meu pai quem me deu.

— As ferramentas de um aprendiz... — começou Chuny. O regulamento era que as ferramentas de um aprendiz pertenciam a seu mestre e, através do mestre, à guilda.

— Eu não era aprendiz dele. — Ela levantou os olhos e já não estava chorando. — Estou indo. Quer olhar minhas bolsas?

— Eu... — começou Chuny, e então abanou a cabeça. Seus dedos estavam enroscados no biombo de rosas. Era uma dor para ela ver as mãos dele ali. Kate e o pai tinham uma brincadeira antiga, na qual costumavam cheirar as rosas entalhadas; mas, mesmo fora da brincadeira, Piotr jamais teria fechado as mãos em torno de uma flor, como Chuny estava fazendo agora.

Ela se forçou a olhar para outro lado.

— Vou para a feira — disse ela. — Vou morar na banca.

— *Morar* na banca? — repetiu ele, escandalizado.

— O gavetão de baixo deve ter tamanho suficiente.

Também a banca pertencia à guilda. Kate Somente olhou para Chuny com seus olhos de bruxa, desafiando-o a reclamar. Ele olhou para ela, olhou para os próprios sapatos e não protestou. Kate pegou suas bolsas.

— Dizem, hã, que você sabe entalhar um pouco — disse ele. — Eu poderia... quando você completar a idade, quer dizer, se eu ainda precisar de um aprendiz...

Ela se sentiu insultada pela gentileza constrangida e parcial.

— Você não tem nada para me ensinar — disse ela. — E eu não tenho o dinheiro para a taxa.

— Vá embora, então — disse ele, com raiva.

Foi o que ela fez, de cabeça erguida.



Na feira, ela pôs as bolsas no chão e olhou para a praça com outros olhos. As lojas altas e estreitas pareciam olhar com maldade para ela; as ruas, tortas. Sob os pés, o dorso das pedras redondas se erguiam como ilhas a partir da neve suja e compactada. Lá no alto, o *weizi* imperava, lançando uma longa sombra de pôr do sol sobre os telhados cinzentos de Samilae, na direção da muralha negra dos montes mais além.

A banca do seu pai estava ali nessa sombra: um grande armário, com muitas gavetas — grandes e fundas na parte inferior e pequenas no alto. A frente era entalhada com uma cena de caça ao cervo: um macho estava saltando para entrar num trecho de mata, com cães e cavaleiros no seu encalço. Até então, Kate Somente sempre tinha achado que o veado ia conseguir escapar. Mas nesta noite a impressão foi diferente; um dos cavaleiros tinha posto uma flecha no arco, sua mira era perfeita. O pobre animal estava morto e não sabia.

O frio foi ficando cruel à medida que o sol se punha. Sua respiração formava espirais em torno dela. Ela abriu a grande gaveta de baixo, pôs o acolchoado dentro e a empurrou para fechá-la ao máximo, mas de uma forma que ainda lhe permitisse entrar. Então deixou-se rolar pela abertura para se deitar.

A madeira era dura, apesar do acolchoado. O ar era viciado. Ela não conseguia enxergar, mas as paredes da gaveta apertavam seus ombros, e a sensação da madeira mais acima fazia pressão sobre ela, mesmo a alguns centímetros de distância. *Um caixão*, pensou ela, e afastou o pensamento. Ele voltou. *Este é o meu caixão*.

Sem nenhuma autoridade na guilda dos artífices da madeira, ela podia entalhar, mas não podia vender, não sem dizer a todos que perguntassem que havia uma oficina da guilda a menos de cem passos dali. A taxa para um aprendiz era o preço de uma parelha de cavalos semelhantes, uma fortuna que ela não conseguia imaginar ganhar. Um dote era descabido para uma menina magricela com olhos de bruxa. Ela ia morrer de fome. Era simplesmente uma questão de tempo.

Mas ela ainda não estava com fome. Permaneceu ali deitada imóvel e escutou. A gaveta ficou mais clara à medida que seus olhos se acostumavam à escuridão, e depois mais escura com o escurecimento do mundo. Por fim, ela não conseguia enxergar nada. Com o silêncio da noite, cada som tornou-se mais definido, e cada um parecia que vinha atrás dela. Botas. O latido de um cachorro. Como uma faca cortando a escuridão, o sino de um vigia, marcando a hora.

A noite foi ficando cada vez mais silenciosa. Os olhos de Kate doíam de não ver nada. Seus ouvidos se esforçavam para ouvir os menores sons. Ela ouvia o rio cantando para si mesmo. Ouvia o vento resfolegando no espaço por onde ela tinha entrado na gaveta. E finalmente, mais baixo do que todos esses sons, ela ouviu alguma coisa chorando.

O choro baixinho vinha de algum lugar por perto. O primeiro pensamento de Kate Somente

foi que era um espírito, que seu próximo sussurro seria “Katerina, Estrela do Meu Coração”. Mas ela não era do tipo que dava atenção a espíritos. Por isso, ficou escutando, com medo, mas enfrentando. Ela mexeu a cabeça de um lado para outro para localizar o som e concluiu que o choro vinha de uma das gavetas acima dela.

Por isso, saiu da gaveta para olhar.

Na menor gaveta da banca do pai, entre os entalhes finos como renda, embalados em palha, ela os encontrou: gatinhos. Eram pequenos como camundongos, com os olhos ainda bem fechados e as orelhas achatadas na cabeça. Não havia gata. Já estava quase amanhecendo, e a geada encobria tudo. A praça da feira estava tão muda quanto o interior de um sino depois que ele parou de badalar. O ninho de palha estava ficando frio.

Kate Somente ficou em pé ali por um tempo, vendo os gatinhos cambalearem para lá e para cá. Em seguida, pegou-os e se espremeu para entrar de novo na gaveta.

E esse foi o começo da sua nova vida.

Eram três gatinhos: um branco, um preto e um cinza, macho e magricela. A mãe nunca voltou. Na manhã seguinte, Kate Somente negociou com a garota do leite o conserto de um banquinho de ordenha por um jato de leite e a promessa de mais a cada manhã. Ela diluiu o leite com água e deixou que os gatinhos mamassem da ponta torcida de um trapo. Durante o dia, ela os mantinha nos bolsos forrados de feltro do seu avental de couro, por baixo do casaco, e à noite, ao seu lado, no calor da escuridão fechada da gaveta. Aos poucos, seus olhos escuros se abriram, suas orelhas se desdobraram e sua voz foi ficando mais alta.

Ela era paciente com eles e cuidava deles o tempo todo. E, apesar de tudo estar contra eles, todos os três sobreviveram. O gato preto tornou-se selvagem e destemido e foi morar numa das chalanas que percorriam o rio Narwe, raso e sinuoso. O gato branco tornou-se manhoso e gordo e foi viver de camundongos e leite com a garota do leite. O macho cinza ficou comprido e magro e permaneceu com Kate Somente.

Ele era um frajola, tinha uma orelha torta, um brilho nas garras e um cintilar nos olhos. Desfilava pela praça da feira, elegante e esfarrapado, admirado e amaldiçoado: um salteador, um ladrão distinto. Seu nome era Braque, pois os três gatinhos eram Brique, Braque e Craque.

Kate Somente crescia também. Ia ficando mais magra e mais forte, mas não muito mais alta. Os tempos eram difíceis. Mas, contra todas as expectativas, e com o gato ao seu lado, também ela sobreviveu.

O homem da guilda manteve a oficina, mas Kate entalhava melhor que ele. Ele pegava a maior parte do trabalho, porque ninguém tinha condições de desafiar as guildas por ninharias. Kate fazia a maioria dos *objarka*, os talismãs entalhados que davam sorte. A sorte naquele lugar era uma questão de vida ou morte, e isso fazia valer a pena desafiar as guildas.

O próprio *objarka* de Kate Somente era um gato dormindo enrodilhado. Ela mesma o fizera, a partir de um nó de nogueira que seu pai lhe dera. Madeira de nó, com suas espirais apertadas, era

o tipo de madeira mais difícil para entalhar, mas ela entalhara o *objarka*. Devagar e com paciência, ela acompanhou suas linhas ondulantes, em busca da verdade da madeira. Quando terminou, os veios circulares da madeira sugeriam uma força em repouso.

— Kate, Minha Estrela — dissera seu pai —, esta poderia ser sua obra-prima. — Ele estava se referindo à peça que um principiante faz quando termina o aprendizado, para conseguir ser aceito na guilda. O pequeno *objarka* não tinha tamanho suficiente para ser uma obra-prima, mas seu pai disse que era bom o bastante. — Olhe bem — disse ele. — Ele lhe fala de você mesma.

Mas ele não quis lhe contar o que a peça dizia.

Kate Somente deu o *objarka* de gato a seu pai, que o usava sempre, numa correia de couro em volta do pescoço. Agora estava quase preto, brilhante com a oleosidade da sua pele. Ela o usava por dentro da camisa, em cima do coração. Mas, se ele estava lhe dizendo alguma coisa, ela não conseguia escutar.

Depois de algum tempo, ela parou de escutar e simplesmente tentou viver. Fez uma frente articulada com dobradiças na sua gaveta, para poder se trancar por dentro. Quando seus vestidos acabaram, ela emendou bainhas esfarrapadas nos camisões listrados do pai. Ela entalhava quando havia luz. Quando não havia luz, ela pescava e pegava trutas com suas libélulas de madeira. Braque trazia para ela camundongos e ratos, aves e morcegos. Ela aprendeu a chupar a carne até o menor osso. E ia vivendo.

As pessoas mais bondosas da praça da feira davam-lhe o que não conseguiam vender: maçãs amassadas, cenouras com formato estranho. Os mais cruéis a amaldiçoavam, cuspiam e murmuravam. Ela era muito só, embora não o soubesse. O povo dizia que ela tinha uma sombra comprida.

Mas todas as noites Braque vinha se enroscar nela enquanto ela dormia na gaveta mais baixa.

E assim seguia a vida por dias frios e quentes, dias úmidos e empoeirados, e por longos invernos famintos.

Então, num dia de verão, a mudança e a magia chegaram valsando a passos largos à sua vida, vestidas de branco, e nesse momento nada pareceu escuro.

O DESCONHECIDO

O desconhecido era branco. Seu cabelo era cinza-esbranquiçado, como madeira descorada; seus olhos eram de um branco prateado como lata; sua pele era branca como se ele já estivesse morto há um dia.

Albino era a palavra que as pessoas instruídas usariam, mas “branco-de-bruxa” era como se dizia no país de Kate Samente. Era um azar, e talvez, pensou Kate Samente, fosse o que o mantinha perambulando. Ela sentiu uma onda de compaixão pelo homem: era fácil demais perder o lugar numa cidadezinha ou numa propriedade rural, ser forçado a viver na estrada. Uma diferença casual na cor da pele era mais do que suficiente.

Mas o homem não era nenhum mendigo esfaimado, isso ela podia ver. Ele era magro, porém forte, e se movimentava pela feira como um senhor. Do outro lado da praça, em frente à banca de Kate, ele sacudiu e estendeu um cobertor e dispôs sobre ele uma série de bugigangas de lata. Sentou-se na beira do cobertor, com um tamborim no colo.

Kate, naquele momento, estava trabalhando em um *objarka* para Niki, o padeiro: uma máscara na forma da Donzela do Trigo, para ser pendurada na porta da cocheira do novo cavalo que ele estava planejando comprar. Era uma peça num tamanho considerável, que lhe proporcionaria algumas semanas sem fome. Enquanto entalhava, ela escutava. O desconhecido tocava tamborim como ela nunca tinha ouvido antes: não apenas batidas e chocalhadas, mas música, cheia de vida como um riacho de águas rápidas, animada como o canto de pássaros, o tipo de música que fazia com que se acompanhasse o ritmo com os pés. A música atraía o povo para seu cobertor. Ele inclinava o queixo para cima e sorria para todos, tagarelando como filhote de passarinho, mas tudo escutando, como um poço vazio.

O desconhecido deixou Kate Samente intrigada. As bugigangas que estava vendendo não dariam conta de mantê-lo alimentado. Devia haver algo mais. Quando começou a escurecer, Niki, o padeiro, veio dar uma olhada na sua encomenda. Niki era um homem grande, macio como massa de pão e igualmente delicado. Era uma das poucas pessoas na cidadezinha a quem Kate podia fazer uma pergunta sem preocupação. Ela apontou o queixo para o desconhecido.

— Quem é aquele lá? O que ele está vendendo?

— Aquele lá? — Niki bufou. — Quinquilharias inúteis. Inúteis. — O padeiro detestava coisas que eram inúteis, desde cãezinhos de colo a bolos de casamento. — Olho nele, Kate Samente. Aquele cara poderia roubar qualquer coisa que não estivesse pregada no lugar, e algumas coisas que estivessem mal pregadas. — Sem dizer nada, ele pôs na bancada dois pães que estavam

dormidos demais para vender. E, calada, Kate Somente os apanhou e deu uma mordida em um deles. Era um hábito entre os dois.

O pão estava duro como um nabo antes de cozinhar.

— Vá com calma — disse Niki, olhando enquanto ela comia. — Podem vir a ser os últimos por um tempo. Está faltando farinha.

Ela fez que sim e embrulhou o outro pão para guardá-lo. Niki olhou para o embrulho com seus olhos de cachorro triste.

— É terrível, terrível — disse ele, com um suspiro. — As balsas de trigo estão, no mínimo, uma semana atrasadas. Nenhum trigo e nenhuma notícia. Algum problema rio acima. — Ele entortou os dois dedos médios para fazer o sinal contra bruxaria.

Tempo de fome. Kate Somente sentiu frio na noite amena. O *skara rok* tinha começado desse jeito.



Kate Somente deu atenção ao que Niki disse e ficou de olho no desconhecido. Ele não estava vendendo muito: alguns brinquedos e talismãs de metal que Kate poderia ter feito melhor em madeira. Três dias de música puseram 3 copeques solitários em sua cumbuca de pedinte. O que ele parecia estar vendendo principalmente era conversa. Quando Kate Somente voltou da pesca, o cobertor dele ainda estava estendido, branco na penumbra cada vez mais densa, sozinho na feira vazia, por conta da noite.

Kate Somente estava pensando em bruxas. Como nos tempos ruins, as pessoas tinham maior disposição para comprar seus *objarka*, mas também estavam mais propensas a recuar um passo, a entortar os dedos para ela, quando achavam que ela não estava olhando ou quando tinham certeza de que ela estava. Como queriam que a bruxaria as protegesse, mas também procuravam por uma bruxa para culpar. Não importava que não houvesse magia na sua lâmina; as pessoas a enxergavam lá. Elas viam bruxaria no seu talento, sinais da bruxa nos olhos descombinados, na sua má sorte, na sua sombra comprida.

O desconhecido estava vendendo coisas na penumbra. Vinha gente de todos os tipos: desde o carvoeiro esfarrapado até a mulher do senhor juiz, homens e mulheres, jovens e velhos. Vinham sozinhos e aos pares, esquivando-se dos outros, olhando ao redor. Ele lhes vendia frascos de vidro que distorciam a luz do fogo das grelhas da feira, vendia ervas e penas amarradas com barbante.

Talismãs, pensou Kate. Talismãs contra ventres estéreis, amores indiferentes. Contra a fome, a doença. Contra o rumor de alguma coisa pior que emanava do rio. O desconhecido estava vendendo a bruxaria que as pessoas ansiavam por ter para se proteger. Mas era provável que já tivesse ido embora quando elas comessem a procurar por alguém para culpar.

Por quatro dias Kate Somente observou e pensou. No quarto dia, um silêncio repentino fez com que ela erguesse os olhos, espantada como se a correnteza do rio tivesse parado. O

desconhecido tinha descansado seu tamborim. Ele se levantou, espreguiçou-se e foi tranquilo na sua direção.

Ela observou sua aproximação. Ele se movimentava como um polichinelo que tivesse sido montado frouxo demais, de modo que parecia prestes a dar um salto mortal ou a desabar numa pilha de ossos e barbante. As saias largas do seu *zupan* turbilhonavam em torno dos seus joelhos, e suas mangas desabotoadas ondulavam enquanto ele andava. Todos os homens no país de Kate usavam um casaco desse tipo, mas nesse homem ele parecia uma fantasia. Kate se perguntou se ele não era estrangeiro. Era difícil dizer por conta da sua pele e do seu cabelo, estranhos e pálidos. O casaco branco o tornava ainda mais branco, fazia com que se parecesse com um quadro que estivesse meio desbotado.

— Linda menina — disse ele, com a voz arrastada, apoiando os cotovelos pontudos no seu balcão —, ouvi dizer que você faz maravilhas de madeira.

Agora, havia dois dias que Kate Somente não pegava peixe algum. O pão de Niki tinha acabado, e ela estava com fome. Mas era obrigada a recusar trabalho, e foi o que fez.

— Há uma oficina da guilda dos trabalhadores de madeira... — começou ela.

Ele deu uma risada de maneira elegante.

— Mestre Chuny? Buxo no lugar do cérebro, raminhos mortos no lugar dos dedos. Não, não, Pequeno Formão. Quero alguém que tenha sentimento. Sabe? — Ele arregalou os olhos para ela. — Sofri uma perda. — E ele tirou das costas um pedaço de madeira que trazia a tiracolo como uma espada. Ele o colocou diante dela.

O objeto era do tamanho de um galho pequeno, polido e encurvado. A parte de trás da curva estava quebrada, estilhaçada, como um osso. Uma corda arreventada estava enroscada nele. Kate Somente pegou-o com uma das mãos.

— O que é isso?

— Um cortesão da rainha de todos os objetos de madeira — disse ele.

Kate Somente ergueu uma sobrancelha e esperou por uma resposta mais razoável.

— É um arco — disse ele. — Um arco para minha rabeça. — E então como que cantou: — Caminhante, viajante, vendedor de bugigangas... um andarilho com um violino. Meu nome é Linay e eu concedo desejos.

Nesse exato instante Braque saltou do nada e pousou com perfeição diante dela. Ele enfiou o focinho comprido na bolsa de Linay. Kate Somente apanhou-o do chão. O gato se contorceu, depois relaxou no seu braço e começou a ronronar. Ela o ajeitou sobre um ombro, e ele se enroscou no seu pescoço, de onde se deixou cair, como se não tivesse ossos, como uma gola de peles com olhos cintilantes.

— Ora — disse Linay —, nenhum *vison* prateado poderia se comparar a isso. — Ele estendeu a mão para afagar o queixo do gato.

Braque deu-lhe uma mordida.

Linay afastou depressa a mão e sorriu mostrando os dentes.

— Que bichinho mais meigo!

Kate Somente tinha se recuperado da estranheza da cantoria de Linay e dos seus olhos que brilhavam como lata nova. Ela passou um dedo pelo arco quebrado.

— É, acho que eu poderia lhe fazer outro. Quanto pode me pagar?

— Hummm. — Linay inclinou-se mais para perto. — Eu poderia compor uma canção sobre seus olhos.

Kate evitava desfazer de um freguês pagante, mas respondeu sem rodeios:

— Alguma coisa que eu possa comer.

Linay sorriu, devagar como uma folha de samambaia se desenrolando.

— O que você deseja, de noite, na sua gaveta escura? O que você deseja, Kate Somente? — Enquanto cantarolava, ele estendeu a mão e roçou o lado do seu rosto com dedos ossudos. As mãos tinham cheiro de ervas; e alguma coisa a atravessou veloz, como gelo no pescoço. Ela recuou com um salto.

— Puxa, isso é que é desejo — disse ele, sorrindo da sua aflição. — Mas eu não o realizaria. Ressuscitar os mortos é complicado. Na maioria das vezes dá errado.

Kate Somente estava ofegante.

— Eu não quero que você ressuscite meu pai!

— É claro que você quer, orfãzinha. Todo mundo quer seus mortos de volta, e eu deveria saber. Já falei com os que não têm sombra, e como eles vêm trôpegos, como eles vêm com fome, como vêm mal, como um pássaro dentro d'água...

— Pare com isso!

Linay riu, alegre, mas sem gentileza.

— Bem, então o que você quer? Beleza? Sorte? Tudo isso eu vendo. — Ele se debruçou, com um cheiro amargo de especiarias queimadas. — É claro que as quinquilharias são uma bobagem, razão para tolos. Mas eu possuo um poder verdadeiro e me disponho a usá-lo. É mais do que vale o trabalho, mas poderíamos negociar.

— O que você quer?

— Sua sombra. — A sombra dele se lançava por cima da mesa entre eles e ela parecia rala aos olhos de Kate, turbilhonando como se lançada por fumaça e não por carne sólida. — Se você me der sua sombra, eu lhe concederei o desejo secreto do seu coração.

— Mas por quê? Por que você a quer?

— Ah! — Ele piscou para ela. — Conheço uma dama que precisa de uma. — Ela devia estar boquiaberta, porque ele enganchou um dedo por baixo do seu queixo para fechar sua boca. Braque tentou acertar-lhe um golpe, preguiçoso. Linay desviou-se a tempo, recolhendo o sorriso. — Venho escutando a conversa nesta cidade. Dizem que sua sombra é comprida e que ninguém a ama. Você não tem sorte e é indefesa. Não duvide que eu possa torcer as coisas de tal modo que

você se sintia feliz de me dar qualquer coisa que eu queira.

E depois, de repente, seu sorriso voltou, e a borda turbilhonante da sua sombra sumiu.

— Mas, enquanto isso, e o meu arco? Talvez você queira um talismã de beleza, em pagamento, Kate Somente? — Na boca de Linay, o nome dela de repente pareceu o insulto que tinha sido no passado.

— Aceito nabos — disse ela, firme. — Anzóis. Madeira de qualidade, talvez. Moedas, na improvável hipótese de que você as tenha. Mas não negocio com bruxos.

— Não mesmo? — Ele estava animado novamente. — Não tenho nabos, nem anzóis, nem carros de boi, nem pano para velas de barcos. Duas de prata.

— Cinco — disse ela.

— Três.

— Cinco — disse ela, outra vez.

Ele deu de ombros como se não fizesse diferença.

— Cinco.

Kate Somente pôs a moeda que ele lhe deu de adiantamento na bolsa e apanhou sua lousa para fazer um esboço do arco. O pelo de Braque estava macio em contato com seu pescoço, e essa era a única parte do seu corpo que estava aquecida. Linay estava observando o repartido do seu cabelo. Por fim, como ela continuou a trabalhar, ele foi embora, assobiando.

frês

OS PEIXES, O MACHADO E A TROCA

Durante os três dias seguintes Kate Somente desenhou e entalhou em restos de madeira, tentando aprender como o arco funcionava. Ela mantinha a cabeça baixa, apesar da animação reinante: havia nômades na feira.

Os nômades eram andarilhos. Moravam em tendas e viajavam de cidade em cidade, negociando, cantando em troca do jantar, lendo a sorte. Às vezes, mendigando. Roubando, como se dizia. Era um povo com sua própria língua e seus próprios costumes. Tinham a pele como nogueira polida, olhos como castanhas, roupas como um carnaval. Viviam à margem da sociedade e costumavam ser magros.

Em sua maioria, os nômades não eram muito bem-vindos na cidadezinha de Kate, que vivia perto demais da fome para se alegrar com malabaristas, perto demais do medo para gostar de videntes. Mas esse clã em particular vinha uma vez por ano e negociava cavalos, o que era tão razoável que até mesmo Niki, o padeiro, fazia negócios com eles. Ele comprou uma pônei vigorosa dos dois rapazes gêmeos que cuidavam da pequena manada.

— Ela vai levar uma vida sem graça, movendo minha mó — disse ele —, mas não vai ser espancada.

Linay, como se tivesse sido expulso pelos outros desconhecidos, havia desaparecido. Kate Somente largou seu arco e preferiu trabalhar no *objarka* de Niki. Ela descobriu que seus pensamentos não sossegavam. Naquele país, tinha havido um tempo em que a Donzela do Trigo era uma mulher de verdade, em que era levada ao último quarto não colhido da lavoura madura e era amarrada ali enquanto ateavam fogo aos campos. Seu espírito ardente mantinha os deuses saciados, seu sangue era incorporado ao solo.

Agora eles tinham apenas um único Deus, e a Donzela do Trigo era somente um talismã. Mas as mulheres ainda eram queimadas. Kate Somente trabalhava para transformar as pontas do cabelo do *objarka* em barbas de cevada, transformar os cortes das hachuras numa coroa de trigo entrelaçado que ficava pousada na testa lisa. Ela queria que Niki tivesse pedido uma cara de cavalo. Os cavalos na feira eram cheios de vida; nas pedras arredondadas, seus cascos batiam como boa música. Melhor do que o tamborim de Linay, muito melhor. Kate ficou triste quando anoiteceu, e os homens de pele morena, com suas cores vibrantes, levaram embora os cavalos.

Quando ficou escuro demais para trabalhar, Kate Somente desceu às docas para pegar o jantar. Braque ia à sua frente, com a cauda enrolada na expectativa dos peixes. Os barcos dos pescadores estavam chegando bem naquela hora, a grande fogueira do farol estava sendo acesa, e o cais

estava movimentado. Kate Somente começou a pescar no momento em que as estrelas apareciam, lançando sua linha nas águas cada vez mais escuras.

Na primeira hora, Kate Somente pegou apenas uma carpa pequena e magra, mas, à medida que os pescadores passavam por ali com seus carrinhos, as coisas foram mudando. Onde sua linha entrava na água, o rio de repente pululava de peixes, juntos como ondas num remoinho. Braque fincou as garras e se debruçou até seu focinho quase tocar na água. Seus olhos dourados estavam enormes, seus dentes estalavam de empolgação.

Os pescadores pararam para olhar.

— Olhe só uma coisa dessas — disse Jan Grandão. Ele se agigantava acima dela ao luar. — Daria para ficar em pé em cima deles. — Com a bota, ele cutucou o traseiro de Braque. O gato caiu e se contorceu na queda, afundando as garras no cais e escoiceando a água. Kate Somente agarrou-o pelo cangote e o tirou da água. Braque gotejava, miava furioso e chiou para Jan Grandão, que riu.

— Bichinho feroz esse que você tem, menina — disse ele. — Não quer ver se ele consegue andar por cima dos peixes?

— Deixa pra lá, Jan — disse o pescador mais velho, que se chamava Boyar. — O que está acontecendo aqui, Kate Somente? Como você atraiu os peixes?

— Eu não os atraí! — exclamou ela. — Eles simplesmente... — Ela não tinha como explicar. — Eles simplesmente vieram.

Jan Grandão riu com desprezo, e até mesmo o Velho Boyar pareceu não acreditar, mas falou:

— Pesque, então. Não rejeite uma bênção. — Ele ajudou o gato gotejante a sair dos braços dela, deixando-a livre para pescar. Braque contorceu-se para se soltar e saiu em disparada, arranhando o tornozelo de Jan Grandão ao passar.

Os pescadores ficaram ali parados um instante, olhando, enquanto Kate lançava seu anzol no cardume, pescando um peixe atrás do outro, trutas grandes que refulgiam brancas ao luar.

— Coisa esquisita — disse o Velho Boyar.

— Coisa de bruxa — resmungou Jan Grandão.

— Ah, deixa pra lá, Jan — disse o Velho Boyar. — Vamos guardar nossa pesca. — Ele foi se afastando, e os outros homens o acompanharam.

A pouca distância dali, rio abaixo, um barquinho desconhecido, uma pequena chalana, estava atracada à margem. O luar a iluminou, e Kate viu alguma coisa se movimentar lá, alguma coisa branca. Linay estava em pé no convés como um fantasma num parapeito. Ela o viu erguer a mão numa saudação irônica e se lembrou da ameaça: *Não duvide de que eu possa torcer as coisas...*

Ela acreditou nele. Mas estava com fome e ficou com os peixes.



No todo, Kate Somente pegou 27 trutas. Ela trocou o conserto de uma verga lascada no

barco do Velho Boyar por uma parte do espaço dele no defumadouro da cidadezinha. Um peixe gordo ela recheou com endro silvestre e cebolas e assou no fogo da praça da feira. Comeu tanto quanto aguentou e se sentiu saciada pela primeira vez em semanas. Mas estava inquieta. A tagarelice animada dos nômades e dos compradores de cavalos tinha acabado, e Linay estava de volta, parado num canto da feira, como uma cegonha. Consigo, ele tinha trazido mau tempo: o céu estava totalmente fechado por trás de um manto de nuvens baixas.

Kate Somente ainda não tinha terminado a *objarka* da Donzela do Trigo quando Niki, o padeiro, foi apanhá-la para a porta da cocheira do novo cavalo. Ela ficou envergonhada, mas ele deu de ombros e pagou de qualquer modo. E então ficou ali, mudando de um pé para outro, como se tivesse algo a dizer. Kate Somente não era muito boa nesse tipo de coisa. Ela não sabia como ajudá-lo a encontrar palavras.

— Esquisito — disse Niki, por fim, indicando o resto de peixe que estava embrulhado num oleado ao lado do cotovelo de Kate. — Foi esquisita essa história dos peixes. Você devia tomar cuidado, Kate Somente. Dizem... — Ele parou.

Kate Somente cruzou os braços diante de si, com os dedos tocando nos nós ossudos dos seus ombros.

— O que dizem?

Mas Niki só desviou o olhar.

— Tome cuidado, Kate Somente — repetiu ele.

No calor úmido da tarde, enquanto trabalhava no arco de Linay, Kate Somente sentiu esse aviso como uma mão no seu pescoço. Ela sabia que sobrevivia principalmente da tênue generosidade da cidadezinha. Podia sentir exatamente como era tênue por causa dos murmúrios da praça da feira. Um cheiro estranho, azedo e estragado, vinha do defumadouro, turbilhonando no calor enevoadado. O tamborim de Linay chocalhava e retinia na sua cabeça.

Braque veio e lhe deu de presente um morcego quase morto. Kate Somente bateu nele com um martelo e o escondeu numa gaveta para comer mais tarde. Não era aconselhável comer esse tipo de coisa à luz do dia. Não agora, com as pessoas falando. Quando levantou os olhos, viu as pessoas olhando para ela como se já o estivesse comendo, como se as asas pretas, membranosas, estivessem saindo da sua boca. Ela baixou os olhos.

Braque deu um balido que parecia “quero, quero” e bateu com a cabeça na mão dela.

— Depois que escurecer. Vou lhe dar um pouco depois de cozinhar. — Ela prendeu com cavilhas a madeira para o arco.

O gato jogou-se por cima do seu trabalho.

— Você está atrapalhando.

— Prrummm — ronronou Braque, rolando para mostrar a barriga rosa por baixo do pelo cinza.

— Obrigada pelo morcego, gatinho. Mas você ainda está me atrapalhando. — Ela o coçou, e

então mergulhou o nariz no pelo macio e morno.— Todos estão nos vigiando, Bra... — sussurrou ela. — Eu...

Mas Braque saltou de repente caindo de pé e chiou. Kate Somente olhou para cima. Linay estava encostado no esteio do seu toldo.

— Andei ouvindo seu nome em histórias estranhas, Katezinha. Dizem que você enfeitiçou os peixes. — E ele cantarolou: — Bruxa, peixe, vacilo, beijo... não quer me deixar conceder seu desejo?

— Não.

— Hummm. — Ele sorriu. — Eu me pergunto o que vai ser preciso para fazê-la mudar de ideia. — E cantou:

Kate Somente, sempre a entalhar
Amiga de ninguém, filha de ninguém mais
Kate talvez vá seu destino encontrar
Aparando pauzinhos até ser tarde demais

Kate Somente arregalou os olhos.

— Foi você que atraiu os peixes.

— Mas foi você que os pescou. E é sobre você que todos murmuram. — O sorriso de Linay era longo e estreito. — Estou lhe dizendo a verdade, Kate Somente, eu não ia querer ver você ser ferida. Você sabe disso, não sabe, a respeito de nós, bruxos? Nós dizemos a verdade.

Ela tinha ouvido a lenda: que os bruxos não conseguiam mentir. As pessoas diziam que quando o demônio deu poder aos bruxos, Deus atrelou suas línguas à verdade. Não lhe parecia uma história provável, e ela não confiava em Linay.

Os olhos cinza metálicos de Linay rebrilharam quando ele falou:

— Eu lhe quero bem. Mas existem outras coisas que quero ainda mais. E um cardume de peixes poderia ser só um começo. Pense nisso. Sua sombra por um desejo do seu coração. Não é um negócio tão mau assim!

— O que eu *desejo* — disse ela — é que você vá embora.

E, como se estivesse cumprindo uma ordem, Braque se enroscou no esteio do toldo, deu um salto, subiu de qualquer modo pela camisa de Linay e atacou sua orelha. Linay deu um grito, girou e agitou os braços como um homem que tivesse pisado numa colmeia. Toda a sua dignidade e todas as suas ameaças perdidas num torvelinho de gritos e movimentos desconjuntados dos braços. Kate Somente riu. Por fim, o gato saiu voando da refrega e atravessou a praça em disparada. Houve aplausos esparsos.

Linay fez uma reverência.

— Até amanhã — disse ele a Kate, e foi embora, tranquilo, sangrando.



Quando abriram o defumadouro no dia seguinte, os peixes eram espinhas e cinzas. A um toque, eles se desfaziam em pó. Somente as trutas de Kate Somente ainda estavam roliças, rosadas e amarelas com a fumaça, perfeitas.

O mestre do defumadouro a convocou, e ela precisou se postar diante dele, na chuva fina, com as mãos fortes fechadas em punhos cerrados. O mestre era um homem imponente, as mãos gordas e com muitos anéis, os cabelos brancos penteados em cachos, amarelados pela fumaça, com cheiro de peixe. Sua cadeira era imponente também, com os braços entalhados na forma de salmões em pleno salto: obra do seu pai. Ela se lembrava de tê-lo ajudado a fazê-la, com as mãos grandes e calejadas por cima das suas pequenas e calejadas, enquanto ele a ensinava a acompanhar o veio da madeira... Ah, suas mãos eram tão pequenas, e ela era feliz.

— Já decidi — disse o mestre, recostando-se na bela cadeira de braços, bem seco sob a proteção do toldo — que sua pesca será dividida entre os homens cujos peixes estavam no lote. Afinal de contas, foi apenas por sorte que somente seus peixes se salvaram.

Apenas por sorte. Ele a estava desafiando a contradizê-lo. Ninguém achava que tivesse sido por sorte. Ela olhou para os salmões, tão fortes que quase dava para sentir a contração dos seus músculos. Uma pequena multidão estava reunida atrás dela. Ela pensou nos salmões nadando com força contra a correnteza dos olhares.

— É justo — disse ela, por fim. — Mas *eu* não queimei os peixes.

— Como eu disse, menina — falou o homem, carrancudo. — Foi por sorte.

— Não foi sorte, foi bruxaria — disse ela, e às suas costas o silêncio se adensou. — O desconhecido, Linay. Ele atraiu os peixes.

Jan Grandão, atrás dela, disse o que Linay dissera:

— Mas foi você que os pegou.

— Os peixes serão divididos — disse o mestre. — E de você já chega, Kate, Entalhadora.

Kate Somente pôde sentir como seria. Linay era útil, era poderoso. Os que sabiam que ele era bruxo queriam sua proteção. Os que não sabiam, procurariam atingir um alvo mais fácil. Embora ele fosse um desconhecido, as pessoas sabiam que Linay não era alguém que se contrariasse. Como cão acuado, seu poder era enorme. Se a cidade ia escolher alguém para culpar pelos tempos difíceis que estavam por vir, não seria Linay.

Kate Somente deu meia-volta, passou em silêncio por entre as pessoas e voltou para sua banca. O arco estava em cima da bancada. Ela teve vontade de destruí-lo, mas ele era lindo. Era tranquilo e forte. Ela o apanhou e voltou ao trabalho.

Estava atenta para a chegada de Linay, mas ele conseguiu aparecer de mansinho.

— Bela donzela da madeira — disse ele, fazendo com que ela se sobressaltasse. — Como vai o trabalho?

Kate Somente se reequilibrou e deu de ombros.

— Será um bom arco — disse ela. — Sou uma boa entalhadora.

— Boa demais é o que dizem. — Ele tocou no nariz dela. — Já a estão chamando de “bruxa-criança”, menina Kate.

— Fazem isso por sua causa.

Ele pegou suas palavras e as cantou de volta para ela:

Fazem isso por sua causa

O que veem é por minha causa

Até pode ser, até pode ser,

Mas eu só vejo o que digo e digo o que posso ver

Ele sorriu para ela.

— Sabe o que acontece com as bruxas, Kate Somente? Você já viu as fogueiras?

O cheiro acre do defumadouro de repente pareceu mais forte.

— Por causa de alguns peixes? — Kate Somente tentou dar uma risada, que saiu forçada.

— Bem — disse Linay, com uma reverência —, talvez venham outros.

— Vá embora. Ou mando meu gato pegar você.

E ele foi embora. Mas não para muito longe.



No dia seguinte os pescadores não pescaram nada... ou não pescaram peixes. O Velho Boyar pegou três botas. Jan Grandão pegou um cachorro morto. No dia seguinte a esse as redes voltaram totalmente vazias. A semana inteira não se pescou nada, e as barcaças de grãos não chegaram. E a chuva caía como uma longa febre.

Então Boyar levou uma chalana rio acima, entrando nos bancos de nevoeiro, e no dia seguinte o barco voltou à deriva. Boyar estava deitado no convés, como um rei de antigamente, não morto, mas adormecido — de um sono sobrenatural, do qual foi impossível acordá-lo.

A conversa na feira transformou-se em resmungos. Kate Somente viu Jan Grandão dar um tapa em Braque para expulsá-lo do ninho no alto de um rolo de corda. O gato era enxotado de todas as bancas a chutes e xingamentos.

Kate mantinha-se ocupada com seu trabalho. O arco estava quase terminado. A Donzela do Trigo a assombrava. O rosto entalhado era liso e bonito, mas na sua tristeza estreita e no semblante irônico Kate via seu próprio reflexo.

À noite, ela se trancava na sua gaveta e ficava acordada no calor e na escuridão. Seus pensamentos não paravam até Braque entrar pela portinhola que ela fizera para ele. Ele se deixava cair no rosto dela. Kate Somente o aninhava debaixo do queixo como um violino, e os dois

adormeciam.

E assim se passou uma semana. Então, uma noite, alguém deu com um machado na sua banca.



Raios! Ela achou que tinha sido atingida por um raio. Foi alto assim.

E frio. O ar da noite foi despejado por cima dela, como se viesse de um balde. Alguma coisa entrou pelo cobertor junto da sua cabeça. As garras de Braque arranharam seu pescoço, quando ele saiu em disparada da toca.

Ela agora estava acordada. Havia adagas de madeira por toda parte. Sua gavetinha segura era um ninho de lascas. E mais uma vez alguma coisa estourou, passando bem junto da sua orelha. Um machado. Kate berrou.

O machado foi puxado para trás e voltou novamente. Ar, luz e coisas que caíam a atingiram.

Kate Somente puxou com violência a alavanca da porta. A gaveta se inclinou e emperrou.

Sua banca estava estilhaçada. Por um buraco vinha o machado destruidor outra vez.

Ela socou a gaveta acima dela. Alguma coisa cedeu à força das suas mãos. Ela empurrou, se debateu e atingiu o ar.

Kate Somente, cambaleante, conseguiu ficar em pé. A praça estava em silêncio, tomada pelo nevoeiro. Quem quer que tivesse brandido o machado, já não estava ali. Algumas pessoas tinham se agrupado diante da porta da estalagem, atraídas pelo barulho. Linay estava sentado no seu cobertor branco, com cara de sono. Cabeças se penduravam das janelas. Os vigias da cidade vieram com passos ruidosos através do arco do rio. E todos olhavam para ela. Ela não sentia nada. Nem mesmo pavor. Tinha ido tão além do pavor que demoraria algum tempo para o medo conseguir alcançá-la.

Os vigias que vinham correndo pararam quando viram que era só ela. Os que bebiam na estalagem tinham começado a conversar outra vez, e foram entrando aos poucos. Janelas se fecharam. Kate Somente estava ali parada, sozinha. Seus músculos estavam tão tensos que faziam com que tremesse, como a madeira tremia quando curvada quase a ponto de quebrar.

A banca do seu pai, sua casa, estava arruinada, uma confusão, cheia de pontas e arestas. Ferramentas e entalhes parcialmente terminados estavam espalhados pelas pedras redondas molhadas. Um cervo pálido, ainda inteiro, saltava na direção de um pedaço do toldo, todo lascado. Ela o levantou e olhou para ele por algum tempo. *Onde vou guardá-lo?*, pensou. *Não tenho nenhum lugar para pôr essa peça.* Ela se afastou quatro passos da destruição e pôs o cervo delicadamente sobre pedras lisas.

Braque voltou e se enroscou nos pés de Kate, gemendo. Ela se abaixou, afagou-o entre as orelhas e então apanhou do chão um furador que tinha saído girando, afastando-se um pouco da pilha de destroços. Ela pôs a ferramenta ao lado do cervo. Voltou lentamente na direção dos

destróços. Ela moveu uma gaveta quebrada. Coisas tombaram de dentro dela. O barulho foi muito alto, mas Kate Somente não disse nada. Ninguém veio. Ela trabalhava sem uma palavra, separando entalhes e ferramentas de lixo e palha.

Depois de algum tempo, Linay deixou seu cobertor branco, aproximou-se e trabalhou ao seu lado; ele também estava calado.

Kate Somente sabia que o machado viera por causa dos rumores aos quais Linay tinha dado vida. Talvez ele tivesse até mesmo mandado o machado — uma cutucada, uma palavra aparentemente inocente no ouvido certo. Mas ela aceitou sua ajuda, porque algumas coisas que ela precisava mover eram pesadas e porque seu rosto estranho, desbotado, estava encovado, como se alguém tivesse morrido. Ele puxou o acolchoado do casamento dos pais de Kate, que estava por baixo dos últimos entulhos. Ela viu os buracos do machado nele, como o nevoeiro que passava por eles como serpentes.



Kate Somente dobrou o acolchoado como um capacho. Martelou umas tábuas quebradas para fazer uma bancada tosca. Chegou o dia. Trovões de verão limpam a praça da feira. Encharcada e com frio, Kate Somente trabalhou sozinha para terminar o arco, com o cabelo gotejando no rosto, fazendo arder seus olhos descombinados.

Finalmente, quando o arco estava pronto, ele era o objeto mais perfeito que ela já havia feito. Ele não tinha ornamentação, mas suas linhas simples eram belas, como um pássaro em contraste com o céu.

E, agora que ele estava pronto, Kate não tinha mais trabalho para fazer.

Ela se sentou um pouco, vazia como a praça vazia, pensando. Em seguida, sem dizer palavra, ela se levantou. Apanhou o arco como uma espada e partiu para procurar Linay.

A tarde estava úmida e pegajosa. Kate Somente foi atrás dos sons fracos do tamborim, desviando-se das poças e dos excrementos de cavalos, passando pelo portão da cidade que dava para o rio. Lá embaixo, ao lado do cais, ela encontrou Linay sentado na cobertura do porão de um pequeno barco. Era a chalana na qual ela o vira na noite em que os peixes tinham vindo pululando: uma balsa pequena, bem construída, pintada de verde-bandeira. Linay estava cantando uma canção triste sobre espíritos do rio, para distrair os homens que passavam breu nas frestas. Ela foi na direção dele, sem dar atenção aos olhares que a atingiam como chuva. Jan Grandão a agarrou pelo braço.

— Você não é bem-vinda aqui, menina-bruxa.

Linay parou de cantar e se levantou.

— O assunto dela é comigo.

Jan Grandão era grande como um touro selvagem, mas Linay era magricela como um lobo furioso, e Jan recuou. Linay passou majestoso e apanhou Kate na sua esteira. Ela o acompanhou

pelo cais e depois pela estrada que seguia na direção da floresta.

A chuva tinha parado. A luz era um verde de tempestade, e as árvores estavam se mexendo inquietas. O cheiro do rio pesava no ar.

Kate Somente estendeu o arco. Linay o apanhou como se fosse uma rosa e se debruçou sobre ele. Olhou para ela em silêncio. Ela o olhou de volta.

Por fim, Linay mexeu-se.

— Suas quatro moedas de prata. — Ele tirou moedas da orelha dela, como um malabarista feliz, mas seus olhos eram penetrantes. — Isso encerra nossos negócios?

— Vou embora — disse ela. — Preciso de comida, de coisas.

— Hummmm — disse ele, envolvente. — Você estava pensando numa troca?

— Pela minha sombra — disse ela. — Quero um oleado. Um saco de dormir e um embornal. Um pacote de anzóis, machadinha de acampar. Dez metros de corda.

Ele deu uma risada.

— Você acha que pode morar na estrada? Nos bosques?

— Eu me viro.

— Você vai se virar, vai se virar — cantou ele. — Eu quase gostaria de vê-la tentar. — Ele se empertigou. — Fechado.

Ao longe, o estrondo do trovão. Parecia uma porta batendo.

— Fechado — disse ela.

Linay enxugou a chuva do rosto.

— Nas docas. Venha me encontrar ao lado da minha chalana, ao terceiro toque do sino depois da meia-noite. — Ele se virou e voltou para a cidade.

Kate Somente, de mãos vazias, foi até as ruínas da banca do pai. Pensou no que poderia carregar e no que deveria deixar. Às suas costas, ela ouviu a rabeca de Linay começar a tocar: selvagem e poderosa como uma tempestade, ela se precipitava pelo crepúsculo chuvoso.

Kate levou uma das moedas de prata ao sapateiro e comprou um bom par de botas: resistentes, de couro de veado e com costura dupla. Ela pegou a segunda moeda e comprou um embornal do curtidor de peles, que aceitou seu dinheiro, mas cuspiu na soleira da porta quando ela saiu. Ela pegou a terceira e foi ao açougue comprar carne-seca, mas o açougueiro se recusou a fazer negócio com ela. Ela levou a última moeda até a padaria de Niki para comprar bolacha dura, mas àquela altura a luz já estava acabando e a padaria estava escura e fechada. Ela voltou para onde os estilhaços da banca estavam empilhados como um cavalo morto, entre as poças da praça da feira.

Kate Somente guardou suas melhores ferramentas nos saquinhos de feltro, embalou sua única panela e guardou seus dois camisões listrados e as meias de reserva. Enrolou seu cordel e sua linha de pescar. Chegou então ao acolchoado do casamento dos pais. Um dia, ele tinha tido para ela o cheiro do seu pai. E, apesar de agora cheirar a serragem e a gatos, ela se lembrava de como aquele

cheiro a havia envolvido, na sua primeira noite na gaveta. Mas precisava de um casaco, e o acolchoado era grande demais. Kate era prática. Partiu o acolchoado ao meio. Recortou um buraco para sua cabeça, vestiu-o por cima do cabelo molhado e usou como cinto um pedaço de corda. A outra metade ficou nas pedras redondas, ensopando-se com a água da chuva.

Ela pegou o pedaço dos destroços com o cervo entalhado. Era pesado demais para levar. Não servia para nada. Ela o pôs de novo no chão. Ele pareceu ficar meio borrado e saltar na penumbra, e Kate levou um momento para perceber que seus olhos estavam marejados. Ela pegou o cervo outra vez. E o devolveu para o chão de novo.

Braque estava sentado no alto da pilha de madeira, olhando para ela.

— Ele fica — disse-lhe ela. — Não preciso dele. — Seus olhos arderam quando ela disse isso. Ela passou a mão, veloz, por eles, revoltada consigo mesma. O gato ronronou, como que indagando. — Não foi nada — disse-lhe ela, com a garganta irritada e dolorida pelo esforço de não chorar. Decidida, pegou o formão que seu pai lhe dera, o formão que sua mãe conhecia desde sempre, o formão que a tinha moldado... e o enfiou na bainha na sua bota nova.

— Agora podemos viajar — disse ela a Braque. Ela se sentou na bancada improvisada. — Eu não poderia ir sem o meu formão. Apesar de imaginar que não vá encontrar muito trabalho, vivendo sem endereço.

O anoitecer chuvoso estava afundando na escuridão.

O gato saltou da pilha e se aproximou para farejar seus tornozelos.

— E você? — perguntou ela, levantando-o para o colo. — Um cachorro viria junto, sem dúvida, mas suponho que um gato deva fazer suas próprias escolhas. — Era tolice falar sozinha, e ela parou. E assim não chegou a expressar seu desejo mais profundo: que tivesse alguém com quem conversar, que não precisasse andar sozinha.



Tarde da noite Kate Somente desceu ao rio. Ela levava seu embornal num lado e Braque nos braços. Nenhum gato acompanharia um andarilho. Agora ela percebia isso. Mas não estava pronta para desistir dele, para deixá-lo para trás como tinha deixado o cervo entalhado da banca do pai, encostado na bancada na praça abandonada. Ainda não, ainda não mesmo. E talvez ele a seguisse, um pouco.

Longe das grelhas da feira, sob o manto das nuvens, estava muito escuro... e muito quieto. Ela ouvia o murmúrio rouco do rio, o chape do salto de um peixe. Atrás dela, alguém fechou uma veneziana. Do outro lado do rio, uma raposa uivou.

Linay estava sentado em silêncio, olhando para o brilho negro do rio, balançando as pernas no alto do cais, como uma criança. Uma lanterna rendilhada de metal estava ao lado dele, e sob a luz fraca ele parecia pálido, como uma mariposa na noite fechada. Estava comendo uma torta de carne. Enquanto Kate Somente se aproximava, ele lhe estendeu uma segunda torta. Ela não deu

atenção. Ele encolheu os ombros, lambeu o molho da adaga e pôs a torta na madeira molhada aos pés de Kate.

O focinho de Braque começou a se contrair.

Kate Somente permaneceu em pé acima de Linay. Braque tinha começado a se contorcer nas suas mãos como um peixe forte — um peixe que queria comer torta de carne. Ela teria de pô-lo no chão depressa.

— E agora? — perguntou ela.

— Sangue — disse Linay. Kate recuou, e ele riu: — Ah, o meu, Pequeno Formão, não se preocupe.

— Até parece — disse ela, tentando uma zombaria, apesar de sua voz estar aguda e tensa.

A adaga de Linay dava a impressão de que poderia estripar um cervo.

— O sangue atrai coisas. E seria tolice atrair sua própria sombra para você. — Ele hesitou um segundo, apanhou então a adaga, girou-a e a riscou sem medo, de um lado a outro do pulso. Seu rosto branco não estremeceu, mas Kate Somente se encolheu por ele quando o sangue começou a jorrar. Braque soltou uma tosse estrangulada, como se ela o estivesse apertando demais.

Linay debruçou-se e abriu o alto do lampião. Ele deixou o sangue escorrer sobre a chama. Kate Somente preparou-se para a escuridão, mas, em vez de abafar a chama, o sangue pegou fogo, queimando como óleo, iluminando a noite.

— O que... — começou ela a perguntar.

— Fogo para ativar o encantamento — disse ele, com um ar distante, vendo o sangue se incendiar. — Você ficaria surpresa com as coisas que um bruxo pode fazer pegar fogo.

Seu ar distante e o modo como seu sangue escorria em chamas tornaram a noite de repente assustadora. Braque chiou, e Kate recuou.

— Aonde você está indo? — perguntou Linay.

Kate Somente começou a balbuciar alguma coisa, mas Linay tinha se posto de pé em silêncio, como uma onda. Sua mão fez um movimento veloz, seu pulso virou. O sangue voou e caiu sobre Kate como uma rede. Ela saltou para trás, gritando, e Braque escapuliu dos seus braços e uivou como uma criatura moribunda. Depois o ar se transformou em vidro.

— Pare — disse Linay, baixinho, insinuante, no silêncio repentino.

Kate não conseguia se mexer. Não conseguia respirar. Braque estava deitado de bruços, como se tivesse fraturado a espinha.

Linay olhava para ela com a cabeça inclinada de lado, com um sorriso manso, como um pai sorri diante de um filho adormecido.

Kate Somente achou que estava morrendo e que, quando morresse, continuaria como estátua, mantida no lugar pela rigidez do ar. Linay estendeu a mão para ela. Ela tinha certeza de que morreria quando ele a tocasse, mas só pôde ficar olhando a mão se aproximar.

E ele a tocou.

O ar voltou a ser ar. Kate cambaleou e caiu com um estrondo no cais. O mundo girou, e faíscas passaram velozes pela sua visão. Linay se agigantava acima dela, mal-iluminado e branco como uma pilastra.

— Bem — disse o bruxo. — É isso aí.

— O que... — arquejou Kate. Ela tossiu, piscou os olhos.

Braque sacudiu forte a cabeça.

— Deixei a sua mercadoria na terceira pedra grande depois da curva da estrada.

— Mas... — Kate não podia pará-lo, nem mesmo conseguia vê-lo. Ele era uma espécie de sombra acima dela. Ela estava jogada, arfando na madeira molhada, com o cabelo caindo por cima da beira do cais, na direção do rio lá embaixo.

Ele a olhava dali de cima, o rosto desfocado. Ela achou que Linay estava realmente triste.

— A perda de uma sombra é uma coisa lenta — disse ele. — Você terá um pouco de tempo até que alguém perceba. Procure um lugar para ficar, antes que aconteça. — E então ele cantou:

Vá depressa, Kate Somente, e não leve peso

Na noite sombria, aprenda a viajar

Sem sua sombra, fuja da luz

Para uma sombra de verdade se tornar

Ele se agachou ao lado dela.

— Quer vir comigo para a cidade de pedra?

— Não. — Ela mal conseguiu pronunciar a palavra.

— Não — repetiu ele. — Mas acho que vou vê-la outra vez. — Ele deu uma olhada na direção de Braque. — Ver vocês dois. — E ele se levantou e se foi, deixando-a deitada, indefesa, no escuro, junto da água.

Demorou muito para ela conseguir se sentar, para Braque recuperar o domínio de si mesmo o suficiente para retomar as farejadas em torno da torta de carne. Kate Somente inclinou-se para a frente e pressionou as pálpebras com a base dos polegares até ver manchas. Alguma coisa fora tirada dela; e, apesar de supostamente ter sido sua sombra, ela tinha a impressão de que havia sido sua alma.

— O que foi que eu fiz? — resmungou ela.

Lá, junto da torta de carne, Braque deu um chiado e cuspiu uma bola de pelo. Kate Somente abriu os olhos.

— Mússssssicos — disse o gato, cuspiendo. — Você sabe do que são feitas as cordas de violino? Ora! Estou feliz que ele foi embora. Vamos comer.

quatro

OS NÔMADES

Kate Somente engasgou, com os olhos arregalados.

— Braque!

Braque estava absorto na torta de carne.

— Está coberta com *pão* — bufou ele. — Que palerma foi cobrir *carne* com *pão*? — Ele deu umas pancadinhas na casca, saltou para trás quando ela se rompeu e começou a lamber o molho da pata. — HUUUUUM — ronronou ele. — HUUUM, bom...

— Braque. — Kate engoliu em seco, outra vez.

O gato levantou os olhos da lambiçãõ.

— Ah, bem, eu podia dividir com você. — Ele direcionou os bigodes para a frente e, como um senhor, demonstrou sua generosidade dando o que não queria. — Tem pão do tipo que você poderá gostar.

— Você... — Kate fechou a boca, com determinação. — Você está falando.

— Foi... hummmm... seu desejo. — Ele pareceu voltar os olhos amarelos para dentro de si. — Para você não precisar seguir sozinha.

— Ah! — *Eu lhe concederei o desejo secreto do seu coração*, dissera Linay.

Braque inclinou a cabeça para ela.

— Tem carne também. Além do pão. Você pode comer um pouco também.

A noite estava fresca e sussurrante com a chuva. Tudo o que ela possuía neste mundo estava num embornal espremido contra seu quadril. Ela estava usando uma colcha velha circundada por um cinto improvisado com um pedaço de corda, e a noite úmida a envolvia por inteiro. E agora seu gato falava. Kate Somente se sentia ridícula, aliviada, apavorada e, apesar do gato, extremamente só.

— Não condiz com minha dignidade tentar convencê-la — Com a cabeça, Braque empurrou a mão dela. — Coma.

Foi o que ela fez.



Cheia de torta de carne e acompanhada por um gato falante, Kate Somente deu as costas à sua cidadezinha e foi entrando pela embocadura da estrada. Suas pernas tremiam e sua cabeça girava. Seu gato sabia falar. Ela tinha feito um acordo com um bruxo. Estava indo embora do único lugar que conhecia como lar. Estava se dirigindo para a curva, a terceira pedra grande. O

que faria se Linay não tivesse deixado lá seus apetrechos, ela não sabia, nem conseguia pensar no assunto. Tinha só um pouco de comida no embornal de ferramentas e entalhes meio prontos. Se não houvesse nada atrás da terceira pedra grande, ela simplesmente morreria aos poucos.

Braque ia caminhando, curvando os bigodes e saboreando a noite. Ele não dizia palavra, e Kate Somente quase pôde acreditar que estivera sonhando. *Para você não ficar sozinha*, dissera ele. Não importava o que acontecesse depois, ela não estaria só. Ela localizou a pedra. Encostada nela estava um cesto.

Era o tipo de cesto que os camponeses levavam nas costas para transportar a colheita para a feira: com a forma de meio barril e tiras de couro para passar pelos ombros. Era novo e muito bem-feito: Kate Somente passou o dedo pela palidez lisa das lascas de freixo trançadas. Braque empinou-se e pôs as patas dianteiras no aro do cesto. Ele enfiou a cabeça por baixo da tampa presa por dobradiça.

— Você acha que ele incluiu mais torta de carne? — Sua voz estava abafada, mas não era um sonho.

— Bem — disse ela, sentindo-se atordoada —, vamos olhar.

Havia embrulhos de pão de minuto que fizeram Braque torcer o focinho de revolta. Havia um saco de dormir de oleado e pele. Uma machadinha. Um casaco de pele de carneiro, grande demais para ela. Um chapéu e mitenes de pelo de coelho. Uma montoeira de pequenas coisas: uma pederneira para fazer fogo, uma carteira de couro com anzóis e outra com agulhas, meias de lã de cano alto, uma bata de linho.

Linay tinha sido generoso. A ideia a deixou inquieta.

Kate Somente tirou o embornal do ombro e começou a arrumar no cesto suas ferramentas e peças entalhadas. A última coisa que pegou foi o *objarka* da Donzela do Trigo. Ela parou e olhou para a peça. O rosto entalhado da mulher pareceu tremer nas suas mãos, e Kate percebeu que ela estava tremendo.

O *objarka* estava terminado e pago. O medo recomendava que ela seguisse pela estrada, mas a honra fez com que desse meia-volta e olhasse para o volume escuro da cidade que tinha ficado para trás, com o *weizi* se erguendo como o mastro de um navio a partir de um nevoeiro fechado.

Kate Somente pôs o cesto numa pedra e lutou para enfiar as tiras. Ela tinha acabado de conseguir ficar em pé quando Braque saltou para cima da tampa do cesto e, derrapando, conseguiu parar junto da sua orelha. Kate deu um gritinho de surpresa e cambaleou, enquanto o gato virava para cá e para lá, com o flanco se esfregando no seu pescoço e a cauda batendo de leve em torno da sua cabeça.

— O que você está fazendo? — perguntou ela.

— Estou indo com você — disse ele, com a fala arrastada. — Por favor, me acorde quando a fuga tiver terminado.

— Você não poderia me acompanhar?

— *Cachorros* acompanham — disse ele, num tom tão horrorizado que ela nem se deu o trabalho de discutir.

Kate sentiu que ele oscilava às suas costas quando ela andava até se acomodar ao movimento. Eles seguiram em silêncio por algum tempo, ao lado do rio.

Um denso nevoeiro surgia da água e encobria a estrada e a cidade. Era como luar pairando no ar: uma luz fraca por toda parte, de tal modo que não se via nada. Ele envolvia os sons ao seu redor, transformando as passadas e o murmúrio do rio numa música submarina. Ele a embalava e a ninava, cantando.

Kate Somente estava se sentindo desnorteada e estranha. Não dormia desde os golpes do machado. A música parecia real; ela podia ouvir um violino nela, uma voz cantando numa língua que ela desconhecia. Achou que era o próprio rio que estava cantando, ou a lua, ou todos os fantasmas do mundo. Ela se sacudiu, e do meio da noite de repente se agigantou a muralha da cidade. Kate parou de chofre.

— Estávamos fugindo — cantarolou Braque — na direção errada.

— Você ouviu isso? — Ainda havia uma música espectral em algum lugar.

— Ouvi — disse o gato, em tom de superioridade —, é real. Eu posso falar. Foi seu desejo. E eu estava dizendo que esta é a cidadezinha onde iam matá-la.

— Tenho de dar o *objarka* para Niki.

— Hummm — disse ele. — Bem. Não é a *mim* que estão tentando matar.

Mas só por precaução ele se enfiou debaixo da tampa do cesto. Kate Somente sentiu que ele se acomodava encostado nas suas omoplatas. Ela endireitou os ombros e partiu, entrando pelas ruas escuras.



Na padaria, Kate Somente parou no umbral. Pretendia deixar a Donzela do Trigo na soleira, como um bebê, mas tinha se esquecido de que os padeiros madrugam.

A meia-lua da boca do forno refulgia com os carvões prontos bem lá no fundo. A pá de forno, de cabo comprido, estava jogada sobre uma mesa como uma lança. Niki, o padeiro, estava em pé junto do cocho de fazer pão, socando a massa para o pão branco — uma massa grudenta, pálida como a morte. Kate Somente olhava os músculos que se contraíam nos braços grandes. Ele olhou para o alto.

— Kate Somente!

Ela ficou na soleira, com a noite às suas costas.

— Eu trouxe... — Ela exibiu o *objarka*. — Está pronto.

— Entre, entre. — Niki esfregou as mãos grudentas, formando minhocas de massa, que caíram no chão.

— Esse vai ter de crescer para a fornada da manhã. Você não precisava vir tão cedo... cedo demais para qualquer um, menos para padeiros! Ponha a peça no chão. Vamos dar uma olhada.

Kate Somente pôs o *objarka* no chão e recuou um passo. Ela precisava ir, mas não conseguia parar de olhar para o rosto da Donzela do Trigo. *A verdade*, ela não parava de pensar. *A verdade é...*

— Kate Somente. Katerina. Você vai fugir.

Ela deu de ombros.

— É — disse ele. — Você vai, sim. Ah, Kate Somente. Para onde você vai?

Ela deu de ombros novamente, e Niki suspirou:

— Mas é prudente, pequena. Prudente. Andam falando.

Ela continuou ali em pé, olhando para o *objarka*. Niki hesitou e olhou também.

— É muito bonito, sabe? Uma peça muito bonita. Você sabe trabalhar com o formão, sem a menor dúvida. Uma lâmina abençoada. Ela vai me dar sorte, com certeza. Mas vou sentir sua falta. — Como se admitir isso o deixasse embaraçado, ele começou a se afobar. — Posso lhe dar pão. De painço, de dois dias, só um pouco passado. E acho que — ele estava procurando alguma coisa — tenho um pouco de pão de minuto, sabe, para viagem. Eu... — Ele parou quando lhe ocorreu uma ideia. — Você deveria ir com os nômades.

Uma esperança repentina a abalou. Ir com outras pessoas — até mesmo com uma gente estrangeira e desprezada — lhe daria uma chance verdadeira de sobreviver.

— Os nômades? — repetiu ela.

— É, isso mesmo. Os nômades — disse Niki.

Os dois se entreolharam, sem saber ao certo como se fazia para ser aceito por párias.

— Tenho negócios com eles, sabe, por causa do cavalo — disse Niki, por fim. — Por isso acho que eles falarão comigo. Estão lá para os prados dos carneiros.

Ele parou, vendo a expressão no rosto dela.

— Não tenha medo — disse ele, afagando sua mão. — Os nômades são razoáveis.

Mas ele tinha se enganado com ela. Kate estava com medo, não de que os nômades a aceitassem, mas de que a rejeitassem.



E assim, ao amanhecer, sob uma chuva fina, Kate Somente descobriu-se com Niki, o padeiro, na borda das pastagens dos carneiros, do lado de fora do portão mais baixo de Samilae. Os nômades estavam começando a se mexer: um velho descobria uma fogueira abafada, duas moças batiam papo e recolhiam ovos de galinhas sonolentas. As carroças pintadas de cores vivas flutuavam no nevoeiro do orvalho da manhã. No outro lado do acampamento, duas dúzias de cavalos remoinhavam como sombras na névoa, e um rapaz de azul se movimentava entre eles.

— Espere um instante — murmurou Niki, deixando-a parada junto do muro baixo de pedras e espinheiros de framboesa que marcavam o limite do prado. Ela ficou parada ali, olhando Niki ir na

direção dos cavalos. Um instante depois, ela se desvencilhou do cesto. A tampa se ergueu, e Braque veio se esparramando pelo lado.

— A fuga terminou? — perguntou o gato, engolindo a última palavra num bocejo imenso. Ele se esticou para a frente, estendendo as costas e abrindo os dedos das patas, e em seguida saltou para cima do muro ao lado dela. Seu focinho estava ocupado. — Cavalos — disse ele. — Cachorros. Hummmm. Humanos. Galinhas. E... ah! Outro gato! Preciso ir estabelecer meu domínio sobre o território. — Ele saltou do muro.

Kate Somente mergulhou atrás dele.

— Braque! Espera! — Ela o agarrou no ar pelo cangote.

— Miaaaaaau! — gritou ele, pendurado na mão de Kate. — Que ofensa! Que indignidade!

Kate ajoelhou-se e aconchegou o gato furioso junto do peito.

— Braque! — disse ela, entre dentes. — Para com isso!

— Vou arranhá-la agora mesmo, por mais que eu goste de você. Trate de me *soltar*! — Ele se contorcia contra o peito dela.

— Braque, você não pode falar.

— *Posso, sim* — veio a voz abafada, revoltada. — Também posso morder, dilacerar, arran...

— Não — interrompeu ela. — Você *não pode, não deve* falar. Ouça o que digo. Eles o matarão se o ouvirem falar.

O gato parou de se contorcer.

— Quem faria isso? Quem se atreveria?

— As outras pessoas. Por favor, Braque. Elas vão pensar que é magia. Vão matar nós dois.

— *É* magia — disse ele, em tom de reprovação. — E o desejo foi *seu*.

— Eu sei... sinto muito... Mas, por favor.

— Bem. Eu não estou com medo. Mas, para protegê-la, Katerina, serei discreto.

Kate Somente pensou na ideia de descrição de um gato, e ficou apavorada. Mas não podia fazer mais nada.

— Agora, solte-me — disse Braque. — Tenho assuntos a resolver na língua das garras e dos pelos.

— Boa sorte — disse ela, e o desejou com todas as forças.



Kate Somente ainda estava sentada encostada no muro quando Niki voltou com o rapaz que estava cuidando dos cavalos.

— Levante-se, levante-se — disse o padeiro, alvoroçado. Kate levantou-se e fez um esforço para não recuar para junto do muro. — Venha conhecer uma pessoa. Conheça Behjet, que me vendeu o cavalo. O melhor cavaleiro entre os nômades, é o que se diz.

O elogio deixou óbvio que Niki queria alguma coisa. Kate Somente teve vontade de se encolher, mas o homem simplesmente disse:

— E quem temos aqui, Nikolai? — Ele falava baixo, era esbelto e usava uma camisa azul com um lenço verde amarrado no pescoço: cores de martim-pescador.

— Ela é, essa é — disse Niki atabalhoadamente. — Kate Somente. Órfã, órfã de Piotr, o Entalhador. — Ele puxou Kate Somente para a frente, prendendo-a no seu braço. — Behjet, ela precisa de um lugar.

— Entre os nômades, é o que você está querendo dizer? — O homem, Behjet, enxugou a palma das mãos no avental de cavalição. — É um pedido e tanto. Para onde ela está indo?

Kate Somente soltou-se do calor suave, massudo, de Niki e respondeu por si mesma:

— Vou embora.

— Hummm — disse Behjet. — E por que motivo?

De longe dali, Kate Somente ouviu o berro de vitória de Braque. O gato estava estabelecendo seu domínio. Encontrando seu lugar.

— Porque... — Kate engoliu em seco. — Porque me matarão, se eu ficar aqui. Eles acham que sou bruxa.

— O que ela não é — acrescentou Niki.

— Ah — disse o rapaz, baixinho. — Como todos os nômades, ele tinha a pele morena e olhos escuros, grandes e amendoados. Eram profundos e doces, como os dos cavalos; davam-lhe uma aparência bondosa. Mas mesmo assim ele não se mexeu.

Niki agitou as mãos.

— E você estava dizendo que precisava de um carpinteiro, que precisava consertar as carroças em cada cidade aonde chegava e desejou ter entre vocês um carpinteiro. Kate Somente trabalha com madeira.

— Trabalho bem — acrescentou Kate. Sua voz saiu neutra. Era algo de que tinha orgulho.

Behjet soprou pelos lábios, bufando como um dos seus cavalos.

— Aceitar um *gadje*... não é uma coisa que eu possa decidir. Mas deixe-me levá-la para conhecer minha mãe. — Ele partiu para atravessar o capim cortado rente, cinza como o chuvisco.

Kate Somente pôs nos ombros seu cesto e se apressou atrás dele, com Niki os acompanhando.

— O que “gaje-eh” significa?

— Gadje-eh — corrigiu Behjet, puxando o *g* dela na direção de um *z*. — Significa alguém que “não pertence aos nômades”. Não é uma palavra das mais gentis, e eu peço desculpas por ela. Mas você não deve pensar que, só porque não temos muralhas, não temos costumes. Não somos selvagens, apesar de não termos boa acolhida na maioria dos lugares. É isso aí. — Eles tinham chegado às carroças. Elas eram pequenas, com rodas altas, com o piso de madeira, com muitos entalhes, pintadas de cores fortes. Suas plataformas eram cobertas com lona armada sobre arcos de madeira. Nos degraus da traseira de uma carroça pintada de vermelho, uma velha de bochechas

rosadas estava depenando um galo. Estava entrouxada em saias verdes e amarelas e muitos lenços. O cabelo grisalho saía crespo do seu turbante e se derramava no rosto moreno.

Niki não fez uma reverência, mas torcia as mãos diante de si como se achasse que talvez devesse tê-la feito.

— Mãe Daj — disse ele.

— Daj — disse Behjet, que realmente fez uma pequena reverência e depois acrescentou alguma coisa em outra língua. A Kate Somente pareceu ser um longo discurso, e ela ficou frustrada. Se seu destino estava sendo decidido, ela queria entender.

Behjet calou-se. Kate Somente descobriu que a mulher olhava para ela, com os olhos pequenos e brilhantes como os de um falcão em meio às rugas. Imitando Behjet, ela fez uma reverência, mas não disse nada.

— Entalhadora, hein? — disse a mulher, com a fala arrastada. Ela usou o bico do galo para indicar o *objarka* de Kate. — Só coisa fina?

Kate Somente fincou os pés no chão como se estivesse prestes a lutar.

— Trabalho fino e trabalho simples. Faço caixas, faço rodas, torneio madeira. Mas o principal são os entalhes. — Ela tirou o *objarka* que seu pai tinha chamado de obra-prima e o entregou à mulher.

Ela virou o gato escuro de madeira muitas vezes nas mãos morenas e levou o pequeno focinho até seu nariz grande.

— Ela é boa com o formão, mãe — disse Niki. Mas a velha não fez caso do padeiro, concentrada no *objarka* de Kate e em alguma pergunta interior.

— Bem — disse ela, por fim —, nós estamos precisando de um carpinteiro, e essa é a pura verdade, menina. — Sua cabeça ainda estava baixa, como se ela estivesse falando com o gato entalhado. Em seguida olhou para cima, com o rosto suave, cheio de rugas. — E, por mais que você não demonstre, acho que você está precisando de nós. Você tem equipamento próprio? Suas próprias ferramentas?

Kate Somente fez que sim.

— Não posso lhe prometer um lugar. Mas venha conosco a Toila. Um mês na estrada. Vamos ver como a gente se dá.

Uma prova. Kate Somente entendia de provas. Ela fez que sim mais uma vez. Estava sentindo um aperto na garganta, mas não sabia ao certo se era esperança ou medo.

— Pois bem — disse a mulher. — Sou Daj. Ou Mãe Daj, se ficar melhor numa língua da cidade. E você é Kate.

— Kate Somente — corrigiu ela.

Daj levantou as sobrancelhas, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, Braque veio se aproximando. Havia um arranhão recente de um lado a outro de uma orelha, e um rato morto na boca. Ele largou o corpo de patas cor-de-rosa aos pés de Daj e ficou ali em pé, com um largo

sorriso. Kate Somente encolheu-se.

— Eu também tenho um gato.

— Belo animal, Mãe Daj — disse Niki, intrometido. — Famoso caçador de camundongos.

— Bem — disse Daj. — Portanto, um par bastante útil. Seja bem-vindo, gato.

E Braque concordou.



Como Daj insistiu de forma rude, Kate Somente lançou seu cesto para a plataforma da carroça, e Braque, sem absolutamente nenhuma insistência, saltou seu lado.

— Você viu? — disse ele, arqueando as costas na mão de Kate, todo vaidoso. — Meu presente provou que nós somos úteis.

— Braque — chiou Kate. Ela olhou em volta. Ninguém tinha ouvido.

O gato se ofendeu:

— Seria de imaginar que estava na hora de um elogio.

— Cale-se, *por favor* — disse ela. — Olhe aqui. — Ela tirou seu casaco novo do cesto e o abriu, com o lado da lã para cima, para ele se aninhar.

— Ah! — disse ele, pisando na lã como se fosse um rei dignando-se a entrar num casebre. — Melhor. — Descreveu três círculos, levantando as patas muito alto, com elegância, e então se enroscou, passando a cauda por cima do focinho.

— Durma em silêncio — recomendou ela, esfregando um polegar entre as orelhas dele. Ele lhe lançou um olhar furioso, meio turvo de sono, e fechou os olhos.

Kate Somente foi apressada atrás de Behjet e Niki, o padeiro. Seus pés tinham derrubado as gotas de orvalho e deixado marcas escuras no capim prateado, que estava baixo onde os carneiros pastavam. O rastro escuro fez com que ela pensasse na sua sombra. *A perda de uma sombra é uma coisa lenta*, tinha dito Linay. *Procure um lugar para ficar*. Se os nômades a aceitassem, se ela comprovasse ser útil, chegaria a hora em que ela poderia explicar, antes que alguém a visse.

Niki a deixou com Behjet, não sem antes se alvoroçar, como um pássaro tentando fazer com que seus filhotes voassem do ninho. Behjet deu um suspiro depois que ele se foi e voltou a cuidar dos cavalos.

Kate Somente o olhava, enquanto ele trabalhava. Estava desesperada para poder ajudar, mas não sabia o que fazer. Behjet estava cuidando de uma égua parda, segurando um dos cascos no alto, entre suas pernas, e tentando tirar com um ganchinho uma pedra do fundo esponjoso do casco. Os outros cavalos andavam em círculo. Kate Somente nunca estivera tão perto de cavalos. Eles eram grandes. Ela sentia o cheiro de suor de cavalo, de couro e esterco, cada vez que um se mexia. A cabeça morena de Behjet estava abaixada; ele murmurava para o animal inquieto. O trabalho parecia perigoso. Ela nem mesmo se atrevia a perguntar como poderia ajudar.

Behjet terminou com a égua e passou para outro cavalo. Ele falava manso com os animais em

sua própria língua. Kate Somente gostou da voz: calma, mas profunda. Isso a deixou um pouco mais à vontade, e ela quase não se deu conta quando ele começou a falar com ela:

— Foi a bruxaria que a convenceu — disse ele.

— O quê? — disse Kate.

— Daj. Eu contei para ela que seu povo achou que você era bruxa. Foi por isso que ela decidiu aceitá-la. Você devia saber.

— Ah — disse Kate.

— A mulher do meu irmão... foi queimada como bruxa. Acontece com os nômades. Mais do que deveria. — Ele se levantou, limpando as mãos no avental de couro e enxugando as gotas de chuva do rosto com o lenço verde.

— Grude-se a Daj, Kate Somente. Não pense que ela tem coração mole. Ela é feroz como um texugo. Mas, se ela decidir ficar do seu lado, seu lugar aqui estará garantido.

Kate Somente não soube que resposta dar a isso. Um lugar garantido — era algo grande demais até mesmo para ela chegar a cogitar. Behjet tinha lido o desejo do seu coração tão bem quanto qualquer bruxa. Não estar só.

— Então, trate de ir para lá — disse Behjet. — Levantar acampamento dá muito trabalho. Tenho certeza de que suas mãos encontrarão alguma coisa para fazer.



Kate Somente encontrou Mãe Daj ainda sentada na escada da carroça. O galo estava quase todo depenado, e Daj usava no turbante um ramo de penas lustrosas da cauda. Ela estava observando o trabalho de duas mulheres mais jovens, que batiam tapetes enormes, e de uma outra debruçada sobre uma caixa de utensílios variados. Aos pés de Daj, uma menina pouco mais nova que Kate estava areando uma panela. A menina ergueu os olhos brilhantes e francos como os de um pardal.

— Mãe Daj? — perguntou Kate, tímida. — Posso ajudar?

— Não tem nada que precise ser entalhado neste instante — respondeu Daj.

Kate engoliu em seco; uma rejeição tão rápida. Pareceu que Daj percebeu o estremecimento e adivinhou a razão. Seu rosto se enterneceu e ela disse:

— Drina, meu bem. Está quase terminando?

— Preciso ir buscar mais areia — respondeu a menina da panela. Também sua voz era como a de um pardal: cristalina e aguda, sem esconder nada. Seu nariz era estreito, a boca, larga, e os olhos grandes eram amendoados, como os de um gato. Apesar de ser mais nova que Kate, ela era mais alta e mais delicada: uma menina que nunca tinha sentido fome. Seu cabelo preto e comprido estava preso para trás com um lenço verde e amarelo; suas saias escuras eram bordadas com papoulas.

— Leve essa aqui — disse Daj, indicando Kate com um cotovelo, enquanto virava o frango.

— Essa é Kate, a Entalhadora, que seguirá com a gente por um tempo.

— Kate Somente — corrigiu ela.

— Hum, foi o que você disse. — Daj a encarou. — Como você preferir, menina. — Kate corou, e Daj sorriu com carinho e acrescentou: — Nossa Drina vai lhe mostrar o acampamento. Para você não ser pisoteada. — Ela levantou a cabeça flácida, cheia de penas, e com ela indicou as redondezas. — Com toda essa movimentação.

E assim Drina apanhou um balde vazio e levou Kate Somente na direção do rio. Elas passaram por cima da mureta de pedras soltas na borda da pastagem de carneiros e entraram no terreno abandonado que às vezes o rio inundava. O capim ali era alto e encurvado pela água. Bétulas novinhas tremiam e gotejavam na chuva fina. A calça de malha de Kate Somente ficou encharcada e pesada. As pernas compridas de Drina reluziam, molhadas, e suas saias caíam sem vida em torno dos joelhos. As duas meninas seguiam em silêncio, olhando disfarçadamente uma para a outra.

— Na verdade você não ia ser pisoteada — disse Drina depois de um tempo. — Daj estava brincando.

— Ah, foi engraçado — disse Kate. Estava falando sério, mas a frase saiu seca, e Drina riu.

— Seja como for, você deve estar acostumada a mais gente do que temos aqui.

— É, mas... — Kate Somente não sabia ao certo como explicar. — Geralmente eles não conversam comigo.

— Bem — disse Drina, dando uma volta completa no seu balde —, se você adotar os costumes dos nômades, não nos faltará conversa. Podem faltar muitas outras coisas, mas não conversa, é o que Daj diz.

— Daj é sua mãe?

— Ah, não! — Drina riu. — Ela é muito velha! Eu só a chamo assim. É como todos a chamam. É respeito.

— Chamam...? — Kate estava perdida.

— De Daj. Ah, você não fala a língua. Vai ter de aprender um pouco. *Daj* significa “mãe”. Mas ela não é minha mãe. Só cuida de mim, porque minha mãe morreu.

— A minha também. — Pela primeira vez Kate Somente ficou feliz em dizê-lo. Dava-lhe algo em comum com essa menina alegre, amada.

— Ah! — Drina parou de balançar o balde e ficou ali parada, com as saias tocando no capim ensopado. Parecia que não tinha pernas, como uma peça de xadrez. — Você sente falta dela?

— Não. Ela morreu quando eu nasci.

— Ah — disse Drina, e recomeçou a andar.

— Mas sinto falta do meu pai. — Kate Somente estava tentando manter o ritmo da conversa. — Ele morreu há quatro anos, no *skara rok*. Pegou a febre de bruxa.

E Drina — a Drina alegre e sorridente — respondeu com grosseria, quase rosnando:

— Não use esse nome!

Kate Somente sentiu seus ombros se retesarem e avançarem como que para proteger seu coração.

— Não usar o nome “*skara rok*”?

— Não use o nome “febre de bruxa”. As bruxas não criam febres, não fazem adoecer as vacas, não matam as lavouras, nem fazem nada desse tipo.

— Eu não disse que elas faziam. Mas a febre de... quer dizer, a doença. Todo mundo usa esse nome.

— Eu sei. — A voz de Drina agora estava mais suave. Elas tinham chegado ao rio pelo lado interno de uma curva larga, onde uma rampa de barro e seixos descia suave até a água. Drina foi andando pela margem, pisando com a delicadeza de uma garça e vendo suas pegadas se encherem de água. — Mas é que... com o *skara rok*, as pessoas procuram alguém para culpar. Gente feia. Forasteiros. “Branços de bruxa.” Nômades.

Entalhadoras, pensou Kate. Ela achou que sabia mais sobre ser perseguida e culpada do que Drina sabia, mas não disse nada.

O sinuoso rio Narwe estava fazendo mais uma curva. Havia uma pedra enorme a um passo ou dois da margem, no seu leito; presa nela, uma muralha de troncos e ramos emaranhados, restos de alguma antiga inundação, impedia que as meninas avançassem. Drina bufou de frustração:

— Nada por aqui!

— O que você está procurando?

— Areia. Areia limpa, para arear as panelas.

A raiva que Drina demonstrara um momento antes tinha se esvaído com a mesma facilidade de água que escorre de madeira impermeabilizada. Esse tipo de generosidade era algo novo para Kate Somente; ela não sabia como lidar com isso. Mas respondeu:

— Tem areia logo depois desse amontoado de galhos. — Ela indicou o emaranhado de madeira descorada. — É a que eu uso.

— Acho que até mesmo uma menina da cidade tem de esfregar panelas — disse Drina, dando um salto para passar por cima dos paus, manchando as pernas com musgo.

Kate Somente foi escalando com cuidado atrás dela.

— Só tenho uma panela. Uso a areia para alisar a madeira. Para entalhar. É isso que eu sou, uma entalhadora.

O chuvisco tinha se tornado intermitente durante a caminhada. Enquanto Drina recolhia a areia clara, Kate se descobriu em pé no borrão de sombra lançado pelo obstáculo de galhos mortos. Antes ela nunca tinha percebido como as sombras dão peso às coisas, fazendo com que pareçam sólidas, reais e ligadas ao chão. Sem a sua...

Ela entrou de mansinho na luz.

Sua sombra parecia estranha e rala. Não parecia que era lançada contra o chão, mas que

flutuava acima dele, como um nevoeiro. O que Linay dissera era verdade: ninguém perceberia isso de início. Era só uma pequena alteração incômoda, como o movimento quase imperceptível de um barco que aos poucos provoca um forte mal-estar.

— Pronto! — De repente do seu cotovelo veio a voz de Drina. Ela subiu escalando pela margem na direção do campo, e Kate foi atrás. Ao chegar à mureta da pastagem, Drina parou. — Se voltarmos agora, vamos ter de depenar galinhas. — Ela lançou para Kate um olhar sabido, amistoso. — Vamos ver se Behjet precisa de ajuda.

— Eu já perguntei a ele — disse Kate Semente, e logo se arrependeu, quando o rosto de Drina se entristeceu.

Drina esfregou um pé descalço na outra perna, sujando-a de lama.

— Bem. Vamos ver os cavalos de qualquer jeito. Só por um instante. — Ela deu um impulso para o alto da mureta e saiu andando sobre as pedras soltas, inseguras, com elegância e sem esforço. — Vamos! — Kate Semente foi andando ao lado dela, apesar de os pés de Drina estarem no mesmo nível que os ombros de Kate. Mesmo que ela pudesse ter andado sobre a mureta (e aos seus olhos parecia um feito de acrobacia), Kate não teria se atrevido. Aquilo poderia chamar atenção.

Os cavalos eram mantidos no piquete do outro lado do acampamento. Havia cerca de duas dúzias de cavalos de tiro: animais grandes, vigorosos, os motores das propriedades rurais e das cidadezinhas. Espalhados entre eles havia um punhado de pôneis de tração e alguns dos cavalos menores, mais velozes e mais exuberantes, para serem montados.

Drina pulou da mureta com um salto mortal, pousando os pés no chão com perfeição, e saiu correndo na direção deles. Kate foi cautelosa atrás dela. Drina estava afagando o focinho rosado e sardento de um cavalo de carroça. O cavalo era quase branco, mas salpicado de manchas amareladas, como manteiga boiando em leite.

— Esta aqui é Creme — disse Drina. Ela se abaixou, arrancou um punhado de capim e o ofereceu. A égua enrolou a língua na mão de Drina. — Ela é minha. — Drina olhou de esguelha para Kate Semente, deu um sorriso trêmulo e se corrigiu: — Quer dizer, ela é a minha preferida. Eu a ajudei a nascer. — Creme remexeu o maxilar e relinchou. Drina encostou a bochecha na reentrância entre as clavículas enormes de Creme. Seu rosto parecia nogueira tingida em contraste com o pinho novo e claro do pelo da égua.

Drina olhou para Kate Semente, com os olhos brilhando.

— Quer andar nela?

Kate Semente levantou o olhar para a égua, bem alto.

— Eu não sei.

— Eu ensino. Não é difícil, você só precisa se segurar.

— Eu... Não devíamos voltar?

— Devíamos. — Drina levantou os braços para envolver os ombros de Creme e beijou seu

queixo. A égua fungou e tocou o cabelo de Drina com os beijos. — Mas vou ensinar você a cavalgar logo, logo. Não se pode seguir com os nômades sem saber cavalgar.



Havia centenas de coisas a cuidar, milhares de coisas a fazer, quando se levantava um acampamento, e Kate Somente não sabia fazer nenhuma delas.

Ela não sabia desmontar um tripé de cozinhar e unir as três pernas para formar uma única haste de ferro, nem sabia onde guardar o tripé por baixo da carroça. Não sabia dobrar um tapete molhado para que ele não mofasse. Não sabia olear apetrechos para cavalos nem consertar arreios.

Havia ovos a colher e galinhas a pegar e guardar em cestas de vime, que eram depois empilhadas dentro de uma jaula tosca de ferro.

— Uma jaula de urso — disse Drina, com os braços cheios de penas cacarejantes. — Nós tínhamos uma urso que dançava, para as feiras. Ela morreu. — Kate Somente não sabia pegar galinhas.

— Vou lhe ensinar — ofereceu-se Braque, ainda cochilando no seu casaco.

— Amanhã — sussurrou ela, torcendo para conseguir mantê-lo calado todo esse tempo.

Os nômades içaram a jaula de ferro para cima de uma das carroças com uma talha. Kate não sabia usar uma talha. Ela não sabia por que uma única carroça era como uma pequena casa sobre rodas, construída de madeira maciça, enquanto as outras eram como tendas. Ela nem mesmo conseguia guardar a diferença entre as três mulheres: uma era filha de Daj e as outras duas eram algum tipo complicado de primas. Ela não tinha certeza de onde os homens estavam, nem se era permitido que falasse com eles, já que as outras mulheres não falavam.

Mas ela sabia arear uma panela, sim. Não era muito diferente de polir uma peça acabada, e era feito com um quadrado de couro dobrado, molhado e mergulhado na areia. Kate Somente esfregou as panelas até elas luzirem negras como a noite refletida no rio, e quando terminou os nômades estavam prontos para partir.

E quando eles partiram Kate Somente foi com eles.

A ESTRADA E A CHUVA

Apesar do que Drina tinha dito, dava para seguir com os nômades sem cavalgar. Na maior parte do tempo, todos andavam.

A caravana toda unida avançava lentamente pela estrada. As pessoas a pé iam na frente, por onde a estrada estava apenas pegajosa e sulcada pela água. Depois vinham os cavalos soltos, com os cavaleiros entre eles. E por fim, revirando a lama e o esterco fresco de cavalo, vinham as carroças. E atrás de todos vinha Kate Somente.

Andar atrás de todos foi ideia de Daj, para manter Kate Somente longe dos olhos, até que estivessem longe da cidadezinha.

— Assim fica mais difícil para algum tonto mandar você embora — dissera ela. Kate Somente ficou confusa; tinha achado que seu lugar entre os nômades era algo que Daj lhe daria. Mas, não, explicou Drina. Grandes decisões como aquela eram uma questão para os homens. — Não tenha medo, criança — disse Daj. — Confie em Mãe Daj. Eu sei liderar a partir da última carroça.

E assim Kate foi andando por último. A dificuldade era enorme. Ela tinha passado toda a vida sobre calçamentos de pedras arredondadas, e a lama da estrada era novidade para ela. A lama tentava agarrar seus calcanhares como uma criatura moribunda. Suas botas ficaram escuras com a água. Suas meias compridas ficaram molhadas, seus pés chapinhavam e logo desenvolveram bolhas. Mas ela não disse nada e continuou a andar.

Sua cidadezinha foi afundando atrás dela. Samilae. Kate nunca saíra dela antes, e nunca precisara pensar no seu nome. Seu pai, quando estava vivo, tinha sido simplesmente Pai. Morto, ele era Piotr, o Entalhador, e ela precisou dizer seu nome algumas vezes. E agora sua cidade natal era Samilae. Ela olhou para trás e a viu tornar-se um amontoado de telhados, com a agulha alta do *weizi* acima de todos — trabalho do seu pai, que lançava seu dedo de sombra na direção dela. Ela não chorou e continuou andando.

Drina passou o dia andando ao lado de Kate Somente e avançando veloz para ficar entre os cavalos, para então voltar outra vez em disparada. Ela dava estrelas por nenhum motivo e cantava como uma cotovia, lançando para o ar faixas de melodia. Uma hora ela deixou Kate Somente de cabelo em pé, ao cantar a canção que Linay estava cantando no cais, havia tanto tempo, mas tinha sido só ontem: uma canção triste sobre fantasmas no rio.

A chuva fina continuava a cair. Kate Somente ficou encharcada e começou a sentir dores: ela era forte, mas não estava acostumada a andar. As alças do seu cesto arranhavam seus ombros magros. Braque passou o dia dormindo no cesto, bem entre suas omoplatas. O calor dele fez com

que ela sentisse menos dor.

Por fim eles pararam, já bem depois do entardecer de verão.

Ao longo do dia, a paisagem tinha se reduzido a uma tira de campos entre o rio e a escuridão pesada dos montes cobertos de bosques. E agora não havia nada além de bosques e água.

Eles pararam num trecho de prado, fazendo cervos fugirem aos saltos para se esconderem nos bosques, e coelhos saíram em debandada. Houve uns movimentos de escalada entre as omoplatas de Kate, e daí a um instante surgiu um gato no seu ombro.

— C-co... — começou ele, e Kate teve certeza de que ele ia dizer “coelhos”, mas ele parou, deu uma olhada para o lado de Daj, que os observava, e disse apenas: — Miau.

— Ora — disse a velha —, esse é um ótimo jeito de viajar. Olá, rei dos gatos.

Braque empertigou-se e saltou para o chão, encaminhando-se para se enroscar nos tornozelos de Daj.

Os nômades armaram acampamento em dois círculos e fizeram duas grandes fogueiras. Mandaram Kate Somente e Drina buscar água e depois procurar galhos caídos para o fogo. Quando elas voltaram, os cavalos já estavam nos piquetes, as galinhas estavam soltas, os tapetes estendidos, as panelas borbulhando. Bancos de cavalete tinham aparecido. Kate Somente deixou-se cair num deles e tirou as meias úmidas. Seus pés estavam enrugados de tão molhados e tinham uma dúzia de bolhas totalmente brancas, grandes como impressões digitais.

— Gordura de ganso — disse Daj. Ela estava agachada junto do fogo, refogando rodelas de cebola numa frigideira. — Amanhã, vou pegar um pouco de gordura para suas botas não chuparem água. Tolice não pensar nisso antes. — Ela deu uma remexida na panela de gulache e se levantou, estalando as juntas. — Esta noite vamos à fogueira dos homens. Vou apresentá-la a Rye Baro.

Kate Somente ficou assustada com o “*apresentar*”. As pessoas eram apresentadas ao prefeito, aos mestres da guilda ou ao carrasco.

— Quem é Rye Baro? — disse ela.

— *Baro* quer dizer homem grande, e Rye é nosso *Baro*: o líder desses *vardo*, ou seja, carroças. Se você seguir conosco, caberá a ele julgá-la, caberá a ele mantê-la ou largá-la no mundo.

Kate levantou-se e endireitou os ombros magros.

— Ele vai me largar no mundo?

— Ah, não — riu Daj. — Ele não dirá não para mim.

Kate achou que ela não aparentava ter certeza absoluta.

— Sente-se e deixe-me ver esses pés, criança — disse Daj, com a voz retumbante. Kate sentou-se. Daj levantou os pés dela nas mãos. — Você não pode andar entre os homens sangrando — disse ela, e Kate viu que, realmente, um de seus calcanhares tinha uma bolha funda de onde escorria sangue. Ele não doía muito mais que qualquer outra parte do pé, e ela não percebera. Mas Daj o estava envolvendo num pedaço de um lenço verde. Kate ficou encabulada.

— Ele não está me incomodando.

— Entre os nômades, o sangue tem muito poder — disse Daj, balançando a cabeça. — Principalmente o sangue de uma mulher. Algumas mulheres conseguem fazer uma magia espantosa quando estão com o sangue. Sabendo disso, os homens ficam apavorados. Quando vem nosso sangue todo mês, eles nos forçam a permanecer sentadas, onde possam ficar de olho em nós.

— Mas eu não sou — disse Kate. — Não sei fazer magia. Não sou bruxa.

— E eu não sou um rato-almiscarado — disse Daj. — Mas nenhuma de nós duas vai andar por aí sangrando. Eu lhe explico nossos costumes, criança da cidade, quando me passar pela cabeça, mas, quer você os entenda, quer não, você deve respeitá-los.

— Eu... — começou Kate Somente, mas Daj fez com que se calasse, pondo um dedo na sua bochecha.

Kate descobriu que se concentrava na textura das mãos de Daj: tão calejadas e desgastadas com o trabalho que eram lisas e lustrosas, como a parte interna de um jugo de bois ou como a borda de uma forqueta. Lisa como poeira seca. As mãos do seu pai tinham sido um pouco daquele jeito. Fazia muito tempo que ela não era tocada por mãos semelhantes. Daj enfiou o cabelo crespo de Kate atrás das orelhas.

— Venha comigo agora, *mira*. Eu diria para você ser corajosa, mas isso dá para eu ver que você já é.



Daj foi na frente, de uma fogueira para outra, e Kate a acompanhou, sentindo a terra empapada e barrenta ceder sob seus pés como pão macio, sentindo o curativo no seu calcanhar começar a se soltar com a umidade. Ela estava tentando absorver o labirinto de normas que Daj estava lhe transmitindo: não passe entre um homem e uma fogueira. Não ande entre dois homens que estejam se encarando. Peça permissão para falar. Se você passar perto de um homem, recolha sua saia para que ela não roce nele.

— Eu não tenho saia — disse Kate. Ela estava usando, como sempre, o camisão listrado que tinha pertencido a seu pai. Ele chegava aos seus joelhos, mas não era de modo algum um vestido. Entre os numerosos lenços de cores vivas dos nômades, as listras da cor de ferrugem e de anil pareciam sem vida.

— Ah, é mesmo — disse Daj. — Bem, não se incomode, criança. Pois cá estamos nós. — E Kate acompanhou Mãe Daj enquanto ela entrava no círculo da claridade do fogo tão calada e solene como se estivesse entrando em uma igreja.

Havia apenas alguns homens ali. Kate Somente podia ouvi-los mais adiante, movimentando-se entre os cavalos. Mas, para sua surpresa, Behjet estava sentado numa pedra perto da fogueira, aparando madeira. Ele olhou para ela, com frieza e sem expressão, como se não a conhecesse. Isso

podia ser cortesia? Era como baterem uma porta na sua cara.

Daj levou-a aonde um velho estava sentado num banco entalhado e pintado. Seu rosto era sulcado como uma estrada no inverno. Uma bengala estava pousada ao lado de cada joelho; seus pés estavam quase dentro da fogueira. Daj fez uma mesura à sua frente, não com muitos floreios, mas como um maçarico poderia mergulhar o bico, rápido e natural, sem reverência.

— Se uma mulher puder passar entre vocês e falar — disse Daj. E então, sem esperar por uma resposta —, Rye Baro. Trago-lhe uma convidada. Esta é Kate Semente, a Entalhadora, de Samilae. Ela gostaria de seguir com os nômades.

Rye Baro tinha as sobrancelhas como lagartas antes de um longo inverno. Ele ergueu uma.

— Com estes *vardo*?

— Sim — disse Daj. — Ela é órfã, pelo que me disseram, e não tem aonde ir.

— Será que nós somos uma matilha de cães para aceitar desgarrados? — Kate Semente virou-se. O homem tinha o rosto de Behjet, mas a sua postura era diferente. Estava sentado, encolhido como um arco envergado.

— Então somos cachorros jogando conversa fora diante da fogueira? — Daj deu um cascudo carinhoso na cabeça do homem. — Demonstre boas maneiras, Stivo.

O homem — Stivo — encolheu os ombros. Gêmeos, percebeu Kate Semente. Behjet e Stivo eram os gêmeos que ela tinha visto vendendo cavalos na feira de Samilae, algumas semanas antes.

— Bem, não seria educado abandoná-la no meio do mato, seria? — disse Rye Baro. Ele tinha uma voz de lima fina: áspera, porém capaz de dar polimento. — Faz a gente pensar em como ela chegou ao meio do mato com os nômades, para começo de conversa.

— Hummm — disse Daj, com cumplicidade na voz. — É um mistério.

Parecia que ninguém estava intrigado nem muito surpreso.

— Behjet diz que a gente dela quer queimá-la por ser bruxa — disse Stivo.

— É — concordou Daj. — Ele disse isso também para mim.

A roda inteira voltou-se para Stivo e esperou. Ele atçou o fogo, fazendo com que fagulhas subissem em espiral para o céu escuro e chuvoso. O fogo chiou. Stivo nada disse. Uma tora estalou e se partiu. E Stivo continuou calado.

Por fim, Daj voltou a falar:

— Kate Semente é entalhadora — disse ela. — Precisamos de alguém que trabalhe com madeira.

— Nós nos saímos bastante bem, ao que me parece — retrucou Rye Baro.

— Se o *vardo* amarelo durar mais uma semana sem que o macho quebre, vai ser por obra da Madona Negra — disse Daj. — Mas eu estive pensando: ela pode fazer moedas de verdade virem para o nosso bolso.

— Agora andam entalhando moedas? — A luz do fogo dançou de um lado a outro do rosto de Rye Baro. — Eu não sabia.

— Ela faz *objarka*. — Daj envolveu Kate Somente com um braço, como uma asa em torno de um pintinho. — Dos melhores que já vi. Eles vendem bem, e por prata, não por cobre.

— Na feira de Toila? — disse Rye Baro.

— Era o que eu tinha em mente — disse Daj, concordando.

— Venha aqui, criança *gadje* — disse Rye Baro. Kate Somente deu um passo na direção dele e, orientada pela mão de Daj no seu ombro, se ajoelhou. O velho apontou para seu *objarka*, e Kate o tirou e o entregou a ele. Ele o apanhou e, como Daj tinha feito, o examinou em silêncio. Kate permaneceu de joelhos, com a calça chupando água do chão molhado, o rosto e as orelhas quentes onde estavam mais próximos do fogo. Por fim, Rye Baro baixou os olhos para ela. — A questão de queima de bruxas não é assunto nosso — disse ele. — É problema seu, e você não pode fazer com que caia sobre nós. Mas seu trabalho é bom. Levante-se.

Kate Somente levantou-se.

— Este é, portanto, seu dever, criança — disse Rye Baro. — Conquistar um lugar pelo seu talento, e moedas para seu clã. — Kate Somente recuou um passo, assoberbada pelo peso das palavras “*seu clã*”. Ela quase não ouviu Rye Baro acrescentar: — Esteja com os *objarka* prontos para Toila. E faça-os *burji*. Os tempos estão terríveis.

Burji. Enquanto os *objarka* atraíam a boa sorte, os *objarka burji* espantavam a má sorte. Eles tinham cara de demônios.

Kate Somente não tinha nenhum interesse em coisas feias, mas concordou:

— Sim, Rye Baro.

E quando estava de volta, junto da sua própria fogueira, ela levantou o rosto para receber o beijo da chuva.

Só muito depois foi que se lembrou do que Behjet dissera: *A mulher do meu irmão foi queimada como bruxa*. E ela se perguntou o que Stivo tinha visto naquela fogueira.



Os *vardo* dos nômades avançavam por um território despovoado. A estrada seguia sinuosa ao longo do rio e, onde as margens se tornavam pantanosas demais, voltava para dentro dos bosques. Havia cavaleiros ou carroceiros, mas só de vez em quando. Nos bosques, apenas filetes de fumaça de chaminé subindo retos para o céu cinzento lhes revelavam outras pessoas. No rio, eles às vezes viam um barco ou uma das pequenas balsas pintadas que faziam Kate Somente pensar em Linay, em pé observando enquanto ela pegava os peixes encantados. Havia uma verde que fazia sua cabeça virar de repente sempre que ela a via — mas ela estava sempre atrás deles, e nunca se aproximava.

Kate Somente passou gordura nas botas e envolveu os pés com ataduras, e logo conseguiu andar como uma nômade nata. Ela ajudava Drina com a água e a madeira, e nas longas noites

úmidas entalhava os *objarka burji*.

Kate Somente entalhava rápido e aprendia devagar. Ela aprendeu a montar a cavalo, ou pelo menos a se segurar em cima de um cavalo. Aprendeu a cozinhar gulache: um ensopado picante de pimentões e qualquer carne que pudesse ser surrupiada. Ela aprendeu a pegar galinha com a ponta em gancho de uma vara. Aprendeu a língua dos nômades e seus costumes, que eram muitos e complicados. Aprendeu, por exemplo, que cada acampamento devia ter um riacho, e cada riacho devia ter quatro baldes, e cada balde era usado para alguma coisa diferente: o primeiro, para beber e comer; o segundo, para lavar; o terceiro, para os animais; o quarto, para a latrina. Mas a mulher que estivesse sangrando deveria usar o quarto balde até mesmo para se lavar.

Ela passava grande parte do tempo confusa, mas Daj a chamou de *mira* outra vez, e quando ela perguntou a Drina o que significava, a menina respondeu:

— Quer dizer que ela gosta de você. Quer dizer que você é da família.

Família. Isso poderia tê-la mantido andando uns cem quilômetros. E ela andou muito mesmo. A região foi se tornando mais difícil e mais silenciosa, com os cervos pastando no meio da estrada. A chuva não parava de cair. As rodas dos *vardo* ficavam grossas de lama, e de noite as meias eram dispostas em varas diante da fogueira, como salsichas a serem tostadas. Era desastroso, mas em segredo Kate Somente estava satisfeita. Ela não precisava olhar para sua sombra.

De tempos em tempos, quando a chuva acabava em rajadas de chuvisco e sol, ela a via: via o que restava da sua sombra. A sombra se movia de modo diferente do seu. Ficava parada no ar, onde nenhuma sombra poderia ficar. Era longa demais, rala demais e às vezes apontava na direção errada. Ela a estava perdendo, e não sabia ao certo o que aconteceria quando a sombra sumisse.

De noite, Kate Somente dormia ao lado de Drina, com Braque na parte interna de um cotovelo. Ela fechava os olhos e o *vardo* parecia girar. Ela encostava suas costas nas costas quentinhas de Drina, puxava Braque mais para junto de si e escutava os roncões de Daj. Muitas vezes, ela sonhava que tinha duas asas. E uma estava apavorada, e a outra, feliz.



O tempo todo eles iam se aproximando de Toila, onde os nômades decidiriam se ficariam com ela ou a abandonariam. Dependia dos seus entalhes.

Kate Somente obedeceu a Rye Baro e fez seus *objarka* tão *burji* quanto conseguiu suportar, feios o suficiente para espantar até mesmo uma volta do *skara rok*. Ela fez um homem com focinho de porco, uma criatura com cara de morcego e orelhas comicamente providas de dobradiças, um rosto que não tinha nada a não ser dentes. Ela fez o rosto aos berros da mulher que tinha visto de relance sendo queimada na fogueira das bruxas. Fez o rosto impossível que via às vezes em sonhos, um vazio com olhos de cabelo. Eles venderiam, pensou ela. Sem dúvida, eles venderiam.

Braque, enquanto isso, tornava-se popular, matando ratos e trazendo um coelho para o acampamento todos os dias ao anoitecer, envaidecendo-se com os elogios — em silêncio, graças a Deus, apesar de à noite relatar os melhores pontos para Kate:

— Rye Baro diz que eu sou um príncipezinho. Ele partiu o osso da perna para eu poder comer a medula. Eles me adoram. E tenho certeza de que vão ficar com você também.

Mira, pensava ela, e se encantava cada vez que ouvia a palavra. *Eles devem ficar comigo. Família.*

Os *vardo* seguiam vagarosos pela estrada, enfurnando-se nas terras ermas. Kate Somente sempre soubera que Samilae era uma cidadezinha, muito distante de qualquer lugar. Mas não sabia como seria andar semanas sem ver ninguém, seguir uma estrada por uma floresta que parecia tão grande quanto a história do mar. Dentro do túnel dos galhos gotejantes a estrada era lamacenta, e suas botas tinham de ser untadas com gordura todas as noites para não apodrecerem. Ela também oleava suas ferramentas, mas mesmo assim a ferrugem as atacava.

De noite, o nevoeiro era denso e cheio de luzes, e, às vezes, de vozes.



Uma noite, o nevoeiro do rio chegou tão denso que os *vardo* ali pareciam ilhas, como barcos. Kate Somente sentou-se para entalhar, com Braque enroscado sobre os dedos dos seus pés, na escada do *vardo* vermelho, onde dormia com Drina e Daj.

O nevoeiro era tão denso que ela não conseguia ver o chão. Ele se encapelava, e quando Drina veio andando, ele ondulava à sua passagem. Drina deu um salto para se sentar ao lado de Kate e se acomodou ali. Braque abriu um olho, levantou-se, alongou o corpo como se fosse fazer uma longa viagem e deu então os dois passos até os pés de Drina, preferindo se jogar sobre eles.

— Traidor — reclamou Kate, cutucando-o com um dedo do pé. Ele encostou a bochecha no pé dela e lhe esfregou o dedo com o canto da boca, ronronando.

Drina baixou a mão e coçou Braque entre as orelhas.

— Quem dera eu tivesse um gato. Antes de minha mãe morrer, eu tinha um corvo.

Quando Drina disse isso, Kate de repente se lembrou de tê-lo visto. Ela estava trabalhando num pão aos pés do pai. A madeira que ele estava trabalhando era bétula clara. Tinha sido a semana na primavera em que as sementes aladas do bordo ficavam presas entre as pedras redondas do calçamento. Ela estava olhando os nômades se apresentarem em troca de moedas. Fazia quantos anos que aquilo tinha acontecido? Ela era descuidada, des-gatada e feliz. O espetáculo a deixara animada: um homem tocando uma rabeça, outro homem fazendo malabarismos e uma menina, um pouco mais nova que Kate, que tinha um corvo no ombro e dava saltos acrobáticos.

— Eu vi! — disse Kate Somente a Drina. — Você e o corvo. E... — Sim, ela agora se lembrava: seu pai tinha quebrado dois dedos quando um formão escorregou, e Kate tinha achado que era o fim do mundo. Um dos nômades era uma mulher jovem, de olhos tristes, mas um

sorriso permanente. Ela repôs os ossos no lugar e os acomodou numa tala, cantando o tempo todo uma música estranha, fluente.

— Isso vale prata de verdade — disse seu pai, encolhendo-se e mantendo a mão no alto, com o suor brotando no seu rosto como resina saindo do pinho quando ele está muito quente. — Você abafou a dor com sua canção.

A mulher riu.

— E é por isso que você está mais branco que eu, imagino. — Kate lembrou-se de que a mulher era branca-de-bruxa, como Linay: seu cabelo e sua pele eram da cor de linho clareado. Antes de começar a trabalhar, ela tinha feito dois anéis para Piotr, o Entalhador, coisas estranhas trançadas de salgueiro-chorão e do seu próprio cabelo branco. — Aceito cobre — disse a mulher —, e agradeço se não espalhar nenhuma história.

A mulher chamou a menina para si, e o corvo veio voando. E esse era o fim da lembrança de Kate.

— Eu vi você — disse Kate a Drina. — Você veio a Samilae antes de meu pai morrer, antes do *skara rok*. Você tinha um corvo e fazia acrobacias para as pessoas darem dinheiro.

— Eu ia a toda parte. — Drina inclinou-se para a frente. Braque rolou um pouco e deixou que ela esfregasse a reentrância do ossinho da sorte por baixo do seu queixo. — Eu ia a toda parte com o clã da minha mãe. Nós fazíamos acrobacias, cantávamos, líamos a sorte nos ossos e nos astros. — Ela se inclinou ainda mais para a frente, até seu nariz tocar no do gato. — Quando minha mãe morreu, meu pai me apanhou e veio para cá. Este é o clã dele. — Seu cabelo balançou em torno dela, e Kate não podia ver seu rosto. — Ninguém me perguntou nada.

— Havia uma mulher — disse Kate, hesitante, dominada pela lembrança, mas cautelosa. — Uma curandeira, uma branca-de-bruxa...

A cabeça de Drina subiu de repente, fazendo voar o cabelo solto.

— Era minha mãe! Você a conheceu?

— Eu... — começou Kate, mas exatamente nesse instante Braque, que já não estava recebendo carinhos, rosnou:

— Ai, por favor, não pare!

SEGREDOS E ROSAS

Drina levantou-se de um salto. Suas saias turbilhonaram e se enredaram, fazendo com que ela tropeçasse e caísse no chão. O nevoeiro se encapelava em torno dela.

— E-ele... — disse ela, ofegante. — O gato...?

— Ele o quê? — disse o gato, arrastando a voz.

— Falou. — Drina engoliu em seco.

— Drina... — Kate Somente estremeceu, e sua pele ardia. Ela estava disposta a implorar, mas não sabia ao certo o quê, nem como começar. — Drina, se você contar... se as pessoas descobrirem...

— Elas matarão você. — Os olhos de Drina se reviraram como os de um coelho assustado, pronto para fugir em disparada.

Tudo ficou tão quieto por um instante que Kate Somente pôde ouvir a chama no lampião atrás dela batendo suas asas.

— Sabe? — disse Braque. — Você estava quase chegando àquele lugar que coça por cima do maxilar.

— Braque — chiou Kate. E então, de repente, as palavras foram escapando: — Drina, *mira* Drina, por favor, não sou bruxa. Havia um homem, e ele era bruxo. Ele me forçou a lhe dar minha sombra. Foi ele quem fez Braque falar.

— Você está sob o efeito de uma maldição — disse Drina. — Ele a amaldiçoou.

Kate Somente nunca tinha encarado o assunto desse modo, mas fez que sim. Sua garganta quase tinha se fechado, e seu crânio dava a impressão de que poderia explodir, arreventando a pele.

— Eu vou... — A voz de Drina ficou embargada. Ela engoliu em seco. — Vou ajudá-la a desfazer a maldição.

Kate Somente arregalou os olhos para ela.

— Vai?

— Minha mãe... — Drina baixou os olhos para as mãos, esfregando o polegar no lugar do canto do degrau onde a tinta vermelha tinha descascado. — Minha mãe era bruxa. Acho que tenho o poder dela, e estava aprendendo quando ela... ela ia me ensinar. Mas eles a mataram.

— Eles... — disse Kate.

— Nessa cidade, Lov. Foi no *skava rok*, a febre de bruxa. Estavam queimando bruxas. Descobriram que ela tinha o poder e...

Kate lembrou-se de ter pensado que sabia mais sobre caça às bruxas do que Drina. Mas estava errada.

— Eles a queimaram — disse ela, para Drina não precisar dizer.

— Sim. Não. — Drina se sentou, e Kate pôde sentir o tremor que emanava dela, como água se encrespando com uma brisa. — Eles a levaram. Eles a machucaram até ela contar para eles... Não sei. Que ela tinha provocado a febre, acho. E então eles... eles a queimaram. Eles tentaram queimá-la. Mas ela tinha poder, poder de verdade. Ela se livrou e saiu correndo. Estava queimando, mas se jogou no rio e morreu afogada.

— Drina... — disse Kate, mas não conseguiu continuar.

— Por isso vou ajudar você — disse Drina. — Tenho poder e quero ajudar.

Kate fechou os olhos.

— Me ajuda — disse ela.



Tarde, no calor escuro do *vardo*, Drina e Kate Somente sussurravam, deitadas. A chuva batia no teto de lona, e Daj roncava a alguns palmos delas. Braque estava esticado entre as meninas, de barriga para cima, com uma orelha debaixo do queixo de cada uma, ronronando feliz. Kate Somente contou a Drina a história do cardume de peixes, do fedor no defumadouro, do machado na escuridão. A história dos motivos para ela ter trocado sua sombra por um punhado de anzóis.

Sobre o homem que tinha feito aquilo, que tinha tirado a sombra dela como quem tira a casca de um camarão, ela pouco falou. Naquela terra, dizia-se que bastava falar no demônio para ele aparecer. Linay. Kate não queria pronunciar seu nome.

— Sua sombra — murmurou Drina. — Mas... eu já vi. Sei que está sempre chovendo, mas... já vi você. Tem certeza de ter perdido sua sombra?

— Ele disse que seria lento. — Descrever desse jeito dava uma impressão horrível, como a de uma morte lenta. Ela tentou voltar atrás: — De qualquer modo, tenho certeza. Dá para eu sentir... como um saco com um furo. Derramando.

— Sangrando? — sugeriu Braque. — Como quando se morde uma criatura pequena perto da barriga. Elas vazam.

Kate não sentiu muita ajuda nessa observação de um perito.

— O que vai acontecer comigo, Drina? Sua mãe lhe ensinou...?

Drina ficou calada por um tempo. E depois falou:

— Quando minha mãe morreu... depois que minha mãe morreu, meu tio... — Atrás delas, Daj bufou e se remexeu dormindo. As duas meninas se retesaram e depois relaxaram, quando os roncos recomeçaram. Drina continuou, com a voz no mais baixo dos sussurros:

— Meu tio era bruxo também. Eles eram gêmeos, minha mãe e ele, e estavam sempre juntos; era como se os dois tivessem só um coração. Eu me lembro. Nós estávamos acampados do lado

de fora das muralhas de Lov, junto do rio. Quando minha mãe morreu, quero dizer. E ele a encontrou, encontrou o corpo, boiando ali, junto da comporta do rio. Todo, todo queimado e ferido, disse ele. Eles não quiseram me deixar olhar.

“Meu pai berrava sem parar. Mas meu tio ficou muito quieto. ‘Tem alguma coisa errada’, dizia ele. E não parava de dizer: ‘Tem alguma coisa errada com ela.’ E meu pai bateu nele. Ele disse: ‘É claro que tem alguma coisa errada, ela está morta!’ Mas meu tio... ele não queria que a enterrassem. E quando realmente a enterramos, ele se jogou por cima da cova, sem querer comer e sem querer falar.

“E finalmente ele disse: ‘Ela não está aqui. Não está descansando, não está aqui.’ Meu pai ameaçou matá-lo se ele não se calasse, mas ele não parou de falar. E disse: ‘Não se incomode, eu mesmo vou me matar.’ E ele era bruxo, sabe, o que quer dizer que era verdade. Tudo o que ele dizia era verdade, de alguma maneira.”

— E ele fez isso? — perguntou Kate Samente. — Ele se matou?

— Não. Ele pegou a própria sombra. É por isso que estou lhe contando isso. Ele fez uma corda com o próprio cabelo... cortou o cabelo inteiro e com ele fez uma corda. E ensopou a corda com sangue, seu próprio sangue. E esperou até amanhecer para fazer com aquela corda um nó corredio, e a jogou por cima da sua sombra, por cima do coração da sombra. E... isso eu vi, de verdade... a sombra ficou com um buraco, como se ele tivesse um buraco que atravessasse direto seu corpo, e a luz do sol passasse por ali. Esse pequeno pedaço de sombra se soltou, se solidificou, como um pássaro. E ele o pegou e o segurou na mão.

“E então ele a chamou, chamou minha mãe. Usou o nome dela. Quer dizer... nós nunca dizemos o nome dos mortos. Mas ele a chamou e disse: ‘Venha me dizer onde você está!’”

A respiração de Drina, ao repetir o grito do tio, soprou o cabelo de Kate. Daj voltou a se mexer, e as duas meninas ficaram paralisadas, em silêncio, escutando, como se fossem elas que tivessem acabado de invocar os mortos.

— Ela estava na terra sem sombras — disse Kate Samente. — Na terra dos mortos.

— Mas ela... alguma coisa... alguma coisa veio.

Uma rajada de vento soprou galhos contra o *vardo*; eles arranharam como unhas. Até mesmo o gato ficou calado.

— Ele pôs a sombra na língua dela — disse Drina. — E ela falou. Eu não ouvi. Ele não quis me contar o que ela disse.

Houve um longo silêncio. O teto de lona do *vardo* luzia fraco como a parte escura da lua, e essa era a única luz.

— Meu tio invocou o espírito da minha mãe só com um pedaço da sua própria sombra — disse Drina. — Uma sombra dá vida a um espírito, acho. Poder. Com uma sombra inteira... acho que um bruxo poderoso conseguiria ressuscitar os mortos.

— Deve ser por isso que... — A voz de Kate foi se calando.

— Por isso que tomaram sua sombra. Mas o que significa viver sem sombra... eu não sei.



As duas meninas ficaram cochichando até tarde da noite, dormiram bem juntas, com Braque entre elas, depois se levantaram, atiçaram as fogueiras, pegaram as galinhas e carregaram água. E daquele dia em diante andaram uma ao lado da outra.

Kate Somente tentou aprender as regras da magia, que eram mais estranhas e mais difíceis que as regras da vida entre os nômades. Na realidade, Drina não era boa professora. Ela mesma só sabia as coisas pela metade, e o esforço de se lembrar a deixava dividida entre a alegria das lembranças da mãe e o medo do destino dela.

Por isso, Kate aprendeu só um pouco. *A magia é uma troca de dádivas.* Essa era a primeira regra. Desse modo, o tio anônimo de Drina tinha renunciado a um pedaço da própria sombra para dar voz aos mortos. E desse modo Linay tinha precisado pagar com magia pela sombra de Kate. Daí, o gato falante.

— Uma pechincha — disse o gato —, a qualquer preço que fosse.

Toda grande magia exige uma grande doação. Mas mesmo pequenas magias pediam alguma coisa, disse Drina. E assim uma bruxa poria pequenos pedaços de si mesma num encantamento: cabelo, digamos, ou lágrimas.

— Sangue — disse Braque. — É sempre sangue.

Kate Somente olhou para ele com os olhos semicerrados.

— O que você sabe sobre magia?

— Eu — disse ele, em tom solene, enrolando a cauda sobre as patas, sentado majestosamente — sou um gato falante.

— Ele tem razão — disse Drina. — O sangue é o que há de mais poderoso. O sangue e a respiração. Molda-se a magia com a respiração: ela é entoada. É por isso que as bruxas não podem mentir, minha mãe dizia. O poder flui junto com as palavras. Mentir volta esse poder contra quem fala. É uma coisa verdadeira. Pode matar uma pessoa.

— Então seu tio... — Uma pergunta vinha crescendo na cabeça de Kate havia dias, crescendo à medida que sua sombra ia se tornando mais rala e se torcendo. — Ele morreu? Ele disse que ia se matar. Sem a sombra, ele morreu?

— Ele... — Drina fez uma pausa. — Ele enlouqueceu. Com o passar do tempo, o clã declarou sua morte. Ele foi expulso. Seguiu sozinho.

— Mas o que aconteceu com ele?

— Você não entende — disse Drina. — Nós declaramos sua morte. Ele morreu para nós. Seu nome está encerrado. Ele seguiu sozinho.

Era uma coisa de nômades, mas Kate Somente entendia mais do que Drina achava. Toila estava chegando. Em Toila, eles a testariam, e depois disso ela bem poderia ser expulsa. Quando

pararam outra vez, Braque aconchegou a cabeça por baixo do queixo de Kate e ronronou enquanto ela se agarrava a ele.

— Sozinha, não — disse ele, com voz grave. — Sozinha, não.



Os *vardo* avançavam a passo, se enfunando mais na região desabitada. Um dia, ao anoitecer, eles acamparam perto do casebre de um carvoeiro, nas profundezas da mata. Ele estava abandonado: as pilhas de madeira estavam cobertas de sujeira de passarinho, o portal negro tinha folhas do último ano amontoadas. Kate Somente não gostou do lugar, mas ele significava que ela e Drina tinham pouco trabalho a fazer: havia um poço d'água e madeira para queimar.

Kate estava quase sem madeira curada para entalhar. Ela vasculhou a pilha de madeira até seus braços ficarem cobertos com podridão-negra e seu rosto, pegajoso com teias de aranha. Ela não ouviu Drina às suas costas. Quando sentiu um toque no ombro, deu um pulo e bateu a cabeça com força num galho que sobressaía da pilha. Ela se sentou, sentindo-se mal. Braque deu um salto para o chão e encostou o focinho no nariz dela, enquanto ela se inclinava para a frente e tentava recuperar o fôlego.

— Desculpe! — Drina curvou-se timidamente sobre ela. — Você se machucou?

Os olhos cor de âmbar de Braque brilhavam a centímetros do seu rosto.

— Você quer que eu a arranhe para você?

Kate levou a mão à cabeça; o cabelo estava úmido, mas de chuva, não de sangue. Não havia nenhuma cordialidade.

— Não estou ferida — respondeu ela. E afagou o gato entre as orelhas. — Nada de arranhões.

— Eu só queria pedir para você me deixar trançar seu cabelo. — Do jeito que ela disse, a impressão era de que isso era algo perigoso. Kate Somente levou alguns instantes para se lembrar da história que Drina lhe contara sobre o tio recortando o coração da própria sombra: *Ele fez uma corda com o próprio cabelo e a ensopou com sangue...*

Kate Somente sentiu um aperto na garganta.

— Você tem certeza?

Drina demorou um instante para responder. Ela se sentou ao lado de Kate Somente no musgo úmido.

— Eu vi você, *mira*. Ontem, quando o sol se abriu um momento sobre o rio. Sua sombra... era como um rio que ia se afastando de você. Comprida demais. Fina como uma agulha. E ela apontava para o rio. *Na direção* do sol.

Carvalhos e faias pairavam acima delas, resmungando na chuva. Kate Somente olhou para suas mãos nodosas. Elas pareciam estranhas: o espaço por dentro dos dedos não continha sombra alguma, só mais ar cinzento, desbotado. Era como se não fossem verdadeiras.

— Precisamos fazer alguma coisa — disse Drina —, e tem de ser logo.

Kate Somente virou-se para olhar para Drina, e depois para além dela, para onde os fornos de carvão se erguiam como colmeias de sombra.

— Obrigada — murmurou ela. — Mesmo que não consigamos, obrigada.

— Agora! Não quero saber disso! — Drina levantou-se, sacudindo as saias para se livrar da sujeira e de repente falando com um jeito muito semelhante ao de Daj: — Você sabe que não vai morrer!

E assim Kate Somente se levantou e acompanhou Drina, que entrou no *vardo* vermelho, onde a menina mais nova se empoleirou no catre e escovou o cabelo de Kate, para então trançá-lo. Enquanto fazia isso, ela cantava, uma canção sem melodia, com sua respiração morna no couro cabeludo de Kate. Kate prometeu a si mesma que, não importava o que acontecesse, ela não se esqueceria disso: de ter seu cabelo emaranhado alisado com a escovação vagarosa, a sensação dos dedos quentes no couro cabeludo e depois os puxões e mexidas à medida que Drina fazia a trança.

O tempo todo Braque insistia que ele deveria ser o próximo, quando fossem mexer com pelo outra vez.

Quando tudo estava pronto, Kate Somente tinha uma pequena trança, da grossura de um dedo, caindo por cima das orelhas. Drina puxou-as para o alto da cabeça e as cobriu com um dos seus próprios lenços: um pedaço de pano azul vivo, estampado de estrelas. Ela o arrumou por cima da ponta das orelhas de Kate e o amarrou na nuca.

— Pronto. Agora você parece uma nômade.

— Nem tanto — disse Braque.

Nenhuma das duas lhe deu atenção.

— Deixe secar assim — disse Drina. — Mantenha o cabelo coberto. Não deixe meu pai ver.

Ela então se voltou para perseguir o gato com o pente, ameaçando trançar sua cauda. Os dois saíram em disparada, deixando Kate em pé, sem se mexer, sob a lona que chiava com a chuva. Ela podia sentir sua sombra se levantando e se contorcendo para se afastar.



Quando estavam levantando acampamento de manhã, Kate Somente procurou Daj para explicar que estava sem madeira.

Daj olhou ao redor para as árvores, para a pilha de madeira do carvoeiro. Expressiva, não disse nada.

Kate encolheu-se.

— Estou querendo dizer madeira curada. Madeira verde, madeira viva, encolhe quando seca. Se você entalhar madeira verde, o trabalho vai rachar.

E assim Daj roncou e resmungou, e levou Kate até a fogueira dos homens, onde encontrou Stivo encurvado, tomando chá, enquanto os outros homens oleavam arreios e apetrechos. Ela o

endireitou puxando-o pela orelha.

— Leve esta pequena pela floresta adentro — ordenou ela. — Ela precisa de madeira.

Stivo olhou em volta.

— Ela está com madeira até os joelhos.

— Madeira diferente — disse Daj. — Tenha educação e obediência à sua mãe.

E assim Stivo se levantou, apanhou a machadinha do acampamento e partiu relaxado, deixando Kate a trotar atrás dele.

— Você não precisa vir — disse ela, quando eles estavam longe dos outros. — Cuido de mim mesma há muito tempo.

— Trate de seguir os costumes dos nômades — respondeu ele. — Nós não andamos sozinhos.

— Sem falar nos lobos — acrescentou Drina, com a voz aguda, aparecendo com um balde pela metade de amoras-pretas.

— É mesmo, alguns. — Stivo balançou a machadinha à toa, como Drina balançava o balde.

— E por isso você vai ficar no acampamento, *cheya*.

— Mas Kate Somente vai.

— Ela precisa da madeira — disse Stivo. — Por algum motivo, a madeira que temos não é boa o suficiente.

Kate Somente pensou em explicar, mas permaneceu calada.

— Daj disse que eu podia ir — disse Drina.

— E eu digo que não pode, filha. Trate de voltar.

Drina foi parando, furtiva. Kate Somente ficou para trás com ela, e Stivo seguiu em frente na direção dos bosques, balançando o machado.

— *Stivo é seu pai?* — Ela nunca tinha recebido nada que não fosse delicadeza do próprio pai, e considerava a ideia de Stivo ser pai inimaginável.

Drina deu de ombros.

— Daj cuida de mim. — Mas é claro que era verdade. Behjet lhe dissera que a mulher de Stivo tinha sido queimada como bruxa. A mulher de Stivo e a mãe de Drina eram a mesma pessoa. E isso fazia de Stivo pai de Drina. E Daj sua... avó? Mais uma vez, Kate Somente desistiu de tentar entender quem era parente de quem entre os nômades. Para eles não parecia importante. Eles eram todos família, *mira*, clã.

Stivo, mais à frente, tinha se voltado para elas.

— Venha junto, *gadje!*

Uma família da qual ela não fazia parte. Pelo menos, não aos olhos de Stivo. Kate Somente deu um aperto rápido no braço de Drina e saiu apressada atrás de Stivo e seu machado.

Em torno do casebre abandonado o bosque era denso. Amoreiras emaranhadas se escondiam debaixo das saias das árvores, crescendo de um lado a outro de um muro esquecido de pedras soltas. Stivo estava sentado numa pedra grande, comendo amoras.

Kate Semente olhou em volta.

— Seja como for, está mais seco aqui — disse ela, puxando conversa. As árvores densas formavam uma proteção contra o chuveiro.

— Essa chuva é uma maldição. Os cavalos estão todos roendo as patas e fedendo ao mal dos cascos. Vai passar para a manada inteira, se a umidade não parar.

— Sinto muito.

— Não é sua culpa, é? A menos que você consiga mudar o tempo. — Stivo se levantou. — Vamos logo. Descubra sua madeira diferente.

Estava escuro embaixo das árvores enormes, e os espinheiros logo deram lugar a samambaias. Kate Semente entrou nelas devagar. Elas roçavam sua cintura, gotejando e farfalhando. Ela ouviu o movimento de alguma coisa grande atrás dela e olhou de relance por cima do ombro. Stivo a estava seguindo, mas não perto demais. Eles continuaram a avançar calados.

Por fim, ela encontrou a árvore certa. Uma noqueira tombada. Atingida por um raio, meio chamuscada, morta havia um ano. Ela teria os veios densos e estaria seca. Aceitaria bem um formão.

— Esta aqui — disse ela. Quando ela disse isso, o chuveiro parou mais uma vez e de repente a árvore caída foi atingida por um dedo de luz. Kate Semente ficou espantada por um instante, e então viu que naturalmente a queda da árvore tinha deixado um buraco no dossel da floresta, o suficiente para a luz entrar oblíqua. A luz a atingiu também e, por um instante, ela pôde ver como o que restava da sua sombra girava em torno dela, como ondulações na superfície da água.

Ela recuou para fora da luz e quase deu um encontrão em Stivo.

— Eu percebi — disse ele, e o coração de Kate Semente teve um sobressalto. — Percebi que você passa muito tempo com minha filha.

Kate Semente nada disse.

— Dá para eu farejar encrenca em você, Kate Semente — disse ele, balançando o machado. — Trate de não trazer nenhuma encrenca para a minha Drina. Ela é tudo o que me resta. Você está me ouvindo? Não quero que ela se perca por causa de alguma menininha que chamam de “bruxa”.

Ela se voltou para encará-lo.

— Não sou uma menininha. Sou Kate Semente, a Entalhadora. Vivo há muitos anos graças a meus próprios esforços. Sou melhor do que qualquer aprendiz e tão boa quanto muitos mestres. E não sou bruxa.

Ela então parou. Estava muito consciente do pano de estrelas azuis amarrado na sua nuca, e das tranças complicadas por baixo dele. *Não deixe meu pai ver*, dissera Drina. Esses eram os olhos dos quais ela tinha medo.

— Não sou bruxa — repetiu ela, tentando parecer segura.

— Melhor que não seja mesmo — respondeu ele. E lançou o machado, que passou pela orelha

dela. A lâmina atingiu fundo o coração partido da árvore.



Os nômades continuavam viagem, e Kate Somenté continuava a entalhar. A região de mata foi descendo, e as árvores começaram a rarear. Os *vardo* dos nômades saíram da floresta de volta para o vale do rio, onde Daj disse que eles estavam a menos de uma semana de Toila. Os morros ondulantes eram encimados por árvores, mas os vales abrigavam fazendas aqui e acolá. Era estranho ver construções depois de tanto tempo, e Kate Somenté se sentiu inquieta. Eram muitos os que poderiam ver sua sombra adoentada.

As tranças que Drina tinha feito em seu cabelo repuxavam seu couro cabeludo. Ela podia sentir o rio puxando por sua sombra, ou sua sombra a puxá-la na direção do rio. A sensação era como a de acordar de um pesadelo e voltar a cair no sono, sabendo que ainda estava ali, à espera, logo abaixo da fina superfície do sono: alguma coisa faminta e voraz.

Por isso, ela tinha um sono leve, cochilava quando estava trabalhando e fazia coisas estranhas, quando meio acordada. Era o que ela estava fazendo no crepúsculo, encostada num toco em algum campo sem cultivo, quando voltou a si e encontrou Drina ao seu lado.

— Não quero sua ajuda — disse Kate Somenté sem pensar.

Drina reagiu como se tivesse sido atingida, dando um pulo para trás. Kate Somenté, ainda acordando, estendeu a mão para segurá-la.

— Não, espere, Drina... Eu só quis dizer... — Ela guardou o formão e esfregou os olhos. — Seu pai disse...

— Meu pai... — começou Drina, feroz, cheia de raiva, mas nesse exato instante o pequeno Ciri veio na direção delas, ainda aprendendo a andar. Ele era o jovem príncipe dos nômades, garoto de dois anos, o favorito da dúzia de crianças nuas e brincalhonas que perseguia galinhas e pegava carona nos cavalos nos acampamentos de nômades. Agora ele trazia Braque numa chave de pescoço.

— Socorro — disse o gato, rouco.

Drina abandonou a raiva e puxou para seu colo o menino e o gato.

— Ciri, Ciri — disse ela, e passou para a língua dos nômades, um fluente esforço de convencimento no qual Kate Somenté captou apenas a palavra *gato*. Ciri desdobrou os cotovelos e Braque se esparramou, com os olhos esbugalhados.

Kate Somenté pegou-o no colo e coçou os pelos em volta do seu pescoço.

— Obrigada por não matá-lo. — A essa altura ela sabia agradar um gato: elogiar tanto a sua ferocidade quanto sua civilidade.

Braque envaideceu-se.

— É só um filhote. — Ele recompôs sua dignidade ao redor de si com algumas lambidas cuidadosamente colocadas. — Se não fosse assim, eu teria deixado tantos arranhões nele que ele

ficaria com escamas como um peixe.

— Gato! — balbuciou Ciri, estendendo a mão.

Braque deixou-se acarinhar com grosseria e em seguida, agarrado pela orelha, lançou um olhar amarelo para Ciri.

— Eu tenho meus limites.

— Fala! — disse Ciri, com a voz aguda. — Gato fala gato.

Kate olhou de relance para Drina.

— Vai ser só uma história — respondeu Drina. — Ele está sempre contando histórias. Não se preocupe, Kate Samente.

Ela se aproximou, cambaleando, com Ciri no colo.

— Mais alguns dias, Kate Samente. Tem um lugar perto de Toila onde a gente sempre para. Lá nós duas vamos ter nossa própria tenda. Escuridão e silêncio. — Ela girou o menino para carregá-lo nas costas. — Venha, *mira*, vamos procurar sua *dajena*. — Ela se voltou para olhar para Kate mais uma vez. — Não se apavore.

Mas Kate estava apavorada. *Toda grande magia exige uma grande doação... Ele fez uma corda do cabelo e a ensopou com seu próprio sangue... E o que Linay tinha dito: O sangue atrai coisas. Seria tolice atrair sua própria sombra para você.*

— Sangue — disse ela.

— Salsichas, eu acho — disse Braque, farejando o ar. — Pegue uma para mim, por favor? — Mas ele subiu no colo de Kate e deixou que ela mergulhasse o nariz no seu pelo macio e músculos vigorosos.



A alguns dias de distância de Toila os montes foram se espalhando numa vasta planície. O carvalho e o abeto deram lugar ao salgueiro e ao amieiro, e, mais adiante, a campos e jardins. Sob o olhar carrancudo dos lavradores e pastores, os nômades seguiam com cuidado, os cinco *vardo* mantendo-se em fila como contas num fio. Mas no dia seguinte seu estado de espírito tornou-se mais animado.

— Esta noite vamos parar na propriedade de Pan Oksar — explicou Drina. — Ele é *gadje*, mas amigo nosso. Ele tem cavalos. — Ela estava quase pulando de felicidade. — Vamos ficar lá com ele.

Tem um lugar perto de Toila onde sempre paramos, dissera Drina. Esse devia ser o lugar. Um feitiço de sangue e cabelo.

— Quanto tempo... — começou Kate Samente.

— Tempo suficiente para a lama endurecer nas rodas — disse Daj, da escada traseira do *vardo* vagaroso, gemedor. — Mais ou menos uma semana, e depois mais alguns dias para chegar a Toila.

— Nós podemos... — começou Drina, mas Daj a interrompeu:

— Podem, *mira*, vocês duas podem dividir uma tenda, se quiserem.

O rosto de Drina iluminou-se. Ela deu um aperto rápido no braço de Kate e um olhar significativo para o lenço azul de estrelas que escondia as tranças do feitiço. Mas nesse momento dois meninos que vigiavam gansos começaram a zombar dos nômades e a jogar pedras nos cavalos. Na confusão, as duas meninas foram separadas. Elas não tiveram condição de se falar enquanto não chegaram aos portões pintados de vermelho da fazenda de Pan Oksar.

Para Kate, a fazenda de Pan Oksar parecia incrivelmente próspera, quase uma pequena cidade. Havia construções separadas para os animais e para as pessoas, um pomar e um jardim, uma casa só para as galinhas. Pelos espaços verdes, cavalos perambulavam. Em torno de tudo havia uma sebe de roseiras vermelhas, alta como uma casa, grossa como uma muralha de cidade. Os nômades entraram pelo portão, cantando, e as pessoas da casa saíram todas para recebê-los.

Eles falavam uma língua que Kate não conhecia, e seus trajes eram estranhos para ela.

— Ninguém gosta deles, porque os seus costumes são diferentes — explicou Drina. — Exatamente como os nômades. Ninguém gosta de nós também. Por isso, nós temos de gostar uns dos outros.

Os nômades pararam os *vardo* assim que passaram pela sebe, com arcos de rosas roçando as coberturas de lona. E pela primeira vez desde que Kate Somente se juntara a eles, eles começaram a fincar tendas no chão: uma para cada casal, uma para o solteiro Behjet e o viúvo Stivo, uma para Daj e as crianças menores, e uma para as “donzelas”, como Behjet as chamava: Drina e Kate.

— E eu? — resmungou o marido de Daj, Wen. — Não quero dormir com todos aqueles filhotes que não param de se mexer!

Kate Somente lembrou-se de ter visto Daj e Wen de mãos dadas, beijando-se nas sombras entre a fogueira dos homens e a das mulheres, e adivinhou o verdadeiro motivo do seu desapontamento. Ele ainda estava lançando olhares para Daj quando Behjet e Stivo o levaram para dentro.

Kate Somente não ficou muito impressionada com as tendas. Elas eram feitas só com alguns salgueiros jovens, desgalhados para se transformarem em postes, e depois curvados e enfiados no chão nas duas pontas. Um pedaço de lona passava em volta dos postes, e alguma corda prendia toda a estrutura — apesar de não muito bem. Elas eram abafadas e o piso era de lama. Kate Somente, que tinha dormido anos numa gaveta, teria preferido dormir no *vardo*. Mas Drina abriu os braços para tocar nas paredes de cada lado, como se lhe tivessem dado um palácio.

— Com o povo da minha mãe, eu ficava na tenda das donzelas. Mas aqui não há outras donzelas. Todos são casados. Por isso, eles me fizeram cuidar dos pequenos. — Ela começou a armar uma pequena fogueira no meio do espaço. — Estou feliz por você ter vindo, Kate Somente.

Kate descobriu que sua garganta se contraía. Ela queria responder *Eu também estou feliz*, mas

de repente isso pareceu uma coisa impossível de dizer.

— Este é o lugar? — perguntou ela. — Para fazer o feitiço?

Drina ficou séria... quase totalmente. Um sorriso de prazer ainda estava tentando repuxar as bordas do seu rosto, como gavinhas de cabelo tentando sair encaracoladas por baixo de um lenço.

— Enquanto tivermos paredes, sim. Para que ninguém nos impeça.

Seu jeito de falar fez Kate se perguntar se talvez alguém não deveria impedi-las.



Mas é claro que ninguém impediu. Eles tinham parado, Kate Somente descobriu, para a monta dos cavalos, um projeto que exigia tanto riso como conversa séria e ocupava a atenção de todos. Havia também negócios humanos: troca de notícias e de mercadorias, de canções e de histórias. A fazenda de Pan Oksar era um lugar alegre e movimentado, mesmo com a lama e a chuva interminável. Foi assim que, quando Drina acendeu a fogueira no centro da sua tenda, tornando as paredes douradas e o pequeno espaço aconchegante com a luz tremeluzente, pela primeira vez de que Kate Somente conseguiu se lembrar, elas estavam totalmente sozinhas; e era provável que continuassem assim.

Drina inclinou-se para a frente, alimentando as chamas novinhas com gravetos e lascas. A fumaça e os lampejos de luz passavam em espirais pelo seu rosto moreno.

A mesma luz atravessou Kate, ondulante, e ela sentiu que se encrespava como água. Ela pôs a mão no pelo quente e liso de Braque.

— Quer dizer — disse o gato — que vocês vão fazer comida?

Kate Somente não disse nada. Sentia uma dor em torno dos olhos porque ela os vinha mantendo muito arregalados.

— Vi minha mãe fazer isso — explicou Drina, parecendo embaraçada, hesitante. — Havia uma mulher que tinha perdido a memória. Minha mãe a trouxe de volta e a prendeu à mulher com uma corda de cabelo. Ela a prendeu com o cabelo e a chamou de volta com...

Drina parou. Fez-se silêncio, e a madeira molhada estalou e espirrou.

— Sangue — disse Kate.

Drina fez que sim.

— E fogo? — perguntou ela.

— Fogo — disse Drina. — Vai-se recolhendo o feitiço devagar, sabe? — disse ela, e Kate pôde ouvir o fantasma da voz da mãe de Drina à medida que a menina nômade repetia alguma coisa que ela mesma não tinha formulado. — Como uma árvore recolhe o sol. Mas para soltá-lo todo de uma vez... o fogo é um dos melhores métodos.

— Realmente parece uma pena não cozinhar alguma coisa — disse Braque, que via somente um uso para o fogo.

— Mais tarde. — Kate Somente pôs a mão nas costas do gato. — Drina, você tem certeza...

— começou ela, mas então viu como o fogo atizado lançava as sombras nítidas de Drina e Braque contra a parede da tenda. Sua própria sombra estava espalhada por toda a lona iluminada em arabescos que se contorciam, fina como a fumaça ao meio-dia. Ela fechou os olhos e sentiu que a luz a atravessava como flechas.

— ... tenha medo — dizia Drina, quando Kate a ouviu de novo. — São só algumas gotas.

Kate Somente respirou fundo.

— O que fazemos primeiro?

— Cortamos fora as tranças — disse Drina. — Posso usar seu formão?

Kate entregou-lhe o formão e desamarrou o lenço de estrelas azuis. Ela não pôde deixar de se retesar, quando Drina veio se aproximando com o formão erguido, e recuou quando a sombra de Drina caiu sobre seu rosto. As tranças ardiam e repuxavam nas suas têmporas enquanto Drina tentava serrá-las com o formão. Por fim, elas se soltaram: as tranças cortadas estavam enroladas na palma da mão de Drina como duas cobras jovens.

— Só me deixa... — disse Drina, inclinando-se novamente na direção dela, o formão tremendo na sua mão. Kate Somente encolheu-se, mas, antes que entendesse o que estava acontecendo, Drina já tinha cortado o alto da sua orelha.

Kate Somente sufocou um grito e tapou o pequeno ferimento com a mão.

— Desculpa, desculpa! — Drina afastou a mão de Kate dali e pôs a própria mão no lugar. — Mas é um dos melhores lugares para tirar sangue. Vem um monte de um ferimento pequeno, e dá para cobrir as cicatrizes.

O sangue morno escorria fino por trás da orelha e descia pelo pescoço de Kate.

— Tudo bem — disse ela. Estava sentindo as cordas sedosas do seu próprio cabelo em contato com a pele. Quando Drina as afastou, as tranças reluziam aqui e ali, onde o sangue as tinha molhado.

Kate apalpou o ferimento. Realmente era apenas um talho mínimo; ela mal conseguia senti-lo.

— E agora?

Drina estava tremendo, mas abriu um breve sorriso.

— Agora isso. — Ela atirou as cordas de cabelo no meio do fogo.

O cheiro desagradável de cabelo queimado encheu a tenda de imediato. O silêncio ficou tenso, como a membrana de um tambor. O pelo de Braque se eriçou numa grossa coluna ao longo da sua espinha. Em seguida, Drina começou a cantar.

Era uma canção grave, balbuciada, murmurada, uma canção que um rio poderia cantar. Kate Somente não sabia dizer se a melodia não tinha letra ou se ela não conhecia a língua. Era melancólica como uma lembrança antiga e fez Kate se lembrar — de repente e com tanta clareza que pôde sentir o cheiro — do momento em que seu pai tinha morrido. Ele a chamara pelo nome, mas seus olhos já estavam vendo a terra sem sombras. E ela não soube — e nunca viria a saber — se ele estava chamando a ela ou a sua mãe.

Cantando, Drina debruçou-se por cima do fogo.

— Sombra, sombra, sombra... — dizia a canção.

O ar estava denso com a fumaça. As lágrimas no rosto de Kate Somente estavam frias; todo o resto dela estava em brasa. Contra a parede da tenda giravam sombras: a de Drina, fina, a de Braque, dançando, e uma terceira...

Um barulho horrível veio do fundo da garganta de Braque.

Kate Somente ficou olhando a terceira sombra; ela prendia seus olhos. Deveria ser sua sombra, mas não era. Era sinuosa e se movimentava como uma cobra-d'água. Ela soube nas suas entranhas que aquela não era uma simples sombra, mas alguma coisa fria, alguma coisa morta e úmida que deveria estar descansando. E embora sua fogueira fosse a única luz, ela achou que a sombra não estava sendo lançada a partir da chama, mas estava se aproximando da chama, vindo de fora da tenda.

— Criatura! — O gato berrava e cuspiu. — Criatura!

— Drina — disse Kate, sem fôlego. — Para!

Drina voltou-se e olhou por cima do ombro para a coisa que tinha capturado os olhos de Kate. Ela ficou paralisada. A canção parou. A sombra se estendeu.

Em seguida, Kate despejou a água da chaleira em cima do fogo.

O vapor e a fumaça subiram. As duas meninas começaram a tossir. E a sombra sumiu.



O ar na tenda ainda cheirava a cabelo queimado.

Kate Somente estava tentando persuadir o fogo a subir a partir da poça de cinzas, sem muita sorte. Até mesmo os gravetos só geravam fumaça. Ela pegou um galho e começou a desbastar aparas encaracoladas, deixando-as cair nas brasas sibilantes, uma a uma.

Braque estava dando voltas ao redor da tenda como um leão em torno da borda da jaula.

— Uma criatura — chiou o gato. — Faz com que eu me sinta faminto e molhado. Detesto isso! Criatura!

— Não era a minha sombra — disse Kate. — Era alguma outra coisa.

— Você não sabe — disse Drina, com a voz trêmula de medo.

— Mas eu sei — disse Kate. Ela ainda sentia no cabelo o arrepio da presença da coisa.

A chuva caiu pelo buraco por onde saía a fumaça e chiou nas brasas. O fogo que lutava por se manter aceso voltou a se apagar. A tenda mergulhou de novo na escuridão.

— Eu... — disse Drina. — Eu não imaginei. Desculpe.

— O que você não imaginou?

— Que o sangue... — Drina engoliu em seco. — Que o sangue pudesse invocar mais de uma coisa. Nós... chamamos para a escuridão. E não sabemos o que respondeu.

— Ah — disse Kate.

Elas se aproximaram mais no escuro.

— Em Toila — disse Drina, depois de muito tempo. — Na grande feira de Toila, há vendedoras de talismãs. Minha mãe conhecia algumas delas. Umas são realmente... outras têm verdadeiro poder. Nós vamos... nós podemos perguntar a uma delas como fazer para chamar e ter certeza de que é a sua sombra que vai responder.

— Não — disse Kate.

— Kate Somente. Precisamos tentar.

— Não.

Houve um som confuso na escuridão, e depois de um instante, um clarão amarelado. Drina tinha encontrado a lâmpada de sebo na sua caixa de pertences e a acendera. A pequena chama dançava no bico de barro. Kate olhou para ela por um tempo. Braque subiu no seu colo, alisando o pelo, apesar de ela ainda poder sentir músculos diminutos se contraindo ao longo da espinha dele.

Com a luz familiar, acolhedora, as duas meninas ficaram sentadas juntas até sua respiração se acalmar. Pareceu que haviam se passado horas.

— Drina — disse Kate. — Drina, é perigoso demais. Mesmo que... Não quero que você sofra. Por minha causa.

Drina ficou sentada em silêncio por um instante, levando espirais de madeira à chama da lâmpada e as deixando cair, acesas, nos gravetos úmidos.

— Você se lembra — disse ela — que eu lhe contei que minha mãe era uma curandeira. E que para fazer uma magia importante era preciso dar alguma coisa? Foi por isso que o seu mago teve de lhe conceder um desejo quando pegou sua sombra.

— Drina — disse Kate Somente. — O que você está querendo me dizer?

— Minha mãe — respondeu ela. — Você não entende? Uma curandeira deve fazer uma doação para realizar uma cura. Uma curandeira doa sua própria vida, aos poucos. É o que minha mãe fazia. E eu quero, eu quero ser como ela. Quero ajudar você. Não importa o que aconteça.

Kate ficou olhando os gravetos de madeira queimarem e mandarem para o alto suas tiras de fumaça, tentando compreender.

— Amanhã — disse Kate, por fim. — Amanhã, vou pedir para mostrar meus *objarka* a Rye Baro. Em Toila podemos vendê-los e descobrir alguém a quem perguntar.

Drina fechou os olhos e fez que sim com pequenos movimentos da cabeça, velozes como os de um beija-flor.

— Mas, Drina, não vou conseguir manter esse segredo. Alguém vai ver. Logo, alguém vai ver. É melhor contar antes que alguém veja.

— Só mais um pouco — implorou Drina. — Depois de Toila.

Kate Somente concordou em silêncio.

— Será melhor estar com a prata de Toila. Quando tivermos de contar. A prata irá... talvez

eles fiquem comigo de qualquer maneira, se tivermos prata.

— Além disso, posso trazer coelhos bem grandes — disse Braque. — Possivelmente um cervo pequeno.

— Isso vai ajudar — disse Kate, e o aconchegou ao peito, sentindo seus olhos arderem com o que ela disse a si mesma que era fumaça.



Kate Somente pretendia ir ao clã no dia seguinte, mas o que houve foi que ela não pôde. Seu sangue mensal de mulher tinha chegado pela primeira vez. Com o rosto ardendo, ela procurou Daj para descobrir o que fazer.

— Uh-uh! — Daj cocoricou como um galo, quando compreendeu o que tinha acontecido. — Nós, os nômades, a engordamos!

Kate Somente só ouvira falar de porcos serem engordados para o abate. Parte da sua confusão deve ter aparecido, porque Daj continuou:

— Bem, você tinha passado fome, *mira*, quando veio nos procurar. Qualquer pateta podia ver. A fome atrasa a chegada do sangue. É difícil assumir seu poder quando se está com fome. Se você tivesse tido mãe, saberia disso. E se você fosse minha, que bolo eu não lhe faria. Com amoras e mel, e talvez faça, de qualquer modo.

O enrubescimento de Kate estava passando da vergonha para o prazer, mas Daj não tinha terminado de falar.

— É claro que você não pode contar aos homens. E vai precisar se sentar afastada.

Daj fez o bolo, sim. Mas Kate ficou frustrada. Ela não podia ir até Rye Baro para mostrar seus *objarka*. Não podia ir de modo algum à fogueira dos homens, nem mexer a comida, nem buscar água. Todas as vezes que tentava fazer alguma coisa útil, ela deparava com alguma regra nova, e passou longos dias sentada num banco de cavalete, com o trabalho de entalhe no colo. A sebe de roseiras gotejava nela. Creme tentou comer seu cabelo.

Era estranho não andar e não trabalhar. Kate Somente sentia-se mal-humorada e boba, mas o horror despertado pela criatura que tinham invocado estava desaparecendo.

Drina ia se alegrando a cada dia e logo estava se sentando ao lado de Kate Somente, fazendo pequenas trouxas de penas, gravetos e flores, escondendo-as nas dobras da saia sempre que alguém olhava para o lado delas.

— Talismãs — disse Kate. Eles a deixavam preocupada. Linay os chamara de tolice, e ela tinha a impressão de que ele sabia o que estava falando. E ela achava que eles poderiam atrair a atenção dos olhos errados. Mas não sabia como dizer nada disso a Drina. Contentou-se em perguntar:

— E se seu pai vir?

— Ora — disse Drina, bufando, como Braque quando uma pata dele se molhava. — Ele está com os homens de Oksar, ficando bêbedo e falando da chuva como se fosse o fim do mundo.

Parece que há uma doença do sono ou coisa semelhante. Todos estão alvoroçados como pintinhos debaixo de um falcão.

Drina arrancou um fio vermelho das papoulas puídas bordadas na sua saia. Ela o cortou com os dentes e depois amarrou a trouxinha, com um puxão.

— Nós precisamos deles. Eles vão me ajudar a encontrar a pessoa certa: alguém que saiba como invocar uma sombra. Não podemos simplesmente ir à feira e perguntar. Essas trouxinhas mostrarão meu dom, para quem souber olhar.

— Além disso — disse ela —, elas se somarão à sua prata.



Eles ficaram mais três dias com Pan Oksar, e então desarmaram as tendas, arrearam os cavalos, bateram a lama das rodas e partiram pela estrada para Toila. Na primeira noite na estrada, Kate Somente foi com Daj à fogueira dos homens, para apresentar seu *objarka*.

Kate Somente fez uma reverência, ajoelhou-se e ofereceu o *objarka* a Rye Baro com as duas mãos.

Ele o apanhou com as duas mãos e o levantou.

Kate Somente tinha trazido apenas um *objarka* para mostrar: sua melhor peça. Era um rosto humano com olhos de coruja, provido de galhada e com um sorriso sedutor. Ela permaneceu de joelhos e observou enquanto Rye Baro encarava os olhos da criatura. Ela podia ouvir a voz do seu pai: *A magia de entalhar está em dizer às pessoas a verdade*. O que aquela carnuda boca de madeira estava dizendo?

Era a boca de Linay, ela percebeu abruptamente. Era por isso que a assustava.

O rosto de Rye Baro estava impassível. Nenhuma outra pessoa falava. A inspeção se prolongava. Daj mexeu-se atrás de Kate, rangendo de joelho para joelho.

— Pela Madona Negra, Rye! — disse ela. — Não provoque a criança!

Rye Baro riu.

— Bem, ela não sabe que é boa? Bom trabalho! — Ele entregou a peça entalhada para Daj. — Você tem um dom, Kate Entalhadora. Suas mãos sabem das coisas.

Daj olhou para o entalhe.

— É bom nem começar a descrever. É lindo, *mira*. A seu próprio modo horrendo, é claro. Essas mãos têm talento.

— Talento demais — disse Stivo, pegando o entalhe. — Os *gadje* não reconhecem o talento. Eles não vão pagar por ele. Mas é bom — e aqui ele sorriu para ela, ao mesmo tempo com zombaria e como uma oferta de paz —, menininha.

— Logo saberemos o que os *gadje* têm a intenção de comprar — falou Rye Baro. — Seguiremos para Toila amanhã. E tem aquele potro de montaria que você domou sem perícia,

Stivo. Xeri, o que come. Veja se você consegue se desfazer dele antes que fiquemos encalacrados com a sua alimentação durante o inverno.

— Ah — disse Behjet, vindo ajudar o irmão, Stivo. — No fundo Xeri é um bom animal. Vamos lhe dar um banho no rio e escová-lo até ele brilhar. Toila inteira vai cobrir os olhos para se proteger do seu brilho.

Eles enveredaram pelo assunto dos cavalos, Kate Somente se levantou em silêncio e voltou para o *vardo* vermelho, onde Braque estava mantendo sua cama aquecida.

E no dia seguinte eles seguiram para Toila.

sete

TOILA

Toila era maior do que Samilae e tinha três feiras: a feira dos animais, a feira dos vegetais e a feira das escadas. Que, explicou Drina, naturalmente não vendia escadas, mas se localizava na larga escadaria do celeiro do dízimo, perto do rio.

— É uma cidade — disse ela, como se *cidade* fosse outra palavra para dizer “maravilhoso”. E deu uma cambalhota, só porque podia.

Braque a imitou: uma torção cinza e um lampejo de prata.

— É uma cidade — ecoou Behjet. — E numa cidade os nômades precisam ter cuidado. Lembrem-se disso, meninas. Fiquem juntas.

Behjet e Stivo conduziram o potro de tração por uma viela com calçamento de pedras arredondadas, com seus cascos ecoando ocos nas paredes de pedra dos prédios muito próximos dos dois lados. Kate nunca tinha visto tanta pedra. Ela e Drina pareciam pequenas no meio daquilo tudo.

— Por aqui — disse Braque, e partiu tranquilo com a cauda enrolada no alto. — Estão vendendo bolinhos de peixe!

Elas o acompanharam por um caminho de pequenos ângulos e curvas, encontrando apenas santos de rosto fino em nichos, que nada guardavam. Para Kate, já há tanto tempo entre os nômades, as figuras que ela um dia entalhara pareciam desconhecidas. As meninas começaram a pensar que estavam perdidas. Mas então a viela fez uma curva e, através de um arco de madeira, desaguou na feira.

Enorme e barulhenta, a feira as fez parar, boquiabertas. Bem diante delas, longas peças de tecelagem caseira em tons de ferrugem, ocre e índigo panejavam ao vento que vinha do rio, lançando pequenos borrifos d'água, recortando a vista em relances confusos. Bancas de especiarias. Aves canoras gritando em gaiolas. Rodas empilhadas. O cheiro de metal queimado de uma ferraria; o fedor de um curtume. Havia bancas e mantas no chão, carrinhos de mão e gente por toda parte. O *weizi* da cidade subia agudo do centro da feira, como uma árvore que permaneceu de pé numa floresta destruída. Cenas de comércio estavam entalhadas nos lados dele.

Drina estava grudada em Kate, já sem confiança. Braque estava parado entre os pés de Drina, com a cauda em pé e os olhos redondos e brilhantes.

— Mexam-se! — veio uma voz por trás delas.

Uma carrocinha de mão colidiu com as costas de Kate, amassando seu cesto. Kate Somente cambaleou, e do carrinho caíram jarros e copos de metal, com estrondo, nas pedras arredondadas.

O carroceiro olhou para elas, furioso. — O que temos aqui? Uma ratazana caipira e uma nômade batedora de carteiras? Apanhando uma fresca, meninas? Olhando a paisagem? Seja como for, fechando o caminho.

Kate Somente tinha se abaixado para recolher os jarros, mas diante dessas palavras ela se empertigou. Pegou o cotovelo de Drina e as duas foram embora, como duas senhoras.

O carroceiro antipático tinha pelo menos ajudado Drina a encontrar a língua.

— A grande feira de Toila — disse ela — se realiza somente três vezes por verão. Portanto, não pode ser sempre tão... assim.

Isso pareceu tranquilizá-la. Elas foram se embrenhando na multidão e no barulho, à procura de algum lugar para vender os entalhes de Kate Somente.

As meninas instalaram-se em um lugar na parte mais baixa da escadaria larga — um lugar privilegiado que os outros vendedores tinham deixado de ocupar por ele ter sido recentemente brindado por algum cavalo. Drina, no fundo uma amazona, chutou dali os caroços de bosta sem nenhum traço de nojo. Ali perto um violinista de cabelos brancos estava tocando por esmolas. O coração de Kate Somente teve um sobressalto, mas em seguida o violinista se virou, e ela viu seu rosto. Não era Linay.

— Nós devíamos ter trazido um cobertor — disse Drina, libertando Kate do seu foco concentrado no violinista. — Para seus talismãs.

— *Objarka*, não talismãs — corrigiu Kate. — Eles não são mágicos. Não tenho uma manta, mas trouxe o saco de dormir no meu cesto. — Ela detestava a ideia de pôr a pele limpa do saco de dormir nas pedras sujas de esterco, mas foi o que fez. Organizou os rostos entalhados a uma distância harmoniosa e, quando tinha acabado, olhou para cima. Não havia nenhuma multidão reunida, mas alguns transeuntes olhavam de relance, crispando a boca e erguendo as sobrancelhas. Isso bastou para Kate, que havia passado a vida inteira numa feira, saber que seu trabalho ia vender.

Kate Somente sentiu sua boca ir se abrindo num sorriso e, para escondê-lo, voltou a olhar para baixo, para os rostos horríveis dos *objarka* dispostos diante dela.

— Vai dar tudo certo — disse, baixinho, quase para si mesma.

— Eu lhe disse! — Drina abriu um sorriso e deu um salto mortal para trás.

Braque também saltou e ricocheteou nas botas dela. O gato voou, contorcendo-se no ar como uma fita de prata, e aterrissou com perfeição sobre as quatro patas. Alguém deu vivas. E eles repetiram o número.

Drina parou para estender um lenço de esmolas e amarrar as saias. Depois, ela e Braque dançaram e deram saltos, luminosos como um par de libélulas. Drina estava longe de ser a única acrobata na feira, mas Kate Somente poderia apostar que Braque era o único e melhor gato acrobata no mundo inteiro. Formou-se ali uma aglomeração de gente. Entre eles, alguns paravam para olhar os *objarka*. Kate Somente entrou no tranquilo vaivém da negociação, que era

semelhante a uma serra manejada por dois serradores, e por algum tempo ela se sentiu mais feliz do que nunca.

Quando parou de dançar, Drina estava corada e ofegante. Braque, todo envaidecido nos seus braços. Copeques se espalhavam no lenço aos seus pés.

— Olhe! — disse ela. — E você?

— Três — disse-lhe Kate, e abriu com timidez a mão, deixando que Drina visse as moedas de prata que suas três vendas lhe renderam.

— Eu sabia! — exclamou Drina, radiante. — A sorte estará conosco aqui, Kate Somente. Você ganhará sua prata e eu encontrarei — ela baixou a voz e olhou de relance ao redor — nossa resposta. — Ainda reluzindo com o suor e respirando com esforço, ela desamarrou as saias e prendeu o lenço de um lado a outro dos ombros.

Kate tinha agora passado bastante tempo entre os nômades e sabia que Drina era jovem demais para usar o lenço cruzado sobre o corpo. Esse era o traje de uma mulher, o lenço e o turbante. Quando Drina puxou o cabelo para o alto, ela assumiu um poder que Kate mal conseguiu vislumbrar, e que não entendia. Drina estendeu a borda do lenço para formar uma bolsa.

— Dê-me os pequenos; vou perambular pela multidão.

Enquanto Kate Somente apanhava alguns dos seus *objarka* menores, Drina abriu a bolsa do seu cinto e dela retirou os talismãs que tinha feito: trouxinhas de gravetos de bétula, milefólio, ervas e penas amarradas com fio vermelho e crina branca de cavalo. Kate olhou para elas.

— Você tem certeza?

Mas Drina estava quase rindo de alegria.

— A sorte está conosco — disse ela, mais uma vez.

E, assim, Kate Somente pôs os pequenos *objarka burji* na faixa de Drina, como ervilhas num avental, e ficou olhando enquanto ela se afastava, subindo os degraus largos, apinhados de gente.



Kate ficou olhando Drina por um tempo, morena e cheia de vida entre o povo pálido e desanimado de Toila nos seus marrons e bege. Com seu turbante vermelho, ela sobressaía como uma papoula num trigal. Ela se movimentava com uma ondulação felina que Kate não a tinha visto usar antes, e cantava enquanto andava, tecendo um encantamento de notas sem palavras. Braque, elegante como um galgo, a acompanhava de perto.

Drina estava ocupada. Ela deixava os rapazes porem a mão no seu avental e lhes contava histórias sobre os pequenos e horríveis *burji* que eles tiravam. E com as mulheres mais velhas ela trocava sussurros, moedas e dedos que apontavam. Estava usando as trouxinhas como um passaporte, em busca da bruxa verdadeira... alguém que pudesse ensiná-las a chamar para dentro da escuridão e ter certeza do que responderia.

Mas a feira estava lotada de gente muito barulhenta, e Kate logo perdeu Drina de vista. Sem as acrobacias para prender sua atenção, a maré de gente ao redor da sua manta tinha se dissolvido, mas mesmo assim ela estava sendo alvo de mais interesse do que havia calculado. Algumas pessoas lançavam olhares rápidos na direção dela ou dos seus entalhes, mas algumas diminuíaam o passo, algumas paravam por um instante, e outras paravam mesmo.

— Nunca a vi por aqui antes.

O homem que se agigantava acima de Kate Somente era careca, mas tinha suíças longas como um bagre. Seu *zupan* escuro estava coberto com figurinhas feitas de peltre: bolotas e anjos, nós e criaturas da noite. Havia centenas delas. O homem tilintava levemente nas rajadas molhadas do vento.

— Nunca vi você, não é? — disse ele.

— Eu nunca estive aqui mesmo — disse ela, dando de ombros.

— Não estive — grasnou ele. — Não estive na famosa feira? Na grande feira? Na grande feira de Toila?

— Não.

— Não estive — repetiu ele, e Kate começou a se perguntar se ele era simplório ou maluco.

— Não, não estive. Eu a teria visto. Teria visto — sorriu ele, e de repente pareceu terrivelmente são — um trabalho tão primoroso.

Kate Somente nada disse.

— Um pouco de bruxa nesse seu formão, não é, menina?

— Entalhadora — disse ela. — Sou entalhadora.

— Mas faz *objarka*. — Ele ergueu os braços, com imponência, e os objetos de peltre retiniram por todo o seu casaco. — Eu vendo *objarka*.

— Não tão bons quanto os meus — disse Kate. — Mas não se preocupe. Não voltarei aqui.

— Não volte — disse ele, virando-se para ir embora.

— Hum! — bufou Kate consigo mesma. Braque era uma péssima influência.

— Ele não pode impedi-la de vir aqui — disse a mulher na manta seguinte. Ela estava vendendo cestos redondos, e tinha as mãos de cesteiro: calejadas e duras como raízes. — A grande feira é para todos. E nós precisamos de talismãs melhores do que os que Stanislaus vende. — Ela lançou algum tipo de maldição de dedos para as costas do homem-bagre, que se afastava. — *Objarka* uma ova! Eles deveriam atrair a sorte, mas esse homem não conseguiria atrair abelhas com mel.

Kate Somente, baixando o olhar para os rostos horríveis dos seus *objarka* grandes, sentiu que sorria.

— É isso aí — disse a mulher. — Dá para você ver por si mesma, sem dúvida. No trabalho dele não há magia. — Ela tocou a orelha com o dedo; no alto tinha um talho estranho, no mesmo lugar onde Drina tinha cortado Kate. Essa era uma bruxa? — Peltre — zombou a mulher.

— Não se pode atrair sorte com lata. É preciso usar uma lâmina.

— Sou apenas uma entalhadora — disse Kate outra vez.

A mulher olhou para ela, avaliando a situação, com o dedo ainda beliscando a orelha.

— Se é o que você diz...

Daí a um instante outro homem parou. A frente do seu *zupan* era brilhante e dura, com bordados. Ele olhou um pouco, depois se curvou e apanhou o rosto de focinho de porco.

— Sorte! Não sei se eu mesmo entraria na minha própria casa se para isso tivesse de passar por esse camarada aqui. O que você quer por ele? — E ele lhe deu oito moedas de prata, sem chegar a regatear.

— Esse era o mestre da guilda dos alfaiates — sussurrou a cesteira, quando ele se foi. — Agora, você vai vender. Espere só para ver.

E de fato foi engrossando o fluxo de fregueses ao seu redor, e pessoas de todas as classes chegavam para ver seu trabalho, levantando a cara e passando os dedos pela madeira lisa dos entalhes. Ela vendeu quatro dos seus *objarka* grandes e ganhou um bom dinheiro. Mas depois, de repente, a multidão se espalhou, debandando como um campo cheio de estorninhos, sem nenhum motivo que Kate pudesse perceber. Ela se descobriu olhando para um único par de boas botas e o punho de uma espada. Levantou os olhos e viu um homem com uniforme de vigia da cidade.

— Não aceitamos bruxaria na feira — disse ele.

— Eu não faço nada disso.

— E sua amiguinha? — perguntou o vigia. Por um instante, ela achou que ele estava falando de Braque, e sentiu o estômago revirar. Olhou para a cesteira, cujos olhos estavam arregalados de medo. — A menina toda faceira com as trouxinhas — disse ele. — A menina dos nômades.

Kate Somente engoliu em seco e olhou bem à sua frente. Isso lhe deu uma boa visão da espada do vigia, que batia contra o seu quadril.

— E então? — insistiu ele.

Mas Kate não conseguia pensar em nada para dizer.

— Fale com ela — disse o homem com mais delicadeza. — Queimaram uma mulher aqui na semana passada.

Quando ele se foi, Kate Somente tentou captar o olhar da cesteira. Mas a mulher, pálida, virou o rosto para o outro lado.

Kate Somente ficou sentada tremendo no seu saco de dormir com as três máscaras à sua frente, sem saber o que fazer. Ela se levantou e não viu Drina em nenhum lugar. Olhou e olhou. Seus olhos se iluminavam a cada lampejo de vermelho, mas nenhum era o turbante vermelho que Drina estava usando. Ela tentou gritar o nome de Drina, e sua voz ficou embargada na garganta.

As pessoas ainda se apinhavam em torno da sua manta, mas agora os olhares eram para ela e não para seu trabalho, e alguns eram quentes, e outros eram frios. Kate Somente baixou o olhar para o *objarka* que tinha o rosto de uma mulher sendo queimada. Ela mudou o peso de um pé

para outro.

— Vá atrás dela — disse a cesteira. — Apresse-se.

E assim Kate Somente recolheu o saco de dormir e o enfiou, com os *objarka* e tudo, no seu cesto. Ela o levou às costas e seguiu correndo para o centro da feira. Não encontrou nada a não ser confusão. Seus pés escorregavam nas pedras molhadas. Ombros e cotovelos esbarravam nela. Cabeças e carrocinhas de mão impediam sua visão.

Ela escalou de qualquer jeito os degraus que levavam à plataforma de onde o *weizi* se erguia. Tinha esperado ver lenha para a fogueira empilhada em torno da coluna, mas não havia. Eram só as figuras entalhadas do próprio *weizi*: homens descarregando barcos, um pouco grandes demais para serem humanos, os rostos muito estreitos, os membros compridos demais. A partir da plataforma do *weizi* ela conseguia ver a uma pequena distância. Alguma coisa estava acontecendo perto de uma das vielas. A multidão, inquieta, tinha começado a fluir naquela direção. Kate viu o homem-bagre com o casaco tilintante indo para lá, levando consigo um padre, a mão no cotovelo do sacerdote.

Kate Somente saltou da plataforma e abriu caminho lutando com as poças e o esterco. Uma ponte de uma casa para outra formava um lábio de madeira acima de onde uma via desembocava na praça. Havia um espaço de sombras por baixo da ponte. Diante *dele* havia uma muralha de costas humanas e gritos.

Kate ouviu um grito estridente. O berro de um gato.

Ali perto ela ouviu o homem-bagre falando com o padre ofegante:

— ... as trouxas do demônio, santo padre, com meus próprios olhos...

As trouxas do demônio, pensou Kate. *Os talismãs de Drina*. Mas ela não conseguia ver nada, a não ser a aglomeração de costas.

De repente, Braque veio avançando de qualquer maneira por cima da cabeça e dos ombros dos homens reunidos. Deixou atrás de si um rastro de sangue e maldições.

— Katerina! — urrou ele, apesar de que, na algazarra, só ela soube que era ele. O gato saltou para o alto do seu cesto, cuspiendo, com o pelo duro como uma escova. — Katerina! É...

— Cale a boca! — disse ela, grosseira. Os talismãs enfeitiçados de Drina. Suas perguntas secretas. — É Drina. Ela está viva?

— Quando eu saí, estava.

— O que é isso, então? — perguntou o padreco, mas a multidão estava tão apinhada que eles não se viraram, nem conseguiriam se voltar.

Kate olhava para eles em desespero.

— Precisamos passar.

Ela podia sentir o bafo quente de Braque na sua nuca quando o gato se remexeu no alto do cesto, com os músculos se retesando.

— Vem comigo — disse ele.

E antes que ela pudesse pensar em fazê-lo parar Braque lançou-se contra a multidão.

As garras dianteiras furaram o ombro dela quando ele saltou; as garras traseiras roçaram sua orelha. E então ele começou a lutar para passar pelas cabeças e ombros da multidão compacta. Ele estava com as garras de fora e rangendo os dentes. Estava enorme, com os pelos em pé e rugindo como uma pantera. Os homens — os homens que ele já tinha ferido — gritavam e uivavam, e batiam e se acotovelavam para escapar dele. A muralha de corpos se abriu. Kate Somente acompanhou o gato como um soldado acompanha sua lança.

Cotovelos a atingiam. Pés se enganchavam nela. Ela tropeçava e avançava pela turba acalorada e pelo mau cheiro humano. Alguma coisa dura atingiu sua têmpora. Outro golpe nas costelas. Um peso se fincou no peito do seu pé. E então, de repente, ela estava do outro lado. Ofegante, machucada, apavorada. Mas do outro lado. Num espaço pequeno cercado pela multidão, pelos muros da viela, e por uma carroça com um cavalo histérico, que empinava, impedindo a passagem.

O que ela viu...

Foi um relance de horror e sangue como uma cena de um sonho. Kate Somente berrou antes de Drina. Mas os berros não a tiraram do sonho.

Ela viu um homem segurando Drina pelo cabelo. Ele puxava sua cabeça para trás como se fosse lhe cortar o pescoço. Estava com um cutelo de açougueiro. E talhava a orelha de Drina, cortando-a do alto para baixo. Sangue por toda parte. Mais sangue do que se ele lhe tivesse cortado o pescoço. Uma cor viva, doentia. Um cheiro de abatedouro. Drina berrava, berrava como um cavalo com uma lança fincada nas entranhas. Kate gritava. Empunhando seu pequeno formão, ela investiu contra o homem. Braque aproximou-se correndo, pulou para cima do seu cesto e saltou, passando por ela, direto para o homem do cutelo. Estava cinza e magnífico, um anjo da vingança. O açougueiro soltou Drina e se encolheu. Kate segurou a amiga num braço e girou, encostando-a no muro. Drina se encolheu, rasgada por soluços. Kate encarou a multidão.

Para ela, eles eram só olhos e dentes, só cuspe e vozes. Demorou um momento até eles se tornarem pessoas: um homem com um olho cego, outro cujo pescoço estava grosso com os calombos e feridas úmidas da escrófula. Os mais pobres da feira.

Aos pés de Kate, Drina. Seu lenço e sua saia estavam rasgados. E alguém tinha cortado rente seu cabelo. Seu turbante estava enredado em torno do pescoço. Tinham batido na sua boca, que estava cheia de sangue. Sangue da sua orelha pendurada ensopava metade da sua cabeça.

Muita coisa havia acontecido, mas o tempo não tinha passado. O cavalo ainda estava empinando, o carroceiro lutando para segurá-lo no chão. Braque mantinha-se entre as meninas e a multidão, chiando, enorme. Os agressores tinham hesitado um instante, mas já estavam se recuperando, tentando avançar.

Os mais pobres da feira, pensou Kate outra vez. E soube o que fazer.

— Prata! — gritou ela, com a voz embargada. — Prata para quem nos deixar passar!

Kate Somente podia ver nos rostos à sua frente a ganância em conflito com a medonha sede de sangue. Drina tinha se levantado um pouco e estava grudada aos joelhos de Kate. Kate a içou por uma axila e, com a outra mão, abriu sua capanga. Moedas reluziram em sua mão. Era mais dinheiro do que ela jamais tinha visto na vida. O dinheiro destinado para ela comprar um lugar para si.

— Qualquer dinheiro ganho pela magia pertence à Igreja — veio a voz esganiçada do padre.

— Pode pegar, então! — gritou Kate, jogando as moedas de cobre e prata por cima das cabeças da multidão.

Todos se voltaram, engalfinhando-se. Kate e Drina dispararam na outra direção, passando espremidas pelos cascos do cavalo, para entrar na escuridão da viela, com Braque nos seus calcanhares, deixando espalhadas entre os montes dos cabelos escuros de Drina, batidos pelo vento, algumas pequenas trouxas e caras de demônio.



Drina soluçava e tropeçava enquanto Kate a puxava.

— Depressa! — disse ela, arquejando. — Depressa!

Braque disparou à frente como um raio. Vozes ladravam como cães de caça atrás delas.

E então alguém agarrou Kate pelo cotovelo e a puxou com violência por um portal. Ela se sentiu cega com a redução da claridade. Seu salvador era um vulto escuro em contraste com a luz da porta. Depois a pessoa se virou, com Drina nos braços. Era a cesteira.

— Silêncio um instante — sussurrou ela.

As três ficaram bem juntas, escutando. Os perseguidores se aproximaram, passaram por ali e foram embora, desaparecendo.

Kate afastou-se um pouco e bateu com a canela numa tina onde varinhas de salgueiro estavam de molho. Cestos parcialmente trançados cutucavam seus cotovelos. Havia um forte cheiro de ervas.

— Pronto — murmurou a mulher, enquanto Drina soluçava baixinho. — Não tenham medo. Eles não vão encontrá-las. Na realidade, eles não vão olhar.

Ela fez Drina se levantar e apertou o canto do turbante contra a orelha cortada, gotejante.

De repente, Braque apareceu à porta.

— Eles se foram. Deixei que me perseguissem. Eu os conduzi como um raio de sol e desapareci como uma sombra.

Ao ouvir a voz do gato, a cesteira respirou fundo, com um som como o de uma espada sendo desembainhada. Mas nada disse.

Kate Somente pegou Braque no colo.

— Precisamos sair da cidade.

— Precisam — disse a cesteira, amarrando apertado o turbante sobre a orelha de Drina. —

Saiam e não voltem. — Ela passou o dedo pelo talho na sua própria orelha. — Também fui marcada assim, minha pequena.

Drina grudou-se a ela e escondeu seu rosto de Kate.

Kate continuou parada um instante, sem saber o que fazer, escutando a rua silenciosa e olhando para os restos dos cabelos negros de Drina.

— Vou — sugeriu ela — à feira dos animais. Vou pegar Behjet. E seu pai.

— Não olhe para mim — disse Drina.

E assim Kate pegou Braque e foi embora.

O ACAMPAMENTO NO PÂNTANO

Kate Somente encontrou Behjet e Stivo na feira dos animais e balbuciou o suficiente da história para fazer Stivo sair correndo. Kate começou a segui-lo, mas Behjet a segurou pelo ombro para detê-la. Suas mãos tremiam um pouco, mas ele mantinha seus movimentos calmos, enquanto punha uma sela no potro de tração. Eles montaram juntos, com Behjet atrás e Kate espremida entre ele e o pescoço pulsante do cavalo. Saíram de Toila tranquilamente, para não atrair olhares. Mas, depois de passar pelos portões da cidade, eles seguiram a galope.

Quando Behjet soltou as rédeas, o cavalo quase empinou e, com um tranco, disparou. Kate agarrou-se à crina até os pelos ásperos cortarem seus dedos. Por baixo dela, o cavalo pisava pesado. A estrada perdeu a nitidez. Seu cesto, com Braque dentro, batia no seu joelho. Às suas costas, ela sentia a respiração forte de Behjet. Os braços dele atingiam suas orelhas, e as rédeas chicoteavam seu cabelo. Ainda assim, ela se arriscou a se inclinar para o lado e a olhar para trás.

— Ninguém está nos seguindo! — gritou ela, com a voz levada pela velocidade.

— Ainda não — disse Behjet. — Se começarem a falar... se lembrarem que ela é uma menina nômade... bem. Todos saberão que ela não chegou a Toila sozinha.

Os nômades já estavam levantando acampamento quando eles chegaram. Behjet puxou as rédeas de Xeri, que bateu as patas. Uma das filhas de Daj veio até eles, esvoaçante.

— Eles estão aqui. Daj está com ela, no *vardo* vermelho. Stivo também.

— Drina está muito machucada? — perguntou Behjet.

Com os arquejos fortes do cavalo, Kate se abaixou para poder ouvir.

— Na orelha, e um dente ou dois... mas não muito. Stivo está fora de si.

Behjet fez que sim. Os músculos dos seus braços em torno de Kate estavam retesados, salpicados de lama.

— Nós vamos na frente. Precisamos encontrar um lugar que seja pelo menos um pouco afastado da estrada. — Ele cutucou Xeri com os calcanhares, e o cavalo tentou virar a cabeça para dar uma mordida em Kate. — Diga a Daj que vou marcar a trilha.

A mulher nômade assentiu.

— Você acha... que eles vão vir? Os que a machucaram? Ou o guarda?

Mas Behjet espicaçou o cavalo, e eles seguiram para a estrada sem responder.



Behjet conseguiu controlar o cavalo mal-ensinado, e eles seguiram mais devagar. De poucas

em poucas centenas de metros Behjet escolhia uma bétula e fazia uma marca rápida na casca branca: a trilha que tinha prometido. Para se manterem perto das árvores, eles avançavam pelo canal de drenagem à beira da estrada. Não falavam; Kate procurava recuperar o fôlego e pensar.

Em Samilae, tinha sido ela que os caçadores de bruxas queriam. *Isso é problema seu, e você não pode fazer com que caia sobre nós*, dissera Rye Baro. E Stivo: *Trate de não trazer nenhuma encrenca para minha Drina*. Mas era isso que ela havia feito. Ao deixar Drina tentar ajudá-la, Kate tinha tornado a amiga um alvo para a turba. Behjet não sabia o suficiente para culpá-la, mas Drina sabia... e Stivo a culparia, mesmo sem saber que devia. Era bom que Kate contasse alguma coisa a Behjet, mas era difícil saber o quê.

Braque conseguiu pôr a cabeça para fora do cesto de bagagem de Kate, exatamente a tempo de levar um monte de água na cara, quando Xeri pisou num lugar fundo na vala.

Braque voltou a se esconder com um berro, e Behjet reprimiu um sorriso.

— Daria para jurar que ele sabe falar. Isso aí pareceu um xingamento. Desculpe, gato. — Um lugar mais fundo levantou mais água, encharcando a calça de malha de Kate e provocando mais reclamações abafadas no interior do cesto. Behjet repuxou as rédeas, e as espáduas do cavalo se avolumaram, crescendo por baixo dela. Eles saíram da vala com esforço e seguiram pela estrada. — Meio molhado, ali — disse Behjet. — Essa chuva está interminável.

— Eles... — Kate controlou a respiração. — É verdade que eles não vão vir atrás da gente? Na cidade, eles não estavam procurando.

— É muito provável que não. Mas as pessoas têm ideias estranhas, quando o sol se põe. Às vezes histórias sinistras dominam seus corações. E aquela cidade está com problemas.

Behjet conduziu Xeri mais para perto da beira da estrada. Uma garça-real levantou voo da vala, e o cavalo empinou e girou. Ele descreveu três voltas pequenas até Behjet conseguir acalmá-lo. O homem inclinou-se muito para a frente, a fim de afagar a orelha do cavalo e sussurrar. Kate sentiu o cheiro do seu suor e o calor do seu corpo contra o dela. Era estranho estar assim tão perto de outra pessoa.

Behjet facilitou outra vez o avanço do cavalo.

— Estão falando na fazenda de Pan Oksar, mas é pior naquela feira. A colheita está fracassando. Não haverá nada para colher se essa chuva não parar... nem mesmo feno.

A chuva. A chuva pela qual ela era tão grata, a chuva que escondia o esgarçamento da sua sombra. A chuva ia matar pessoas.

— Mas — disse Behjet, e deixou o pensamento em suspenso.

Kate Somente podia sentir a tensão no corpo dele, às suas costas. Na lama, os cascos de Xeri faziam chape-chape e lançavam salpicos.

— Mas não é só isso. Dizem que alguma coisa está vindo. Alguma coisa vindo rio abaixo, vindo de Samilae e da serra: um tipo de doença mortal. Os mercadores estão todos falando nisso. Um nevoeiro que domina sua alma. Dizem que vêm nele uma mulher e música. Música dos

nômades. Dizem que ele faz os homens adormecerem e não acordarem mais. Dizem que os barcos vão e não voltam. Vai ser o *skara rok* outra vez. Mas pior. Eles vão perseguir os nômades, como fizeram no passado.

Kate estava se esforçando para pensar. Em Samilae, Boyar, o pescador, tinha caído num sono do qual não foi possível despertá-lo. E ao escapar da cidade pela estrada ela deparou com um nevoeiro. E tinha ouvido...

— Música — sussurrou ela.

— É. Uma rabeça.

Linay tocava rabeça. Kate Somente sentiu um aperto no peito, uma dor desconfortável como a de um ferimento antigo. Medo. Culpa. O peso do seu segredo.

— Uma rabeça — disse ela.

— Uma rabeça de nômades, é o que dizem. — Behjet puxou as rédeas para o cavalo reduzir a marcha. — Kate Somente, você está grasnando palavras de volta para mim como um corvo. Será que eles a apavoraram a ponto de você perder a razão naquela viela? Ou você sabe de alguma coisa?

Não confiando em si mesma, Kate preferiu não falar e fez que não.

— Se você sabe, precisa me contar. — Com uma determinação repentina, ele parou o cavalo. Ela não conseguia ver o rosto dele, só os dedos compridos, firmes nas rédeas, a faquinha em uma das mãos. — Agora você está tremendo. O que aconteceu, Kate Somente? O que aconteceu com você e Drina naquela feira?

Kate Somente tentou formular uma resposta, mas descobriu que as lágrimas picavam a superfície dos seus olhos. Ela sacudiu a cabeça com mais força. Xeri batia com as patas e lutava para avançar, movendo a cabeça com violência. Behjet deu-lhe rédeas, e ele assumiu um passo tranquilo. E ainda assim Kate Somente conseguia fazer que não.

Behjet levantou a mão... com faca e tudo... e a pousou sobre a dela.

— Tudo bem, então, *mira* — disse ele, e ela pôde ouvir na voz dele a voz da sua mãe Daj. Sua bondade a desconcertou, e ela falou. Uma enxurrada de detalhes foi se despejando dela como peixes de uma rede, os últimos apanhados saindo primeiro: a cesteira que as tinha salvado, o arco de moedas de prata jogadas sobre a multidão enfurecida, o sangue no cutelo, o cavalo empinando, o guarda de botas, o latoeiro zangado...

— Um latoeiro? — interrompeu Behjet, parecendo preocupado. — Vendendo talismãs? Como ele era?

Kate Somente descreveu por alto para ele o homem careca com as suíças de bagre, vendendo os *objarka* baratos de lata do seu próprio casaco tilintante.

— Ah! — Behjet relaxou. — Achei que talvez... bem. Olhe aqui. — Ele virou o cavalo quase como se fosse dar meia-volta, e subiram por uma pequena trilha que corria oblíqua em relação à estrada. Ela descrevia uma curva e entrava sinuosa no bosque de bétulas. Ramos roçavam de cada

lado dos seus joelhos e batiam ruidosos no cesto. Braque pôs a cabeça para fora novamente, e dessa vez recebeu um monte de agulhas de pinheiro na cara. Ele xingou em fala de gato.

— Desculpe, Braque! — disse Behjet, reprimindo o riso.

Eles seguiram em frente. A trilha abriu-se e desembocou num leito de riacho, de juncos e salgueiros pequenos.

— Não vai dar em lugar nenhum — disse Kate. — É só uma trilha de cervos.

— Ah, mas essa é a questão. Aqui os *vardo* podem sair da estrada sem deixar uma pista muito extensa. E ainda assim não é uma trilha que o pessoal da cidade vá seguir, se eles vierem olhar.

Ele desmontou e depois a retirou das costas de Xeri. Ela cambaleou, com o chão subitamente firme, e mal estava em pé quando Braque pulou nos seus braços. Ela tombou de costas numa moita de malmequeres-dos-brejos. Behjet deu um sorriso zombeteiro, mas bondoso. Antes, ela nunca tinha sabido de alguém que pudesse zombar com bondade. Ele voltou a montar no cavalo.

— Fique aqui um instante — disse ele, e foi embora.

Kate viu-o indo embora com um tremor no coração, e Braque, com uma fungada revoltada.

— Foi horrível! — proclamou o gato, contorcendo-se ao descer para seu colo. — Os solavancos. As empinadas! A lama. Decidi que nunca mais vamos viajar a cavalo. — Como ela não respondeu, ele a cutucou com o focinho úmido e roçou o canto da boca no polegar dela. — Olha, eu ainda estou molhado. Cuida de mim.

Por isso, ela o abraçou junto do peito.

— Meu herói — disse ela. — Meu guerreirozinho macio e molhado. O que vamos fazer?



Behjet deixou-a sozinha durante muito tempo. Os bosques, que tinham mergulhado no silêncio, perturbados com a presença deles, encheram-se novamente com o canto de pássaros e relances de movimentos, de coelhos e cervos. Aos poucos, ocorreu a Kate Somente que os nômades poderiam deixá-la ali, abandonada como um saco cheio de gatinhos.

Mas, por fim, Behjet voltou. Juntos, eles levaram Xeri a passo, penetrando mais no bosque, até onde o riacho se alargava numa clareira à margem do rio. Behjet pescou, e Kate tentou cumprir as tarefas que ela e Drina faziam juntas. Trabalhar sozinha demorou mais e foi mais pesado e enfadonho. Ela ainda estava empilhando lenha quando o primeiro *vardo* veio fuçando em meio aos salgueiros novinhos, com o cavalo se esforçando para puxá-lo pela lama.

A clareira era um lugar péssimo para acampar: mais um charco do que um prado. Cada passo fazia brotar do capim água da cor de chá. As rodas dos *vardo* afundavam até a altura dos eixos. Havia enxames de moscas que picavam. Os cavalos puxavam e repuxavam o capim de cheiro ácido. As pessoas tentavam matar os insetos e resmungavam.

Daj e Drina não saíram do *vardo* vermelho. Stivo estava sentado na escada, afiando o

machado.

E assim Kate, sozinha, tirou os baldes dos ganchos no *vardo* verde e os dispôs — um, dois, três, quatro — separados por alguns passos de distância ao longo do riacho. Ela pegou o balde grande do *vardo* azul e partiu na direção do rio. Uma das mulheres, puxando cestos de galinha da jaula do urso, gritou para ela:

— Sozinha, não! Não é como os nômades fazem...

Mas Stivo a interrompeu:

— Só que ela não é nômade, ou será que é? E ela sabe se cuidar até que bastante bem.

E assim Kate foi sozinha. Cheio, o balde grande era pesado como chumbo. Geralmente, ela e Drina o carregavam juntas, com as mãos entrelaçadas na alça, as duas inclinando-se para fora para compensar o peso. Sem Drina, Kate avançava tropeçando. O balde tinha de ser carregado longe do corpo o suficiente para não bater no seu joelho, o que tornava o peso ainda maior. Era como carregar seu segredo. Ela tremia.

Foi demais. Drina ferida e com ódio dela... sua prata perdida... seu lugar desaparecendo... sua sombra se afastando em espirais. Entrando no acampamento, ela prendeu o pé numa toca de coelho e caiu. A água se derramou. O balde rolou para debaixo dos cavalos; Xeri se assustou e pisou nele. Duas aduelas racharam, e quando o apanhou do chão, Kate estava chorando.

Mas o pior ainda estava por vir. Ela levou até a hora de dormir para dar água às galinhas, encher as chaleiras e cuidar das fogueiras. E todo esse tempo ninguém falou com ela, apesar dos sussurros.

Onde deveria estar a fogueira dos homens, os nômades tinham erguido uma tenda grande, que ela somente havia visto dobrada e amarrada por baixo do *vardo* maior.

— É a tenda do conselho — disse Behjet, que a pegou olhando. — Essa história em Toila foi ruim, Kate Somente. Precisamos decidir o que fazer.

O que fazer com ela, ele não disse. De qualquer maneira, ela sabia. *Eu sabia disso*, disse ela para si mesma, para se lembrar. A prova. Depois de Toila, eles iam decidir.

Todos os homens entraram, e as mulheres falavam somente na sua própria língua. Tinham se esquecido de que Kate a estava aprendendo. *Drina*, ouviu Kate, *gadje*, *Toila*, *feira*, *faca*, *sangue*, *bruxa*. *Culpa*.

Kate acomodou-se na escada de trás do *vardo* vermelho e tentou consertar o balde sob a luz que ia sumindo. Ela podia ouvir ali dentro Daj resmungando, desnorteada, enquanto Stivo — Stivo, grosseiro e zangado — cantava uma canção de ninar que seu próprio pai tinha no passado cantado para ela. Ela conhecia a melodia, apesar de ele cantar na língua dos nômades: “*Cheya*, Drina, *mira cheya*.” Filha, filha mais querida.

A fogueira acesa dentro da tenda do conselho projetava a sombra dos homens na lona amarela — sombras tão nítidas e sólidas que pareciam ser de gente feita de sombra. A fumaça subia, ondulante, como um dragão, a partir do respiradouro no teto. No círculo das mulheres, a fogueira

de cozinhar ardia e crepitava, fumegante com a umidade. Os bosques se fecharam sobre eles, e o rio resmungava.

Kate Somente trabalhava e escutava Stivo cantar. Não se ouvia a voz de Drina. A noite se fechou.

Uma das mulheres aproximou-se com uma lasca acesa e acendeu os lampiões suspensos da porta traseira dos cinco *vardo*, o que Kate sempre tinha achado que dava aos carroções uma aparência agradável como a de vaga-lumes. Mas nessa noite — o lampião se derramava sobre ela enquanto ela lutava para aplinar uma aduela para o balde quebrado. E, depois de um instante, ela viu como a sombra da escada criava uma linha esvoaçante no capim úmido. Nada interrompia aquela linha. Da sua própria sombra não havia sinal.

Kate parou. Suas mãos ficaram dormentes, seu estômago se encolheu, sua respiração se atrapalhou. Sumida. Ela, por fim, tinha desaparecido. Na escuridão que se adensava, ela chamou, sussurrando:

— Braque? Braque?

Dos vultos escuros e inquietos dos cavalos saiu perambulando uma figura menor, cinzenta. O gato saltou para a escada, ao seu lado. Sua sombra caía, sozinha, sobre o capim.

— Encontrei o cavalo — anunciou ele. — O que nos levou numa viagem tão horrível. Arranhei seu tornozelo.

— Ah! — disse ela, automaticamente. Nem mesmo conseguia reunir coragem para lhe contar, para dizer em voz alta a coisa horrorosa. *Minha sombra*. — Braque...

De qualquer modo, ele tinha ouvido alguma coisa.

— Katerina? — Ele voltou as orelhas atentas para ela. Sua cauda se contraía e ele a farejava, como se estivesse procurando pelo ferimento. — Você está machucada?

— Braque, minha sombra.

Mas de repente, dentro do *vardo*, alguém estava se mexendo. A escada oscilou, a estrutura rangeu. Daj abriu um lado da cortina, e sua sombra se projetou por cima de Kate. *Minha sombra*, pensou ela de novo. Mas nenhuma das duas falou. Braque encostou em Kate, transmitindo-lhe seu calor.

Sentindo os olhos de Daj sobre ela, Kate Somente curvou a cabeça e tentou trabalhar. O pedaço de madeira curvo estava preso, firme, entre seus joelhos. Ela puxava a plaina pela madeira em sua direção. Aparas claras saíam encaracoladas como cascas de cenoura.

— Um trabalho mortal para mãos tão pequenas — disse Daj, por fim.

— Não é difícil.

Embora fosse. Consertar um balde era trabalho para um tanoeiro, e Kate nunca tinha feito esse serviço. Ela precisava adivinhar como a madeira poderia inchar ou encolher, curvar-se ou endireitar-se, e a aduela tinha de ser perfeita. Se o balde vazasse, pensou ela, os nômades sem dúvida a expulsariam. Mesmo assim, ela repetiu:

— Não é difícil.

— Bem, parece difícil — disse Daj. — Vamos parar agora, menina. Acabou a luz. — Ela tirou o lampião do gancho e espiou para o interior do *vardo*. — Parece que estamos sem espaço aqui dentro. Está cheio como os bolsos do rei. Por que você não arma a tenda no chão? Tire uma noite para si.

Sozinha. Diante das palavras de Daj, Kate Somente fez o que nunca tinha feito. Deixou a plaina escapar.

A lâmina resvalou em algum nó na madeira e foi direto cortar seu antebraço. Ela viu a lâmina tirar um pedaço da sua pele como casca de árvore. Braque uivou. Daj quase deixou cair o lampião.

— *Mira!* — Daj correu e desceu a escada atabalhoadamente, arrancando lenços. — É! Eu lhe dei azar!

Sangue estava brotando do braço de Kate Somente como a água se infiltra do pântano. Daj amarrou o lenço apertado em torno do braço. As flores cor-de-rosa de imediato ficaram ensopadas.

— Sangue! — exclamou Braque, chiando.

— Ai! — disse Kate, mais alto que ele.

— Ai! — soluçou Daj. — Nunca vou me perdoar. — Ela levantou Kate da escada. — *Vamos*, menina — e a puxou pelo pulso, indo cambaleante na direção da tenda grande, com o gato se enredando nos seus pés. Elas foram entrando pela luz amarela e pelo silêncio repentino. Rostos voltaram-se para elas.

Não houve nenhuma cerimônia diante da fogueira dos homens, nada de “Posso passar entre vocês?”.

— Chá! — rosnou Daj.

Seu marido, Wen, levantou-se com dificuldade, as mãos nos joelhos, e foi arrastando os pés até a chaleira negra. Daj a apanhou e empurrou Kate para um dos bancos. Braque subiu junto. Daj o enxotou dali. Ela rasgou o lenço-atadura. Antes que Kate Somente soubesse o que estava acontecendo, chá quente estava sendo despejado sobre o ferimento aberto.

— Acabei de fazer esse chá — disse Wen.

Daj empurrou a tampa da chaleira para ele.

— Não dá para você ver que a criança se feriu? — Ela aplicou um punhado de folhas fumegantes de chá no braço de Kate Somente.

— O que aconteceu? — Stivo vinha entrando pelo portal da tenda atrás delas. — A entalhadora se cortou, foi isso? Menina pequena com faca grande?

Kate Somente olhou para ele. O clarão amarelo lhe dava uma cor estranha, como a de um peixe defumado. Daj viu que ela o olhava e falou:

— Não foi culpa dela. Fui eu que lhe dei um esbarrão. E ela entalha melhor do que você cuida

de cavalos, menino. — Ela deixou cair o lenço berrante e sangrento no bule de chá e amarrou outro lenço sobre as folhas de chá, e mais outro por cima do segundo.

— O que me conta da sua filha, Stivo? — A voz de Rye Baro veio do outro lado da fogueira.

Para Kate, parecia que era o próprio fogo que estava falando, como se quisesse reivindicar a posse de Drina.

— Ela vai sobreviver — disse Stivo. — E não vai ser graças a essa aí. — Ele indicou Kate, com grosseria.

— O que... — Kate Somente, sentia-se apagada como a parte escura da lua. — O que ela lhe contou?

A voz veio da fogueira mais uma vez:

— O que ela deveria ter contado, Kate Somente, Entalhadora?

Que a culpa foi minha, pensou Kate Somente. Que ela só estava tentando me ajudar. Que eu sabia que era perigoso e deixei que ela me ajudasse assim mesmo. Eu a deixei ir sozinha.

Braque saltou de volta para cima do banco, ao seu lado, farejando o lenço ensopado de chá em torno do braço de Kate, balindo sem palavras. Sua língua cor-de-rosa chispava como uma pequena chama. Ao lado dela, de repente, Wen cuspiu seu chá.

— Droga! Quem pôs as ataduras no chá?

— Kate Somente? — perguntou o fogo, com a voz de Rye Baro.

— Eu... — começou ela, com a voz rouca.

— Isso não é hora para interrogar a menina — disse Daj, firme, levantando Kate para colocá-la de pé. — Vamos, Kate Somente. Vou abrir um cantinho para você dormir.

— Mas está cheio como os bolsos do rei — resmungou ela.

— Não, você vai ver — disse Daj, levando-a para fora, para o escuro da noite. — Você pode dormir junto de mim, *mira*. — Ela pôs um braço em torno dos ombros de Kate e a conduziu de volta, através do prado do rio, em meio ao nevoeiro que ressoava e se adensava, como que entrando na terra dos mortos.



— Sangue!

Kate Somente lutou para acordar. Ela estava enrolada em cobertores, deitada no catre de Daj no *vardo* quente. Braque dormia. Drina dormia no outro catre, com o rosto voltado para a parede, o cabelo tosado toscamente, arrepiado e grudado aqui e ali com sangue. Kate podia ver o arfar das suas costelas e ouvir o som áspero e o tremor da sua respiração. Já era dia, não muito depois do amanhecer. As frestas em torno da cortina da porta deixavam entrar longos raios oblíquos de sol.

Kate balançou a cabeça, tentando se lembrar do que a tinha despertado. Uma voz furiosa, a

palavra *sangue*. Aquela voz lá de fora chegou novamente:

— E o que isso lhe diz?

— Que o pateta do meu marido não consegue distinguir uma atadura de uma folha de chá. —

A voz firme e áspera de Daj veio de bem junto do portal. Ela estava sentada na escada do *vardo*. — Não é novidade.

Kate Somente libertou lentamente seu braço das colchas de Daj e remexeu os dedos. O ferimento recente estava duro como couro seco, mas tudo se movimentava como deveria. Ela sentiu uma fisgada de alívio... e depois de culpa. Que tipo de entalhador se cortava? Tinha sido muito sangue.

— Ele tomou o sangue dela, e agora está enfeitiçado. — Finalmente Kate Somente reconheceu a voz de Stivo. Havia um tremor nela que antes não existia... não apenas raiva, mas medo. Era isso o que a tinha confundido. — Essa criança *gadje* tem olhos de bruxa.

Os olhos de Braque se entreabriram.

— Não gosto dele.

Ela fez com que ele se calasse e esfregou um polegar entre as suas orelhas.

— Bem, vamos olhar, então. — A escada rangeu, com o peso de Daj descendo.

Kate Somente ouviu as vozes irem se afastando. Lá fora, um cavalo relinchou, inquieto.

Kate tentou recuperar o controle.

— O que está acontecendo?

Braque abriu um olho dourado.

— Nós estamos cochilando. — Ele rolou na cama e se esticou de barriga para cima na dobra do seu cotovelo. — Você pode coçar meu pescoço.

— Eu quis dizer... Stivo acabou de dizer...

Estava claro que o gato não ia ser de nenhuma ajuda. *O pateta do meu marido*, tinha dito Daj. Wen. Ontem de noite ele havia cuspid o chá, feito alguma piada sobre a atadura... a atadura com seu sangue, na chaleira. Wen tinha bebido seu sangue. Kate Somente sentou-se na cama.

Braque foi despejado do seu cantinho para o piso do *vardo*. Ele lhe lançou um olhar de esguelha.

— Hum! — queixou-se ele.

— É Wen — disse ela. — Deve ter acontecido alguma coisa com ele. E Stivo acha... — Ela se levantou, e o *vardo* balançou ao redor dela. Ela sentia pontadas no braço. — Temos de ir ver.

— Ah, tudo bem. — Braque esticou a membrana de plumas entre os dedos das patas. — Depois eu deixo você procurar comida para nós. Estou sentindo o cheiro de salsichas.



Kate Somente não se afastou da beira do bosque enquanto atravessava o prado, sorrateira. Ela

estava carregando a bata ensanguentada que tinha usado no dia anterior e tentava dar a impressão de que queria somente ir até o segundo balde, onde a roupa era lavada. Braque zombou do seu jeito sorrateiro e desapareceu no meio das moitas e juncos. Kate Somente disse uma pequena prece por algum camundongo ou rã desafortunada.

No riacho, ela se curvou sobre a bata, esfregando a manga manchada e observando. Os nômades, tanto homens como mulheres, estavam reunidos do lado de fora das abas abertas da tenda do conselho. De lá da margem do rio, onde os cavalos estavam presos, vinha uma pequena procissão: quatro homens segurando os cantos de um saco de dormir, e nele estava Wen, jogado, inerte. Stivo e Behjet à cabeceira da manta pareciam um par de garanhões iguais.

No capim pisoteado, eles puseram a manta no chão. Kate levantou a cabeça, sentindo o perigo como um cervo. Ela via só o cabelo branco de Wen, uma orelha com um brinco de ouro, a mão sem vida, como uma luva. Daj agachou-se ao seu lado. Ela inclinou o ouvido e a bochecha perto da boca do marido e esperou. O grupo reunido prendeu a respiração.

Daj balançou de volta sobre os calcanhares.

— Ele está respirando, de qualquer forma. É bebida?

— Nem uma gota, Mãe — disse Stivo. — Eu juro.

— É verdade, não sinto nenhum cheiro. — Daj pegou a mão branca. — Ele está danado de frio.

— Estão falando naquela feira — disse Behjet. — Falando de um sono... — Ele deixou o pensamento pairar. Para Kate, que sabia o que ele ia dizer, a espera foi horrível. — Estão falando numa morte do sono. Vinda de Samilae pelo rio.

— Morte! — exclamou alguém.

— Samilae? — disse Stivo, porém.

Kate abaixou mais a cabeça.

Houve um movimento entre o grupo de pessoas, e Rye Baro veio avançando entre elas, lentamente, nas suas duas bengalas. Ele falou com Daj na língua dos nômades. Ela respondeu na mesma língua e, depois de um instante, se pôs de pé. Behjet e Stivo começaram a falar juntos. E ainda assim Wen não se mexia.

Em seguida, Rye Baro voltou a falar, e Kate Somente o ouviu dizer seu nome. Ele caiu do meio da fala estrangeira como uma pedra do céu. Ela se abaixou ainda mais, lavando, e se manteve imóvel, presa pelo seu peso.

— Mas é só uma criança — sussurrou Daj.

Kate Somente não ouviu nenhum passo, mas de repente Stivo se agigantava acima dela, agarrando-a pelo braço para fazer com que se levantasse. Ela deu um grito e um safanão. O ferimento se abriu.

— Aqui está ela! — gritou Stivo, e a arrastou na direção dos rostos, que se voltaram, lá onde Wen jazia como que pronto para a cova. Ela se contorceu, aterrorizada, e viu sua bata ir à deriva,

rio abaixo.

— Ensanguentando a água — disse Stivo.

— Ela é *gadje* — disse Behjet. — Não sabe.

— Mas *deveria* — retrucou Stivo, ainda prendendo-a pelo braço.

— Traga-a para cá — disse Rye Baro, baixinho. Stivo a levou. Rye Baro estava em pé com as pernas separadas, apoiando-se para a frente nas duas bengalas. — Kate Semente, Entalhadora — disse ele, olhando para ela ali embaixo. Seu rosto coriáceo estava solene e gentil, como o de um cavalo. — Na cidade, é diferente. Mas você agora está entre os nômades. Você precisa aprender que seu sangue é impuro. Deve lavá-lo no quarto balde. O que fica mais afastado, rio abaixo.

Seria só isso? De olhos arregalados, Kate Semente concordou.

— Está vendo que Wen está deitado, enfeitado?

— Estou vendo.

— O que você pode dizer sobre isso?

Kate se empertigou.

— Que não fui eu.

Rye Baro olhou para ela, por muito tempo e com cuidado.

— Menina — disse ele —, você não tem sombra.

A JAULA DO URSO

As palavras de Rye Baro provocaram de início um silêncio atordoado e, depois, um coro de gritos. Stivo virou Kate Semente de um lado para outro. Ela podia ver como a sombra de Stivo girava como uma capa em volta dele, como a sombra de todos se estendia com a luz oblíqua do amanhecer.

— Não tem sombra! — exclamou Stivo, e alguém deu um berro.

No alto de um dos *vardo* estava a jaula de ferro onde no passado era guardado um urso dançarino. Eles a desceram e empurraram Kate para dentro dela. Ela cambaleou, bateu com a cabeça nas barras e caiu estatelada.

— Não fui eu! — gritava ela. — Eu não fiz nada!

Stivo estava trancando a porta da jaula. Estava com tanta pressa para se afastar dela que deixou cair a chave. Kate estendeu a mão para pegá-la. Stivo pisou na chave com a bota e deu um chute na mão de Kate.

Caída no piso, Kate Semente rolou e olhou para os nômades reunidos. As barras da jaula lançavam sombras de barras em todo o seu redor. Ela se agachou e ouviu um grito de espanto: atrás dela, as linhas de sombra, sem serem interrompidas pela sombra que ela deveria ter lançado, se estendiam retas pela palha suja e pelo esterco branco das galinhas. Ela quase podia senti-las, atravessando-a direto, como lanças frias. Os rostos que olhavam de cima para ela estavam dominados pelo pasmo e pelo medo.

— Não tem sombra — sussurrou Daj. Até mesmo ela parecia estar com medo.

Kate Semente ficou ali agachada, respirando forte.

— Eles estavam certos. — A voz de Stivo estava neutra com o assombro. — Em Samilae, onde queriam queimar você. Eles estavam certos. Você é uma bruxa.

— Não sou... — soluçou ela. — Não sou.

— São os *gadje* que queimam suas bruxas — disse Rye Baro. — Isso não tem nada a ver conosco.

— Mas é a nós que eles queimam! — explodiu Stivo.

— Não sou bruxa! Stivo, por favor. — Kate Semente estendeu a mão pelas barras da jaula e tocou na sua bota. — Pergunte a Drina. Pergunte a Drina, ela sabe...

— Drina! — Stivo recuou com um salto como se sua mão fosse uma cobra dando um bote, arrancando a chave da lama enquanto se afastava trôpego. — Drina! Eu lhe disse para não trazer encrenca para minha Drina. Meu Deus, o que ela já viu, sem ter de dar as mãos a... — ele falou

como quem cospe — a demônios!

O pavor trancou a garganta de Kate. Ela conseguia somente sussurrar:

— Não sou.

— Nos ensinam — disse Rye Baro, com a voz ainda atenciosa, gentil — que só os mortos não têm sombra. Mas Stivo nos falou do irmão da sua mulher, que entregou partes da sua sombra para dar poder aos mortos. Nós não sabemos o que está acontecendo nesse caso. — Ele interrompeu o murmúrio de vozes, levantando uma das mãos. — Kate Somente, Entalhadora. O que você pode dizer a respeito disso?

Ela engoliu em seco e se sentou o mais empertigada possível.

— Um bruxo. — Sua voz se embargou. O grupo prendeu a respiração como se fosse uma única criatura enorme. — Um bruxo levou minha sombra.

— E o que você pode dizer sobre Wen?

Ela empinou a cabeça, como um cavalo nervoso.

— Eu... Não fui eu. Não sei o que está acontecendo.

— E Drina?

Um aperto na garganta de Kate.

— Ela... — Saiu como um sussurro, e até mesmo aos seus ouvidos dava para ela ouvir a culpa. Subiu um resmungo dos nômades ali reunidos. — Ela só estava tentando me ajudar. Sinto... sinto muito.

Stivo exultou com a vitória amarga, e o agrupamento de repente se tornou ruidoso. Kate queria dizer mais, mas estava com medo.

Mais uma vez, Rye Baro ergueu a mão exigindo silêncio.

— Não sabemos o suficiente dessa história. — Ele repuxou a ponta do nariz comprido. — Precisamos conversar sobre isso. Vamos nos reunir em conselho. Vamos ver se Wen morre.

Kate Somente ouviu Daj respirar fundo com essas palavras.

— Daj, não fui eu — protestou ela. — Wen... Não fui eu. Pergunte a Drina. Daj! *Mira!* Mãe Daj! Pergunte...

— Já basta, menina — disse Daj, e lhe deu as costas.



Sol. Sol, depois de semanas intermináveis de chuvisco e nevoeiro. Parecia irreal e fazia Kate se sentir irreal, amortecida e enjoada. A jaula do urso ficou muito quente. Tinha o cheiro desagradável e azedo dos cestos das galinhas, mas por baixo dele ainda restava o cheiro do urso: repugnante. E ela ainda tinha algumas das pulgas do urso. Kate Somente coçou-se e empurrou a palha velha para a beira da jaula.

Em seguida, através da pilha de palha, Braque chegou, tranquilo, passando pelas barras, com um rato-almiscarado semimorto, entre os dentes.

— Rrrumh — disse Braque, em torno da presa. Ele cuspiu a criatura e pôs uma pata nas costas dela, como um jovem príncipe pousa uma bota num tamborete. — Você encontrou as salsichas?

Kate Somente agarrou o gato no colo e virou a cabeça de um lado para outro, em pânico, com medo de que alguém pudesse tê-lo ouvido. O rato-almiscarado tentou escapulir, trôpego.

— Ele está escapando! — gritou o gato.

— Braque! — gritou Kate, em resposta. E depois ela se forçou a sussurrar, apesar de ter saído como um chiado: — Braque, eles vão me matar.

— O quê? Quem? E quer fazer o favor de parar aquele rato-almiscarado?

Kate o soltou, e ele deu um bote e matou a criatura com um único golpe na nuca. Braque então se voltou para ela e tentou continuar indiferente:

— Você estava dizendo?

— Os nômades. Eles descobriram o caso da minha sombra. Acham que sou bruxa. Eles... Não podemos deixar que eles encontrem você aqui.

— Ora, bobagem. Eles me adoram. Todo mundo me adora.

— Nós dois precisamos fugir daqui, Braque.

Braque enfiou a cabeça pelas barras. O vão apertado alisou para trás seus bigodes.

— Não dá para você passar — disse ele, puxando a cabeça de volta para dentro.

— Eu sei disso. Precisamos da chave.

— Bem — disse ele. — É bastante simples. Vou roubá-la.

Kate ficou abatida com a ideia.

— E se eles o apanharem...

— Ora. — Braque agitou as orelhas. — Eles não vão me ver nem de relance. Sou o rei dos gatunos, o mestre da dissimulação. Se é da chave que você precisa, vou obtê-la para você. Onde ela está?

— Stivo — gaguejou ela. — Stivo pendurou-a no cinto. Braque, se eles o apanharem, vão matá-lo.

— Eles não me apanharão — disse ele, despreocupado, e saiu dali pelo meio do capim alto.

Deixou para trás o rato-almiscarado, como a lembrança de um amante, como uma promessa de que retornaria.



Kate Somente deixou a cabeça cair para trás contra as barras. Elas eram duras e desconfortáveis em contato com seu cabelo. O teto de barras quebrava o sol em tiras de sombra, mas nenhuma sombra tocava nela. Era como não conseguir piscar os olhos, como não conseguir gritar num sonho. Ela arregaçou as mangas da bata para coçar as picadas de pulga e olhar para o sangue que saía do longo ferimento.

Do chão por baixo dela brotava água, e sua calça de malha estava molhada, com a lã

cheirando mal e grudando nela. Na frente da jaula, onde os nômades apavorados tinham ficado circulando, o sol fazia subir espirais de vapor da lama revirada. Ela ficou olhando para as pegadas arrastadas, os furos gêmeos das bengalas gêmeas de Rye Baro, que eram como olhos, e as grandes marcas das botas de Stivo. Bem diante da porta ela podia ver o lugar onde ele tinha pisado na chave.

A forma da chave estava gravada na lama.

Kate Somente fixou o olhar nela. Uma forma de esperança.

Como sempre, ela estava com o formão que seu pai lhe dera quando tinha três anos. Estava enfiado numa bainha costurada no interior da sua bota. Se ela tivesse madeira... e sua mente já estava escolhendo alguma madeira dura, freixo, carvalho, para contornos resistentes, para forçar a fechadura... se ela tivesse madeira, poderia entalhar uma chave.

Kate Somente passou o dedo pelo *objarka* de gato na tira de couro em torno do seu pescoço... mas era pequeno demais. Ela começou a revirar a palha e a lama, mantendo a cabeça levantada, a observar a tenda do conselho. Chegavam vozes duras e brandas, que aumentavam e baixavam. Do lado de fora da tenda, Wen jazia descorado e imóvel na esteira, com Daj encurvada ao seu lado, as mãos no rosto, cantando alguma coisa. Ninguém estava vigiando a jaula.

Mas não havia madeira. Kate procurou entre todos os fragmentos de palha. Ela enfiou os dedos na lama na esperança de encontrar raízes, mas as únicas que encontrou eram finas como cabelo emaranhado.

De repente, da tenda veio uma explosão de gritos. Braque saiu como um raio pela aba da frente, correndo veloz e junto do chão, como uma raposa, com a chave da jaula na boca. Alguns dos nômades saíram a toda velocidade atrás dele. Ela viu Stivo com um machado na mão.

Braque era veloz, mais veloz que os homens. Ele vinha em disparada direto para ela. Ele ia conseguir, mas depois o quê...

Stivo lançou o machado.

A parte chata do machado atingiu a cabeça de Braque atrás das orelhas. O gato caiu com uma cambalhota e ficou mole como se fosse só pele. A lâmina do machado soltou-se do cabo. Stivo levantou Braque pelas pernas traseiras, como um coelho morto. Ele apanhou o cabo do machado com a outra mão. Veio andando a passos largos na direção dela, com a cabeça de Braque balançando.

Kate Somente soluçava. Ela não queria chorar na frente de Stivo, mas não conseguiu se conter. Ele largou o corpo de Braque na lama revirada diante da jaula.

— Esse animal é seu, menina-bruxa?

Braque entreabriu um olho amarelo.

— O nome dela — disse ele, com a voz arrastada e pesada — é Katerina, Estrela do Meu Coração.

Stivo deu um salto para trás, deixando cair o cabo do machado e protegendo o rosto com

dedos torcidos.

— Braque! — disse Kate, soluçando. Ela estendeu as mãos através das barras para pegá-lo. Stivo ainda estava recuando. — Braque!

Ela apalpou e virou o corpo quente do gato. Ele estava se debatendo um pouco.

— Não se mexa — sussurrou ela, e o segurou por baixo dos braços, aninhou sua cabeça e o fez passar delicadamente pelas barras. Ela manteve uma das mãos nas suas costelas arquejantes, enquanto puxava a palha mais seca para fazer uma cama para ele. Stivo tinha ido embora. — Ai, Braque — disse ela. — Braque, me perdoa.

Ele tentou olhar para ela. Seus olhos se envesgaram, e ele não mexeu a cabeça.

— Deixei cair a chave.

— Não se preocupe. Pequeno gatuno, pequeno mestre da dissimulação... — Ela afagou o lado do seu corpo e viu que ele ficava mais mole e mais comprido à medida que ia adormecendo.

De repente, ele abriu os olhos outra vez.

— Você guardou algum pedaço do rato-almiscarado?

— Guardei ele todo. — Ela pôs a caça ao lado dele.

— Hummm. — Ele piscou devagar e voltou a amolecer o corpo. — Quando eu acordar do cochilo... — Em seguida ele adormeceu de verdade. Ela observava sua respiração. Vigia a tenda do conselho, onde as vozes agora estavam mais altas, e ela ouvia a de Stivo aguda, com raiva ou medo. Ninguém ia vir, não por enquanto.

Kate Somente olhou para Braque estendido, ferido e sem energia. Ela então inclinou o ombro e o braço entre as barras para alcançar o cabo do machado. Seus dedos roçaram nele, e ela o moveu aos poucos pela lama até conseguir apanhá-lo.

Acabou se revelando que o cabo do machado estava partido, e que a fratura estava amarrada com um retalho de riscadinho puído. Era um trabalho desleixado, que a deixou zangada. Ela poderia tê-lo consertado facilmente, para Stivo, se ao menos ele lhe tivesse pedido. E assim talvez ele não a tivesse odiado. Ela prendeu o cabo por baixo do pé e puxou a madeira fendida até quebrá-la de vez. Fechou o punho em torno do resto de madeira e tirou a faca da bota.



Kate Somente entalhava, e ninguém veio matá-la. Os homens permaneceram na tenda. As mulheres não se aproximaram. Andorinhas precipitavam-se pelo céu da tarde. Daj entoava a melodia monótona sobre Wen, que não movia um músculo. Braque continuava a dormir, abraçado ao seu rato-almiscarado, como uma criança com uma boneca. O tempo todo a madeira dura ia saindo em espirais a partir da pequena lâmina, e ninguém via.

Ela estava com tanto calor e com tantas picadas de pulgas que quase ficou feliz quando anoiteceu, apesar de poder sentir que seu tempo estava se esgotando, do mesmo jeito que o pão no *skara rok*. A chave agora estava quase com o mesmo formato da impressão na lama, mas não

entrava na fechadura. Ela a afinou, lasca por lasca.

Junto com o dia, o calor foi embora. Uma névoa começou a se erguer do riacho, do rio, do próprio chão encharcado. Kate aconchegou-se na palha úmida e fria. Acenderam uma fogueira na tenda do conselho, e a lona se iluminou. Fogos-fátuos balançavam junto ao rio, como a lanterna de um barco. Uma outra luz veio se aproximando dela através do nevoeiro, e o vulto de um homem vinha atrás. Era Behjet com uma lâmpada de sebo. Ele estava segurando um cobertor, com um forte cheiro de cavalo, que passou para ela pelas barras. Ela se enrolou no cobertor.

— Tudo bem com seu gato?

Kate puxou um canto do cobertor por cima de Braque, encobrindo-o.

— É um belo animalzinho — disse Behjet. — Mas é estranho, você não acha? Um gato que rouba chaves. Faz a gente pensar.

Kate não disse nada.

— Meu irmão diz que ele falou.

Kate continuou sem dizer nada.

— Stivo. — Behjet puxou o próprio queixo. — Entenda, Kate Somente. Ele perdeu a mulher porque ela era bruxa. Quase perdeu a filha. Seu amor se transformou em raiva. E sua suspeita... veja só. As histórias da sua cidade. A morte do sono que acompanha você. Sua sombra. E agora seu gato, roubando uma...

Nesse exato instante a cabeça de Braque saiu escorregando de dentro do cobertor.

— Tem morcegos por aí — balbuciou ele, levantando-se trôpego. — Ouça, eles cantam para mim! — E tombou.

— Quer dizer que é verdade — disse Behjet.

Kate Somente olhou para ele, forçando os olhos através do nevoeiro. Estava praticamente tudo escuro, e ela não conseguia ver o rosto dele, com exceção da lua que estava redonda nos seus olhos.

— Behjet, não sou bruxa. E não fiz mal a Wen.

E agora Behjet não disse nada.

— Behjet, o que vão fazer comigo?

Ele olhou por cima do ombro para a luz espectral da tenda.

— Preciso voltar para o conselho.

— Me diga, por favor — disse ela, mas ele deu meia-volta e foi embora.



A chave estava quase pronta. Entrava na fechadura, e Kate pôde sentir que ela se encaixava e girava, quase girava. Kate precisou arregalar os olhos como os de uma coruja para comparar a chave de madeira clara com o fantasma negro da chave na lama.

O luar estava luminoso, mas a névoa o toldava. Daj cantava por sobre o marido. A cantilena

não parava nunca. Tinha se tornado interminável, como o ruído de um rio. Kate continuava a entalhar e desejava ter alguma coisa com que pudesse tapar os ouvidos.

Finalmente, ela pôs a chave junto do buraco da fechadura e não conseguiu ver diferença. Kate enfiou a chave no buraco da fechadura, e ela entrou como a mão numa luva. Podia ser dessa vez. Ela apanhou a chave. Agachou-se e olhou ao redor. Ela só teria uma oportunidade para escapar.

Kate Somente passou o dedo pela chave.

Havia alguém se movimentando no nevoeiro.

Kate ficou paralisada.

Ela não conseguia ver quem era, nem mesmo o que era. Vinha subindo do rio, e de início Kate achou que era uma mulher vestida em cordões de cabelos e nuvens. Mas, à medida que ela se movimentava, um membro se encompridava e outro se encurtava; quando ela se voltava, seu torso se contorcia como roupas de cama sendo torcidas. Às vezes, Kate conseguia ver através dela, e às vezes não. Vinha uma música com ela. Era linda, e Kate teve vontade de...

Braque levantou-se cambaleando e deu um uivo chiado, horrível.

— Criatura! — disse ele, cuspiendo. — Criatura!

E então Kate teve vontade de dar um berro.

Nós chamamos para a escuridão, dissera Drina. *Não sabemos o que respondeu*. Foi isso o que respondeu. A sombra doentia na parede da tenda delas, o horror que se aproximava. A criatura-mulher estava vindo na direção dos *varado* e da tenda do conselho. Kate Somente tentou gritar pedindo ajuda, mas não conseguiu. A música enevoada envolveu-a como uma teia de aranha, e ela não conseguia nem se mexer. Ficou olhando a criatura chegar deslizando.

Ela então viu Stivo, de lâmpada na mão, sair para cuidar dos cavalos que se queixavam e batiam as patas.

A mulher branca chegou perto de Stivo depois da borda do acampamento, onde o nevoeiro turbilhonava. Ele deixou a lâmpada cair e o óleo derramou no capim, com chamas fortes. Ele disse alguma coisa, uma palavra que Kate não captou, um grito rouco de... medo? alegria? e abriu os braços para a criatura. Quando ele a tocou, seu corpo inteiro se contorceu como um junco na água. Kate, olhando, sentiu a torção horrorosa, impossível, como se estivesse acontecendo com ela, mas continuava paralisada, praticamente nem...

Braque uivou e mordeu a mão de Kate.

Kate deu um grito e descobriu que conseguia voltar a se mexer.

— Stivo! Stivo! — berrou ela.

A mulher voltou-se na direção da sua voz. Ela recolheu a mão e Stivo desabou aos seus pés. Olhos como abismos fixaram-se em Kate Somente.

Num medo descontrolado, Kate gritava. Ela batia nas barras da jaula, ainda presa ao olhar da criatura: a pele descorada e fina como a de uma cebola, o cabelo branco e ondulante como algas, o rosto afilado como uma faca e esfaimado.

— Socorro! — berrou Kate. — Socorro! Deixem-me sair!

Saindo da tenda e descendo dos *vardo*, os nômades estavam vindo na sua direção, cautelosos, olhando ao redor. De imediato, Kate descobriu que seus olhos estavam liberados. A criatura branca estava sumindo na direção do rio. Kate arquejou e se inclinou para a frente encostando nas barras, respirando com dificuldade.

— Katerina... — avisou Braque.

Ela levantou os olhos bem a tempo de ver Behjet, que vinha subindo do prado dos cavalos, cair inteiro sobre o corpo caído de Stivo.

Behjet levantou-se até ficar de joelhos, com as mãos no irmão, seu rosto triste, afetuoso, contorcido de medo e dor.

— Stivo! — gritou ele. — Deus! Pela Madona Negra, venha nos ajudar! — Ele levantou Stivo, pálido e imóvel nos seus braços. *Exatamente como Wen*, pensou Kate. *Exatamente como Wen*.

Daj chegou apressada, pesada e bamboleante, como um urso correndo. Ela se jogou de joelhos, e seu canto baixo se transformou num lamento lancinante:

— Ai, não! — gritou ela. — Não, não!

— Daj! — disse Behjet. — O que houve?

— Deus nos livre! — respondeu ela. — Esse sono mata. Wen morreu. Meu marido! Meu filho!

Uma calma abateu-se sobre Behjet. Ele apanhou a lâmpada de Stivo com o óleo que espirrava. Levantou-se devagar como a subida da maré. Foi se aproximando de Kate Somente.

Ela fugiu da expressão no rosto dele, até as barras a impedirem. Braque levantou-se, meio torto e atordoado.

— Não se aproxime — disse ele. — Eu mordo.

Kate mal ouviu o grito abafado das pessoas que iam se reunindo. Os olhos arrasados de dor de Behjet prendiam seu olhar como os da criatura tinham prendido.

— Menina-bruxa — disse Behjet, tranquilamente. — Isso foi demais. — E atirou a lâmpada sobre ela.

A lâmpada de barro quebrou, e o sebo se espalhou. As chamas cobriram a jaula. A palha e a manta de cavalo começaram a fumer. Kate Somente deu um grito e se jogou contra a porta, lutando com a chave de madeira.

— Katerina! — uivou Braque, com o pelo já se encrespando. Ele foi recuando entre as barras, cambaleando. — Katerina!

— Corre, Braque, corre! — Mas ele se encostava tanto nas barras quentes que ela sentia o cheiro do pelo fumegante. Sua calça de malha encharcada também fumegava; o fogo subia pela sua bata leve, e ela dava tapas para apagá-lo. Ela estendeu a mão através das barras, torcendo o pulso para trás. Seu cabelo estava em chamas. A chave entrou na fechadura. Behjet olhava espantado, mas não a impediu. A chave quase girou, e depois finalmente girou. Ela se jogou

contra a porta, que se escancarou. Apanhou Braque no colo e saiu trôpega na direção do rio. Ela ouviu Behjet começar a gritar e Daj aos soluços:

— Chega, chega, deixem que ela vá embora.

A multidão abriu-se em torno dela. A água estava fria e a acolheu.

A CHALANA, O REMANSO E A ESTRADA DESERTA

Ela balançava como um berço. Havia um ruído *leve* como uma pomba ou ondas num cais. Kate Somente acordou.

Estava seca. Deitada em alguma coisa macia. Enrolada em acolchoados. Havia uma estrela de luz flutuando acima dela e um cheiro semelhante a um jardim de ervas. Braque era uma quentura esticada ao seu lado, com o queixo na sua mão, a cauda enrolada sobre seu pescoço. Ela achou que eles poderiam estar no paraíso.

Braque soltou um pum.

Kate Somente tossiu e espirrou. E em seguida acordou de verdade.

Não estava no paraíso, mas num pequeno catre, em um barco. O teto pintado estava bem perto dela. As lambidas da água batiam na sua orelha através do casco. A cauda de Braque movia-se rapidamente sobre seu rosto. Ela sentiu o cheiro do pelo torrado. Ele se contorceu e logo seu rosto apareceu saindo do cobertor.

— Braque — sussurrou ela. Sua voz estava áspera devido à fumaça.

Ele soltou um pequeno “miau”. Não houve palavras.

A luz dourada se mexeu. Uma lâmpada de junco numa lata perfurada balançava acima dela como o céu noturno. Um rosto pálido flutuava no alto.

— Bela donzela da madeira — disse uma voz conhecida. — Você está acordada?

— Você — disse Braque, cuspiendo.

Porque era Linay.

Linay deu uma risada, surpreso.

— Foi esse o seu desejo? Um gato falante!

Braque alisou as orelhas para trás.

— Nós não gostamos de você.

— Ora, ora — disse Linay, com um largo sorriso —, eu não os culpo, bichano. Mas posso curá-los, gostem de mim ou não. — Ele pendurou a lanterna. — Você consegue se sentar, minha pequena?

Kate Somente lutou para se sentar, e ele pôs os braços em torno dos seus ombros. Estava com um pequeno pote na mão, que cheirava a ervas e trovões. Braque farejou uma vez, contraiu-se com repulsa e começou a recuar.

— O que...? — Kate tentou dizer e começou a tossir. Sua garganta dava a impressão de ter sido lixada com uma grossa.

— Shhh — disse ele. — É só um unguento.

— O que você quer? — sussurrou ela.

O unguento parecia fresco como algas sobre suas queimaduras. Linay cantarolava. Ele passou o unguento na testa e nos malares de Kate. A melodia cantarolada foi se transformando em canção:

*Lenore minha irmã tinha poder
Ela podia fazer o botão florescer
Fechar a ferida ou a febre abrandar
E assim sua vida ia passar*

*No ano da febre, eles a buscaram
Com açoites e fogo à loucura a levaram
Para o rio enregelado a empurraram
Para ali encontrar a morte, eles acharam*

*Mas sua alma injustiçada se tornou água
Rusalka, fantasma perdido do rio
Vampiresa, sereia, condenada a vagar
e a nunca descanso encontrar*

*Lenore, minha irmã — eu quis salvá-la
Do rio procurei puxá-la
O que a ela fizeram a eles hei de fazer
para assim sua vida renascer*

A canção era importante. Kate tentou escutá-la e guardá-la na lembrança, mas não conseguiu. Tinha a sensação de que poderia se desfazer no ar, como o sal na água.

— Beba — disse Linay.

Havia uma xícara junto dos seus lábios. A bebida era ao mesmo tempo fresca e morna.

Ela adormeceu.



Kate despertou de novo, e mais uma vez o barco estava balançando. Ela se sentia como se estivesse dormindo havia dias e mais dias, meio que mergulhada em longos pesadelos. A correnteza falava na madeira junto do seu ouvido, e ela podia sentir o balanço do barco e ouvir os chapes e estalos de uma zinga. Eles estavam se movimentando.

Eles. Linay.

Ela se sentou no catre. Quanto tempo tinha passado dormindo? Havia uma secura azeda na sua boca, e o sonho se estendia longo demais por trás dela.

— Braque — sussurrou ela, e a voz saiu gutural.

O gato estava enroscado num canto junto dos seus pés, entre um pequeno caldeirão e uma bolsa encaroçada: três pilhas redondas. Ela só o avistou quando ele levantou a cabeça e entreabriu um olho.

— Ah! — bocejou ele. — Olá.

— Há quanto tempo... — Ela esfregou os olhos e seus dedos encontraram trechos de oleosidade dormente no seu rosto. — Há quanto tempo... onde é que nós estamos?

— Num barco — disse ele, levantando-se e se espichando num bom alongamento. Seu pelo estava queimado de um lado, mas os pedaços nus estavam cobertos com uma penugem nova. — Não me agrada. Tem a água. Mas também tem peixe, o que é ótimo para mim. — Ele foi se aproximando e esfregou o canto da boca na mão dela, marcando-a com seu cheiro.

— Há quanto tempo... Não me lembro de nada. Há quanto tempo estou dormindo?

Encolhendo os bigodes, Braque deu de ombros.

— *Quanto tempo* não é uma questão que interesse a gatos. — Ele levantou o queixo e olhou para ela. Quase parecia preocupado. — Comi muitas vezes — ofereceu ele a informação. — Muito peixe, muitos camundongos, três ratos-almiscarados, dois coelhos e uma pequena ave que estava dormindo. Você tomou caldo.

Ela tentou se lembrar do caldo, mas não conseguiu. Havia apenas o longo sonho sobre ser queimada e se afogar e sobre uma mulher feita de nevoeiro, faminta e terrivelmente triste. Stivo desabando no chão com um único toque. Daj indo embora. Drina sangrando. Behjet jogando a lâmpada. Ela se sacudiu. *Caldo*. Teria sido quente. Mas ela sentia frio; enquanto dormia, Linay a tinha alimentado, a tinha vestido. Sua pele estremeceu e seu cabelo se arrepiou. Ela se levantou.

O teto era baixo e dele pendiam muitas quinquilharias e feixes de ervas. Eles batiam e se emaranhavam no seu cabelo. Ela se abaixou e saiu com cuidado do catre para o espaço escuro e minúsculo.

Sua bata chamuscada, que fora do seu pai, que ela usava havia anos, tinha sumido. Ela estava usando um vestido de linho, branco, com bordados brancos, uma bela peça debruada com renda. Era grande demais para ela, e a renda arrastava no chão. Ela levantou a saia.

— Eu não peguei os peixes — disse Braque, continuando sua história da comida, enquanto a acompanhava. — É claro que eu poderia, mas existe a questão de eu me molhar. Ele deu os peixes para mim. Embora eu continue não gostando dele.

A claridade do dia se derramava pela escotilha e caía num quadrado do piso. O resto da cabine era uma bagunça sombreada. Sacos, rolos de cordas e feiras de salsichas secas estavam pendurados na parede. Havia um cheiro de madeira molhada, podridão da água doce, suor humano, salsichas, especiarias e o odor de mofo de muitas ervas. Kate Somente olhou ao redor em busca das suas

botas.

Encontrou-as jogadas nas sombras e se curvou para apanhá-las. Depois ela parou. As botas estavam ao lado de uma caixa, um pequeno baú torto de tábuas lascadas. No entanto, a tampa era entalhada e linda: um veado saltando.

Ela conhecia aquele veado. A caixa era feita de pedaços da banca do seu pai.

E havia algo de errado com ela.

O cabelo de Kate ficou todo arrepiado. A caixa estava mais escura do que deveria. Ela dava a impressão de estar respirando.

— Braque? — sussurrou ela. — Estou procurando uma machadinha.

— Eu não procuraria — disse uma voz cantada, atrás dela.

Kate Somente girou nos calcanhares. Linay estava encostado na escada de mão, branco à luz do sol.

— Essa caixa não é para machadinhas. Se você ama sua vida, deixe-a em paz. — Ele sorriu para ela, aquele sorriso lento, lento. — A não ser, é claro, que a machadinha seja para mim.

Ela não respondeu.

— É bom vê-la de pé. Não tem ninguém por perto. Vamos lá para cima.

Ela hesitou, semicerrando os olhos diante do seu brilho.

— Não se preocupe. É bastante seguro durante o dia. — Ele subiu deslizando pela escada.

Kate Somente assistiu enquanto ele subia e lançou um olhar comprido na direção da caixa lascada, abrigada. Depois foi pegar suas botas. Mexer nelas levantou um cheiro de couro chamuscado e de fumaça que por um instante a deixou quase enjoada de tanto medo. Ela engoliu em seco e respirou para se acalmar. Calçou então as botas, verificou o formão e passou pelo alçapão, acompanhando Linay.



A chalana da qual Kate se lembrava de Samilae estava atracada numa curva lenta do rio, onde a correnteza tinha aberto um canal mais reto e deixado uma volta de águas tranquilas, protegidas por um banco de areia e sombreadas por salgueiros. Kate Somente levantou-se ao sair da escotilha e respirou fundo.

Grandes salgueiros cercavam o rio, e mais além havia uma faixa de trigais. O ar cheirava a pão. Ao lado deles, na água, uma garça-cinzenta estava em pé acima do seu próprio reflexo. Kate olhou para a garça, e a garça olhou para ela, e as duas ficaram imóveis por um instante, até a garça se elevar pesada, com suas asas enormes, e partir dali.

— Uuuuu — disse Braque, saltando para o banco na extremidade chata da chalana.

— Ela é grande demais para você, bichano — disse Linay, sentado de pernas cruzadas no teto da cabine. — Essa beleza conseguiria matar um lúcio.

— Humm — disse Braque, e fechou os olhos ao sol filtrado pela folhagem.

Kate Somente ficou parada, com os joelhos bambos no pequeno convés, sem ter para onde olhar, a não ser o céu e Linay. Ela olhou para Linay. Ele estava enrolando tiras de pano branco nas mãos, puxando-as para o lugar com os dentes. As mangas do seu *zupan* pendiam das suas costas; seus braços estavam nus, e as ataduras subiam até os cotovelos. A parte interna dos antebraços estava manchada de sangue fresco.

Kate Somente conhecia facas: era possível alguém se cortar naquele lugar, mas somente de propósito.

Linay viu que ela o observava e estendeu a mão como que para mostrar o sangue. Ela desviou o olhar.

Seu rosto flutuava na água escura. Kate se viu e fechou os olhos, com as mãos se erguendo para cobrir o rosto queimado. Ela apalpou as cicatrizes com bolhas. E afastou as mãos.

A água lá embaixo era um espelho escuro, mostrando os salgueiros e pequenas rajadas de céu. E o seu rosto. *Só Kate é o que ela é*, pensou ela. *Lisa como uma tábuca*. Um lado do seu rosto estava marcado com cicatrizes de queimaduras, em sua maior parte pálido e liso, mas engrossado e cheio de bolhas onde estava pior, um retângulo da orelha à sobrancelha. Também daquele lado, seu cabelo tinha sido chamuscado e estava crescendo de novo somente em algumas partes, feio como um pinto cujas penas mal começam a crescer.

— É bom assim — disse Linay, delicadamente, atrás dela. — Todo mundo vai virar a cara. Menos gente vai ver.

Que ela não tinha sombra, quis ele dizer. Uma vez que conseguisse olhar por trás das queimaduras, ela poderia ver que não ter sombra também lhe deixara marcas. Seu nariz não lançava sombra sobre seu rosto, seus olhos não tinham peso. Ela parecia meio apagada, flutuando na água como o fantasma de um afogado. Olhou para outro lado. Linay ainda a vigiava, concentrado, como se estivesse com fome.

Ele estava ensanguentado, com um ar tresloucado e pálido. Pálido... Ele já era pálido quando tomou sua sombra, mas pálido e forte. Agora, parecia cinzento, tão fraco quanto ela, e enlouquecido na sua fraqueza.

Ele levantou uma sobrancelha branca para ela.

— Se você quiser se lavar, vá antes de escurecer.

Ela hesitou.

— Vá em frente. Vai lhe fazer bem, se suas pernas aguentarem. Não vou espiar.



Kate Somente estava se dirigindo para o remanso, escondido do barco de Linay pelo salgueiro maior. Ela avançava aos poucos, ao longo do fundo do V formado pela margem íngreme e pelo imponente tronco rugoso do salgueiro, equilibrando-se com as duas mãos. A casca grossa do salgueiro fez com que ela sentisse como estavam frágeis e esticadas as cicatrizes recentes nas suas

mãos. Seu movimento estava emperrado como se ela estivesse usando luvas.

— Eu poderia matar a garça — disse Braque. — Se eu quisesse. Eu me deitaria à espera num dos galhos de salgueiro e a atacaria do alto.

— Como uma pantera — disse Kate, que na realidade não estava escutando. Suas mãos. Suas mãos que seguravam o formão. Sua habilidade no manejo desse formão era toda a sua vida: a única coisa que lhe restava no mundo. Suas mãos estavam tão estranhas.

Braque enrolou a cauda.

— Como uma pantera. Ah! Uma pantera. — Ele saltou para cima de um galho e deu uns passos junto da sua orelha.

— Braque — começou ela. Queria lhe perguntar o que aconteceria com ela se não conseguisse entalhar. O que aconteceria... mas ela não encontrava as palavras. E então ela saiu da sombra do salgueiro e se descobriu acima da beira de um remanso, engastado na margem como uma pedra preciosa. O salgueiro se ramificava ali no alto e os ramos caíam como uma cortina, em toda a volta.

Braque espichou-se num galho acima do remanso.

— Eu esperaria — anunciou ele —, assim.

Kate Somente estava em pé olhando para o espaço verde, salpicado de sol. Sua pele estava suja e pegajosa como se ela tivesse passado meses enrolada numa teia de aranha. Suas pernas tremiam de fraqueza. E ela sentia as mãos dormentes, maiores do que deveriam ser, e mais distantes.

— Vou ficar de guarda — disse o gato, bocejando e fechando os olhos.

O que eu vou fazer?, teve ela vontade de perguntar. *O que eu vou fazer se não puder entalhar?* Mas essa pergunta estava errada. *O que vou fazer sem minha sombra? O que vou fazer sem família, sem gente, sem um lugar que seja meu? O que vou fazer com minha vida nas mãos desse homem perigoso?*

— Braque — começou ela.

Mas o gato estava de guarda com tanta atenção que tinha adormecido. Estava deitado no galho, com as patas penduradas, com pequenas contorções de sonho. Kate riu. E riu mais. E descobriu que não conseguia parar de rir. O riso investiu contra ela até ela se dobrar ao meio e lágrimas escorrerem dos seus olhos. E ainda assim ela continuava a rir, até vomitar com o horror daquilo tudo.

O choque físico de passar mal a acalmou. Ela se lavou. Exausta, dormiu. Quando acordou, a tarde estava dourada. Não dava para ver o barco de Linay atrás dos salgueiros grandes, mas ela podia ouvir o rio batendo nos costados retos. Ela podia voltar para lá.

Ou podia ir embora.

Qualquer um que a visse acharia que ela era um demônio. Ela não poderia ir aonde houvesse gente; eles a matariam. Não poderia viver sozinha; ela ia morrer.

Quando se está entalhando uma ponta fina, como a cauda deste peixe, dissera-lhe seu pai, com as mãos grandes sobre as suas, pequenas, e a peça a entalhar por baixo delas, este é um momento de

perigo. O formão pode resvalar. Ele pode acompanhar um veio e estragar o contorno. Pode haver uma falha profunda na madeira que partirá seu trabalho em dois. Você vai ter vontade de deixar a cauda tosca e grossa; é mais seguro. Um mestre entalhador terá coragem e confiará na madeira. As coisas acabam se ajeitando. Kate, Minha Estrela. Levante seu formão.

Kate Somente pôs-se de pé. Entre ela e a estrada havia uma encosta íngreme, quase uma ribanceira, com um emaranhado de raízes curvas dos salgueiros e tomada de urtigas. Ela ergueu o rosto.

— Braque — disse ela —, vamos embora.



Quando por fim chegou à estrada, Kate estava arranhada e picada pelas urtigas, tremendo de exaustão. Tinha sido só uma pequena escalada, mas seu corpo estava fraco. Ela tentou ouvir a voz do pai: *Coragem. As coisas acabam se ajeitando. Levante seu formão.*

Ela deu as costas à direção que Linay ia seguindo e acompanhou a estrada rio acima. A estrada acompanhava os veios da terra, abrindo caminho entre as ribanceiras do rio e a faixa de terra cultivada, conquistada da floresta: campos de trigo e painço, com os montes cobertos de bosques mais além. Era uma estrada estreita, tranquila. Kate andava, e Braque saltitava logo atrás.

Enquanto ela caminhava, o tempo mudou. O sol amanteigado deu lugar a uma luz semelhante a leite aguado, e depois a um denso nevoeiro, úmido como chuvisco. O nevoeiro captava e retorcia o som de corvos no trigo, rouco como um tumulto de vozes.

Depois de andarem um pouco por dentro do nevoeiro, eles encontraram um toco de árvore abandonado na estrada. Era um carvalho, grande como um barracão e ainda atrelado a uma canga, que estava ali vazia. Kate Somente tocou um dos canzís: de freixo, velho, mas bem-feito, com a curva interna lisa como o pulso de uma dama. Não era o tipo de coisa que as pessoas numa região pobre deixariam jogada no meio da estrada. Kate Somente foi aos poucos dando a volta no toco, e em seguida viu uma coisa que a fez parar. Lá dentro, entre as raízes maiores, havia um nó de madeira, duas vezes maior que sua cabeça. Era uma rádica.

As rádicas tinham veios retorcidos que as tornavam difíceis de entalhar, mas também lhes conferiam beleza. Muitos entalhadores tinham feito sua obra principal a partir de uma rádica daquelas. Kate sonhara com isso, mas nunca teve dinheiro suficiente para poder comprar a madeira. A rádica era uma madeira rara e cara.

Kate Somente dirigiu seu olhar para as mãos, duras e remendadas com cicatrizes, brancas e cor-de-rosa como o ventre de um peixe velho. Numa terra desconhecida, sem um copeque que fosse no bolso, ela teria coisas melhores a carregar do que cinco quilos de madeira. E havia madeiras mais fáceis de entalhar, quando não se tinha certeza se as mãos trabalhariam bem. Na realidade, qualquer coisa que ela tivesse escolhido seria mais fácil de entalhar do que uma rádica de nogueira.

Mas ela a pegou assim mesmo.



Kate Somente seguiu pela estrada com a rádica de nogueira debaixo do braço. Farelos e grumos de terra iam se soltando, entrando nas dobras do seu vestido branco. Mas não havia ninguém para estalar a língua nos dentes em reprovaao pelo estrago. A estrada enevoadada estava começando a parecer estranha de tão vazia. Os campos, que deveriam estar em polvorosa com os ceifadores, estavam desertos. Da chaminé dos casebres de lavradores não saía nenhuma fumaça. Ela topou com uma vaca que mugia para ser ordenhada e deu uma cabeçada na sua direao. Quilometro após outro, não havia ninguém.

Ela acabou chegando a um trigal que estava meio ceifado, mal tosado como o cabelo de Drina. O campo estava quieto, cheio de estorninhos que se banquetevavam com o trigo caído.

Kate Somente era uma menina da cidade, mas sabia que não se devia deixar o trigo jogado nos campos, até que as papoulas subissem através dele. Ela foi andando ao lado das flores vermelhas, sentindo suas pernas começarem a tremer de fraqueza. Havia algum problema. Algum problema.

Ela continuou andando. Havia um cheiro azedo de cervejaria, de trigo apodrecendo. Uma revoada de estorninhos se assustou quando ela passou e subiu, espiralando acima da sua cabeça, como uma tira de fumaça. Braque esticou o pescoço para acompanhar o voo, mas permaneceu bem junto dela, quase como um cachorro. É claro que ela não mencionou isso.

Kate avançava com esforço. Suas pernas pareciam odres velhos: a pele dura e os músculos batendo dentro como líquido. Enquanto andava, ela oscilava um pouco, apesar de procurar não fazê-lo. Mas não havia lugar para parar. Ela forçava os olhos para enxergar mais adiante. Havia um lugar em que o trigo ainda estava em pé, e mais além, na borda do campo, um quebra-vento de bétulas. Quando chegasse àquele quebra-vento, prometeu a si mesma que cortaria um cajado e pararia para entalha-lo. Fixou os olhos nas árvores brancas e tentou impedir seus pés de se arrastarem. Quando chegasse ao quebra-vento, ela não parava de pensar. Quando chegasse ao quebra-vento...

Mas ela nunca chegou.

No limite irregular entre o trigo ceifado e o não ceifado havia um borao de papoulas. Jogada ali havia alguma coisa escura como uma tora. Ela se sentaria nela, pensou, cambaleando, e...

Ela viu que a tora era um corpo. Um rapaz jovem, com o cabelo louro como o trigo, estava caído ali, com seu alfanje fincado no chão ao lado. Kate tombou de joelhos.

Braque farejou o rosto do rapaz.

— Está vivo. Comeu peixe... mas... Katerina. Sinto o cheiro da criatura. A criatura que fez isso com ele.

Kate pegou a mão sem vida do rapaz, sacudiu o ombro vestido de roupas toscas. O garoto não se mexeu, nem mesmo suspirou em seu sono. *Como Wen*, pensou ela. *Como Stivo e como Wen*.

Ela fechou os olhos e tentou se levantar, mas, em vez disso, caiu para a frente. Poderia ter desmaiado. O tempo parou, sem explicação.

Quando voltou a passar, Braque estava dando cabeçadas na sua mão. Ela sentia o caroço no crânio dele, onde o machado o atingira, um ponto nodoso por baixo do pelo macio.

— Encontrei mais deles — disse ele, chiando, com o pelo arrepiado. — A criatura. Mais gente dormindo. A criatura esteve por aqui.

— A sombra branca. — Kate Somente engasgou e cuspiu fora o azedo que estava em sua boca. — A criatura que matou Wen e Stivo. — Ela olhou para o rapaz inerte, adormecido. Então arrancou o alfanje da terra e, apoiando-se nele, se levantou com esforço. Ficou ali em pé, arfando.

Braque olhava para o céu, com uma crista de pelo erguida ao longo da espinha. Kate Somente olhou para o alto também, sua pele começou a se arrepiar com um medo que foi se abatendo devagar sobre ela. Estava começando a escurecer. Um nevoeiro vinha se desenrolando a partir do rio, serpenteando acima da estrada. Já seria noite dentro de uma ou duas horas. O nevoeiro chegaria. A criatura branca viria com ele. Com um toque, ela havia matado Stivo. Kate não tinha como se defender.

— Temos de voltar — disse ela.

E, assim, eles voltaram. Exausta, ela ia trôpega e manca, carregando sua rádica, apoiada no alfanje, até o cabo liso rasgar suas cicatrizes. Ela chegou ao barco de Linay num crepúsculo roxo, com as duas mãos sangrando, encurvada como o anjo da morte.

Linay ergueu as sobrancelhas.

— Esse foi um banho demorado.

Braque deu-lhe uma mordida. Kate caiu desmaiada aos seus pés.

UM FANTASMA NO RIO

— Esse seu gato é mesmo uma amolação. — Linay estava empoleirado na beira do catre. Kate o viu desfocado e depois com o contorno em silhueta, enquanto se esforçava para conseguir abrir os olhos. Kate estava acordada de novo e de novo confusa. Demorou um instante para ela organizar na cabeça, e na ordem certa, o rapaz nas papoulas, a jaula do urso, o remanso dos salgueiros, o arco do violino e o machado na escuridão. Todos eles giravam em torno de Linay. Todos eram culpa dele, e ali estava ele sentado ao lado dela, cuidando de um ferimento no pulso, assobiando. — Ele mordeu quase até o osso, olhe! — Ele exibiu um dedo arranhado.

Era dia novamente. E era um amanhecer ou um entardecer. A luz na escotilha era suave, e pássaros cantavam.

— Sente-se então, bela donzela. Isso você deveria conseguir. Embora talvez não devesse voltar a sair em peregrinação. — Ele estendeu a mão para a dela e a puxou para cima. As mãos de Kate estavam cobertas com curativos macios e bem-feitos, de linho limpo.

Linay fechou a mão e então simulou que os dedos passavam ondulantes sobre o trasto do violino. O dedo mordido parecia duro.

— Meu dedilhado vai ficar uma droga. — Ele olhou para ela, sorrindo, mas sem humor, implacável como a neve. — Sorte sua eu não machucá-lo.

Kate Somente sentiu frio. Ela podia ouvir Braque no convés, miando ruidosamente. E Linay cantou baixinho, pondo em palavras a canção do gato:

*Ó ratos, ratos, lanches com patas,
Venham a canção de Braque escutar!
Podem se contorcer, podem gritar..
Hão de ser presente para minhas gatas!*

— Eu sentiria muito feri-lo, Kate Somente. Sentiria de verdade.

— O que você quer? — perguntou ela.

— Sangue — disse ele, com leveza. Depois, como se tivesse se lembrado de já ter dito isso antes, acrescentou: — Desta vez, o seu, Kate, minha menina. Já dei a maior parte do que eu tinha para dar.

Ela estava sentada ao alcance dele, acuada num canto do catre. Ele estava entre ela e a escotilha. Estava ficando escuro. Ela levantou o queixo... e sentiu o repuxão das suas cicatrizes recentes.

— Se você quer sangue, deveria ter me matado enquanto eu dormia.

Os miados de Braque foram desaparecendo à medida que ele partiu para caçar e fazer filhotes.

Linay ainda sorria.

— Mas não é assim que a magia funciona, bela donzela. A magia é — ele abriu majestosamente as mãos ossudas — uma troca de dádivas. Uma sombra pelo desejo do seu coração, por exemplo.

Kate semicerrou os olhos.

— Para que você precisa de sangue?

Linay olhou para ela. O olhar pareceu ir fundo.

— Talvez eu lhe mostre — disse ele.



Eles saíram para o convés. Estava fresco e claro, logo depois do pôr do sol; a estrela vespertina abria seu olho, e os grilos cantavam mais alto. Eles tinham avançado mais pela região de serra, onde o rio se dividia como tranças de cabelo em torno de ilhas, cobertas de bosques. Protegido por uma dessas ilhas, o barco ancorado balançava.

Havia um nevoeiro um pouco atrás deles.

— Então — disse ela.

Linay nada disse. Kate olhou ao redor. Não se via Braque em parte alguma. Ela conseguia ouvi-lo ao longe, cantando sua canção de galanteio. Morcegos enxameavam o céu pálido, andorinhas disparavam acima do rio, e ela pensava nele. Linay sentou no teto da cabine. Ela, em pé, estava da mesma altura que ele sentado no teto baixo. Ela podia ver o queimado de sol, rosa no repartido do cabelo branco. Fazia com que ele parecesse quase humano.

Olhando na direção do nevoeiro que se adensava, ele fez uma pergunta:

— Você já passou fome?

Ela deu de ombros.

— É claro que passou — resmungou ele. — É claro.

— O que você quer, Linay? — Era a primeira vez que ela dizia o nome dele. Parecia ter poder.

— Os mortos, sabe, têm fome. Aqueles que não descansam. Eles passam fome o tempo todo, e não podem nem comer capim. — Ele estava a meio caminho de cantar de novo. E pareceu se conter. — Eles têm a boca do tamanho do buraco de uma agulha e o estômago do tamanho de uma montanha. É um destino terrível.

— Disso eu sei — disse ela. — Todo mundo sabe disso. — Embora na realidade seu jeito de dizer isso fizesse sua pele formigar.

Mais uma vez ele parou de falar. Seu silêncio cresceu entre eles como a música de insetos na noite de verão.

— Minha irmã — disse ele por fim, com a voz baixa e embargada. Ele engoliu em seco e

tentou novamente: — Minha irmã é um deles. Um dos mortos famintos.

— Eu a vi. — Kate adivinhou, soube, de imediato, e seu cabelo ficou em pé com a percepção.
— Uma mulher branca. Uma...

— *Rusalka* — disse ele, demorando-se no sabor amargo da palavra. — O fantasma de uma mulher afogada. De uma bruxa empurrada por engano para dentro do rio. Criaturas desse tipo são chamadas de *rusalka*. Não há muitas. A verdadeira bruxaria é um dom raro, e os *gadje* preferem o fogo quando nos matam.

Ele disse *gadje* do mesmo jeito de Stivo, e Kate viu que, por trás do seu modo de usar sua própria pele branca-de-bruxa como uma máscara, Linay tinha os ossos estreitos, a boca cheia e os olhos amendoados de um nômade. Um nômade, sozinho.

Ele se levantou.

— Você já a viu?

Ela fez que sim.

— E a verá novamente. — Ele passou roçando por ela e ficou parado na borda do barco, olhando para a água lá embaixo. Kate Somente virou-se e olhou também. Ali começava a surgir de leve um nevoeiro trêmulo: a extremidade do nevoeiro os estava alcançando. — Logo — disse Linay. Ele desenrolou as ataduras do braço, que estava coberto de cortes longos e profundos. Kate Somente olhou espantada. De repente, havia uma faca na outra mão de Linay. Ela faiscou, e Kate se afastou sobressaltada, mas a faca já tinha sumido, devolvida para algum bolso oculto nos recônditos do casaco de Linay.

Linay tinha se cortado. Ele estendeu o braço, e o sangue escorreu e gotejou das pontas dos dedos. A noite estava muito silenciosa, e eles podiam ouvir o minúsculo som das gotas de sangue caindo no rio.

Linay relaxou e sentou-se no teto da cabine como se seus joelhos não o aguentassem mais.

— Ela virá. O sangue chama. Ela virá.

Kate ficou ali parada, olhando para o nevoeiro. Ele estava mais denso, mas os buracos criados pelas gotas de sangue permaneciam, descendo através dele.

Linay falou atrás dela:

— O que você vai fazer, Kate Somente? Se ela tocar em você, se ela só tocar, você cairá num sono sombrio para nunca despertar. Estão dizendo que é “a morte do sono”. Não há como você escapar. — Ainda assim, Kate não quis se virar. Os buracos no nevoeiro estavam se abrindo como uma boca. Linay continuou: — Ela está chegando.

Kate nada disse.

— Posso salvar você — disse ele. — Posso impedi-la. Existe um feitiço, com sangue. Se você me der sangue, posso usá-lo para impedir que ela a mate. Não quero que ela a mate.

— Você está mentindo.

Linay deu uma risada, como um latido frustrado.

— Não posso! — Sua voz estava descontrolada. — Até mesmo tentar já me mataria. Não posso mentir e não posso lhe dar mais sangue, não muito. Eu a estou levando, pelo rio, até Lov. Quer dizer um mês, pode ser. Não preciso de muito sangue para isso. Uma xícara por dia, talvez. Duas. — Agora ele estava procurando convencê-la. O pânico de Linay lhe deu medo.

Ele olhou para além dela. Seus olhos se fixaram em alguma coisa. Ele os fechou.

— Decida-se.

Kate Somente girou. O fantasma vinha se erguendo do poço de escuridão.



Kate Somente precisou recorrer a toda sua força de vontade para dar as costas ao fantasma e encarar Linay. Ela podia sentir a criatura atrás dela. Era como estar parada junto da entrada de uma gruta: o bafo parado enregelava sua nuca. Sua própria respiração estava presa com o pavor. Mas ela não se virou.

— Eu quero uma coisa — disse ela.

Linay bufou, quase com uma risada:

— O quê?

— Minha sombra.

— Mas ainda não acabei com ela. — Ele realmente parecia estar a ponto de rir, prestes a se desfazer em risinhos nervosos, como o final de uma água fervendo numa panela. — E tanto faz eu ficar com ela, porque dentro de um minuto ela já não lhe servirá de nada. Eles não usam sombra, sabe, na terra dos mortos. Simplesmente não se usa.

Kate não deu atenção a isso.

— Sem ela eu não posso viver. Por isso, eu bem poderia morrer agora. Nós dois vamos morrer, não vamos? Ela vai levar nós dois.

O olhar dele bruxuleou por um instante, atrás dela e mais para o alto.

— Isso mesmo.

— Então... — disse ela. No limiar da sua audição, música. Uma voz fria cantava.

Linay estava sentado imóvel, mordendo a ponta da língua, tingindo os lábios brancos com sangue. E então ele concordou, com um gesto súbito e marcante.

— Ainda não. Vou precisar da sua sombra. Em Lov. Mas em Lov eu a libertarei.

Kate Somente ficou ali em pé, paralisada, presa entre a ameaça e a esperança.

— É uma promessa de um homem que não pode mentir — disse Linay. — E é só isso o que você vai conseguir. Aceite agora se quer continuar viva.

Algo tocou de leve a nuca de Kate, como uma pena. Ela se virou de repente, sacando o formão. A criatura estava bem ali, logo atrás dela, como uma sombra.

Kate deu um salto para trás, tropeçando. O nevoeiro se encapelou, e a criatura feita de nevoeiro avançou. A música, a música vazia, derramou-se sobre o convés do barco. Kate sentiu-a

ao seu redor, dentro de si, avolumando-se e enchendo suas pernas. Era um vazio que era como um calor, um peso que era como ir embora flutuando. O sono.

— Pare! — disse ela, quase sem voz, brandindo o formão, que atravessou o nevoeiro e não deixou nenhum ferimento. — Linay!

— Sangue — disse ele, parecendo calmo novamente, achando graça. Ela arriscou um olhar na direção dele, procurando um contato com os olhos, como quem está se afogando procura. Ele apenas estava sentado, apenas observava. — Experimente o pulso.

Kate Somente tentou se controlar. Facas... ela conhecia facas. Tinha se cortado com frequência suficiente para saber como tirar sangue. Respirando fundo, ela enfiou a ponta do formão no pulso, e com um leve giro abriu ali um pequeno furo. O sangue escuro se acumulou, e ela o deixou escorrer para a mão em concha.

A *rusalka* foi deslizando na direção dela — como o próprio sono, a criatura deslizava: cinzenta, sem rosto, imensa. A figura tremeluzia como camadas de gelo e aparecia em pequenos pedaços: a mão comprida, o cabelo jogado, um olho vazio. E depois, de repente, um rosto. Era estreito, triste e de uma beleza inimaginável. Kate Somente caiu de joelhos, como se tivesse visto um anjo.

Kate teve vontade de se enrodilhar no convés e cobrir o rosto, mas não o fez. Ela ergueu a mão, cheia de sangue. De modo disparatado, ela se lembrou da última vez que tinha erguido a mão desse jeito, para Braque: um dia, quando os nômades se afastaram muito do rio, ela despejou água de um odre na mão em concha e a estendeu para ele. Enquanto Kate pensava, a *rusalka* mergulhou a cabeça e bebeu.

Kate teve a sensação de que uma coisa semelhante a uma boca se fechava sobre o furo no seu pulso. Ela sugava o sangue, ou mais que o sangue. Os ossos. Seu próprio nome.

O tempo foi passando.

Kate estava morrendo. Tinha a sensação de estar sendo transformada em sono e água.

E em seguida um borrão cinzento chegou como uma bala de canhão através do nevoeiro e com um baque colidiu com seu peito.

Kate Somente caiu de costas. Braque estava em pé sobre seu tórax, aos gritos:

— Katerina! Kate! Kate! — Suas garras a espetavam através das roupas. O pelo estava eriçado numa crista em suas costas.

— Braque... — Ela engasgou ao dizer seu nome. Grogue e passando mal, ela se apoiou num cotovelo. A *rusalka*...

... a *rusalka* estava ajoelhada ao lado de Kate Somente no convés. Ela era feita de nevoeiro e sombra, até Kate captar seu olhar, e então, de imediato, ela se tornou humana. Ela era jovem, travessamente triste, uma raposa numa fábula. Kate apaixonou-se por ela. Em seguida, ela se foi.

Foi como acordar de um sonho. Kate sentou-se, e Braque caiu do seu peito, enredando-se nas suas pernas abertas, dando voltas, com ar arrogante, roncando como os gatos fazem quando estão muito magoados.

— A criatura! — disse ele. — A criatura veio, quando eu não estava aqui para enfrentá-la!

Kate Somente girou o corpo. Linay, como se não tivesse se mexido, estava sentado de pernas cruzadas no teto da cabine. Ele encolheu os ombros de um jeito leve, despreocupado, e apanhou a rabeca. Kate levantou-se e desceu do convés.



Kate Somente ficou deitada no catre estreito, escutando os sons agudos da rabeca de Linay, que ressoavam estranhos e descontrolados pela água afora. Braque andava para cima e para baixo pela beira do catre. Suas patinhas a atingiam como cinzéis rombudos.

— Pare com isso — disse ela, quando não conseguia aguentar mais. — Deite-se.

O gato saltou por cima dela e começou a percorrer o espaço de um palmo entre o corpo de Kate e a parede do barco. Na terceira ou quarta vez que ele deu a volta junto ao rosto dela, ela o enxotou:

— Braque! Deite-se!

Ele parou, olhando para outro lado, com a cauda inquieta ondulando acima do rosto dela.

— Eu poderia ir matar alguma coisa para você — ofereceu-se ele.

— Basta você se sentar.

Ele se voltou, pisando no baço dela, e se sentou.

— Sinto muito — disse ele. — Não gosto disso. É uma expressão nova, “sinto muito”. Não deveria ser usada por gatos.

— Acho que não.

Ele se deitou e encaixou o queixo estreito na mão dela.

— Mas sinto muito. Sinto muito por não estar aqui para matar a criatura para você.

— Não é uma criatura. — Kate estava se lembrando do rosto brilhante da *rusalka*... medo e um bruxulear de chama nos olhos espectrais. — Um dia ela deve ter tido um nome.

— Ora! — disse o gato. — Ela agora está morta. Os mortos deveriam permanecer mortos. Se não for assim, eles poderiam arranhar a gente por dentro.

— Ora! — ecoou Kate. A música suspirava e ondulava. Ela esfregou seu pulso cortado e então enroscou o braço no calor macio de Braque. As noites estavam ficando mais frias.

O gato rolou e amoldou a espinha ao lado do seu corpo.

— Durma — disse ele. — Eu fico de guarda.

Mas Kate Somente ficou muito tempo deitada no escuro, muito depois que o gato adormeceu, escutando a música triste e pensando.

Linay era bruxo e um nômade solitário. Sua irmã era bruxa, uma mulher que tinha sido queimada e afogada. Quantos deles poderia haver? Linay, Kate tinha certeza, era tio de Drina, o homem que tinha dado um pedaço da sua sombra para invocar os mortos. O homem que havia enlouquecido.

O NEVOEIRO

No dia seguinte Kate Somente procurou e viu o buraco na sombra de Linay.

Ele estava empurrando a chalana com a zinga. A luz lançava sua longa sombra de um lado a outro do convés. No centro daquela sombra, sobre seu coração, havia um trecho que se agitava como um pássaro ferido. O sol passava por ali, de vez em quando, em rodelas de luz.

Kate ficou olhando aquele trecho turvo. Debaixo dela, o barco subia, avançava e desacelerava; subia, avançava e desacelerava. O nevoeiro ainda estava atrás deles, com sua parte superior tornada rosa e amarela pelo amanhecer aquoso. Ela estava se lembrando de como ele tinha usado cabelo e sangue para rasgar sua sombra. Para dar voz ao fantasma da irmã.

— Qual era o nome dela? — perguntou Kate. — Da sua irmã. A *rusalka*. Como ela se chamava?

O barco balançou um pouco quando Linay se atrapalhou com a zinga, mas seu rosto pálido e sobrenatural permaneceu neutro.

— Ela morreu — respondeu ele, por fim. — Nós não dizemos o nome dos mortos.

— Eu sei. Drina me disse.

Isso provocou de repente um olhar espantado.

— Drina. — Ele voltou a se acalmar. — Ora, ora. Como a vida dá voltas. Enquanto eu a acompanhava, eu sabia que você estava com os nômades, mas eu...

— Você me acompanhava? — Foi a vez de Kate se sentir chocada.

— Para puxar sua sombra. Você achou que o que restava da sombra ia ser enviado a mim por algum mensageiro do rei? Como eu lhe disse, a perda de uma sombra é uma coisa lenta. Eu precisava estar por perto, para apanhar a sua à medida que ela escapasse. — Ele deu de ombros. — Só há uma estrada. Só há um rio. Não foi difícil segui-la.

Por que ela deveria se sentir traída? Mas era assim que se sentia. As palavras dele despertavam a sensação de pânico da sua longa perda, do seu pesado segredo, da sua sombra se retorcendo para se afastar dela. Ela lhe deu as costas. A sombra de Linay caía por cima dela, e a dela mesma não estava em parte alguma. Tinha sumido.

— Por quê? — perguntou ela. — Por que você fez isso comigo?

Ela viu a sombra de Linay encolher os ombros.

— Eu precisava de uma sombra. A sua era a mais fácil para eu conseguir.

Kate Somente baixou os olhos até as mãos queimadas, com a luz as atravessando direto. Não disse nada. O tempo passou. E depois, de repente, Linay estava em silêncio junto dos seus

ombros. Ela estremeceu e se afastou dele, mas ele estendeu as mãos e a segurou pelos pulsos. Ele os levantou, sem dar atenção à sua resistência fria.

— Estão se recuperando bem.

— Me solta! — Ela puxava as mãos inutilmente.

— Primeiro, um pouco de unguento. — Ele a soltou e tirou das dobras do seu *zupan* um pote com tampa. Esfregou um pouco do produto oleoso e refrescante nas suas cicatrizes. O cheiro forte de menta derramou-se sobre ela. A cabeça de Linay estava curvada sobre as mãos dela.

— Lenore — disse ele, baixinho. — O nome da minha irmã era Lenore. Ela era curandeira. E me ensinou isso. Vou ver você entalhar novamente.

Ela não conseguiu pensar em nada para dizer. Linay continuou encurvado sobre suas mãos, cantando baixinho. Kate lembrou-se do que Drina tinha dito: que toda a magia dependia de uma dádiva, doada espontaneamente, e que os curandeiros davam parte da própria vida pela saúde daqueles que eles curavam. Linay se balançava enquanto cantava, como se estivesse exausto ou rezando. Lentamente ele foi cantando, até se calar. Solto as mãos dela, mas não levantou a cabeça. Sua voz era grave:

— Como seu gato a chama?

— Katerina.

— Katerina, sinto muito. — Mesmo que ele não tivesse sido um bruxo, obrigado a dizer a verdade por seu próprio poder, ela teria certeza de que estava falando sério.

Mas naquela noite, enquanto o nevoeiro turbilhonava em torno da chalana, ele mais uma vez invocou a *rusalka*. Mais uma vez ficou sentado, olhando, enquanto Kate enchia a mão com o próprio sangue — a mão que ele tinha acabado de cuidar. E ele deixou a *rusalka* se alimentar do seu sangue, até Kate perceber que deslizava para dentro do cinza, tentando se agarrar à lembrança de que Linay era perigoso, que ele não a amava e que ela não podia perdoá-lo.



Kate Somente dormiu até tarde no dia seguinte. Quando acordou, a primeira coisa que viu foram olhos de gato. Braque estava sentando no seu peito, olhando com raiva como somente os gatos conseguem olhar.

— Você deixou a criatura vir atrás de você de novo — disse ele. — Se você morrer, vou ficar furioso com você.

Kate sentia a cabeça atordoada.

— Onde você estava?

Abruptamente o gato decidiu alisar o ombro.

— Ele me deu peixe — disse com a voz abafada pelos pelos. — Eu adormeci.

— Ele lhe deu veneno?

— Não aceitarei mais comida dele — declarou Braque. — Saiba que esse é um sacrifício

enorme. Mas está claro que preciso protegê-la, Katerina. — Ele olhou de esguelha para ela. — Você está pensando em lhe dar mais sangue.

— Acho... — disse ela, e então parou para pensar. A pequena cabine estava abafada e balançava, deixando-a sonolenta. Ela permaneceu deitada, olhando as ervas e feixes acima dela oscilarem lentamente. — Acho que tenho de fazer isso — disse ela. — Ele me devolverá minha sombra em Lov. Não posso viver sem minha sombra.

— Eu não confio nele.

— Ele não pode mentir.

— É o que ele diz. — A cauda de Braque chicoteava. — Katerina, sua sombra não lhe valerá de nada se a criatura a matar.

— Ela não matará — disse Linay, e Kate deu um pulo. Ele tinha descido pela escada sem que eles percebessem.

Braque não se dignou a encolher-se, mas suas orelhas se inclinaram para trás.

— Matará, sim. Já fiz sangrar muitas criaturas pequenas. Eu conheço sangue. Katerina, você não pode alimentar a criatura outra vez. Ela *vai* matar você.

— Bem — disse Linay. — Existe um jeitinho.

— Ora! — Braque cuspiu. — Você é cheio de jeitinhos! Já é tarde para jeitinhos! Você enfraquece Kate. Você a deixa confusa!

Linay não deu atenção a isso.

— Vamos desembarcar. Vou lhe mostrar.

Kate Somente queria dormir. O calor a embalava, sua cabeça latejava. Mas, depois de algum tempo, ela se levantou e subiu pela escada. Descobriu a chalana atracada à margem do rio, onde alguma inundação antiga tinha deixado uma pilha emaranhada de árvores mortas. Ela demorara demais. Linay tinha partido numa das suas missões de pilhagem, deixando-os sozinhos.

Sentada no bosque ossudo e esbranquiçado, com o sol passando direto por ela, Kate Somente tentou entalhar. O formão, que no passado tinha sido como outra mão para ela, agora parecia duro, em cima das cicatrizes recentes. Seus dedos tinham perdido a segurança e a força. Mesmo assim, ela girou repetidamente debaixo do seu formão a rádica que tinha encontrado na estrada, cortando fora os pontos enfraquecidos pela podridão, buscando pela forma no seu cerne. Era um trabalho tosco, o único que suas mãos conseguiam fazer.

A rádica aos poucos assumiu uma forma semelhante à de alguma coisa com asas. Ela pensou em duas mãos, com os pulsos unidos, as palmas e os dedos abertos. Mãos atadas.

Braque estava sentado empertigado num ramo seco caído, olhando para ela com raiva até ela desistir de entalhar e resolver lhe fazer um agrado, pegando um peixe. Ela o preparou. Os dois comeram. O tempo passou tranquilo.

— Quando você estava com os nômades — disse a voz de Linay atrás dela, súbita e baixa como a de um fantasma —, ela apareceu?

Kate Somente recusou-se a se sobressaltar outra vez. Ela fez que sim sem olhar para ele. Sim, a *rusalka* tinha vindo. E os nômades — as pessoas que tinham sido quase sua família — puseram a culpa em Kate.

— Quem? — perguntou Linay. Kate Somente não via por que deveria responder. Ele que ficasse se perguntando. Mas então ele disse: — Não Drina...?

Drina. Sua primeira amiga, sua... a palavra a espantou ao surgir no seu pensamento... sua irmã.

— Não — disse ela. — Drina, não. Wen. Stivo.

— Ah! — disse ele, com a voz neutra. E se sentou de frente para ela, espetando a cabeça do peixe.

— Tem como salvar as pessoas? — perguntou Kate. — As que estão adormecidas... eu teria como salvá-las?

Linay deu de ombros.

— Se a *rusalka* fosse despertada do seu meio-sono, as pessoas adormecidas poderiam despertar também. Eu não sei, e não me importo. — Ele levantou a aba da guelra e tirou o bocado de carne por trás dela.

— Queremos ver esse seu jeitinho — disse Braque.

— Hummm — disse Linay. — Chegue mais perto.

Kate Somente hesitou e mexeu com o pé para ter certeza do acesso ao formão na sua bota. Seu movimento foi sutil, mas ele percebeu.

— Ora, francamente. — Ele cutucou o dedo do pé de Kate com o seu. — Eu salvei sua vida. Até parece que ia querer feri-la. Estenda as mãos. — Ele simulou o movimento, fazendo uma taça com as próprias mãos longas e a erguendo.

Ela o olhou com os olhos semicerrados. No sol, a cicatriz da queimadura repuxava no seu couro cabeludo. Ela levantou as mãos em taça.

— Eu nem sempre fui um ladrão de sombras, sabe? — disse ele. — Eu trabalhava com o tempo... e era bem-vindo por toda parte, bem-vindo como uma chuva de verão. E ainda conheço os humores do vento e da água. — Ele se debruçou sobre ela, encaixando as próprias mãos encostadas na parte inferior das dela, com os dedos longos tocando os seus pulsos. — Não se pode esperar que um fantasma lamba sangue derramado como um...

— ... cachorro — sugeriu Braque. O gato tinha se levantado e os estava observando, com o pelo arrepiado.

— Ela aceitará sangue somente de um corpo. Mas o que é um corpo? Uma taça para a vida. Uma taça de alento. — E ele deu um longo sopro na taça formada pelas suas mãos. De início, o ar estava morno, mas aos poucos esfriou.

Kate abriu as mãos delicadamente. Dentro delas — assumindo seu formato — havia uma taça de gelo. Era pequena como um ninho de passarinho, tecida da mesma forma, e rebrilhava ao sol.

Ela a levantou para a luz. Delicadas plumas de gelo recobriam suas bordas.

— Viu? — disse ele, sorrindo. — Nem sempre foi feio. — Em seguida se levantou de repente como um homem ofendido. — É uma taça. Você a enche de sangue, e ela não saberá a diferença entre a taça e um corpo. Assim, eu controlo seus apetites insaciáveis. Saiba que você não tem como fazer isso sem mim. — Ele deu as costas para ela e brandiu a frigideira como se fosse uma espada. — Apague direito o fogo e venha para o barco — disse ele. — Quero cobrir alguma distância ainda hoje.

Mas, quando ela se ergueu por cima da borda do barco, ele estava lá embaixo no porão e não subiu de imediato. Ela achou que o ouviu chorando.



E assim eles seguiam. A região tornou-se mais plana, e a temperatura, mais fresca. As mãos de Kate se curavam lentamente. Linay ia se fortalecendo, e Kate Somente descobriu por que ele tinha ficado fraco.

Todas as noites ela deixava seu sangue encher a taça de gelo que forrava as mãos de Linay. Eram mãos grandes, estreitas, mas de dedos compridos. A sangria acabou por atingi-la como uma doença. No primeiro dia, ela não se sentiu diferente. Mas, no segundo, o sol lhe causou sonolência. No terceiro, ela se flagrou cabeceando de sono sobre a peça a entalhar. No quinto, uma espécie de peso já tinha desabado sobre ela, fazendo seu formão tremer. Ela o embainhou e perguntou:

— Quanto falta para chegarmos a Lov?

Linay deu de ombros. Suas juntas tinham recuperado a fluidez de antes. Ele já não se mexia como se seus cordéis de polichinelo estivessem ressecados.

— Duas semanas? Três? Essa região não é a minha. — Ele fincou a zinga no leito do rio, empurrou a chalana adiante e acrescentou: — Mas estamos chegando lá, *mira*. Dá para eu sentir o gosto, como o de cinzas. Lov, finalmente.

Sua voz fez doer as cicatrizes de Kate. Ela abaixou a cabeça e retomou o trabalho na madeira.

Passaram-se dias. Linay trouxe das suas perambulações calças de couro e a bata de um lavrador, e ela dobrou com prazer o vestido comprido de linho. No dia seguinte, ele lhe deu um rolo de ferramentas de mão: uma grosa, um cinzel, três tipos de goivas, um furador e um formão. Kate, cujo velho formão era tão parte dela quanto seu nome, guardou o novo, mas ficou grata por poder usar as outras ferramentas.

— Nenhum gato faria isso — disse Braque. — Lute!

— Estou lutando — respondeu ela. Mas lentamente isso foi deixando de ser verdade.

Ela tentou impedir a si mesma de sentir a onda de ternura que a invadia, quando ele trabalhava para curar suas mãos: a canção suave que um dia tinha consertado os dedos esmagados do seu pai, o repartido torto e queimado de sol do cabelo branco de Linay, quando ele curvava a

cabeça clara. *Ele é perigoso*, dizia a si mesma. *Ele não me ama. Eu não confio nele. Só estou indo a Lov para recuperar minha sombra.*

Ele não me ama. Este não é o meu lugar.

treze

A SOMBRA

À deriva numa balsa verde no Narwe de águas lentas e da cor de chá, Kate Somente entalhava e sangrava.

Ela estava sentada no banco do zingador, com o formão na mão, sonolenta, ao sol. As asas da rádica estavam quase terminadas, cheias das reviravoltas longas e estranhas dos veios da madeira, agora menos semelhantes a penas do que a cabelos compridos espalhados na água. Elas tinham uma beleza inquietante. Mas a massa entre as asas se recusava a lhe mostrar seu rosto. Ela havia eliminado a parte da madeira podre e a áspera, e encontrado um nó liso, como uma bolota de carvalho. Seria um queixo pontudo e uma testa alta? Um bico de coruja e orelhas de abano? Sua curva vazia não lhe dizia nada. Ela estava sentada, com o formão acima da peça, e não sabia o que fazer. Se a peça era um espelho, seu coração estava em branco.

Ela tentou invocar a voz do pai: *Coragem. Confie na madeira. Levante seu formão.*

Kate levou o formão à curva lisa, deu um golpe suave. A lâmina atingiu um nó e voou da sua mão, deslizando pelo convés. Kate levantou-se e foi buscá-lo. Pensou em jogar a peça no rio e talvez se jogar atrás dela.

Braque estava se debruçando na proa como uma carranca, os bigodes vibrando perto da água. Kate espiou: bagres se movimentavam nas raízes dos salgueiros, abrindo e fechando lentamente as bocas brancas. Braque olhava fixamente para eles, envesgando os olhos com avidez.

— Vou me deitar — disse-lhe ela.

— Peixe, peixxxxxxe — respondeu ele.

Ela baixou a escada para o porão escuro e quente — e viu Linay.

Ele estava ajoelhado ao lado do catre. Por cima das colchas, estava a caixa feita dos restos da banca do seu pai. Linay estava com a mão estendida acima da caixa, e o sangue gotejava da ponta de um dedo para dentro da caixa.

— Não se aproxime — disse ele.

Ela se aproximou.

A alguns passos de distância, ela podia ver o interior da caixa. Estava vazia, mas continha escuridão, como uma tigela poderia conter água. A sombra que se coagulava ali dentro parecia borbulhar em torno do sangue, como peixes em torno de migalhas de pão.

Ela parou de se aproximar.

E Linay fechou a tampa.

— Minha sombra — sussurrou Kate.

— Todas as coisas precisam comer. — Linay deu de ombros e levou o dedo perfurado até a boca, acabando de chupar o sangue. — As lágrimas são melhores que o sangue, mas há alguns dias em que simplesmente não se consegue chorar. E a sombra precisa ser alimentada para não murchar e se transformar em costelas e órbitas vazias... inútil.

— Inútil — disse ela, baixinho —, para quê? Por que você precisa dela?

— Para levantar os mortos e espalhar o fogo. — Ele lhe respondeu como se estivesse imerso nos próprios sonhos. Depois ele se ergueu e lhe lançou um olhar fulminante. — Você é afiada, Kate Semente. Tenha cuidado, ou vai se cortar sozinha. Se preza sua vida, não abra aquela caixa.

Ele saiu com passos decididos.

Kate Semente ficou olhando para a caixa fechada. Ela pôs a mão no cervo entalhado e deixou que sua gahlada picasse a pele nova na palma da mão. Era um entalhe do seu pai; era tão conhecido seu quanto sua própria respiração. Alguma coisa se mexeu? Por trás da madeira fina, como que por trás da superfície de um espelho, alguma coisa estava pressionando a mão contra a dela?

Seu coração teve um pequeno sobressalto, como que diante do ferimento de um herói numa história.

— Sim — respondeu alguma coisa. — A minha.

Lágrimas, dissera Linay. Se ela chorasse, a coisa viria a ela? Ela quase poderia ter chorado, atingida por essa nova esperança.



No dia seguinte, quando Linay saiu em busca do que pilhar na região abandonada, Kate subiu de volta à balsa. Ela desceu e se sentou na beira do catre, olhando para a caixa. Braque pulou no seu colo.

— Olá — disse ele, rolando e olhando para ela com ar de súplica. — Eu gosto de você e lhe ofereço meu pescoço para coçar.

— Braque — disse Kate. Ela enredou os dedos no seu pelo. — Eu...

— Tem esse ponto que está coçando, sabe? — disse ele. — Logo acima do maxilar esquerdo. Uuuuuu, isso, aaaaaaí... — Sua voz foi se apagando num ronronar.

Se você ama sua vida, dissera Linay. Mas ela precisava ver. Se houvesse a menor chance de recuperar sua sombra...

— Preciso tentar.

— Uuuui, você está conseguindo. — Braque exibia e escondia as garras, enquanto movia as patas no ar. — Você tem um dom, eu sempre disse isso. Uuuuuui...

— A conversa não é sobre você.

As pálpebras do gato estavam quase se fechando. Ele ergueu uma, como um lagarto.

— Não é sobre mim? Por que não?

— É a minha sombra, Braque. A coisa naquela caixa é a minha sombra.

Os olhos de Braque se abriram. Eles estavam atipicamente sábios para um gato.

— E há quanto tempo você sabe disso?

— Desde ontem — disse ela. — Você achou...

— Achei que você podia ter sabido há mais tempo, sim. Achei que você podia ter sabido e mesmo assim não ter feito nada. Você está diferente. Você se entregou demais a esse homem. — Ele inclinou a cabeça para ela. — Uma cachorra, sabe, seu dono pode espancá-la, e ela ainda assim se sentirá feliz ao vê-lo. Abra a porta do canil e é possível que ela ainda o espere com lealdade.

— Não sou uma cachorra — disse ela, irritada.

Ele arqueou os bigodes, abrindo um sorriso de gato e esfregou o osso da testa na bochecha dela.

— Eu diria que não é mesmo — rosnou ele com uma alegria feroz. — É perigosa essa caixa?

Se você ama sua vida...

— É perigosa, sim — respondeu ela.

— Então, vou ficar ao seu lado — disse ele.

E assim Kate se levantou.

A caixa estava no seu canto escuro. Ela a cutucou com um pé. A caixa arranhou o convés. Kate imaginava que ela ou se inclinaria para ela como um animal, ou permaneceria pesada no lugar como um cofre de chumbo. Mas era só uma caixa. Ela a apanhou e a colocou no catre. Nas cobertas emboladas, a caixa parecia maior do que deveria. As juntas eram modestas, as mais simples, mas mesmo assim não estavam alinhadas. Só uma caixinha malfeita.

Braque farejou-a, franziu os olhos e recuou.

— Amarga. — Ele bufou para limpar o nariz sensível.

Kate levantou a tampa.

A caixa estava vazia, mas ao redor deles o ar ia se adensando. O vazio começou a se erguer na caixa, agachado nas ancas cegas, farejando o ar.

O coração de Kate tentou alcançá-lo, e sua mão a acompanhou.

— Calma — disse Braque.

A sombra veio se aproximando e lambeu os dedos de Kate, tocou-lhe as palmas marcadas de cicatrizes com sua não respiração. Kate recuou, afastando-se, e a sombra ganiu atrás dela.

E então ela saiu: sua própria sombra.

A sombra derramou-se sobre ela, uniu-se aos seus pés e suas mãos, percorreu veloz sua pele, mergulhou pelo seu nariz e pelas orelhas. Onde quer que a sombra a tocasse, ela ficava dormente. O tipo de dormência que surge depois de um golpe. Ela estava entre os seus dedos, dentro da sua bata, dentro da sua boca. Kate girou para se afastar, mas a sombra a acompanhou, rodando em torno dela como uma bailarina.

— Katerina! — Braque girou com ela, rodando veloz, tentando atingir a quase coisa grudenta.

— Bra... — engasgou Kate.

A sombra estava nela. Ela se sentia mais pesada e mais leve, vibrando, meio tonta. Mas quando entrou cambaleando na luz da escotilha ela a viu: a coisa com formato de Kate, percorrendo o chão voando, percorrendo a parede, uma sombra, sua sombra!

É, disse a presença, enquanto fazia força contra Kate. *Minha. Nós.*

Kate parou e ficou ali, ofegante. Ela levantou uma das mãos e ficou olhando a parte da mão da sombra se levantar. Ela deslizou pela parede acima. Dela cresceram garras compridas. Kate estava ali em pé, paralisada, com a mão erguida.

— Ela está...?

— Se partindo! — gritou Braque.

Um dos longos dedos da sombra escapuliu veloz. Depois mais um. E de repente a mão da sombra se dissolveu em grumos que não paravam de girar. Kate arquejou, agarrou a própria mão e caiu de joelhos com estrondo.

— Katerina! — gritou Braque.

Kate apertou o pulso com a força de um torniquete. Sua sombra estava em uma dúzia de pedaços, sua mão lhe parecia estranha como um bando de aves. De um lado a outro das tábuas do piso sua sombra caiu pesada, junto com ela. Kate podia ver suas bordas se esfiapando e se destacando para o alto.

— A luz — disse ela, com a voz abafada. — A luz a está quebrando!

Eles não usam sombra na terra dos mortos, veio-lhe à mente a voz de Linay. Os mortos não tinham sombra. Se uma pessoa não tinha sombra, era porque estava morta? Parecia uma morte — uma separação que ia muito além de qualquer dor.

Alguma coisa passou pela sua orelha como um raio e com um baque caiu no convés: Braque. Ele tinha subido, e ela nem havia percebido.

— Eu tentei... fechar a escotilha. Não deixar a luz entrar — disse ele, ofegante. — Não consigo. Está com um trinco. Não consigo... Kate! Kate! — Ela havia caído de lado e estava ali jogada, em pedaços. Braque pegou-a pela nuca e tentou arrastá-la como um gatinho, para fora da luz.

— A caixa — conseguiu ela dizer. — Feche a caixa.

Ele se foi por um tempo muito longo, depois voltou.

— A coisa-sombra não quer entrar — disse ele. Ela mal o ouvia. As palavras dele e o mundo inteiro estavam se partindo num turbilhão de pássaros. — O que eu faço? — Um ponto de dor repentina a trouxe de volta. Braque estava mordendo sua mão. — Kate! O que eu faço?

— ... lágrimas... — Não passava da sombra de uma ideia.

— Não posso! — miou ele, lastimosamente. — Sou um gato! Não sei chorar! Katerina!

Em seguida ele se foi, ou ela se foi. Ela estava só e partida, como a lua em galhos altos.

E então aos poucos, como se acorda de um sonho sobre acordar de um sonho, ela voltou. Estava estatelada no convés, sem sombra alguma ao seu lado. No catre, a caixa estava fechada de mau jeito. Braque lhe dava empurrões com o focinho, com o pelo eriçado em todas as direções. Seus olhos brilhavam com lágrimas. Ele tinha devolvido sua sombra para dentro da caixa.

— Mais — sussurrou ela, levantando a mão sem sombra para tocar nele. — Você é mais que um gato.

— Ora — disse ele, apesar de ainda estar chorando. — Quem ia querer ser?

Ela voltou a fechar os olhos. A luz da escotilha era ofuscante, e o balanço da balsa, enorme e enjoativo. Kate sentiu que Braque se debruçava sobre ela.

— Sinto muito — sussurrou ele, mas, antes que pudesse responder, ela mergulhou num sono pesado.



Sol. Fazia tanto tempo que estava molhada, e o sol, tão gostoso. Enquanto acordava, Kate Somente continuou deitada imóvel e deixou que ele se derramasse sobre ela.

Em seguida, ela se lembrou e se levantou atabalhoadamente. A mão branca no seu peito a empurrou de volta. Linay estava debruçado sobre ela, com um sorriso.

— Mais uma aventura, não é mesmo?

— Me deixa *levantar* — disse ela, com raiva, afastando a mão dele. Ela conseguiu sentar-se. Não estava mais no porão do barco, mas num tapete de musgo e ramos de salgueiro junto de uma fogueira. Estremeceu ao pensar que ele a apanhara no colo e a carregara para terra firme.

Braque estava logo ali, esticado de lado, inerte.

— Braque! — Kate ficou apavorada por ele.

— Ora, francamente — disse Linay, ofendido. — Eu só fiz com que ele dormisse. Ele foi meu presente para você, Kate, quando você me deu sua sombra. Você realmente acha que, depois de tanta distância e de tanta treva, eu desfaria essa troca? — Ele passou um polegar entre as orelhas de Braque. — Acorde, gato.

O gato acordou, cuspiendo e chiando, e investiu contra Linay, com um salto. O mágico ergueu as mãos e cantou. O gato pareceu bater numa teia de aranha, no meio do salto. Ele caiu e voltou a investir contra Linay, mas não conseguiu chegar a ele. Kate Somente ficou simplesmente feliz de ver que Linay já tinha arranhões de gato no nariz e no pescoço: comprovação de que tirá-la do barco não tinha sido fácil.

— Nós *realmente* não gostamos de você — rosnou o gato.

— E eu realmente não os culpo — disse Linay, com um suspiro. — Mas você precisa me dar ouvidos, Kate Somente. Você não vai conseguir roubar de volta sua sombra. Se você a soltar sem minha ajuda, ela a matará. Na verdade, não sei como você sobreviveu dessa vez.

Ela desejou ter as garras de Braque para unhá-lo.

— Deixe-me em paz, Linay.

Ele estava sentado, petrificado... magoado, pensou ela. Em seguida, se levantou.

— Descansaremos aqui hoje — disse ele, de costas para ela, cuidando da fogueira. — E esta noite eu dou o sangue. Mas amanhã precisamos prosseguir viagem. — Ele saiu, embrenhando-se nos salgueiros, e desapareceu.



Kate Somente dormiu e acordou sentindo-se mais forte e mais aquecida com o queixo de Braque se encaixando perfeitamente em sua mão. Mesmo assim, o sol estava indo embora. Rio acima, ela podia ver uma muralha de mau tempo: nuvens e nevoeiro. Uma rajada fria a estava soprando na direção deles. Kate sentia o cheiro da umidade. Ela suspirou: mais chuva.

— É como se ela estivesse nos acompanhando — resmungou, despenteando o pelo de Braque.

— Nós a puxamos. Como um urso numa corrente. — Kate sentou-se de repente, e Braque ficou em pé, com um salto. Do outro lado da fogueira, Linay estava sentado numa pedra, esfolando um coelho. — Sou um bruxo das intempéries, lembra? Os humores do vento e da água. — Ele fincou uma vara afiada, atravessando o coelho, como um homem que sabe lidar com espadas. — Esse nevoeiro tem fome.

— Você — disse Kate. — Você fez o nevoeiro e a chuva. Tudo isso. Nessa região inteira.

Na voz dela havia horror, mas Linay aceitou suas palavras com modéstia e reverência.

— É um trabalho em nada insignificante, admito. Eu teria vergonha de lhe contar as coisas sinistras que fiz para ter esse tipo de poder. A sua sombra foi só a mais recente... e talvez a última. Estou preparando esta viagem há anos.

— Mas... — Ela não podia começar a dizer-lhe o que estava pensando.

Ele tinha feito o nevoeiro e a chuva, as lavouras destruídas pelas águas, o medo sufocado que ela vira crescer como um mofo na feira de Toila. Até mesmo as orelhas de Braque estavam se estendendo para trás à medida que ele entendia.

Mas a verdade é que Braque ainda era um gato.

— Eu me *molhei* — rosnou ele. — Minhas patas ficaram úmidas por *meses a fio*.

Linay encolheu um ombro de marionete.

— O nevoeiro é o lar da *rusalka*. Ela precisa dele como uma rã precisa de água. Ele é como metade da sua pele. Nem mesmo o encantamento do sangue conseguiria trazê-la sem esse nevoeiro. — E ele cantou:

Pequenos remansos enevoados

Poços na floresta jamais visitados

Elos perdidos do rio sonhando sonhos

— Sem mim, ela estaria presa a algum lugar solitário, onde o nevoeiro nunca se dissipa. Comigo, ela pode viajar. Toda a distância até Lov.

Kate Somente imaginou a cena. A muralha de nevoeiro estava seguindo pelo rio, apenas um pouco mais rápido do que um homem poderia andar. Nela, a *rusalka*. Qualquer um que ela encontrasse, ela pegaria: como pegou Stivo, como pegou Wen. Essa era a história sombria que estavam contando em Toila. A essa altura, já era um horror. O campo estava se esvaziando diante da história, como uma floresta se esvazia com a chegada de um incêndio.

E ela o vinha ajudando. Dando-lhe sangue para o encantamento da puxada. Fazia semanas. Kate tremia. Ela virou de lado e vomitou.

Linay levantou uma sobrancelha e ajeitou o coelho no espeto acima do fogo.

Kate Somente sentiu-se fria e cinzenta. Esperar que os nômades a queimassem não tinha sido pior do que isso.

— Por quê? — perguntou ela. — Por que você a está levando para Lov?

— Ora — disse ele, cantando. — Tenho minhas razões. Tenho planos e esquemas. — Ele arrancou uma perna do coelho que assava e a atirou, sangrenta, para Braque, que deu um salto para trás. — Vamos, venha jantar.



Kate Somente entalhava. Ela entalhava para evitar tremer. Ela entalhava para pensar.

— Tudo bem com você, Katerina? — Braque espiava seu rosto arrasado. Quando ela não respondia, ele sacudia a cabeça... realmente a balançava de um lado para outro, um “não” de humanos.

O gesto impressionou Kate e a deixou triste. Parecia errado, parecia certo. Tornava visível o que ele era: não um gato, não um ser humano, algo novo.

— Ai, Braque — disse ela. O que ele era? O que ela era? O que Linay tinha feito deles?

Encontre sua forma. Levante seu formão.

Kate Somente parou de pensar e entalhou, seu formão conhecendo as coisas. O furo que ela fizera quando o formão escorregou sugeria a pálpebra inferior de um olho amendoado. Ela o desbastou, pôs no lugar o outro olho e depois usou a ponta do formão para esboçar as linhas do nariz, da testa e da boca. E de repente a rádica de nogueira tinha um rosto: um rosto de mulher, fino, forte e triste, estranho demais para ser belo. Com apenas os olhos prontos, ele parecia olhar para ela. E ela já sabia: era o rosto humano da *rusalka*, o rosto da irmã que Linay perdera, da mãe de Drina, Lenore.

Encontre sua forma. Ela era Kate Somente, a Entalhadora, filha de Piotr, a garota que conhecia os segredos dentro da madeira. A garota que era valente e erguia seu formão. A garota que tinha dito ao pai que seria mestre antes dos vinte anos.

Mas, em vez disso, ela ia morrer. Porque ia continuar com Linay.

Tempo suficiente para descobrir como impedi-lo.

quatorze

SANGUE E PERGUNTAS

Ao entardecer do dia seguinte eles ancoraram num lugar em que os campos de cevada e centeio desciam direto até o rio, com o cereal crescendo no meio do emaranhado ribeirinho de sanguinárias e juncos. A lavoura — como Kate vinha temendo — não estava colhida e estava cheia de estorninhos que se banquetavam. Quando o pôr do sol acendeu, as aves se lançaram pelo céu em línguas de fogo escuro, que lampejavam para lá e para cá por cima do rio. Linay estava em pé no teto do porão, tocando sua rabeca. As notas agudas se entremeavam ao farfalhar das asas.

Kate Somente mantinha-se de cabeça baixa sobre a peça a entalhar, com o coração batendo depressa à medida que a luz diminuía. O nevoeiro se erguia ao redor dela. A rabeca foi ficando cada vez mais baixa, até que ela e o seu tocador se perderam na escuridão que se adensava. Kate Somente guardou as ferramentas de entalhadora uma a uma no rolo de couro. O estojo de ferramentas era um belo objeto, com seus bolsos internos, forrados de feltro, macios pelo uso prolongado, sua parte externa de textura lisa escurecida com o suor de alguém. Ele não fora abandonado, a entalhadora em Kate tinha certeza disso. Alguém havia morrido. E então Linay roubara o estojo para lhe dar. E ela lhe era grata.

Agora o nevoeiro estava tão denso que ela se sentia totalmente só. E então Braque surgiu do nada, ficando parado, majestoso, junto do seu cotovelo, com as orelhas empinadas e a bela cabeça erguida. Eles ouviram Linay pular para o convés. Ele veio saindo do nevoeiro e parou diante deles. Sem dizer palavra, estendeu as mãos em concha, pronto para o sangue dela.

Kate levantou-se.

— Eu me recuso — disse ela.

— Ah, você se recusa? Acho que nós fizemos uma troca. Seu sangue pela sua sombra.

— Já lhe dei sangue. Eu nunca disse que continuaria a dar. — No campo de centeio, os pássaros caíram num silêncio que pareceu ameaçador a Kate. Ela se empertigou. — Quero mais uma coisa.

Linay cruzou as mãos. A ideia de violência estava clara no seu rosto.

— Quero respostas — disse Kate. — Para três perguntas.

— Três perguntas! — Ele riu. — Você acha que é uma linda donzela num conto de fadas?

Quer que eu lhe traga um espelho, Gravetinho, para você corrigir essa impressão?

— Duas perguntas — propôs ela.

Linay parou de rir. Um nevoeiro mais espesso estava começando a se derramar pelo costado da

chalana.

— Você regatearia até com o barqueiro do inferno! — Linay cuspiu com desprezo e então afinou a voz para se assemelhar à de uma menininha: — Uma moeda ou duas?

Kate tentou dar de ombros.

— Se prefere, tire seu próprio sangue.

— Eu ajudo — disse Braque.

Linay não deu atenção ao gato e falou como que consigo mesmo:

— Vou precisar da minha força.

Agora o barco estava tomado pelo nevoeiro. Kate Somente tinha a sensação de que eles poderiam afundar nele e se afogar.

— *Uma pergunta* — disse Linay.

— Uma por noite.

— Fechado. Agora o sangue.

Foi o que ela lhe deu, deixando-o escorrer para a taça de gelo nas mãos de Linay. Na penumbra, o sangue parecia preto. À medida que a taça se enchia, o nevoeiro cresceu e se adensou, começando a turbilhonar em torno deles e a roçar neles como um cachorro perdido. Dentro de mais um instante a *rusalka* estaria ali, fina como um osso de costela, mas como que os envolvendo. Ela se inclinou em busca do sangue. Nela não havia nada de humano, nada de bonito... somente uma avidez interminável.

Kate recuou.

Linay, porém, permaneceu onde estava, e, quando a *rusalka* se ajoelhou para beber, ele se agachou ao seu lado, como se quisesse passar um braço por cima dos seus ombros. Ele estava cantando alguma coisa. Kate não conseguiu ouvir o quê.

Ela abaixou a mão esticada e pegou Braque no colo. Juntos eles ficaram olhando a *rusalka* e Linay ajoelhados, como noivos. Eles aguardaram.

A *rusalka* tomou o sangue da taça, e quando ela se foi, Linay dobrou-se. Ficou sentado no convés, com os joelhos encolhidos e a cabeça pousada nos braços.

— Linay? — disse Kate. Ela não saberia dizer se ele estava chorando ou não.

Sem levantar a cabeça, ele agitou a mão pálida.

— Sim, sim. Faça sua pergunta.

— Por que... — perguntou ela, baixinho. Para sua surpresa, ela descobriu que não queria feri-lo. — Por que você está levando... Lenore... para Lov?

— Ela morreu lá. — A cabeça baixa tornou sua voz baixa. — No *skara rok*. Ela cuidava dos doentes. — Ele riu, pouco mais alto que o marulho do rio. — Pela Madona Negra, dificilmente eles teriam precisado matá-la: ela já tinha dado tudo de si em magia de cura. Mas foi o que fizeram. Eles a mataram. Tomaram-na por bruxa, a torturaram e mataram. O povo de Lov.

Kate sentou-se no banco do zingador, não ao lado de Linay, mas perto dele.

— Então, por quê? Por que levá-la de volta para lá?

— Depois... — Ele engoliu em seco. — Depois que eu vi o que ela se tornara, decidi que precisava salvá-la. Estudei magia negra. Frequentei lugares das trevas. Falei com... criaturas... com as quais homem algum deveria falar. Acumulei poder. E aprendi. Aprendi, entre outras coisas, que o destino de uma *rusalka* pode ser desfeito, se sua morte for vingada.

— Mas... pessoas já morreram. — *Pessoas que eu conheci*, pensou ela. *Stivo. Wên. E talvez, tomara que não, Drina.* — Já aconteceu. Já morreu gente.

Linay encolheu os ombros.

— Mas não o povo que a matou.

— Lov — disse ela. — O povo de Lov.

— Lov. — Ele fez que sim. — E assim finalmente estamos chegando. — Com isso, ele levantou a cabeça. Não estava chorando. Seu rosto estava firme e feroz como uma espada. Kate Somente levantou-se e desejou ter espaço para onde recuar.

— Basta — disse ele, baixando os olhos e atirando longe os fragmentos de gelo das mãos. — Vá embora.

Ela foi.



O entalhe do rosto de Lenore ia ficar lindo. Mesmo na sua apresentação tosca, ele era cativante. O nariz, estreito. A boca, generosa e triste. Os olhos, inclinados como os de uma raposa. O cabelo, revoltado como o nevoeiro, incorporando-se sem união visível naquelas asas de algas. Durante toda a manhã seguinte Kate Somente trabalhou no entalhe, permanecendo no porão para evitar os olhos de Linay. E, apesar de não gostar do espaço quente e fechado, Braque ficou com ela, cochilando aos seus pés.

Trabalhando com rapidez e destemor, Kate usou um cinzel para liberar malares altos e sobranceiras irônicas da madeira que os encerrava. Lenore. Kate podia ver os olhos vivazes de Drina no rosto entalhado. Ela sentiu uma fisgada de perda e culpa. Drina. O que tinha acontecido com Drina?

E essa mulher que tinha sido sua mãe, com os olhos vivazes, com os lábios generosos de Linay, com alguma alquimia de travessura e tristeza que era só dela mesma, Lenore: será que restava alguma coisa dela na *rusalka*? Ela sabia no que tinha se tornado? Quando levou seu próprio marido, Stivo, para seu cinzento reino de sono, ela sabia?

Na fazenda de Pan Oksar, Kate Somente tinha visto algo de novo: a gente de Oksar, com seus costumes estrangeiros, pregava ferro nas árvores para ter sorte. Ferraduras e cruzeiros toscos feitos de arados quebrados e dentes de forcados. Alguns estavam lá havia muito tempo, e as árvores, em seu crescimento constante, tinham, com a casca, formado bordas em torno do metal, como lábios

vagarosos. Tinham crescido em torno do fermento e absorvido o ferro negro em suas bocas, em seus corações.

Assim, Linay tinha se apropriado do destino da irmã. E o peso e a atrocidade desse destino o enlouquecera aos poucos. Não era de estranhar que seu povo o tivesse banido. Ele estava tão perdido quanto Lenore — mais perdido, porque, diferentemente dela, ele, sem dúvida, sabia. Ele bem sabia o que estava fazendo.

E ia fazê-lo de qualquer modo. A menos que ela conseguisse impedi-lo.

Por isso, na segunda noite, Kate esperou, tentando espantar os mosquitos, e Braque veio e se sentou como uma esfinge, entre seus pés. A luz foi se tornando azulada, e o nevoeiro os alcançou. Logo a pequena chalana estava sozinha num mundo de nevoeiro.

Linay fixou a zinga e se aproximou, saltando lépido para o teto do barco e depois descendo de novo para o convés diante de Kate. Ele fez para ela uma reverência sofisticada.

— Doce donzela do bosque, mais uma vez chegou a hora. Faça sua pergunta.

— Como? — disse ela. — Você vai vingar a morte de Lenore. Como?

— Hummm — disse ele. — Esse seu interesse é... interessante. Você está planejando mais alguma aventurezinha? Já tentou pensar de que jeito isso pode acabar?

— Como? — insistiu ela.

— Ora — disse ele, com um pequeno sorriso. — Vou destruir a cidade, é claro.

Ele ainda sorria quando estendeu as mãos para pegar sangue. Toda aquela noite ele não disse mais uma palavra.



— Acho que devíamos matá-lo — disse Braque.

Kate Somente pôs a cabeça entre as mãos. Fazia calor no porão, e o balanço lhe dava enjoos.

— Tem de haver — resmungou ela. — Tem de haver alguma coisa que possamos fazer para impedi-lo.

— É — disse o gato, paciente. — Matá-lo o impediria.

— Não posso. — Ela passou o dedo pela curva da face de Lenore. — Não posso.

Kate Somente ficou no porão o máximo que pôde, até depois que o barco parou seu movimento, até sentir o cheiro do nevoeiro se formando. Quando subiu pela escada, de início não viu Linay, mas, quando ela se virou, ele estava a centímetros dela, sentado de pernas cruzadas no teto do porão, com um sorriso de lobo.

— Ora, ora, Gravetinho. Está pronta para um desafio de inteligências?

Kate voltou-se para encará-lo. Estavam ancorados no açude de um moinho, escuro como ardósia à luz do crepúsculo e cheio de andorinhas. O canal da água do moinho tagarelava e a roda girava, mas as mós lá dentro estavam mudas, e a chaminé, fria. Kate Somente sabia o que encontraria se entrasse ali: o moleiro fugiu, como todos os outros habitantes da região, antes da

chegada da muralha de nevoeiro e do sono cinzento da *rusalka*. Um moinho, pensou ela. Toda essa região vai morrer de fome.

— E então? — disse Linay.

Kate preparou-se para fazer a pergunta.

— Como você planeja destruir Lov?

— Ora — disse Linay, com a voz arrastada. — Com sua ajuda, minha pequena. Você tem certeza de que quer saber?

O couro cabeludo de Kate formigou. Podia sentir a *rusalka* ali por perto, mas estava com mais medo do homem diante dela. Ela separou os pés para se equilibrar melhor.

— Como?

— Você vai morrer se tentar me impedir — disse ele.

— Três vezes eu lhe pergunto — disse ela. — Como?

Linay abafou um risinho.

— Ah, Kate Samente. Pequena heroína. E eu achei que você era a mais fraca da cidade. — De repente, ele se levantou, deslizando os pés. Kate estremeceu, mas não se encolheu. — Gostaria de ver? — Sua voz estava quase delicada, quase achando graça. Era como Braque quando recolhia as garras para fazer alguma criatura infeliz durar mais. — Quer que eu lhe mostre o destino de Lov?

O medo fez sua pele se encolher, fazendo pressão contra o crânio. Seus lábios estavam dormentes. Sem poder falar, ela fez que sim.

— Venha — disse Linay, e deu um passo para fora do costado do barco.

Kate deu um grito e estendeu a mão para salvá-lo, mas ele não afundou. Em torno dos seus pés havia um brilho branco na água escura. Gelo. Ele estava em pé sobre gelo naquele entardecer quente, parado. Linay foi se afastando dela, na direção do moinho, e o gelo ia se espalhando a partir dele, desenrolando-se como um tapete, como uma ponte para um rei. A roda do moinho chocalhou e, entalada no gelo, parou com um gemido, e o silêncio apertou a garganta de Kate.

— Ela é só um espírito, sabe? — disse ele, com a voz baixa formando ondulações pela água afora. Ele subiu no muro de pedra entre o canal da água e o açude, e ficou ali em pé como num palco. — Só mais uma, entre as pessoas sem sombra neste mundo sombrio. Mas basta acrescentar uma sombra a um espírito...

E ele passou uma faca pelo pulso.

O sangue esguichou. Dava para ela ouvi-lo gotejando na água negra.

Enquanto o sangue caía, a *rusalka* se ergueu. Era como a morte acontecendo ao contrário, ossos se erguendo e se revestindo de uma pele solta.

— Irmã — disse Linay, oferecendo a mão à criatura. Ela a aceitou e subiu no muro ao seu lado, com elegância. Inclinou a cabeça até o pulso que sangrava, mas ele a deteve, pondo o dorso da mão por baixo do seu queixo e levantando seu rosto para encará-lo. Seu sussurro ecoou: — Peço-lhe perdão. — Ele então agarrou-lhe o braço e o torceu.

A *rusalka* contorceu-se como uma corda. Tiras dela se separaram e se enroscaram umas nas outras. Seu rosto desfigurou-se num berro mudo.

Em seguida, alguma coisa passou veloz através de Kate — fria como uma mão no seu pescoço, súbita como uma queda num sonho. A coisa foi voando por cima da água na direção de Linay e Lenore, e Kate a reconheceu: sua sombra.

Linay estava entoando alguma coisa. Ainda torcia o braço de Lenore, apesar dos seus berros. A sombra acompanhava as curvas feias das palavras dele, insinuando-se nos novos rasgos no corpo da *rusalka*, uma corda se trançando em outra corda.

E de repente, no lugar do nevoeiro em forma de mulher, havia outra criatura. Alguma criatura enorme, alguma criatura feia. Linay lançou para o alto as duas mãos. A criatura deu um grito como um falcão e abriu duas asas: uma branca como um cogumelo venenoso, a outra, turva de sombra. As asas se uniram, e o açude inteiro estremeceu.

Alguma coisa atingiu a orelha e o ombro de Kate, antes de cair pesada no convés aos seus pés. Era uma andorinha, morta. Dava para ela ouvi-las caindo por todo o açude. As asas brancas e negras se abriram com força, e Kate jogou-se no chão para ficar por baixo delas. Ela podia sentir a morte sólida, passando logo acima da sua cabeça.

Em seguida, Linay baixou as mãos outra vez. E as asas de sombra se fecharam, recolhidas.

— Por enquanto ela se foi — disse Linay. Ele desceu do muro e veio atravessando o gelo, que gemia.

Braque saltou para a amurada entre Kate e o homem que vinha a passos largos.

— Mantenha distância! — disse, chiando.

— Mas foi ela que perguntou! — Linay deu uma risada amarga e enlouquecida. — Como vou destruir Lov? Com o espírito e a sombra. Será necessário um encantamento de enorme poder para unir sua sombra à *rusalka* por mais do que um instante. Mas trabalho há anos para reunir esse poder. Não duvide da minha capacidade para fazê-lo. E, quando eu o fizer, não duvide de que todos os que forem tocados por essas asas morrerão. A cidade inteira de Lov. E você, Kate Somente...

Mas nesse momento Braque rosnou e saltou.

Linay pegou o gato no meio do pulo, com os olhos e uma fórmula mágica atirada como uma lança. Braque caiu no convés com estrondo e emitiu um som agudo, terrível.

— Braque! — gritou Kate. Ela se ajoelhou ao seu lado. O gato se sacudia como se estivesse tendo uma convulsão. Ela tentou apanhá-lo do chão, mas a mão de Linay se fechou em torno do seu pulso. Ele estava de novo a bordo do barco e a puxou com violência para si. Kate sentiu a força esmagadora da mão forte, bem na hora em que se contorcia para alcançar Braque.

— Ele vai sobreviver — disse Linay, grosseiro.

— O que você fez com ele? — disse ela, com a respiração entrecortada.

— Ainda estou respondendo sua pergunta — disse ele, furioso —, e você vai me escutar. —

Ele recolheu o passarinho morto do convés. A ave estava se desfazendo nas suas mãos, esfarelado-se como madeira corroída por cupins. — É por isso que preciso de uma sombra. Este é o destino de Lov. A cidade que tentou queimar minha irmã. Ela terá sua vingança, e, assim, seu destino será revertido. A asa cinzenta matará todos na cidade, desde o sineiro na torre da igreja até o órfão encolhido no porão mais fundo. É isso o que vou fazer com sua sombra.

— Não vou ajudá-lo — disse ela, ofegante. Ele estava quebrando seu pulso. — Eu me mato antes.

Ele riu.

— Sua sombra foi comprada e paga, e sua morte não cancela esse pagamento. Você pode ir sem sombra para o mundo sem sombras, e sua morte será apenas um último detalhe sinistro no meu caminho longo e sinistro. Ela me ferirá, mas não me importo. Está praticamente acabado.

Ele a soltou. Kate recuou, cambaleando. Seu pulso batia com violência.

— Vá dormir — disse ele. — Tenho o sangue de que preciso.

Kate pegou Braque no colo e saltou para dentro do porão, sem se importar com a escada. Forçou os tornozelos e recebeu bem a dor pura e simples, que expulsou as lágrimas dos seus olhos. Correu para a caixa que continha sua sombra e abriu a tampa com violência. Estava disposta a morrer, se pudesse levar consigo sua sombra. Mas a caixa estava vazia: continha apenas lascas de madeira e ar. Tinha sumido. Sua sombra havia sumido.

Sentou-se na borda do catre com Braque inerte no colo. Esperou trêmula e calada, até que o silêncio se abatesse sobre o convés acima dela. Amarrou então aos quadris a talha de Lenore, roubou meias de Linay, pegou nos braços o gato inconsciente e desceu pelo costado do barco para dentro do rio.

A TERRA ABANDONADA

Seguindo aos trancos pela estrada até Lov, Kate Somente pingava e tremia. Braque estava jogado nos seus braços como uma criancinha, dormindo. Tinha dormido o tempo todo em que ela aguardara encolhida no barco, dormido enquanto ela vadeava até a margem do rio, dormido mesmo com os golpes e espetadas dos galhos de amieiro, enquanto ela lutava para escalar a margem. Ela tentava não se sentir apavorada por ele. *Ele vai sobreviver*, dissera Linay, e isso tornava a afirmação realidade.

O nevoeiro deixava a noite tão branca que não se enxergava nada, e Kate tropeçava em todas as pedras e caía em todas as poças, mas não parava de avançar no ritmo possível.

Fora o gato adormecido, ela estava quase de mãos vazias. O entalhe de Lenore batia no seu quadril. Sua mochila continha apenas meias roubadas, algumas maçãs e um pão de cevada. Não era muito; era insuficiente para sustentá-la por muito tempo. Mas na região abandonada seria fácil encontrar o que precisava.

Com exceção da sua sombra.

Em Lov, libertarei sua sombra, tinha prometido Linay a ela.

Libertá-la, ela deveria ter perguntado, para fazer o quê? Ainda via a andorinha, sem vida como uma luva, desfazendo-se em grumos de poeira e penas, destruída como as folhas do ano anterior. A cidade inteira.

E ela tornara aquilo possível. Seu sangue. Sua sombra.

A lua surgiu, toda partida, enredada nos galhos de bétula. A estrada para Lov apareceu diante de Kate, estendendo-se ao longe. Ela foi caminhando por ela até descobrir que seus olhos se fechavam e seu braço, onde segurava Braque, se tornava duro e dormente. Por fim, ela se viu saindo da estrada. Com delicadeza, soltou o gato do ombro, resmungando:

— Sinto muito. Sinto muito.

— Por que motivo? Por quê? — disse Braque. — Será que perdi alguma coisa? Tinha alguma coisa a ver com comida?

E ela o deixou cair de tanta alegria.



Durante três dias e duas noites Kate e Braque seguiram pela estrada rumo a Lov. Eles se apressavam quando podiam e cochilavam quando era preciso, escondendo-se em emaranhados de sanguinárias e amores-perfeitos à beira da estrada. Quando Kate não conseguia dormir, ela se

encurvava, tremendo como se estivesse com febre, e libertava o rosto de Lenore da radica. As linhas sinuosas dos veios percorriam, como lunguas de fogo, os traços do rosto entalhado. Ela estava se apressando pela estrada para chegar a Lov antes de Linay, mas nao tinha a menor ideia de como det-lo.

Kate carregou Braque no primeiro dia e no segundo, enquanto ondas de tremores se abatiam sobre ele, se reduziam e paravam. No terceiro dia, ele andou. Eles seguiam na maior velocidade possível, e a acompanh-los vinha uma frente de nevoeiro e chuva, sólida como uma muralha, lenta como um exército.

A morte do sono ainda nao tinha chegado ali, mas a fuga  sua frente tinha criado sua própria devasto: a estrada estava cheia de sulcos e salpicada com rodas quebradas, caixas abandonadas, corpos de cavalos exigidos demais, com moscas zumbindo em torno dos olhos. Os trigais estavam pisoteados com os restos de acampamentos apressados. E no entanto eles nao encontraram ninguém. As granjas por onde passavam estavam vazias e algumas tinham sido incendiadas. Do lado de fora de uma granja, trs mulheres estavam penduradas mortas no galho que atravessava a estrada, com as moes retalhadas por marcas contra a bruxaria. Kate fechou os olhos, abaixou-se para passar por baixo dos ps negros e prosseguiu depressa.

Ao anoitecer do quarto dia a estrada se desviava do rio e eles se descobriram caminhando num túnel de salgueiros. E através deles, do outro lado do rio, Kate viu de vislumbre alguma coisa branca. Grande. Em movimento. Foi só um vislumbre, mas Kate Somente estancou de chofre, espremendo os olhos. No seu ombro, Braque mexeu-se e acordou. Kate levantou a mao para tocar nele e avançou devagar. Sua garganta contraiu-se, como se *ela* tivesse visto e reconhecido alguma coisa, e seus olhos, nao.

O rio fez uma curva, o túnel terminou, e Kate olhou para trs pela margem.

Do outro lado do rio alguma criatura olhou de volta para ela. Apenas um cavalo, um grande cavalo branco, de tiro. Estava preso do lado de fora de um único *vardo* de nômades, vermelho.

—  Creme — disse Kate.

— Creme? — Braque saltou para o chão. — Creme de leite? — Ele se enroscou nos ps dela, ronronando. — Creme, sim, por favor, quanta gentileza! Quanta considerao de um ser humano...

— Nao, o cavalo. É o cavalo de Drina.  Creme.

— Ah! — Braque fungou e abanou as orelhas. — Isso eu sabia.

Kate continuou andando com Braque ao lado, arrogante e majestoso em seu constrangimento. A gua Creme relinchou para os dois do seu círculo de lama, mas ninguém se mexeu no *vardo*, e Kate nao parou. O sol desceu por baixo das nuvens, e a luz vermelha percorreu a superfície do rio como fogo. Kate olhou de relance para trs mais uma vez, observando  medida que o *vardo* ia ficando menor. Suas moes estavam tensas. Sua pulsao latejava por baixo das cicatrizes.

Um *vardo*, uma gua. Uma gua deixada presa tanto tempo que tinha comido todo o capim,

até restar somente terra. Creme bateu as patas e gritou para eles outra vez.

Kate parou e deu meia-volta.

— Há algo errado.

— Mesmo que seja Creme, talvez não seja Drina — disse Braque.

Kate tentou se lembrar de quando o gato tinha se tornado a voz da cautela e da razão.

— Poderia ser qualquer um.

— Stivo — sussurrou ela.

— *Ele* disse que Stivo tinha morrido.

E Kate se lembrou de que foi Behjet — Behjet da voz mansa e do coração mole — que, usando a expressão de Stivo, tinha ateado fogo nela.

— Eu também poderia ressaltar — disse Braque — que essas são as pessoas que tentaram nos matar. E também que já temos uma demanda intimidante.

— Mas andar sozinho não é costume dos nômades — disse Kate.

E ela enrolou Braque numa trouxa e entrou no rio para atravessá-lo a pé.



A égua *era* Creme, com sua conhecida constelação de manchas pardas, e o *vardo* era o pequeno e vermelho no qual Kate Somente tinha dormido meses a fio. À luz do crepúsculo, ela podia ver o entalhe de cavalos trançados em cordas, o lugar na beira do degrau de cima onde a tinta tinha descascado. Kate sentiu uma fisgada no coração e não teve certeza se foi reconhecimento, perda ou medo. Faminta e desesperada, no centro do piquete enlameado, a égua guinchava e puxava a cabeça de lado para se livrar da corda do cabresto. Kate circundou-a, com esperança de não fazer barulho. A égua berrava. Mas ninguém saía do *vardo*. Kate subiu a escada e levantou a cortina da porta.

Uma garota com um turbante escuro estava ajoelhada diante do catre dos fundos, sobre o qual havia uma pilha desarrumada de cobertores. Kate deixou cair a cortina da porta, que farfalhou. A menina voltou-se. Era Drina. Kate já sabia.

Drina olhou para Kate com seus olhos grandes e negros, sem expressão, como os de um coelho assustado.

Kate levantou a mão e tocou na cicatriz lisa e empolada no seu próprio rosto. Não disse nada.

— Ah! — disse Drina. Ela deu um passo adiante. E então Kate pôde ver que a pilha de cobertores não era uma pilha de cobertores, mas um homem deitado, dormindo. Drina deu mais um passo, e Kate viu que era Behjet.

— Ah, são esses dois — disse Braque. — Espero que tenham salsichas.

Mas Kate deu um passo atrás tão rápido que sentiu seus calcanhares oscilando na borda do degrau — ela rodopiou e saltou. Ficou ali em pé, com o capim na altura dos joelhos, calada. Creme aproximou-se, forçando a corda com que estava amarrada. Kate ouviu o degrau ranger às

suas costas.

Kate deu um passo adiante, para longe de Drina, e afagou o focinho sardento de Creme.

— Você simplesmente largou Creme amarrada aqui?

A égua bufou e começou a farejar sua mão em busca de alimento.

— Ela está aqui há muito tempo. Está presa. Ela, ela... — Sua respiração ficou travada, o que a surpreendeu, e, com a mesma nitidez como se estivesse lá, ela sentiu o mau cheiro da jaula do urso, a palha fumegando sem chamas.

Drina desceu devagar para postar-se ali com ela, lado a lado, mas sem tocar em Kate, sem olhar.

— Eu... — disse Drina, e parou.

Kate afastou-se um pouco para o lado para que Drina pudesse soltar a guia de Creme. A égua balançou a crina e afastou Drina com o ombro, a caminho de capim novo.

— Desculpe — sussurrou Drina, afagando o pescoço de Creme. Creme bateu a pata no chão, mas não parou de mordiscar o capim.

— *Mira*. — A voz de Drina ficou embargada como a de Kate tinha ficado.

— Ele está morto? — perguntou Kate, sem se virar. — Behjet morreu?

Drina fez que não.

— Você é uma bruxa de verdade, Kate Somente? Será que pode salvá-lo?

— Por que eu o faria? — retrucou Kate.

As duas ficaram ali paradas um tempo, olhando a égua e escutando a chegada da noite: rãs-touros, grilos, as aves noturnas. Por fim, Kate virou-se. Ela viu que Drina parecia mais magra e menor, e que sua boca se fechava um pouco torta, como uma caixa malfeita.

— Sou só uma entalhadora — disse ela. — Mas você tem poder. Eu vi.

Drina engoliu em seco, como se estivesse tentando fazer descer uma pedra.

— Não sei usá-lo.

Kate Somente lembrou-se do encantamento trançado no seu cabelo, o pequeno talho do formão na sua orelha. A sombra na lona da tenda. Aquela sombra tinha sido a *rusalka*. Poderia tê-las matado. Kate lembrou-se do vapor que subiu pelo seu rosto quando ela jogou água no fogo. O rosto moreno de Drina, cinzento como que reduzido a cinzas. Drina tinha tentado ajudá-la, usara tudo o que sabia — o que não era suficiente — e, quando estava tentando descobrir mais, a multidão a atacara. Não tinha sido Drina quem lhe ateara fogo.

Ela se lembrou de dormir no *vardo*, com Braque nos braços e as costas de Drina, quentinhas, encostadas nas suas.

Kate ficou calada por um instante e em seguida falou:

— Não sei o que fazer. E não posso ficar aqui. Preciso chegar a Lov. Mas... vou tentar.

Elas voltaram para dentro do *vardo*, onde encontraram Behjet deitado como um morto, e Braque equilibrado no seu peito, tentando puxar salsichas de um gancho na parede.



Behjet dava a impressão de estar apenas dormindo. Ao mesmo tempo, Kate queria e não queria que ele acordasse, queria e não queria que ele morresse. Ela se agachou e segurou sua mão. Estava pesada, fria e um pouco dura, como um peixe cru. Na parte interna do seu pulso dava para sentir uma pulsação preguiçosa. Havia uma queimadura curada de um lado a outro do dorso da sua mão, onde o óleo da lâmpada tinha respingado quando ele tentou matá-la.

Kate se preparou e o sacudiu pelo ombro.

— Behjet? Behjet, sou eu, Kate Semente. — Ela o sacudiu mais forte. Sua cabeça caiu para um lado, como se ele tivesse se virado para olhar para ela. Ela deu um salto para trás. Mas o rosto estava inerte. Kate voltou-se para Drina.

— Faz quatro dias — disse Drina. — Daj diz que o corpo não tem como viver se a alma se perder. Venho tentando. Tenho lhe dado comida e... o mantenho limpo. Cheguei a tentar viajar rio abaixo, para sair do nevoeiro. Dizem que o sono está no nevoeiro. Mas nada funciona. Não consigo acordá-lo.

— Deixe-me experimentar — disse Braque. Ele enrolou os bigodes na direção dela, cheio de presunção. — Acordar alguém não é assim tão difícil, na verdade, quando se sabe como fazer.

Solene, o gato colocou uma pata no cotovelo de Behjet e outra no estômago. Kate e Drina se aproximaram uma da outra e ficaram olhando. Braque foi altivo, delicado, ao empoleirar-se no esterno do homem. Ele esticou o pescoço e tocou o nariz de Behjet com seu focinho. Ele farejou. Ele miou. Abriu então a boca e gritou:

— Acorde!

As garotas pularam.

— Acorde! — ululou Braque. — Levante-se para me alimentar! Levante-se para me coçar! Levante-se para me ver! Acorde!

O ruído era ensurdecedor, chocalhando todo o *vardo*. Mas Behjet não se mexia.

Braque levantou o focinho e virou uma orelha para elas.

— Pode ser que não tenha jeito — disse ele, em voz neutra. — ACORDE! — berrou então. — Acorde, acorde, acorde!

Drina chorava e dava risinhos ao mesmo tempo. Kate avançou um passo e apanhou o gato no colo.

— Chega, Braque.

— Ele vai morrer — disse Drina, abraçando-a. — É assim que acontece. Os outros morreram. Meu pai morreu. E o marido de Daj. — Kate percebia que ela evitava os nomes: o nome dos mortos. — E depois que você foi embora, o filho de Magda, aquele que agarrou Braque, daquela vez...

Ciri. O príncipe das crianças nômades, o que estava aprendendo a andar, o que tinha se

surpreendido com o gato falante. Ciri.

Kate Somente levou Drina para fora e a fez sentar na escada do *vardo*. Empilhou lenha e armou uma fogueira. Apanhou uma frigideira, tirou uma cebola da réstia e soltou um par de salsichas do gancho na parede acima da cabeça de Behjet. Ela olhou para o rosto dele.

— Bom... — ronronou Braque, quando ela saiu com a frigideira e as salsichas. — Comida, sim. Tenho certeza de que isso o acordará. Comida.

Kate bateu na beira do fogo para formar carvão e ali pôs a frigideira.

— Você já comeu? — perguntou Kate. — Faz quanto tempo que você não come?

Drina estava sentada encurvada na escada. Ela deu de ombros.

— Desde...

Kate jogou as salsichas na frigideira fumegante e começou a cortar a cebola. O calor do ferro fundido espalhava o aroma da cozinha dos nômades, o aroma de ser amada, de estar em segurança, em casa.

— Não posso ficar aqui — disse Kate. — Preciso ir a Lov.

Drina abraçou os próprios joelhos. A noite caía veloz.

— Eu estava indo para o clã da minha mãe. Meu pai morreu. Não tenho laço de sangue com o clã dele. Daj disse que eu podia ir se quisesse, e Behjet estava me levando. E aí... — Ela parou e engoliu em seco. — Kate Somente — disse ela. — Posso ir com você?

Kate não sabia como responder. *Você não pode. Quero que venha. Ainda tenho medo de você. Você não deveria, porque vou tentar deter Linay, e é provável que ele me mate.*

— Bem — disse ela, em voz alta. — Coma. — Ela espetou uma salsicha com uma faca e a passou para Drina.

Drina comeu sem atenção, e a largou pela metade. Braque tratou de aproveitar, e ninguém o impediu. Drina estava sentada imóvel, com a luz da fogueira dançando pela textura escura do seu rosto.

— Você é parecida com sua mãe — disse Kate, abruptamente. — Você se parece com Lenore.

— Você não deveria... — Drina engoliu em seco, com o maxilar estalando. — Nós não pronunciamos o nome dos mortos. — E então, tensa, ela sussurrou: — Como...

E Kate, sabendo que partiria o coração da amiga, exibiu o entalhe feito na rádica. As mãos de Drina chocalhavam quando ela a pegou. Segurou-a pelas asas e olhou fundo nos olhos de madeira.

— É ela. Você é uma bruxa de verdade. É ela mesmo.

— Não sou bruxa — disse Kate. — Mas já a vi. Já vi sua mãe.

A cabeça de Drina se levantou de repente.

— Ela está viva?

— Não. — Kate se arrependeu de ter começado daquele jeito e mudou a abordagem: — Ela tinha um irmão. O que enlouqueceu. Linay.

Drina estremeceu.

— Como você sabe o nome dele?

— Quando eu... ele... depois... — Kate parou e atizou o fogo. — Depois que os nômades me queimaram, Linay me salvou. Ele me tirou de dentro do rio. Ele é o cara, Drina. Ele é o bruxo que roubou minha sombra.

Kate Somente levantou-se e começou do início, do dia em que um desconhecido branco-de-bruxa lhe pedira para fazer um arco de rabeça. Ela contou para Drina sua própria história como se fosse a respeito de outra pessoa, e ficou perplexa diante de como ela parecia estranha e rica, como uma história antiga. Ela contou a Drina sobre como aprendeu o nome da *rusalka*, sobre como trocou sangue por respostas e sobre a andorinha que tinha se desfeito em cinzas. Falou também sobre o que Linay planejava para Lov.

— Foi então que vi você — terminou ela. — Eu reconheci Creme, e ela estava amarrada ali havia tanto tempo... Achei que devia me aproximar... Estava com medo porque vocês me queimaram. Mas andar sozinho não é costume dos nômades.

Drina não respondeu de pronto. As duas meninas estavam sentadas, ouvindo Creme aparar o capim, abanando a cauda.

— Eles eram gêmeos — disse Drina, por fim. — Minha mãe e meu tio. Lenore e Linay. Ele era meu preferido, meu outro pai. Ele me ensinou pequenos truques de mágica e me ensinou a dar cambalhotas. Ele ficou diferente, depois que ela morreu. Depois daquele feitiço, com a sombra dele... depois que ele a chamou. O clã declarou-o morto. Ele foi embora sozinho. Lembro-me de ficar olhando enquanto ele seguia pela estrada.

Agora estava totalmente escuro. Havia movimentos e farfalhadas nas árvores, um curiango piou, uma vibração estranha que parecia vir de todos os lados. Drina passou o dedo pelas linhas do rosto entalhado na madeira.

— Kate Somente, você não a conheceu, você não entende. Ela nunca teria feito isso. — Drina estava chorando. — O que você está dizendo... a *rusalka*... não pode ser verdade.

— Temos provas à vontade — disse Braque. — Cicatrizes e tudo mais, mesmo.

— Mas meu pai — disse Drina, em desespero. — Antes de ela morrer, ele era diferente. Ela o amava. Como pode ser que ela tenha matado o próprio marido? E, e... Ciri! — O nome irrompeu a partir dela. — Stivo, Wen e Ciri! Kate, ela nunca teria ferido Ciri. Teria morrido antes.

— Foi o que aconteceu — disse Braque.

— Cale-se, Braque. — Kate afagou os ombros encolhidos de Drina, constrangida como se estivesse afagando um cavalo. — Drina. Ela não tem escolha. Linay disse que esse era um destino terrível. É por esse motivo que ele está fazendo tudo isso. Ele quer salvá-la.

Drina fungou com força e engoliu em seco.

— Salvá-la?

— O destino de uma *rusalka*... — Kate tentou se lembrar das palavras exatas. — Ele disse que

o destino de uma *rusalka* poderia ser desfeito, se alguém vingasse sua morte. É o que ele quer fazer. É por isso que ele quer matar todas as pessoas em Lov.

— Desfeito... — Os olhos de Drina estavam enormes. — O que isso quer dizer? Isso... a traria de volta?

Kate teve a impressão de que Drina lhe dera um chute no estômago. Será que Drina ficaria do lado de Linay? Lenore tinha sido sua mãe. Kate perdera o pai. O que ela faria para salvá-lo? Para deter Linay, ela teria de lutar com Drina?

Mas Drina lutou contra si mesma. Ela agarrou a mão de Kate e a apertou tanto que os dedos de Kate doeram.

— Não podemos deixá-lo fazer isso, Kate Semente. Minha mãe não ia querer. Temos de fazê-lo parar.

Kate entrelaçou seus dedos com os de Drina. Ela mal conseguia vê-los no escuro: castanhos como a noqueira e claros como pinho verde, como um desenho marchetado.

— Sim — disse ela. — Você pode vir comigo.



E assim Kate Semente e Drina seguiram juntas pela estrada rumo a Lov. Não importava o que tivesse ocorrido entre elas — a amizade assimétrica, a alegria de Drina e os silêncios cautelosos de Kate —, agora havia desaparecido, estava derrubado e incinerado. Mas alguma coisa nova tinha crescido no seu lugar, um laço forte como uma cicatriz. Elas não falavam nisso e avançavam o mais rápido possível.

Viajar no *vardo* era mais fácil que caminhar, mas não muito mais rápido. A muralha de nevoeiro as acompanhava, implacável. Mesmo assim, Kate recuperou alguma força, cabeceando e cochilando no ombro de Drina, enquanto seguiam sentadas no banco do condutor, bem mais alto que o dorso de Creme. Nenhuma das duas estava disposta a viajar sozinha ao lado do corpo indefeso de Behjet.

A estrada larga, pela qual Kate tinha andado por três dias, ficava na outra margem do rio.

Desse lado do rio o caminho não passava de uma trilha, que serpeava através de bosques de bétulas e trechos encharcados de junco e áster roxo, um lugar estranhamente tranquilo.

— Quisemos seguir pela estrada menor — explicou Drina. — A principal estava lotada: a região inteira, e as pessoas estão com raiva. Elas... — Ela parou, dando a impressão de que poderia passar mal.

— Eu vi. — Kate pensou nas mulheres enforcadas, os pés pretos roçando nos seus ombros quando ela se abaixou para passar por eles.

— Estão indo para Lov — disse Drina. — Os camponeses *gadje* nesta região sempre se escondem na cidade de pedra quando há algum problema. Desde o tempo dos barcos-dragão, diz Daj. Todos eles vão para Lov.

E vão morrer, pensou Kate. A menos que consigamos fazer Linay parar.

Mas, por mais que conversassem, elas não faziam ideia de como pará-lo. Finalmente, no terceiro dia, quando a luz estava terminando, a pequena trilha saiu de uma muralha de bétulas para se juntar a uma estrada maior com uma ponte que cruzava o rio. Tiras de nevoeiro serpream em remoinhos por cima da água, e a cerração ocultava em parte a lua nascente. Do outro lado do rio, Lov se esparramava, fria como um sapo.



Elas não puderam cobrir o quilômetro e meio que faltava — já estava quase totalmente escuro — e por isso fizeram Creme virar, voltando o *vardo* para o abrigo das árvores. Galhos arranhavam as laterais de lona. Elas encontraram uma pequena elevação junto do rio e se abrigaram num arvoredo de bétulas jovens. Drina cuidou de Behjet. Elas acenderam uma pequena fogueira.

Do outro lado do rio a cidade resmungava consigo mesma na escuridão úmida.

— Ela é grande — disse Drina. — Tinha me esquecido de como ela é grande.

Kate trabalhava no seu entalhe, dando vida à madeira ao alisá-la com um pedaço de couro molhado e mergulhado em areia. Ele estava quase terminado, e ela sabia, sabia que era uma boa peça, que era verdadeira, que era importante. Mas fosse o que fosse que a peça lhe estivesse dizendo, ela não conseguia ouvir.

Creme estava abrindo caminho no bosque fechado, emaranhando a crina nos galhos baixos. Drina levantou-se e a soltou; depois apanhou a escova mais macia e começou a pentear o pescoço da égua. Braque pulou para o colo de Kate.

— Você podia fazer isso por mim, sabia? — E, assim, Kate largou o couro de lixar e a peça muda, inútil, e passou as unhas pela pelagem densa em torno do pescoço.

A luz da fogueira se encrespava na água e passava direto por Kate.

— Minha sombra — disse ela. — Ele não pode criar o monstro sem minha sombra. Precisamos pegá-la de volta.

— Isso você já tentou — salientou o gato. — Precisei agir como um herói para salvá-la. — Ele se sentou empertigado, muito embora ela ainda o estivesse afagando. — Crie um plano melhor.

Kate fez o possível para obedecer. O rio murmurava junto do seu cotovelo, e o nevoeiro nele trazia trechos de outras vozes, de risos altos e gritos densos; e por um instante um fragmento sinistro de música de rabeca.

— Ele está aqui — disse Kate.

Drina veio se sentar ao seu lado. Elas tentaram escutar, mas a música não voltou.

— Não sei como impedi-lo — disse Kate. — Nunca soube.

As palavras ficaram ali pairando um instante. E depois Braque falou:

— Por que temos de impedi-lo?

— Porque minha mãe... — começou Drina.

— Ora. Ela morreu. Os desejos dela não têm a menor importância.

— Braque. — Kate pôs a mão entre as orelhas dele para silenciá-lo, e encontrou ali pequenas estrias de músculos, alertas, tensos.

— Dê-me outra razão — disse Braque, virando as orelhas. — Dê-me uma razão de *gato*. — Ele pigarreou, cheio de si. — Tenha em mente que nós não entramos correndo em prédios incendiados, fazendo “au-au”.

— É... — Kate lutava para explicar. — É uma cidade grande. Milhares e milhares de pessoas.

— E daí? — disse o gato de novo, mas com a voz muito baixa. Ele estava olhando para as patas.

— Você me salvou — lembrou-lhe ela. — No barco. E Linay quase o matou. Você tinha uma razão de gato?

— Eu gosto de você.

— E você é mais que um gato.

Kate passou o polegar ao longo das vibrissas das sobrancelhas de Braque, tentando acalmá-lo, mas ele ergueu uma pata e afastou a mão dela. Ele se levantou.

— Tem mais uma coisa que se pode fazer.

Alguma coisa na sua voz, o jeito do seu pelo se eriçar ligeiramente por cima dos músculos retesados fizeram formigar as cicatrizes de Kate.

— Braque — sussurrou ela. — O que é?

— Ele me deu a palavra, quando pegou sua sombra. Se destruímos a dádiva, destruiremos o encantamento. Sua sombra já não pertenceria a ele. A criatura que ele fez seria desfeita.

— Você está querendo dizer — perguntou Drina — que você simplesmente pode parar de falar?

— Ai, não — disse Kate. — Não.

Braque abanou a cabeça, como um ser humano.

— Minha mente está cheia de palavras. Eu *penso* com elas. Isso mudou quem eu sou. A magia está nisso, não na fala.

— E então o quê?

Braque olhou para ela, com seus olhos da cor de âmbar fundos como a solidão que Kate sentia antes que ele se tornasse seu amigo.

— O método tradicional — disse ele, devagar — envolve o rio e um saco.

Dezesseis

A PAZ DE LOV

— Não — disse Kate. — Não.

— É esse, porém, seu desejo — disse Braque, implacável. — Salvar a cidade. Todos aqueles milhares e milhares de pessoas.

— *Não* é isso... — Kate descobriu que lágrimas faziam arder seus olhos. Ela bateu as pálpebras com raiva para expulsá-las. Os três ficaram ali sentados, olhando uns para os outros.

— Drina, se eu morrer, Linay perderá a sombra de Katerina. Estou certo, não estou?

Mas até mesmo Kate sabia que sim. Era a primeira lei da magia: a troca de dádivas. Creme debruçou-se para tentar comer o cabelo de Drina. A garota nômade fez que sim para Braque, voltou-se e abraçou o pescoço da égua.

— Existe um outro modo de fazê-lo parar — disse Kate. Sua voz estava dura como raiz de carvalho. — Ele não poderá fazer o encantamento se estiver morto.

Drina voltou-se, rapidamente.

— Kate!

— É — disse ela, pondo-se de pé. — Precisamos matá-lo.

— Ele é meu... — Drina começou a fazer objeção e parou. Agora todos estavam em pé, uns encarando os outros, e somente a égua estava calma.

— *Gosto* desse plano — disse Braque, abrindo os dedos. — É muito melhor que o outro plano. É o seguinte o que eu acho que devemos fazer: deveríamos encontrá-lo e matá-lo enquanto estiver dormindo.

Linay, que se movimentava num piscar de olhos, que tinha derrubado Braque levantando apenas um dedo. Kate não disse nada, mas Braque leu seu pensamento.

— É verdade que ele é uma presa grande — disse o gato —, mas você não está percebendo a genialidade do meu plano: a parte do sono. Encontrá-lo deve ser fácil porque sabemos para onde ele está se dirigindo.

— Não posso — sussurrou Drina. — Foi ele que me ensinou a nadar.

— Braque... — hesitou Kate... e se decidiu. — Como?

— Você sabe entalhar — disse ele. — Faça isso. A carne é mais macia do que a madeira.

Kate pensou nas mulheres enforcadas com os feitiços gravados nas mãos.

— Não tenho certeza se consigo.

— Trate de ter certeza — disse o gato, com os olhos chispando, verdes, à luz da fogueira. — Uma vez que se tenha saltado no dorso de um javali, não se pode recolher as garras.

— Mesmo que... — disse Drina. — Ele é forte, ou era.

— Ainda é. — O pulso de Kate ainda doía quando ela pensava nas mãos de Linay.

— Escutem — disse Braque. — Tem alguma coisa na estrada.

Através dos troncos oscilantes das bétulas a luz dançava e chamejava. Daí a um instante eles puderam ver homens que se aproximavam, subindo pela trilha da floresta, um grupo com archotes. Todos estavam vestidos da mesma forma: trajes escuros com uma aplicação amarela no peito, e nela estava bordado um barco vermelho sob remos cruzados. Um até portava uma bandeira. Kate nunca tinha visto uniformes, mas sabia o que eles eram.

À luz dos archotes, seus rostos pareciam pálidos. Kate viu os buracos escuros dos olhos que se voltaram para onde elas estavam. As meninas se aproximaram mais uma da outra. Creme bateu a pata e bufou. Mas os homens não pararam.

Drina estava tão perto dela que Kate pôde sentir seu calor.

— Soldados — sussurrou ela. — A guarda da cidade.

O gato tinha sumido na escuridão. Daí a um instante ele estava de volta.

— Atravessaram a ponte. Para entrar na cidade.

— São eles... — disse Drina. — Eles vieram buscar minha mãe.

Elas ficaram paradas olhando para o outro lado do rio. A cidade se remexia inquieta no sono, enviando na sua direção fragmentos de som e relances de luz.

— Isso é grande demais — disse Drina. — Não temos como fazer isso.

— Temos, sim — disse Kate, que de repente via uma saída. — Vamos contar à guarda... — Sua voz foi se calando à medida que as implicações lhe ocorriam, mas tomou coragem e prosseguiu: — Vamos procurar a guarda e dizer que ele é um bruxo. Vamos denunciá-lo.

Drina permanecia em pé, e Kate viu que ela começava a tremer à medida que se dava conta.

— Vão queimá-lo.

— Vão — disse Kate. — Eu sei.



Depois disso, elas não conseguiram falar, mas de algum modo dormiram, bem juntas, no *vardo*, com a mão inerte de Behjet caída, pousada nas costas de Kate. Era desconfortável, mas era também reconfortante: Linay tinha matado. Ao atrair a *rusalka*, ele havia assassinado metade dos moradores do campo. Ele matara Behjet, ou quase. A pele do homem estava esticada sobre o crânio como um couro de tambor, e ele cheirava a morte. Linay tinha feito aquilo. Ele matara as mulheres enforcadas nas árvores, o jovem lavrador nas papoulas, tinha matado Stivo, Wen e o pequeno Ciri, bem como centenas de outros. Ele merecia não importava o que fosse que a guarda da cidade fizesse com ele.

Mas não merecia, diziam os breves pensamentos de Kate, *porque ninguém merecia*.

E eu o ajudei. O que eu mereço?

Ela teve um sono irregular, cheio de pesadelos, e acordou pouco depois de amanhecer. Durante a noite, o tempo tinha mudado. O nevoeiro e o chuvisco intermináveis haviam parado, e nuvens se acachapavam acima delas, baixas, de um verde quase preto, arredondadas como o dorso de rochas no rio: nuvens de granizo que emitiam turbilhões de ar gelado. Um crepúsculo fraco passava oblíquo por baixo delas.

À luz do dia, Lov parecia maior. Suas muralhas enormes eram de um cinza lamacento. Telhados e torres atarracadas erguiam-se acima delas, com telhas de ardósia da mesma cor das nuvens. Na manhã fria, a cidade inteira fumegava e exalava vapores como de esterco fresco. Kate olhava para ela enquanto passava gordura nos pés e calçava as meias. A estrada estava enlameada, e ter meias em quantidade suficiente para um par sempre estar seco era a única forma de impedir o apodrecimento dos pés. Ficou feliz por ter roubado as de Linay.

Linay.

Drina saiu do *vardo*. O cabelo tosado se eriçava em todas as direções, fazia com que ela parecesse agredida, mais velha. Kate podia ver o corte na sua orelha; tinha se fechado, ficando quase preto com a cicatriz. Drina encolheu-se diante do seu olhar e virou para outro lado, prendendo o cabelo com um turbante escuro. Sua sombra magra e comprida estendia-se azul em meio às sombras das bétulas.

Em seguida, Braque voltou da sua higiene matinal, arrastando um *vison* meio morto, ainda bufando.

— Hoje — disse-lhe Kate. — Hoje eu vou matar alguém.

— Isso não me incomodaria — disse o gato, com a voz arrastada.



Tiveram de deixar o *vardo*. Havia uma taxa, disse Drina, para entrar em Lov com uma carroça, e elas não tinham como pagá-la. Kate encontrou seu velho cesto e o encheu com a comida que tinham, com mais meias e o pano azul com estrelas para cobrir seu cabelo retalhado. Drina lavou Behjet e tentou lhe dar um caldo. Não conseguiu: ele havia parado de engolir. Lágrimas brotaram nos seus olhos, mas ela não disse nada, apenas pôs o caldo ao lado da mão de Behjet e saiu para cuidar de Creme. Braque matou o *vison* e limpou os bigodes como um cavalheiro. E depois eles partiram.

A cidade de Lov erguia-se numa elevação na região pantanosa. O Narwe, como um fosso gigante, protegia três lados. Vista por trás, a cidade parecia tranquila: caniços como pinceladas sobre as pedras quadradas, uma comunidade de cegonhas aninhada entre eles. As grandes aves brancas andavam majestosas e lentas pela água escura.

Um canal saía do rio e entrava na cidade através de uma grade metálica. Um remanso junto à base da muralha estava coalhado com pequenas embarcações de todos os tipos. Entre elas havia

uma pequena balsa verde, pintada e entalhada ao estilo dos nômades. Braque apontou com uma pata, dando a impressão de um ser humano preso na pele de um gato.

— Ele está aqui.

Eles ficaram olhando em silêncio. Depois, atravessaram a ponte, onde a estrada do rio se unia à estrada principal, e dava a volta pelo flanco de Lov.

O portão enorme estava fechado. E a partir dele, como as entranhas de um coelho estripado, vinha se derramando outra cidade, um campo de tendas e choças. A estrada desaparecia num caldo de lama e coisas piores. Enxames de moscas voavam vagarosos no frio da manhã.

Kate tinha se acostumado a estar somente na companhia de pessoas que sabiam da história da sua sombra. Agora, ela sentia os penetrantes olhares de esguelha dos refugiados, examinando suas queimaduras, procurando definir exatamente o que era tão estranho nela. Drina deu puxões no seu turbante, escondendo nele as pontas desiguais do seu cabelo. Braque, porém, ia sentado empertigado, equilibrando-se no cesto de Kate, altivo e elegante como um rei.

Eles abriram caminho pela multidão para entrar na sombra da muralha enorme. Levaram uma hora para cobrir a distância da qual poderiam ter atirado uma pedra; três horas para chegar a algum ponto próximo do portão.

De repente, o gato se retesou no ombro de Kate e deu um salto. Ele passou pela sua orelha, só garras e urros, para pousar nas costas de um mascate de cabelos brancos alguns passos mais à frente. O homem encurvado empertigou-se e girou, com seu *zupan* branco e suas tranças brancas voando ao seu redor, enquanto a multidão resmungava e zombava; e Kate gritou, sem querer:

— Linay!

Os olhos do mago encontraram os dela, mas só por um instante. Ele estava ocupado, tentando impedir que o gato, chiando e rosnando, retalhasse seu pescoço. Kate não pôde ver direito o que aconteceu depois, mas Braque voltou voando para ela como uma bola arremessada por alguém. Ela se atrapalhou para agarrá-lo, enquanto ele descia escorregando pela sua frente e aterrissava com um choque molhado na lamaceira aos seus pés. Escorria sangue do pescoço de Linay, e suas mãos estavam cobertas de arranhões.

— Ora, ora. — Linay fez uma reverência para elas. — Bela donzela do bosque. Longe de casa. E Drina... como você cresceu.

— *Mira* — disse Drina. — Não faça isso.

— Isso o quê? — Linay olhou ao redor, com os olhos arregalados, como se fosse inocente. — Estou tentando entrar na cidade.

— Você quer destruí-la — retrucou Kate.

Isso atraiu alguns olhares, mas apenas alguns. O povo do campo abandonado não sentia amor algum naquele momento pela cidade de pedra, com seus portões fechados, nem tinha tempo para escutar os desvarios de uma desconhecida.

Linay deu um passo na direção delas. Kate pôde sentir o cheiro das ervas silvestres nele. Ele

falou com um pequeno sorriso:

— E o que você vai fazer a respeito disso, Gravetinho?

— Nós vamos impedi-lo.

— Vão mesmo? — Ele estava quase ao alcance de um braço estendido. A claridade de tempestade tornava esverdeado seu rosto branco. — Minhas queridas, quem dera vocês pudessem. Eu quase desejo que vocês possam. — Ele levantou o queixo... Kate viu que era o queixo de Drina, o mesmo gesto arrogante. — Vamos, então. Deixem-me vê-las tentar.

Kate começou a investir contra ele.

Linay levantou um único dedo. O ar transformou-se em vidro. Kate ficou presa na magia invisível, sem fôlego, indefesa — e mesmo assim ninguém se deu o trabalho de olhar. Linay estendeu a mão e tocou na sua bochecha.

— Adeus, Katerina — disse ele. Em seguida deu as costas para elas, para ir se embrenhando cada vez mais na multidão que se acotovelava.



— Foi uma tolice — disse Kate, chiando para Braque, quando ele foi subir no seu ombro. — Ele poderia ter matado você!

— E eu poderia tê-lo matado — resmungou o gato. — O que teria nos poupado algum trabalho. Acho que não temos muito tempo. Há alguma coisa no ar.

E havia. Kate já tinha se acostumado à muralha de nevoeiro que a acompanhara por todo o percurso da estrada até Lov, mas agora a muralha era de tempestade. Para lá da multidão, uma nuvem parecia brotar da terra, escura como um hematoma e sólida como uma cordilheira. Vinha vagarosa na sua direção, e aos poucos a multidão estava se voltando para observá-la. Ela soprava um frio de granizo nos rostos que se viravam.

A nuvem estava empurrando as pessoas na direção do portão como carneiros para os cercados de abate. A multidão tornou-se cotovelos e costas, pés pisoteando pés e o desagradável cheiro humano do medo. Um ruído vinha dali, um ronco e rugido de muitas gargantas.

No meio de tudo isso, seguia Linay, avançando como um cinzel pelo veio da madeira. Sem a abertura criada por ele, pensou Kate, elas não teriam conseguido se mexer de modo algum. Mas nele havia alguma coisa — um poder trovejante, atormentado — que fazia as pessoas se afastarem alguns centímetros, mesmo quando não restava um centímetro de espaço. E assim elas conseguiram acompanhá-lo, sem tirar os olhos das suas costas estreitas, que sangravam. E logo o portão avultou diante delas.

Um agrupamento de torres projetava-se da muralha da cidade, maior do que o celeiro do dízimo em Toila, maior do que qualquer coisa que Kate já tinha visto. No centro das torres a boca de um túnel se escancarava, com um portão enorme no lugar de dentes. Atrás do portão havia guardas da cidade em trajes escuros, com os barcos vermelhos no peito como segundas bocas.

Eles portavam lanças. Pronto: era agora. Kate parou.

Quando ela parou, um turbilhão de vento gelado levantou seu cabelo. Gotas grossas respingavam aqui e ali, e rajadas repuxavam bainhas e chapéus. A multidão gemeu de medo e avançou, espremendo-se. As garras de Braque resvalavam no seu ombro, e ela perdeu Drina de vista. Kate foi atirada contra as costas largas do homem diante dela, e por um instante pôde ver apenas o casaco de pele de carneiro. E depois ela ouviu Linay gritar numa voz semelhante a uma corda de rabeça prestes a arrebentar:

— Olhem! — gritou ele. — Contemplem o destino de Lov!

As pessoas ficaram paralisadas; a pressão diminuiu. Kate pôde se mexer novamente, e foi se esgueirando de lado até poder ver o que estava acontecendo. Havia uma carroça destruída encostada numa das torres do portão. Linay estava de pé em cima dos destroços, como uma cegonha num toco, segurando uma faca e gritando:

— Fui eu quem fez isso! — Sua voz era aguda e meio melodiosa. — Fui eu quem trouxe a chuva e o sono para toda essa região. Sou bruxo e amaldiçoo esta cidade. — Ele abriu bem os braços. Sangue escorria dos seus pulsos. — Lov: eu lhe mostro horrores! Irmã: venha a mim!

E a partir da nuvem verde alguma coisa surgiu.

Era o monstro que ele lhe mostrara, a *rusalka* com uma sombra, uma criatura feita de asas e uivos. Ela se abateu sobre a multidão.

Kate arrancou Braque do seu ombro, dobrou-se toda em volta dele e cobriu a cabeça enquanto a multidão explodia em pânico e gritos. Rumo ao portão, afastando-se dele, em todas as direções, as pessoas empurravam, tropeçavam e corriam. Os golpes dos pés apressados caíam como chuva nas suas costas e dos lados. Mais uma vez, ela sentiu as batidas das asas do monstro estrondando lá no alto.

Em seguida, de repente como tinham chegado, as asas se recolheram e desapareceram; Kate sentiu-as ir. Caiu um silêncio misterioso, choroso. Tudo ficou tão quieto que por um instante Kate pôde ouvir as gotas frias, esparsas, da chuva batendo na lama em torno dela. Ela levantou a cabeça com cautela. O gato saiu se contorcendo dali debaixo. Drina, sem turbante e com um olho inchando, voltou devagar para o seu lado.

As duas meninas estavam à beira de uma roda de...

Eles tinham sido corpos. Mas estavam se esfarelado, se desmanchando como madeira atacada pela podridão. Era difícil até mesmo dizer quantos: uma dúzia? Eles formavam um círculo de uma massa informe enegrecida, um espaço aberto entre elas e o portão. Do outro lado, Linay ainda estava em pé na carroça destruída, ofegante e encurvado com o esforço, um sorriso feio no rosto pálido.

Kate mal estava conseguindo ficar em pé quando o enorme portão de Lov se abriu com rangidos. A grade levadiça subiu alguns palmos e os lanceiros passaram por baixo, golpeando o ar para rechaçar a multidão. Com eles veio outro homem, com as cores da cidade, de barba grisalha,

uma larga faixa vermelha e um chapéu enorme: um homem imponente, que naquele instante parecia estar tomado de medo.

— Bruxo! — gritou ele para Linay. — Por que veio perturbar a paz de Lov?

Linay deu uma risada incrédula.

— *A paz de Lov?!*

Metade da multidão respondeu com um grito, e Linay girou sobre si mesmo e os silenciou com um olhar, os olhos reluzindo como pérolas. Ele se voltou de novo para o homem de rosto cinza e barba grisalha.

— O que o traz aqui?

— A morte me traz aqui — disse Linay. — Afinal de contas, sou bruxo. Levem-me para ser queimado, por favor. — Os lanceiros encolheram-se quando ele desceu com um salto perfeito e estendeu as mãos para serem amarradas. A multidão rugiu e mais uma vez forçou para avançar. Kate e Drina foram empurradas, como que por uma onda gigantesca, para o espaço aberto onde a *rusalka* tinha atacado. Kate cambaleou e caiu. Braque saiu voando do seu ombro. Ela passou por um momento de horror, diante da massa no meio da qual estava caindo... e se descobriu em braços familiares.

— Linay! — disse ela, espantada. A turba os cercava por todos os lados.

O mago agarrou seus braços e a içou, e por um instante eles ficaram cara a cara, com os antebraços enganchados, como guerreiros.

— Fuja desta cidade — sussurrou ele, enquanto um dos lanceiros o puxava na direção do portão e os outros tentavam impedir que a multidão o matasse. Pedras e lama caíam sobre eles. Linay conseguiu dar um sorriso rápido para Kate. Era como o de um menino, apavorado e surpreso. Os lanceiros o arrastaram dali com violência.

— Linay! — gritou Kate, atrás dele.

E mais uma vez ela viu seus olhos assustados tentarem contato com ela, como os de alguém que está se afogando. Ela estendeu depressa a mão...

Mas era tarde demais. Seu sorriso endureceu, e ele foi levado embora.

— Katerina! — Braque e Drina estavam abrindo caminho de lado na direção dela, à medida que a multidão recomeçava a empurrar para entrar na segurança imaginada da cidade. O portão ainda estava meio levantado. Linay não quis se abaixar para passar por baixo; os guardas não conseguiram curvá-lo. A porta levadiça — uma peça enorme de carvalho reforçado com ferro — subiu guinchando, enquanto atrás dela mais guardas baixavam e preparavam suas lanças.

E depois, em algum lugar no campo de tendas e pessoas em desespero, caiu um raio. Seu barulho fez tremer o chão, sua passagem rasgou o ar, e a chuva fria se despejou. A multidão deu um berro, como um único animal, e investiu contra os portões. As meninas foram empurradas como se estivessem bem à frente de uma onda. Kate bateu com a cabeça no portão e em seguida passou por baixo dele. Braque saltou dos braços de Drina e mergulhou entre os lanceiros.

— Por aqui! — gritou ele.

Elas correram a uma velocidade espantosa, seguindo o gato que saiu em disparada da outra extremidade do túnel e se desviou de repente para entrar por um beco diminuto.

A multidão continuou a rugir; o povo das terras abandonadas derramou-se pelos portões, irrefreável como um rio. Kate e Drina seguiram Braque. Elas subiram de qualquer modo num barril de água e dali para o telhado de um galpão, e a partir dali para um telhado mais alto. Com isso, deslocaram telhas soltas, que desceram pela vertente íngreme e caíram no meio da multidão apressada. Rostos voltaram-se para cima na direção delas. As duas deitaram-se, onde não as pudessem ver, enquanto Braque espiava por cima da borda da calha, como uma gárgula.

Elas ficaram ali juntas por muito tempo, até a multidão se dispersar e restarem apenas os mortos na praça do portão lá embaixo.

— Bem — disse Braque, arrastando a voz. — E, agora, como vamos pará-lo?

Dezessete

A CIDADE DE PEDRA

— Ele quer ser queimado — disse Kate. — Ai, meu Deus, ele quer ser queimado. Ele disse que seria necessário um encantamento extraordinário para unir a sombra e a *rusalka*. Um encantamento extraordinário: um sacrifício extraordinário. Ele vai sacrificar *a si mesmo*. — O aguaceiro gelado caía sobre ela. Ela se lembrou do rosto de Linay, apavorado e exultante. Ele uniria a *rusalka* à sombra com sua própria morte. A criatura alada mataria tudo que tocasse. Todas as pessoas. A cidade inteira. Kate estremeceu. — Ele me mandou fugir.

— Hummm — disse Braque, pisando com cuidado nas telhas soltas. — Fugir não é um plano ruim.

Kate não fez caso dele.

— Para onde o levarão? — perguntou ela a Drina. — Para onde levaram Lenore?

— Katerina — começou Braque.

— Drina, para onde?

Drina parecia arrasada.

— Para as cortes — sussurrou ela. — No centro da cidade. Mas, Kate... não podemos fazer nada. Tentamos. Quando levaram minha mãe, nós tentamos. Eles só riram. Nosso *Baro* disse que tivemos sorte por eles só rirem.

Abaixo deles os guardas tinham começado a voltar sem pressa para a praça do portão. Estavam empilhando os mortos: os lanceiros esmagados e as pessoas que tinham sido empurradas de encontro às lanças. Kate não olhou, mas foi impossível não ouvir os corpos sendo arrastados e os baques pesados.

— Braque — disse ela —, descubra um caminho rápido até o centro da cidade.

O gato encarou-a, pensativo, com os olhos firmes como dois lampiões de mica. Virou-se em seguida e as conduziu para longe dali, pelo alto dos telhados, ágil e destemido.

O aguaceiro amainou, tornando-se uma chuva fria, de encharcar. Os telhados íngremes estavam escorregadios, mas eles não se atreveram a ir para as ruas. Homens no traje escuro da guarda da cidade perambulavam em grupos e expulsavam os refugiados dos portais e becos. E assim Drina e Kate permaneceram nos telhados, avançando muito devagar, escorregando, tentando se agarrar, mantendo-se fora do alcance da visão. Era vagaroso e extenuante. A luz já estava quase desaparecendo quando eles chegaram ao alto de um telhado que dava para a praça principal.

Do outro lado da praça, assomavam a prefeitura, com seu telhado inclinado e janelas fechadas,

e uma igreja, com seu campanário repleto de monstros. Um prédio atarracado ocupava o espaço entre a igreja e a prefeitura, com suas janelas fechadas com grades e portas protegidas por guardas.

— As cortes — sussurrou Drina. — E ali... — Ela parou de falar e apontou para baixo.

Num pequeno palanque no centro da praça erguia-se o *weizi*, a coluna entalhada que deveria ser o coração da cidade. Mas aquele ali não era entalhado. E era de pedra. Isso era tão estranho para a alma de entalhadora de Kate que ela mal conseguia absorver a ideia. Uma coluna limpa — não, Kate percebeu, não era uma coluna, era um poste, um poste para queimar gente num pequeno palanque, que já tinha visto sabe-se lá quantas mortes. Kate engoliu em seco e por um instante sentiu vontade de simplesmente deixar a cidade cair sob o efeito das asas da *rusalka*. Essa morte rápida era melhor do que a que esta cidade merecia.

A cidade de pedra, dissera-lhe Linay um dia, tinha um coração de pedra. E lá estava ele. Ali perto, o canal onde Lenore se afogara batia por baixo da beira das docas.

O dia que ia terminando estava tranquilo, e a tampa do céu deturpava os sons. Kate não teve certeza se estava ou não ouvindo gritos.

— Linay... — sussurrou ela, e se agarrou à calha para se firmar. — Drina. Quanto tempo nós temos? Eles... eles vão queimá-lo hoje à noite?

Drina fez que não.

— Vai haver um julgamento... uma tortura. — Ela ficou calada tanto tempo que Kate quase lhe fez a pergunta, quase precisou descobrir um jeito de perguntar: *Por quanto tempo eles torturaram sua mãe?*

— Amanhã — disse Drina, antes que Kate tivesse de encontrar aquelas palavras. — Eles vão torturá-lo esta noite, para fazer com que confesse. Vão queimá-lo amanhã. Quando o povo puder assistir.

Kate afastou dos olhos o cabelo gotejante e olhou com atenção para o volume atarracado das cortes, suas pequenas janelas com grades, espremidas.

— Temos de tirá-lo de lá.

— Nem o exército do grão-duque conseguiria tirá-lo — disse Braque.

— Não quero vê-lo ser queimado — sussurrou Drina.

Kate procurou continuar a ser prática e respondeu a Braque:

— Pode ser que consigamos entrar.

— Ah! — disse Braque, animado. — E lá dentro vamos matá-lo enquanto dorme! — Apesar do seu tom alegre, o olhar que ele lançou para a construção escura foi cético. — Tem de haver um porão ou dois, eu acho. Vou olhar. — E pulou sem medo da beira da calha, para uma saliência que Kate nem mesmo tinha visto, desceu de novo para atravessar sorrateiro um peitoril de janela e voltou a descer para sumir, cinzento, na claridade cinzenta.

A sombra do berro voltou outra vez no crepúsculo gelado.

— Vou passar mal — disse Drina, engasgada. Ela recuou para se afastar da beira. Kate deu as

costas para a praça e a acompanhou. Mais para trás no telhado, elas encontraram abrigo, junto a uma parede mais alta. Não era grande coisa: um pombal em ruínas entre duas chaminés enormes, com um resto de telhado e uma colmeia de celas para pombas, com uma espessa camada de excrementos brancos por cima de tudo. Tinha um cheiro forte e ácido, como o da jaula de urso na qual os nômades guardavam as galinhas e na qual Kate fora queimada. O cheiro deu-lhe um calafrio e um gosto metálico na boca.

Agora que a noite caía, Kate tinha certeza: em algum lugar ali perto Linay estava berrando.



Na escuridão, Kate esperava pela volta de Braque. Ela segurava nas mãos a peça de rádica entalhada com o rosto de Lenore, usando o gume do formão para alisar um trecho áspero aqui e ali. Drina cochilava, tremendo de frio, ao seu lado, com as nuvens pesadas muito próximas fazendo pressão sobre ela. E a cidade dormia inquieta lá embaixo. Braque demorou muito para voltar, tempo suficiente para Kate entrar e sair de sonhos, com esforço: ela estava debruçada sobre seu estojo de trabalho em Samilae, entalhando, só que tinha asas, em vez de uma sombra. Estava perdida num labirinto de ruas de pedra, e alguém estava aos berros; e depois as pedras se derreteram. Estava segurando nos braços o corpo de Braque.

Ela acordou com o focinho gelado de Braque cutucando seu nariz. O pelo dele estava úmido e grudado com uma lama imunda. Ela o afagou e pelos soltos ficaram presos nas suas mãos.

— Um lugar escuro, cheio do cheiro de sangue e de medo, cheio de grades e grelhas — informou ele. — Seria preciso um rato para entrar de mansinho. Um rato magrinho. Não haverá resgate.

— Eu sonhei... — Kate inclinou a cabeça para trás. Os tijolos esfarelentos da chaminé prenderam e repuxaram seu cabelo. — ... Sem resgate.

Braque olhou para ela, desconfiado.

— Você está planejando alguma coisa.

— Se eu descer lá — disse ela, devagar —, a guarda vai ver que não tenho sombra. E vão me prender. E, então, pode ser que eu consiga chegar perto dele.

— *Não* — disse Braque. — Nenhuma amiga minha vai assumir um destino desses.

Kate dirigiu o olhar para o rosto entalhado de Lenore. Lembrou-se de ter prometido ao pai que seria mestra formada antes dos vinte anos, e tinha razão: aquela era sua obra-prima. Mas, em vez disso, o que ia acontecer era que ela ia morrer.

— Logo, alguém vai perceber minha sombra, Braque. Vai acabar acontecendo.

— Não aqui — disse ele. — Não desse jeito. Você não viu. Não tem como imaginar. — O gato suspirou e ficou andando de um lado para outro diante do pombal. Por fim, ele se virou para ela. — Katerina, esta cidade é um lugar de ratos. Vamos deixar os ratos aos ratos e seguir com nossas aventuras. O que me diz?

Ela queria dizer sim. Não havia nada para amar dentro das muralhas de Lov. Mas também em Toila tinha havido pouco amor e mesmo assim uma desconhecida as salvara. E em Samilae, onde um machado tinha surgido da escuridão, Niki permanecera forte e generoso.

— Tem de haver uma cesteira — disse Kate —, ou um padeiro.

— Pois bem — disse o gato. — Ele pretende se matar dessa forma estúpida. Nós precisamos matá-lo antes que ele consiga, ou salvá-lo disso. — Ele abanou a cabeça, humano, cheio de preocupação. — Suponho que talvez se apresente uma das duas oportunidades, ou a outra. Por mim, acho que deveríamos nos concentrar em matá-lo.

Drina mexeu-se no sono leve e estremeceu. Kate ficou olhando-a algum tempo, enquanto ela dormia, desejando ter um pedaço de cobertor. A chuva estava muito fria.

— Será que nós... nós todos vamos sobreviver? — perguntou ela, por fim.

— Eu duvido — disse o gato com a voz arrastada. — Nós pusemos nossas vidas em grave risco para fazer isso, Katerina. Diga-me que você tem certeza.

— Eu preciso impedi-lo, Braque. Meu sangue. Minha sombra. Ele me usou para fazer isso. É minha culpa, e eu tenho de consertar.

Braque sentou-se, esguio e forte como uma coluna, inabalável. Ele não fez sugestões. Kate coçou entre as orelhas dele. Ela ainda podia sentir a protuberância no lugar onde o machado de Stivo o atingira. Ele subiu no seu colo, ronronando, e ela se aninhou no calor fraco da chaminé quebrada.

— Precisamos chegar perto dele — disse Braque. — Perto o suficiente para o bote. Se surgir uma oportunidade, precisaremos estar prontos.

— O poste — disse ela. — Ele... é para lá que eles o levarão.



Por isso, à primeira claridade do dia, eles desceram para a praça, para o lugar da fogueira.

A construção era caprichada e horrível no seu capricho. O palanque era de pedra e quase tão alto quanto elas. Um lance de escada tinha sido cortado na sua lateral. Um rebordo de pedra manteria o fogo contido. E haveria fogo: já se via uma pilha de toras partidas e galhos, como um gigantesco ninho de cegonha, em torno do poste. Eles exalavam um mau cheiro de breu e sebo. Mais barris de breu estavam enfileirados, como condenados, junto à base do palanque. Kate e Drina conseguiram se enfiar entre eles e se agacharam para esperar.

Era uma manhã estranha, escura e arroxeadada. Brisas geladas sopravam direto de nuvens baixas — nuvens como uma muralha de rochas pairando acima da cabeça delas. Acima daquelas nuvens, Kate tinha certeza de que alguma coisa dava voltas. Alguma coisa sentia fome. Alguma coisa aguardava.

Olhando por entre as paredes curvas dos barris pretos, Kate e Drina viram a praça se encher. Mascates vendiam *pretzels* e nozes torradas, latoeiros ofereciam talismãs, músicos tocavam,

acrobatas davam saltos mortais. Mas não se podia comprar pele nem tecido, carne crua nem farinha, nada que levasse mais de uma hora para ser feito. Não era uma feira: era um carnaval.

— Estão dizendo que já o pegaram — informou Braque, voltando sorrateiro do meio da multidão. — Que logo a chuva vai parar e a vida vai melhorar. Pretendem queimá-lo ao meio-dia. Além disso, estão vendendo tortas de carne.

Eles esperaram. A multidão cresceu, e logo eles podiam ver pouca coisa além de pernas, boas botas e tamancos mantendo chinelos delicados acima das poças. Braque não parava de falar nas tortas de carne. Os sinos na igreja davam as horas: nove. Dez. Onze. Eles saíram de onde estavam entre os barris. Meio-dia.

Podiam ouvir a chegada de Linay. A zombaria na multidão o precedia como a maré subindo pelo rio. As pessoas em torno deles pareceram inchar; o que antes era uma multidão cerrada, de repente se tornou esmagadora. Kate levou empurrões. Braque saltou para o alto de um barril. Drina encostou-se mais. Eles não conseguiam enxergar nada.

E então, de repente, quase ao alcance da mão: Linay.

Ele estava com as mãos amarradas à sua frente. O homem de barba grisalha com a faixa vermelha, o chefe da guarda, estava arrastando-o escada acima como um urso numa trela. Outro guarda vinha às suas costas, andando de ré, segurando a espada, mantendo afastada a turba.

A multidão deu um rugido quando Linay tropeçou na escada, oscilou em cima do palanque. Um olho estava roxo — uma mancha surpreendente no rosto claro demais — e um lado do seu cabelo branco estava arrancado em tufos, grudado com sangue. O chefe da guarda deu-lhe um safanão de lado. Ele cambaleou, colidiu com o poste e depois gemeu quando o porrete do chefe da guarda o atingiu na orelha. Ficou ali em pé atordoado, enquanto o homem soltava suas mãos.

Não, pensou Kate. Não me faça ver isso.

No poste, a alguns palmos de altura, uma argola de ferro saía da pedra. Com agilidade, como alguém que já tinha feito isso muitas vezes, o chefe da guarda prendeu um pulso de Linay à argola.

Um silêncio expectante abateu-se sobre a multidão.

O chefe da guarda ergueu o porrete outra vez, e Kate pôde ver a cena se desenrolando na sua mente: ele daria um golpe no pescoço ou na nuca, o suficiente para atordoá-lo. Viraria Linay com violência, pondo-o com as costas no poste e os dois pulsos para trás. Para que a multidão visse seu rosto, é claro. Enquanto ele era queimado. *Ele veio matar essas pessoas, pensou ela, e não nos cabe impedi-lo. Como podemos impedi-lo?* O chefe da guarda ergueu mais o porrete, exatamente como Kate achava que ele faria, e desfechou o golpe...

... e o braço de Linay subiu como uma vela que se camba de repente. O porrete resvalou no seu antebraço quando ele girou. Ele procurou atingir o rosto do homem, veloz como uma cobra. Sua mão fechou-se sobre a boca: branca e furiosa por cima da barba grisalha, bem-cuidada. Ele se aproximou mais.

— Todo esse tempo caçando bruxos — disse ele, entre-dentes —, e você nunca imaginou encontrar um que fosse perigoso? — Ele deu um longo sopro direto no rosto do homem.

O chefe da guarda recuou, tentando agarrar o próprio rosto e pescoço. Seu chapéu imponente saiu voando. Kate Somente pôde dizer o que tinha acontecido quando um raio de sol isolado gerou um brilho no rosto do guarda. Era gelo. Linay tinha posto uma máscara de gelo sobre o nariz e a garganta, que impedia a entrada de ar. Tornando-se de um roxo feio, o homem caiu do palanque. A multidão começou a recuar aos poucos.

Linay abriu para eles um largo sorriso. Agora não havia nele nada de hesitante ou fraco. Ele se agigantava e ria.

— Ora, ora! — gritou ele. — Não vão embora! Alguém vai ser queimado! — E ele atirou alguma coisa na direção da multidão, que se pôs a gritar. Alguma coisa pequena e picante atingiu Kate, enquanto ela tentava se proteger junto do barril: gelo.

O gelo mal a espetou. Feria menos que granizo, mas a multidão entrou em pânico. Ela fugiu descontrolada, e sua força, impessoal como um machado, alcançou Kate. Ela cambaleou, viu Braque sair voando, viu Drina cair no chão. Ela se jogou de lado e empurrou Drina por trás dos barris. As duas ficaram agarradas uma à outra, ofegantes e machucadas, enquanto a multidão corcoveava, guinchava e fugia.

Kate levantou a cabeça. Tudo tinha acontecido muito depressa. A praça estava quase vazia. Algumas pessoas — as que tinham caído e sido pisoteadas demais — jaziam amontoadas nas pedras do calçamento, empilhadas junto aos portões. No ar havia gemidos como guinchos de porcos e um cheiro de sangue.

O guarda que restava, o que brandia a espada, tinha se mantido no lugar. Ele se voltou para Linay e investiu. Linay segurou a lâmina da espada com sua única mão livre, desprotegida. Kate viu o sangue começar a recobri-la e em seguida uma camada de gelo. Linay encarou nos olhos o guarda, que ficou paralisado. A espada tornou-se negra com o frio, fumegou e se estilhaçou.

— Obrigado — disse Linay, curvando-se para apanhar um pedaço quebrado. — Eu precisava mesmo de uma lâmina.

O homem de olhos arregalados recuou.

Linay permaneceu parado, olhando para o fragmento na sua mão. E quando o guarda se afastou, trôpego, passando pelos corpos amontoados, Kate, Braque e Drina se viram sozinhos aos pés do palanque.

Kate respirou fundo e subiu pela escada de pedra.

E então ela estava em pé, de mãos vazias, junto do poste, sem a menor ideia do que fazer.

— Katerina — disse Linay.

dezoito

UMA TROCA DE DÁDIVAS

O rosto de Linay tinha um ar neutro, uma expressão delicada na boca, como um homem num sonho. Uma das mãos estava atada ao poste de pedra. A outra segurava um fragmento pontiagudo da lâmina da espada. Sangue gotejava da ponta da lâmina e pingava na madeira aos seus pés, e, à medida que cada gota caía, ela se incendiava. As pequenas chamas deixavam pontos fumegantes na madeira empapada com breu.

— Katerina? — disse Linay novamente. — E, agora, o que vai acontecer?

Kate Somente tremia.

— Você não quer morrer queimado, Linay.

— Mas quero — insistiu ele. — Foi o que planejei. Venho trabalhando por isso. Há anos. — Sua voz ainda era cortês, um pouco distante, mas ele estava começando a tremer. As saias brancas do seu *zupan* estavam sujas de breu, a fumaça formando remoinhos em torno dos seus joelhos. Ele fechou os olhos por um instante. — Eu posso fazer isso — disse ele. — Eu quero fazer isso.

Kate foi se aproximando lentamente dele. Drina estava agachada na escada do palanque, com Braque no colo.

— *Mira* — implorou ela... e depois o nome que nunca deveria ter voltado a pronunciar: — Linay...

— Só queria que você não estivesse aqui — disse Linay. — Todos os que estão aqui...

Kate conseguia sentir, por trás das nuvens, a sombra e a *rusalka* se reunindo, baixando como uma tempestade vagarosa. O sangue, o fogo: o encantamento estava começando.

— Todos aqui vão morrer — disse Kate.

Linay emitiu um som bem no fundo da garganta e deu um passo para o lado, para longe do fogo. A amarração no seu pulso não o deixou se afastar. Kate estendeu a mão para ajudá-lo e sentiu o entalhe com asas se fincar no seu quadril. De repente, ela soube exatamente o que fazer.

— Por quê? — disse ela.

Linay deu a risada ferida, assustada, que Kate já tinha conseguido extrair dele uma ou duas vezes.

— Mas você sabe! — Seus olhos se desviaram para Drina, e ele protestou: — Para salvá-la! Para salvar minha irmã!

Kate mostrou-lhe o entalhe.

— Esta aqui é ela. É o rosto da sua irmã.

Linay ficou estarecido, olhando para o entalhe.

— Lenore... — disse ele.

E a criatura por trás das nuvens pareceu responder: *sim*.

Kate pôs o entalhe na madeira fumegante junto do joelho de Linay.

— O que você está fazendo? — disse Linay. — Não a queime! — A fumaça quente fazia turbilhonar as saias do seu *zupan*. O fogo estalava e esvoaçava.

— Ela ia querer ser salva, desse modo?

— Ela era bruxa. Ela entendia... a troca de dádivas. O sacrifício. — Seus olhos se desviaram velozes para o rosto entalhado da irmã. — Pegue essa peça.

— Se você me responder. Será que Lenore iria querer isso?

O fogo vinha subindo em torno do rosto entalhado, abrindo caminho para o alto e fechando arcos acima do entalhe com asas que batiam velozes.

O pulso preso de Linay não parava de repuxar como um *vison* numa armadilha. Parecia que ele não se dava conta disso, nem percebia que tinha se afastado do fogo crescente tanto quanto a amarração permitia.

— Kate — disse ele, com a respiração trêmula.

E ela se jogou para a frente para soltá-lo.

Linay atirou a mão entre eles e se encolheu como que se protegendo de um golpe. Kate descobriu-se presa mais uma vez, no encantamento do ar tornado vidro.

— Eu posso fazer isso. Posso fazer isso. — Sangue gotejava da sua mão cortada, do seu pulso preso que se contorcia, e caía queimando, queimando, queimando.

— Lenore! — gritou ele, soluçando enquanto gritava.

— Ela não ia querer isso! — Kate precisou gritar mais alto que o ronco do fogo: — Linay! Me solta!

Chamas enroscavam-se nas vestes de Linay, ventos quentes e amarelos levantando seu cabelo. Kate conhecia a sensação, a dor e o pânico. E ainda assim a força da vontade dele se mantinha, e ela estava presa, indefesa diante do fogo, como uma castanha nos carvões. Sua obra-prima estava ficando negra, com as chamas devorando os pontos mais finos nas asas.

— Olhe para ela! — gritou Kate. — Olhe para o rosto dela e me diga se ela ia querer isso!

Lá no alto as nuvens ribombaram, e uma morte terrível despertava.

E de lá de baixo, aguda e histérica, veio a voz de Drina:

— Minta para ela! — gritou Drina. — Minta para ela, e você morrerá. Tudo vai poder se acabar. É só mentir para ela!

O rosto de Linay — ele também ficando enegrecido — de repente se acalmou, de repente se enrijeceu, e seus olhos se fixaram nos de Kate.

— Sim — disse ele. — Lenore ia querer isso. — E ele se dobrou ao meio como se tivesse engolido uma espada.

O vidro em torno de Kate se estilhaçou. Ela mergulhou nas chamas, escalando de qualquer

modo a lenha fumegante, com o formão na mão. Com um corte, soltou o pulso dele e deu um grito:

— Drina!

Linay rolou para fora do fogo, e Drina dava puxões no seu braço. Sangue jorrava de sua boca, onde a mentira o tinha cortado. Kate saltou da pilha de madeira e caiu, rolando ao lado deles. Ela viu Linay olhar para ela, com os olhos sonhadores, e depois eles se voltaram para o céu.

— Irmã... — sussurrou ele.

Kate arrancou sua talha da fogueira, chamuscando as mãos. Ela a agitou diante do rosto de Linay.

— Não!

— Irmã — sussurrou Linay. — Por favor, me ajude!

E assim, invocada a sair do céu negro-esverdeado, a criatura alada veio. Descendo entre os pisoteados mortos e quase mortos, as pessoas amontoadas junto aos portões, ela se precipitou como uma águia em ataque. Kate viu as asas duplas: branca como o nevoeiro e de uma sombra grumosa. Viu os corpos afundarem num fogo negro, doentio.

— Retire o que disse! — berrou ela para Linay. Ela enfiou o nariz entalhado de Lenore diante do nariz dele, apesar de seus olhos claros como gelo já estarem se desfazendo numa água turva. — Retire o que disse. Faça com que ela pare!

A asa que Kate estava segurando partiu-se, e a talha caiu na pedra, quebrando-se ao longo de linhas quentes. Kate agachou-se sobre ela, sobre Linay.

— Por favor — disse ela. Linay estava morrendo diante dela, queimado por toda parte, a boca vermelha aberta. — Por favor, faça com que ela pare!

— Existe apenas um jeito de fazê-la parar — veio uma voz do seu cotovelo. Ela se virou. Era Braque, sentado no rebordo do palanque em chamas. — E você sabe qual é.

Kate olhou para o formão na sua mão.

— Sinto muito — disse o gato. *A rusalka* vinha atravessando a praça devagar, atacando as pilhas de mortos. Ela crescia à medida que se alimentava, enchendo o ar acima deles como um barco à vela. — Tem de ser você quem vai me matar — disse Braque. — Eu fui a dádiva dele para você. Tem de ser você quem a devolve.

Ela sentiu sua boca se abrir, sua cabeça sacudir de um lado para outro.

— Você pode sobreviver — disse Braque. — E é só isso o que eu quero. Você não precisa de mim. Você pode encontrar seu próprio lugar, só com sua força. — Atrás dele, as asas se avultaram. — Katerina, Estrela do Meu Coração. Tenha coragem. Levante seu formão.

Kate olhou nos seus olhos dourados.

E levantou o formão.

E Braque, que era belo, que jamais tinha errado um salto na vida, pulou na direção dela com as patas dianteiras abertas. Ele caiu direto sobre a lâmina. Houve um som como o de alguém

mordendo uma maçã. Em seguida, ele estava nos seus braços, com o formão saindo pelas costas.



Kate curvou-se. Braque estava enroscado nos seus braços, com o cabo do formão projetado para fora do peito, como um pino de madeira. Ela pôs a mão em torno do cabo; ele saía entre os seus dedos. O sangue também escorria entre eles, sangue escuro do coração, borbulhando como uma fonte. Drina tentou arrastá-la para longe do fogo, mas Kate afastou suas mãos.

— Braque — soluçou ela.

O gato mexeu-se, encolheu-se e sorriu. Não um tremor de bigodes, mas uma coisa humana, levantando os cantos da boca.

— Katerina...

A *rusalka* estava vindo na sua direção, com as asas batendo regulares como um coração.

— Braque — sussurrou Kate.

Sua pulsação tornou-se mais lenta por baixo da mão dela.

— Mais... — Sua voz era só um sopro.

— Mais que um gato.

— E eu não me arrependo. — Os olhos dele turvaram-se. — Você podia... aqui onde está coçando...

Ela coçou seu lugar preferido, onde o pelo formava um remoinho acima da protuberância dura do maxilar. O calor do fogo arrancou lágrimas de um lado do seu rosto.

Braque respirou mais uma vez.

As asas de sombra da *rusalka* fecharam-se, dobradas. O coração de Braque estremeceu. A *rusalka* deu um passo à frente, encolhendo-se, e as asas caíram. Mais uma batida do coração. Mais um passo. A escuridão descia dos ombros da mulher branca como a cauda de um vestido. Mais uma batida do coração, e o sombreamento se arrastava roçando nas pedras do calçamento.

E depois ela era só uma sombra. E o coração de Braque parou.

Kate arrancou o formão. O gato não se mexeu. Não saiu nenhum sangue novo.

Ela pôs o formão — seu formão — onde o fogo pudesse alcançá-lo e pensou em se deitar junto dele.

Ao lado deles, Linay respirava, de olhos abertos, calmo como um homem dormindo. Abaixo, na praça, havia uma mulher em pé. Seu rosto branco-de-bruxa estava rígido de horror. Sua sombra tremia atrás dela com as chamas da pira. A mulher levantou a mão para se proteger da luz terrível, contraindo os olhos. Ela abriu os dedos e gritou alguma coisa.

O fogo apagou-se.

Drina atirou-se escada abaixo, nos braços da mulher.

— *Dajena!* — gritou ela, e depois chorou. — *Dajena...* — Ela escondeu o rosto no ombro

brilhante da mulher.

— *Mira cheya* — resmungou a mulher. — Drina. O que você está fazendo aqui? Não quero que veja isso, preciso cuidar dessa pobre criatura...

Mas Drina não quis sair do seu lado. Por isso, a mulher segurou com um braço a menina soluçante e levantou o queixo para a pilastra de pedra. Depois, ela deu um passo à frente, delicada como um cervo, mas com a expressão implacável, e subiu a escada, com Drina a acompanhando aos tropeços.

Kate levantou-se.

Era surpreendente como o corpo de Braque era leve. Toda a substância dele parecia ter sido absorvida por Kate, pela bata sangrenta que se grudava à sua frente, pela sua mão do formão, pelo seu próprio corpo. Braque era como lanugem. Dele não restava nada.

Em seguida, Lenore e Kate estavam paradas de frente uma para a outra, com Linay aos seus pés. Ele estava estatelado, com os braços e as pernas dobrados como uma marionete jogada. Ele olhou primeiro para Kate, depois para Lenore, e então, sem expressão, para o céu que estava se desanuviando.

— Sinto-me estranho — disse ele. — Acho que estou morrendo.

— Ótimo. Nós não gostamos de você — respondeu Kate, com o pequeno corpo no colo. Mas ajoelhou-se ao lado dele e segurou sua mão áspera.

— Permita-me — sussurrou Lenore, agachando-se ao lado deles. Kate sentiu calor humano no roçar do seu braço. — Quem é você, irmão? Diga-me seu nome e eu poderei ajudá-lo com a dor. — Kate ouviu sua voz adquirir um tom melodioso no meio da fala: — Quem lhe fez isso?

— Ah, não — respondeu Linay, cantarolando. — Fui eu mesmo. Não está vendo? Uma vida por uma vida... como a magia deve ser.

— Linay? — A voz de Lenore ficou embargada com o choque. — Pela Madona Negra, o que você fez?

Vingou sua morte, pensou Kate. *Desfez seu destino. Trocou a vida dele pela sua*. Mas não conseguiu dizer nada disso.

— Lenore — disse Linay, respirando —, eu amo... — Mas sua respiração tremeu, e ele só pôde piscar os olhos para ela. Lenore afastou o que tinha sido o cabelo dele de cima da testa, cantando. A tensão vital estava se esvaindo dele, como uma corda congelada se descongelando numa poça d'água. Kate ficou olhando, com o corpo de Braque se enrijecendo em contato com o dela.

— Ele morreu — disse Lenore, segurando nos braços o corpo inerte. — Meu irmão morreu! O que está acontecendo?

— A guarda vai chegar a qualquer momento — disse Kate. — Escute. — Tinha a impressão de estar ouvindo a cidade inteira, os milhares de sons misturados no latejamento nos seus ouvidos.

— Quem é você? — Lenore levantou-se e segurou o braço de Kate. Kate tentou se livrar, contorcendo o corpo para se manter encurvada sobre Braque, mas Lenore não a soltou, e o braço

de Kate foi puxado, esticado, enquanto sua manga se encolhia, revelando os cortes das sangrias. A mulher que tinha sido a *rusalka* estremeceu. — Eu *conheço* você.

— *Dajena*... — Drina puxou a mão da mãe. — Ela é minha amiga. Pode soltá-la.

Mas Lenore não deu atenção à filha, olhando ao redor.

— Eu me lembro. Eu estava morta. Tentaram me queimar. — Ela olhou para a pira e para os fragmentos carbonizados do seu próprio rosto, ali no chão. — Vejam. — Ela se abaixou, apanhando do chão um pedaço com as bordas pretas: um olho e uma mecha de cabelo, o vislumbre de uma asa.

— *Dajena*.

Com cuidado, Drina foi tirando a peça enegrecida da mão da mãe.

Lenore soltou o entalhe e, como uma sonâmbula, foi até a borda do palanque, onde ficou parada olhando para a superfície escura do canal.

— Eu morri ali. Eu me lembro. — Sua expressão tornou-se estranha. — E — disse ela numa voz que poderia ter feito murchar o capim — me lembro de depois.

— Você não precisa pensar nisso — disse Drina. — Você está salva. Nós a salvamos.

Lenore se sacudiu e se virou.

— Minha filha. Ah, Drina. — Ela passou o dedo pelo cabelo preto tosado de Drina. O sol mal estava surgindo, longos dedos de luz a feri-las, fazendo a mulher brilhar como uma janela de encerado. — Você cresceu. — Ela segurou Drina pelos dois ombros, com os olhos enormes. — Você é maravilhosa — disse ela. — É esplêndida como o sol.

E Kate apertou mais o corpo de Braque. *Estrela do Meu Coração*. Seu pai tinha morrido dizendo isso, e durante anos Kate pensara que ele estava vendo sua mãe, em pé junto do portal da morte. Mas ele estava olhando para ela, exatamente como Lenore olhava agora. Ele a via. Seu pai a via.

— Vamos — disse Lenore, e desceu majestosa a escada, como um raio de luz. Kate e Drina a acompanharam.

Dezenove

O NOME DOS MORTOS

Kate seguia pelas ruas de Lov com o corpo de Braque nos braços. Uma sombra fina estava crescendo a partir dos seus calcanhares. A luz estava turva, mas Lenore brilhava como a lua, com Drina como uma estrela tímida ao lado dela.

As ruas ainda estavam vazias, embora aqui e ali elas encontrassem uma janela sendo aberta ou um grupo de refugiados olhando ao redor, como sobreviventes de uma tempestade. Vozes recomeçaram, enchendo aos poucos a cidade, como o canto de pássaros de manhã. E Kate odiava todas elas — todos os milhares e milhares. Elas não valiam a pena: elas não eram nada em comparação com o pequeno peso nos seus braços.

Lenore parou no espaço aberto da praça do portão, onde as pedras redondas do calçamento ainda estavam manchadas de sangue.

— Não pode ser tão fácil — disse ela.

Mas o portão estava aberto, e ninguém tentou pará-las. Elas simplesmente passaram direto.

A lama diante da cidade estava remexida e bastante esburacada, com o acampamento parcialmente abandonado. Parecia que tinha havido uma batalha. Lenore olhou em volta.

— Eu não deveria estar viva — disse ela.

Mas ninguém veio matá-las. Elas simplesmente seguiram em frente.

No bosque de bétulas, o *vardo* vermelho estava onde elas o deixaram, brilhante como uma chaleira ao sol da tarde. Kate mal percebeu a exclamação e a aflição de Drina: Creme não estava à vista em parte alguma. Mas a égua não tinha se afastado muito. Quando elas deram a volta no *vardo*, viram a traseira e a cauda chicoteante de Creme. Avançaram um pouco mais e viram Behjet sentado na escada.

O nômade estava tentando se barbear, esticando bem a pele sobre o maxilar e raspando-a com uma faca. A lâmina tremia na sua mão e lançava pequenas ondulações de luz na direção delas. Creme estava tentando focinhá-lo como se ele fosse um potrinho.

Se a rusalka for salva, dissera Linay, os adormecidos talvez despertem também. Mas ele não se importava com eles, e Kate também não conseguia forçar-se a se importar. Drina, porém, deu um grito de alegria, tão rouco que não havia palavras nele. Lenore parou.

— Marido — disse ela, com um sopro, empalidecendo da cor do linho para a da neve.

Drina segurou o cotovelo da mãe, como se quisesse guiá-la durante uma cegueira momentânea.

— Não é... — sussurrou Drina. Mas antes que pudesse explicar para Lenore que esse não era

seu marido, mas o irmão gêmeo, Behjet levantou-se meio cambaleante. A faca caiu e afundou a ponta na terra molhada com um som que fez Kate se encolher.

— Eu morri? Vocês são meus queimados, que vieram para me levar direto para o inferno?

— Ninguém está morto — disse Drina.

— Não sei se estou morta — disse Lenore, porém.

— Por que tinha de ser você? — perguntou Kate.

— O quê? — Behjet estava confuso e trêmulo dentro da pele que caía frouxa dele como se ele fosse de fato um cadáver ambulante.

— Linay morreu — disse Kate. — E também as pessoas diante do portão, e as pessoas na praça. E Stivo e Ciri, e meu pai, e... — Ela não conseguiu pronunciar o nome de Braque. — Meu... meu coração está morto. — Ela pegou do chão a faca e ficou ali olhando para ela, para a escuridão da sujeira na lâmina. — De todos os que poderiam ter sobrevivido, por que tinha de ser você?

E ela passou por ele, com um empurrão, subindo para a tranquilidade dourada do *vardo*.



Do lado de fora, Drina, Behjet e Lenore murmuravam juntos como participantes de um velório, parados sem ter o que fazer. Kate achou que eles estavam contando uns para os outros pedaços da sua história longa e estranha. Pensou então em como a história terminava e parou de se importar.

Ela se sentou no catre. Ainda estava ali o cheiro da longa enfermidade de Behjet. As dobras do cobertor estavam duras de suor e sujeira. Braque tinha morrido. Só isso deveria ter limpado o mundo por inteiro, e no entanto havia roupa a ser lavada. Kate respirou fundo e pôs o corpo do gato ali.

Seu belo pelo estava grudado com sangue. Ele detestaria isso. Ela apanhou uma das escovas dos cavalos. Escovou até as cerdas ficarem grossas como se estivessem enferrujadas e o pelo estar perfeito. Ela gostava da textura do pelo, de como ele acompanhava as linhas dos ossos e músculos. Ele formava remoinhos por cima das articulações e se erguia numa crista macia ao longo do esterno, bem ao lado do ferimento que o matara. Era estranho que seu pelo ainda estivesse tão macio, enquanto seu corpo estava se enrijecendo.

Ela se sentou ao seu lado, entorpecida, para sempre.

Kate nunca tinha sido dada a espíritos, embora tivesse visto um excesso deles. Mas agora teria decepado sua mão de entalhar para ter um vislumbre de um. Não era justo. Pelo menos deveria haver um espírito.

Mas não havia. Somente Behjet e Drina atrás dele, hesitantes junto da cortina. Ela não os vira entrar.

— Kate Somente — disse o nômade. Sua voz estava baixa como se ele estivesse tentando

acalmar um cavalo. — Tenho rezado, Kate Somente...

— Chamo-me Kate.

— O quê?

— Apenas *Kate*. — Ela continuava lisa como uma tábua, como sempre tinha sido. E ainda por cima tinha cicatrizes de queimaduras e estava meio careca. Mas Braque achava que ela era linda.

— Meu nome é Katerina Svetlana. Kate.

— Sinto muito — disse ele.

E ninguém disse nada por um tempo. O arco de lona em torno deles reluzia com o sol.

— Seu gato — disse Behjet, então. — Drina me contou...

— Ele era mais que um gato — disse ela.

Mais um silêncio.

— O que deveríamos fazer com... — perguntou Drina.

O *corpo de Braque* foi o que ela não disse. Kate tinha pensado nisso. Não havia pensado em outra coisa.

— Aquele lugar onde nos encontramos: o prado à margem do rio. Ele estava feliz lá. Tínhamos salsichas. — Ela olhou para cima. — Podemos enterrá-lo...

Mas não conseguiu terminar.

— Vou arrear Creme — disse Drina.



Dentro do *vardo*, Kate desmontou um dos bancos de cavalete e o remontou como uma caixa. Ela usou a faca de barbear de Behjet, embora na sua mão ela parecesse um instrumento desconhecido, embora soubesse que estava destruindo seu fio e, em algum ponto profundo nela, sua alma de entalhadora protestasse. Seu formão... ela matara seu amigo com o formão. Tinha deixado seu formão e talvez seu coração lá, jogado no sangue e no fogo.

Mas mesmo assim ela trabalhava. Enquanto abria os encaixes macho e fêmea para unir os lados, suas mãos lhe pareciam estranhas: a escuridão as acompanhava à medida que elas se movimentavam; sua face inferior portava a escuridão como uma segunda pele. Era sua sombra. Sua sombra que voltava.

Ela trabalhou enquanto Creme era arreada, com partes dos arreios chocalhando como sinos abafados. Trabalhou enquanto Drina vinha e enrolava o corpo de Braque no seu lenço preferido, vermelho com pássaros brancos. Trabalhou enquanto o *vardo* seguia sacolejando pela estrada de troncos sobre o terreno pantanoso. Trabalhou quando os galhos arranharam as laterais de lona como unhas. Trabalhou quando a luz foi se apagando e o *vardo* parou, com um tremor.

Ela terminou a caixa. Era forte e quadrada, e duraria bastante tempo, mesmo na terra. E depois ela esperou.

Depois de muito pouco tempo a pá ficou parada. Mas Kate não conseguia se levantar. Pensou no nome de Braque, e em como os nômades não pronunciavam o nome dos mortos. Ela também não tinha pronunciado o dele, ainda não. Tinha medo de fazê-lo. Tornaria tudo aquilo real.

Lenore ergueu a cortina e parou, um vulto pálido de branco em contraste com a noite lilás.

— Se for permitido — disse ela, baixinho —, que uma mulher entre e fale.

Kate deu de ombros.

Lenore entrou, trazendo luz consigo. Apesar de ter pedido para falar, não disse nada. Depois de um instante, ela se ajoelhou diante de Kate e baixou a cabeça até o corpo de Braque. Uma orelha cinzenta se projetava entre as voltas vermelhas do tecido, os tufo de pelos arqueando-se sobre o interior intrincado, delicado. Ela ficou parada como uma garça por um bom tempo antes de falar.

— A cova está pronta.

— Eu sei.

— Eu queria — disse Lenore, tocando no pano vermelho —, eu quase queria que ela fosse para mim. O que meu irmão fez por mim e a lembrança do que eu fiz: não vai ser fácil conviver com isso. E me sinto tão estranha. Como uma tigela que mantém a água do lado de fora. Como uma taça sem haste...

— O que acontece — perguntou Kate — depois que se morre?

— Não sei. — Lenore acompanhou a curva da orelha de Braque. Por baixo dos seus dedos longos ela parecia frágil e rígida como uma asa de cigarra. — A morte era uma porta fechada. Bati muito nela, ai... tanto que minha pele se partiu. Mas ela estava fechada para mim. Eu gostaria de imaginar que os mortos permanecem por perto. — Sua voz tinha começado a devanear. — Os mortos permanecem por perto. Pelo menos por um tempo.

E, como uma asa, a orelha de Braque tremelicou.

— Busque minha filha — disse Lenore, com a voz abafada.

Kate recuou, tropeçando.

— Drina! — gritou ela. — Drina!

— Ele estava certo — sussurrou Lenore. — Os mortos deveriam permanecer mortos. E no entanto...

Drina entrou bruscamente pela cortina.

— Mãe! — E então ela ficou paralisada, e seu rosto se abriu como se um anjo estivesse postado diante dela.

Kate girou veloz, e lá estava seu gato. Ele estava em pé na cama, abanando a cabeça e tentando arrancar o pano da cara com as patas. O uivo de indignação estava abafado:

— Miaaaau!

— Braque! — gritou Kate. — Braque! — Ela estendeu a mão, mas não conseguiu tocá-lo. Estava com medo de tentar e ele acabar se dissolvendo no ar. Suas mãos ficaram ali, pairando.

Volta após volta Braque abriu caminho para se livrar do invólucro vermelho; depois ficou ali parado no catre: liso como um galgo, de olhos dourados, perfeito, vivo.

— Bem! — disse ele. — Foi uma aventura e tanto!

— Ah! — disse Kate. — Ah! — E ela o apanhou no colo e o abraçou com força, sentindo seu pelo macio e sua força esguia. Ela o apertou com fúria.

— Ufa! — disse ele.

Drina virou-se para a mãe, com o rosto arrasado.

— O que você fez?!

— O que eu devia fazer — disse Lenore. — O que eu poderia fazer: uma pequena boa ação, depois de tanta escuridão. — Ela desenrolou o turbante de Drina devagar, com ternura, e depois o amarrou novamente como uma faixa de menina, deixando a parte que sobrou cair pelas costas de Drina, como o cabelo que ela tinha perdido, como asas. — É uma tamanha bênção ver você de novo. — Ela deixou os polegares deslizarem pelos malares de Drina. — Mas é uma bênção que não posso aceitar.

— Não... — disse Drina. E Kate, olhando espantada, descobriu que conseguia ver o rosto de Drina através das mãos de Lenore. — Não. Não vá.

— Não posso conviver com o que meu irmão fez. Ele deveria saber. E deveria saber que um bruxo não pode dar vida, não de modo perfeito, não para sempre. — Lenore olhou para o gato. — Braque.

— Que foi? — O gato sacudiu tanto a cabeça que suas orelhas fizeram um ruído como o de asas de pássaros. — Eu não sou um fantasma assassino, sou?

— Você é uma dádiva — disse a mulher, que ia desaparecendo. — Mas não sem um custo. Kate, sua sombra volta para você. À medida que você a recuperar, seu amigo perderá a voz.

— Então eu não quero! Não quero minha sombra! Braque... conte para ela...

— Ora — disse o gato, simulando um bocejo de língua enrolada. — Conversar é complicado. Que gato ia precisar de palavras? — Mas seus olhos dourados se encheram e brilharam com lágrimas.

E Drina também estava chorando em silêncio, embora estivesse empertigada, olhando direto nos olhos da mãe: Drina, esplêndida como o sol.

— Deem-nos este momento — disse o espírito.

E assim Kate pegou Braque, e eles saíram para a luz suave e comprida do entardecer. Ela sentia o cheiro do gato: aconchegante, limpo e forte. Ele estava vivo. Vivo. E no entanto lágrimas escorriam pelo rosto de Kate. Ele estendeu uma pata aveludada e as enxugou.

— Não percamos nosso tempo chorando. Precisamos cuidar dos nossos assuntos. Precisamos encontrar um formão novo para você.

Kate engoliu três vezes, antes de conseguir falar:

— Eu sei onde tem um. Amanhã.

— Amanhã — disse o gato, concordando, com um gesto humano. — Bem... Isso nos dá uma noite livre para cozinhar.



Uma última noite. Uma boa noite. Como poderia ser uma boa noite? Mas foi. Behjet recolheu lenha, carregou água, e logo eles estavam com um acampamento tão confortável quanto seria possível armar, lá junto da cova não utilizada. O rio passava por cima de pedras lisas, e não veio nevoeiro algum. Behjet pegou uma truta-pintada e a assou com endro silvestre e alhos-porós. E Kate fritou três tipos de linguças temperadas, com cebolas, alho e o que restava das pimentas secas.

Ela guardou um pouco para Drina, que saiu do *vardo* uma hora depois, sozinha. Ela parou na escada. Já era quase noite. Estrelas oscilavam nos pequenos pés de bétulas. Pirlampos piscavam devagar acima do rio, vagando juntos, aos pares.

— Ela se foi — disse Braque, baixinho, para poupar a Drina a necessidade de falar.

Drina acendeu o lampião junto da porta do *vardo*, e a luz afagou sua bochecha enquanto ela concordava:

— Ela está em paz.

— Sinto muito — disse Braque, e Kate se lembrou de quando ele dissera que “sentir muito” não era para gatos.

— Aqui, uma coisa para você, Kate. — Drina desceu a escada com o lampião na mão. Kate viu que na sua mão havia uma pequena trança de cabelo branco. — Foi ela que me deu.

— Para mim chega de magia — disse Kate.

— Um presente — disse Drina, pousando a mão no lado do rosto de Kate, onde a cicatriz da queimadura era grossa e retorcida. — Uma canção. — Ela baixou a cabeça e cantou.

Kate conhecia a canção. Linay a tinha entoado para curar suas mãos queimadas, noite após noite, na chalana assombrada. E antes disso, uma vez, num dia de primavera na praça da feira em Samilae, Lenore a tinha cantado para seu pai. Linay a cantara com tristeza, em tons menores. Lenore a cantara como uma canção de ninar. Drina a cantava séria, lenta e suave: um hino religioso.

Sob as mãos de Drina as cicatrizes de Kate latejavam e davam físgadas. Ela tentava não se mexer. Do outro lado da fogueira Braque vigiava solene. Depois de um bom tempo, Drina deixou cair as mãos. Kate levantou as dela. Mapeou sua pele nova com as pontas dos dedos. Estava esticada e sensível, mas a bolha comprida da cicatriz tinha sumido.

— Você vai ser uma curandeira? — perguntou ela.

— Pode ser — disse Drina. E então, porque a esperança parte o coração mais do que qualquer tristeza, ela começou a chorar. — É o que minha mãe me ensinou.



De manhã eles realizaram o sepultamento possível, sem nada para enterrar além dos fragmentos calcinados do entalhe de Kate: um olho e uma testa, um pedaço de asa.

— Para Lenore — disse Kate. — E Linay.

— Nós não pronunciamos... — Behjet corrigiu-a delicadamente, mas Drina o interrompeu:

— Para Lenore e Linay — disse ela, baixinho.

E Braque disse o que era uma bênção tradicional naquela terra:

— Que todos os túmulos tenham nomes.

— Vou entalhar um epitáfio para eles — disse Kate. — Mas tem uma coisa que preciso fazer primeiro. Uma vez, Linay roubou um formão para mim. Vou buscá-lo.

Behjet franziu o cenho.

— Aquela cidade... ela talvez ainda seja perigosa.

— Bobagem — disse Braque, intrépido. — Ela é destemida. E, seja como for, vou com ela.

E assim Kate e Braque viraram-se, caminhando juntos rumo a Lov. Partiram cedo, com suas sombras esticadas juntas, a do gato e a dela, pela longa estrada às suas costas.

— Sua voz — disse Kate. — Quanto... por quanto tempo?

— Há... — Braque parou, com a cabeça inclinada. — Não consigo entender direito o tempo.

— Não é uma questão para gatos — disse Kate baixinho.

— Não.

— Você vai ser sempre meu amigo — disse ela.

O rabo do gato estremeceu, e ele rosnou feroz:

— Imagino que sim.

Um último dia. A terra dava a impressão de que uma enorme maldição tinha sido suspensa. Nuvens brancas atravessavam as poças espelhadas na estrada. A sombra de Kate foi se fortalecendo à medida que o sol subia no céu.

— Você lembra daquele cavalo de Behjet? — disse Braque. — Aquele que nos fez pular tanto?

— Xeri — disse Kate.

— Eu unhei o tornozelo dele. E o cachorro do acampamento, o marrom. Andei nas costas dele uns oitocentos metros.

— Eu me lembro.

— E... e... — gaguejou ele. — Aquela ave, grande...

— A garça.

— Eu poderia...

— Você poderia tê-la matado — disse Kate. — Poderia tê-la atacado de cima.

— Ah! — disse Braque.

— Você é o rei das criaturas — disse Kate. — É uma pantera, é um lorde.

Eles seguiram em silêncio por um tempo. A beira da estrada era bordada de ásteres e cenouras silvestres, luzindo branca e roxa ao sol.

— Braque?

— Hummmm... — miou ele.

— Não é nada.

— Estou aqui — disse ele, com a língua arrastada. — Eu...

— Você será sempre meu amigo — disse ela.

Anoitecia. A ponte para Lov. À frente deles, a sombra de Kate se espalhava como uma capa por cima de uma poça. Braque saltou por cima da água num arco de prata, sem esforço, elegante. Ele se virou e mexeu com os bigodes: um aceno de gato.

— Braque?

— K-Katerina — gaguejou ele. — Sssim... — *Minha voz ainda está aqui*, era o que pretendia dizer. Mas sua resposta foi o chiado de um gato.

— Deixe-me carregá-lo — disse Kate, e o pegou no colo.

— Miaaau — disse ele, e deu umas cabeçadas carinhosas na sua orelha.

Eles deram a volta à cidade. Barquinhos balançavam na água parada diante do portão do canal. Cegonhas brancas andavam de um lado para outro, entre eles. E lá estava a balsa verde. Kate içou Braque para cima do ombro, saiu vadeando e subiu a bordo.

O minúsculo espaço do convés parecia pequeno demais para tudo o que lhe acontecera ali. Mas o *vardo* vermelho era pequeno também. E a gaveta inferior do armário do seu pai tinha sido ainda menor. Talvez fosse hora de parar de escolher lugares pequenos.

Braque deixou-se cair dos seus braços e desceu aos saltos para dentro do porão.

Ela o acompanhou. Aquele espaço também parecia menor do que tinha parecido, e mais comum. As cordas enroladas estavam mais frouxas, as ervas silvestres mais estragadas. Relâmpagos tinham vivido ali, mas agora haviam sumido.

O catre estava arrumado, e a caixa que um dia tinha contido sua sombra estava pousada bem no meio dele. O cervo na tampa da caixa parecia quase vivo à luz oscilante. Ao seu lado, no cobertor, estava seu vestido branco com os acabamentos de renda, o pote de bálsamo que curara suas mãos, o rolo de ferramentas, o formão que ela havia rejeitado. Todos estavam reunidos e amarrados com uma fita vermelha que tinha custado um copeque ou dois. Kate imaginou Linay arrumando a cama e indo embora para morrer. Ele havia pensado nela? Ele tinha querido que ela ficasse com as coisas que ele lhe dera naquela época estranha, em que os dois quase se tornaram amigos?

Ela abriu a caixa, que já não estava lotada de uma escuridão grumosa, espectral. Era apenas uma caixa. Havia uma bolsa simples de couro no fundo. Lembrando-se do peso, Kate abriu os cordões que fechavam a bolsa. Havia um pedaço de papel e...

A bolsa estava cheia de moedas finas e reluzentes, em sua maioria de prata, mas algumas de

cobre ou... agora que Kate olhava melhor... elas eram de ouro. Era uma taxa para a guilda. Cem vezes uma taxa para a guilda. Mil vezes.

— Braque — disse ela. — Veja!

— G-gato — gaguejou ele. — K-Katerina. Gato.

Ela soube que aquele era o momento e se voltou para ele. O gato levantou os olhos para ela com o último traço do seu coração partido, e então voltou o olhar para as moedas de ouro, com seus olhos de moedas de ouro. Não disse nada. Depois disso, ele nunca mais disse nada.

— Braque... — disse Kate, com a voz embargada. — B-Braque... — No papel, com uma letra tão raivosa que ameaçava tombar e arrebentar como uma onda, Linay tinha escrito:

Kate. Espero que você sobreviva.

Alguma coisa passou veloz por ela, surpreendendo-a com um jorro de lágrimas. Ela achou que fosse perplexidade, raiva, medo — até que reconheceu o que era: a dor da perda.

— Eu sobrevivi — disse ela ao papel, em voz baixa. — Nós dois sobrevivemos. — Ela apanhou no colo o gato, que ronronou, sussurrou e foi parar no seu ombro. — E vamos continuar a viver.

E foi o que eles fizeram, nem sempre sem problemas, mas por muito tempo ainda saudáveis e felizes.

agradecimentos

Demorei seis anos para escrever este livro, e nesses anos acumulei muitas dívidas.

Começo com os escritores meus colegas. Entre esses, os primeiros são meus queridos amigos no Hopeful Writer's Group: Susan Fish, Nan Forler, Kristen Mathies, Pamela Mulloy, Esther Regehr. Acompanhando-me durante os períodos entre as reuniões do Hopeful estão meus amigos on-line no WELL: Obrigada, pessoal. E obrigada, R. J. Anderson, por ler rascunhos iniciais e chorar em todos os lugares certos.

E depois vêm as pessoas que atuaram como parteiras deste livro, trazendo-o à luz. Em primeiro lugar está minha agente, Emily van Beek, da Pippin Properties. Emily, você mudou minha vida. Meu editor, Arthur Levine, é um gênio e um ser humano afetuoso e maravilhoso. Obrigada, Arthur — e obrigada, Emily Clement, metade esquerda do cérebro de Arthur. E não devo me esquecer da minha sogra, Patricia Bow, que revisou o original sete vezes.

Finalmente, minha família. Obrigada, Wendell Noteboom, meu pai; obrigada, Rosemarie O'Connor, minha mãe. Vocês me apoiam desde os tempos da creche, quando eu exigia que as letras das minhas canções fossem registradas por escrito. Obrigada, Vivian e Eleanor, minhas lindas menininhas, por sua paciência com o “Mamãe está escrevendo”. E obrigada ao meu querido marido, James, colega romancista de ficção para jovens adultos, por sempre trocar ideias, dar as mãos e preparar café. Eu nunca poderia ter escrito este livro — ou qualquer romance — sem você.

Este livro é dedicado à minha irmã, Wendy Ewell. Wendy morreu afogada antes de conseguir ler o final desta história, antes de conseguir conhecer a sobrinha que esperava ansiosamente, antes de um monte de coisas. Eu poderia arrasar uma cidade só com a tristeza. Em vez disso, digo, irmãzinha, sinto sua falta. Este, meu primeiro romance, é para você.

Título original
PLAIN KATE

Originalmente publicado pela Scholastic, Inc.

Copyright © 2010 by Erin Bow

Todos os direitos reservados.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Edição brasileira publicada mediante autorização com Pippin Properties, Inc., através da Right Peoples, Londres.

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

Preparação de originais

JULIA WÄHMANN

Coordenação digital

LÚCIA REIS

Assistente de produção digital

JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo e-Pub

MARIANA OLIVEIRA

B782k

Bow, Erin

Kate somente [recurso eletrônico] / Erin Bow ; tradução Waldéa Barcellos. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014.

recurso digital

Tradução de: Plain Kate

ISBN 978-85-8122-323-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Barcellos, Waldéa, 1951-. II. Título.

13-07389

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

a autora

Erin Bow nasceu em Des Moines e cresceu em Omaha. Estudou física de partículas na faculdade e foi trabalhar no laboratório do CERN (Centro Europeu para Pesquisas Nucleares) perto de Genebra, na Suíça. Mais tarde, decidiu abandonar a ciência para se concentrar em seu amor pela escrita. Desde então, escreveu dois livros de poesia e um de memórias. Sua poesia foi agraciada com diversos prêmios. Ela mora em Kitchener, Ontário. Este é seu primeiro romance.